

JEFF EM VENEZA, MORTE EM VARANASI



Geoff Dyer

“Provavelmente o melhor escritor britânico vivo.”
Daily Telegraph

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



GEOFF DYER

Jeff em Veneza, morte em Varanasi

TRADUÇÃO DE JOSÉ RUBENS SIQUEIRA



Copyright © 2009 Geoff Dyer

TÍTULO ORIGINAL

Jeff in Venice, Death in Varanasi

TRADUÇÃO

José Rubens Siqueira

PREPARAÇÃO

Anna Távora

REVISÃO

Diogo Henriques

Julio Ludemir

Ana Julia Cury

REVISÃO DE EPUB

Marymília Fatá

GERAÇÃO DE EPUB

Geográfica

ADAPTAÇÃO DE CAPA

retina 78

E-ISBN

978-85-8057-184-4

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



para Rebecca

“Para cada passo, a pegada já estava ali.”

ROBERTO CALASSO

“Imensas paredes & torres & rochas & balcões – uma perspectiva ao longo da curva do rio como Veneza ao longo do Grand Canal ou vista do Giudecca – e, por fim, ao ghat ardente de Manikarnika...”

INDIAN JOURNALS, ALLEN GINSBERG

PARTE UM
Jeff em Veneza

“Ah, o filme não era grande coisa; além disso, eu não gostava muito do livro também.”

MARCA D'ÁGUA, JOSEPH BRODSKY

“Os depostos, os derrotados, os desencantados, os feridos ou mesmo os apenas entediados parecem ter encontrado lá alguma coisa que nenhum outro lugar pode fornecer...”

HENRY JAMES

Numa tarde de junho de 2003, quando, por um breve instante, a invasão do Iraque parecia não ter sido tão má ideia afinal, Jeffrey Atman saiu de seu apartamento para dar uma volta. Teve de deixar o apartamento porque agora que o alívio pelo quadro geral tinha se esgotado — alívio porque Saddam não tinha voltado suas armas de destruição em massa inexistentes para Londres e o mundo não tinha mergulhado numa conflagração —, a miríade de irritações e frustrações de seu quadro particular estava de volta com força de vingança. O trabalho da manhã tinha sido uma merda. Precisava escrever um “artigo-cabeça” de mil e duzentas palavras (que devia exigir zero de pensamento da parte do leitor e pouco mais que isso do escritor, mas que, mesmo assim, de alguma forma, estava além de suas forças), porém chegara a um tal grau de tédio que passara meia hora olhando para o e-mail de uma única linha a ser enviado ao editor que encomendara o texto:

“Simplesmente não consigo mais fazer essa merda. Abs J.A.”

A tela oferecia uma alternativa simples: Enviar ou Deletar. Simples assim. Clicar Enviar, e fim da história. Clicar Deletar, e ele estaria de volta ao ponto de partida. Se acabar com a própria vida fosse assim tão fácil, haveria milhares de suicídios todos os dias. Dar uma topada com o dedão a caminho do banheiro. Clique. Derrubar geleia no punho da camisa ao comer a torrada. Clique. Começar a chover assim que você sai de casa e o guarda-chuva está lá em cima. O que fazer? Voltar para buscar, sair sem ele e ficar encharcado, ou... Clique. Mesmo enquanto olhava para a mensagem, sentado ali a ponto de enviá-la, ele sabia que não faria isso. A simples ideia bastava para impedi-lo. Então, em vez de enviar a mensagem ou continuar com seu artigo sobre uma nova e “controvertida” instalação artística na Serpentine, ele ficou ali sentado, paralisado, sem fazer nenhuma das duas coisas.

Para quebrar o encanto, clicou *Deletar* e saiu de casa como se estivesse fugindo da cena de algum crime terrível, ainda não cometido. Talvez o ar fresco (se é que se podia chamar assim) e o movimento o animassem, permitindo que ele passasse a noite terminando o artigo idiota e se preparando para tomar o avião rumo a Veneza na tarde seguinte. E quando chegasse a Veneza? Mais merda para organizar e digerir. Tinha de cobrir a abertura da Bienal, tudo bem, isso era moleza, mas depois aparecera a tal entrevista com Julia Berman (ou, pelo menos, uma provável entrevista com Julia Berman), e agora, além de escrever sobre a Bienal, devia convencê-la (implorar, suplicar e humilhar-se, no geral) a dar uma entrevista que garantisse ainda mais publicidade para o próximo CD de sua filha e ampliasse ainda mais a fama já inflada de Steven Morison, o papai, famoso artista plástico supervalorizado. Além disso, tinha de, no mínimo, garantir que ela concordasse em ceder com exclusividade à *Kulchur* o direito de reproduzir um desenho seu feito por Morison, desenho

nunca publicado antes e nem mesmo visto por ninguém da *Kulchur*, mas que, devido ao medo de que uma publicação rival pudesse se apossar dele, adquirira o status de raro e valioso artefato. O valor de qualquer parte individual desse arranjo era irrelevante. O que interessava era que, em termos de marketing e publicidade (ou, do ponto de vista editorial, de circulação e propaganda), os planetas estavam todos alinhados. Ele tinha de entrevistá-la, tinha de sair com a foto e com o direito de reprodução. Meu Deus do céu... Uma mulher empurrando um carrinho de bebê 4x4 deu uma olhada rápida para ele e desviou o rosto ainda mais depressa. Ele devia estar fazendo de novo aquela coisa — não falando sozinho, mas formando as palavras com a boca, sincronizando inconscientemente os lábios à torrente de reclamações que rolavam constantemente por sua cabeça. Fechou a boca com força. Tinha de parar com aquilo. De todas as coisas que precisava parar de fazer ou começar a fazer, essa estava em primeiro lugar. Mas como parar de fazer uma coisa que você nem sequer tem consciência de que faz? Foi Charlotte quem lhe disse que ele fazia aquilo, quando ainda estavam juntos, mas ele já devia fazer aquilo havia anos. Perto do fim era assim que ela se referia a esse hábito de karaokê mudo: “Essa coisa”, dizia ela. “Está fazendo essa coisa de novo.” No começo, tinha sido uma brincadeira do casal. Depois, como tudo num casamento, deixou de ser uma brincadeira e se transformou num pomo de discórdia, numa questão, numa fonte de ressentimento, numa das muitas coisas que tornavam a vida no Planeta Jeff — conforme ela chamava a inabitável terra devastada do casamento deles — intolerável. O que ela nunca entendeu, dizia ele, era que a vida no Planeta Jeff estava intolerável para ele também; na verdade, mais do que para qualquer outra pessoa. Essa, dizia ela, era exatamente a questão.

Agora ele não tinha ninguém para alertá-lo quanto ao fato de que andava pela rua balbuciando seus pensamentos. Era um péssimo hábito. Tinha de parar com aquilo. Mas era possível que, enquanto caminhava pela rua, ele estivesse balbuciando as palavras: “Este é um péssimo hábito, tenho de parar com isso, é possível até que eu ande pela rua balbuciando essas palavras...” Ele colou de novo a boca com força como recurso para fechar essa linha de pensamento. O único jeito de parar de balbuciar as palavras com os lábios era parar de balbuciar as palavras *na cabeça*, era interromper os pensamentos que as formavam. Como fazer isso? Era um grande feito, o tipo de coisa que se conseguia num *ashram*, não cosmeticamente num esteticista. No fim, tudo o que acontece por dentro se manifestará por fora. O interior será exteriorizado... Fez um esforço para sorrir. Se conseguisse adquirir o hábito de fazer aquilo constantemente, de forma que seu rosto parecesse alegre em repouso, então o exterior poderia ser interiorizado, ele poderia começar a sorrir internamente. Só que era muito cansativo ficar sorrindo daquele jeito. No momento em que parou de se concentrar no sorriso, seu rosto retomou a sisudez padrão. “Padrão” era, decerto, a palavra-chave. A maioria das pessoas com quem cruzava parecia infeliz como um pecado inconfessável. Muitas, se é que exibiam algo em seus rostos, passavam a impressão de almas carrancudas. Talvez Alex Ferguson tivesse razão, talvez mascar chicletes ferozmente fosse a única resposta. Se era assim, bastava entrar em uma banca de jornais para encontrar a solução.

Atrás do balcão, uma linda moça indiana. De quantos anos? Dezesete? Dezoito? Linda, pensou ele, e com um sorriso radiante, raro nesse ramo de trabalho. Talvez estivesse começando, descansando de seus exames finais ou fosse lá como chamavam isso hoje, ajudando o pai mal-humorado, que,

embora falasse um pouco de inglês, havia se adaptado tão perfeitamente à atmosfera britânica que parecia em tudo tão puto da vida como alguém cujos ancestrais tivessem vindo com os normandos. Atman sempre ficava perplexo com as conversas com esse sujeito, porque, por mais breves que fossem, invariavelmente conseguiam solapar qualquer sensação de bem-estar que ele pudesse estar experimentando ao entrar no local. Era difícil reprimir o hábito de dizer “por favor” e “obrigado”, mas como um ato de represália, um protesto à recusa do sujeito em se manter dentro da cortesia básica, Jeff sempre pegava o que estivesse comprando — o jornal, uma barra de chocolate — e entregava o dinheiro em silêncio. Hoje, porém, nada foi igual. Jeff entregou-lhe uma moeda de uma libra. Ela lhe deu o troco, pousou seus olhos nos dele, sorriu. Mais alguns anos, e ela dificilmente prestaria atenção em quem quer que estivesse atendendo; simplesmente levantaria os olhos, pegaria o dinheiro e não tentaria fazer daquele contato nada mais que a transação financeira de baixo nível que era. Mas por ora tudo era bem mágico. Era tão fácil fazer as pessoas (isto é, Jeff) se sentirem um pouco melhor com a vida (isto é, com ele mesmo), tão fácil fazer o mundo parecer um lugar ligeiramente melhor. O mistério era por que tanta gente, e havia muitas ocasiões em que ele se incluía nesse número, optava por fazê-lo pior. Saiu se sentindo mais alegre que ao entrar, encantado por ela, até meio excitado. Não exatamente excitado, mas curioso. Curioso sobre o tipo de roupa íntima que ela podia estar usando por baixo da camiseta e do jeans de cintura baixa, exatamente o suposto tipo de pensamento que muita gente na comunidade muçulmana (a *chamada* comunidade muçulmana) usava como justificativa para o véu cobrindo o rosto todo. Ele tinha lido, dias antes, que a comunidade europeia mais amarga, entediada e intolerante era a dos muçulmanos britânicos. Então por que toda aquela conversa sobre a necessidade de os muçulmanos se integrarem à vida britânica? O fato de serem tão invocados era um sinal de profunda assimilação. Que melhor prova disso poderia haver?

Ruminando esse tópico importante (no último minuto ele preferira chocolate em vez de chicletes), Jeff seguiu para Regent’s Park. O fato de que devia, nessa altura, ter voltado para casa e retomado o trabalho queria dizer que ele seguiu em frente, atravessou o parque debaixo do céu inchado de nuvens e em seguida a Marylebone Road.

Criatura de hábitos arraigados, Atman estava programado para, no momento em que pisasse na Marylebone High Street, entrar na Patisserie Valerie e pedir um café preto acompanhado de leite quente e um croissant de amêndoas, embora não estivesse querendo nada disso. Normalmente ele entrava ali de manhã, mas agora, na calmaria pós-almoço, era tarde demais para café, cedo demais para chá (era, realmente, aquela hora do dia em que ninguém quer nada) e mais tarde ainda para ler o jornal, que ele tinha lido com extrema aplicação horas antes, como forma de adiar a redação daquele artigo idiota. Felizmente, tinha um livro como companhia, *Venice Observed*, de Mary McCarthy. Lera o livro pela primeira vez quatro anos antes, ao voltar da Bienal de 1999, e começara a reler agora, junto com outros livros clássicos sobre Veneza, preparando-se para voltar lá. O croissant de amêndoas era do tamanho e da cor de um pequeno peru assado, e até a hora de dar a primeira mordida Jeff teve tempo de ler todo o trecho sobre *A tempestade*, de Giorgione.

McCarthy achava que havia “uma melancolia nova no ócio crônico” da nobreza renascentista. Seria possível detectar semelhante melancolia entre as damas desocupadas da Marylebone High Street? Parecia que não. Como tudo o mais, o ócio havia mudado com os tempos, tinha ficado mais

rápido. Então, na realidade, havia uma espécie de urgência nessas esposas de executivos de bancos de investimento e gerentes de fundos de *hedge* preenchendo o breve intervalo entre o almoço e a hora de ir buscar as crianças no *lycée* ou na American School. Elas tinham aprendido a lição do ócio, a importância de agendar coisas de forma que não houvesse *tempo* para ficarem infelizes. Lá na Renascença o tempo se acumulava, demorava a passar, de forma que súbitas tempestades estavam sempre a ponto de irromper. Daí a melancolia que “banha as pinturas de Giorgione, um sopro de inquietação que não chega a agitar as folhas das árvores... É a absoluta fixidez dessas cenas que produz essa estranha impressão”.

Atman não tinha visto a pintura em 1999, mas era uma das coisas que queria fazer desta vez (se tivesse tempo): ver *A tempestade*, comparar a pintura — e a cidade — com o que McCarthy escrevera a respeito dela.

Cheio com o croissant, tenso de café, ele saiu da Valerie e deu uma olhada na livraria Oxfam, tudo parte de uma caminhada normal pela Marylebone High Street. O que era completamente fora do normal era se perceber olhando a vitrine de um cabeleireiro aparentemente caro. Durante trinta anos, nunca tinha pagado mais de dez libras (gorjeta inclusa) por um corte, nunca cortara o cabelo em nenhum outro lugar senão num mesmo barbeiro, desde aquela loucura unissex de meados dos anos 1970 e, o mais importante, ele não *precisava* cortar o cabelo. Mas ali estava ele, abrindo a porta, entrando, dando os primeiros passos na direção de uma coisa sobre a qual vinha pensando havia anos: tingir o cabelo. Durante muito tempo ele havia achado que cabelo grisalho era um sintoma, um sinônimo de tristeza íntima, e aceitara aquilo, conformadamente, como algo inevitável. Mas isso tudo estava para mudar. Fechou a porta ao passar. O interior com ar-condicionado tinha um cheiro bom, de cosméticos e loções, e parecia conservador, não o tipo de lugar onde pintar o cabelo de qualquer coisa que não fosse laranja ou vermelho-bombeiro indicaria que você era um careta incurável. O local tinha uma atmosfera quase de clínica ou spa. Um homem com cabelo castanho sem forma (seria um recurso sutil a sugerir que cabeleireiros muitas vezes parecem precisar de um corte de cabelo?) perguntou se ele tinha hora marcada.

— Não, não tenho. Mas gostaria de saber se não haveria uma brecha agora.

O homem olhou a agenda, pesada e muito rasurada, uma espécie de recenseamento Domesday do mundo dos cabeleireiros.

— Cortar e lavar?

— É. Na verdade, eu estava pensando... — Sentiu-se tão embaraçado quanto um personagem de romance da década de 1950 comprando camisinhas. — Seria possível tingir meu cabelo? — O sujeito, que parecera desinteressado, nesse momento tornou-se mais focado.

— Claro — disse. — Tingir é uma arte como outra qualquer. Fazemos isso excepcionalmente bem. Fazemos parecer natural.¹

— Isso é Sylvia Plath, certo?

— É, sim. — Um cabeleireiro que citava poesia. Bom, realmente era um lugar sofisticado. Ou talvez esse tipo de coisa fosse normal nessa parte de Londres. Jeff teria gostado de responder com algum tipo de citação, mas não conseguiu pensar em nada. Explicou que não queria nada muito radical, queria uma coisa sutil.

— Assim? — o sujeito sorriu.

— Assim como?

— Assim como o meu.

— Nossa! É, exatamente. — Era difícil acreditar que o cabelo dele fosse tingido, parecia inteiramente natural e ainda tinha um ligeiro grisalho nas têmporas. Os dois passaram a uma negociação mais detalhada. Custaria uma fortuna, mas o bom foi que em dez minutos (ele estava com sorte, disse o sujeito, tinha havido um cancelamento) Jeff estava na cadeira, fazendo um ligeiro corte e uma tintura de cabelo... “Discretamente, silenciosamente”,² pensou ele consigo mesmo, mas era tarde demais para essa retaliação de Plath: o homem que o recebera evidentemente era uma espécie de maître; a tintura em si foi feita por uma moça com múltiplos piercings (sobrancelhas, nariz, um brilho de saliva no pino da língua), que preferia trabalhar em silêncio. Por Atman, tudo bem. O que o preocupava, sentado ali, eram as consequências de sair daquele lugar como um homem que tingia o cabelo. Esse era o tipo de coisa que se fazia ao emigrar para a América, ao começar uma vida nova em outro lugar onde ninguém conhecia sua aparência grisalha de antes, mas ele estava se reinventando em seu terreno natal, em Londres, na Marylebone High Street. Fica-se velho imperceptivelmente. Seus joelhos começam a doer perceptivelmente. Não melhoram. De vez em quando pioram, e depois melhoram, mas nunca voltam ao que eram antes. Você começa a aceitar que tem joelhos ruins. Acomoda seu andar para compensar e aliviar, mas, ao fazê-lo, se prepara para o quadro de dor na lombar. Essas coisas eram complicadas e às vezes impossíveis de curar. E agora um dos sintomas de envelhecimento, talvez não o pior, mas decerto o mais visível, estava sendo tratado, com um método indolor e rápido. De um jeito bem simples. Só era preciso dinheiro e um tempinho. Além disso, bastava se sentar debaixo de um daqueles secadores marcianos e esperar, perguntando-se se você não devia ter escolhido um tom mais claro ou mais escuro. Ou dado só uma cortada.

O momento chegou, a hora do falseamento. O papel prateado foi retirado. Jeff estava reclinado sobre o lavatório. Seu cabelo foi lavado com xampu com cheiro de amêndoas, enxaguado. Ao voltar para a vertical, confrontou-se, no espelho, com seu novo cabelo. Molhado, parecia preto *Thunderbirds*. Secar o cabelo foi como olhar uma foto Polaroid se revelando. O preto aos poucos desbotou até um convincente tom de rejuvenescimento. Tinha funcionado! Ele estava com o cabelo escuro sem parecer tingido. Parecia dez anos mais jovem! Ficou tão contente com o resultado que poderia passar séculos se adorando na frente do espelho. Era ele, mas não era ele: era ele de cabelo escuro, era ele plausivelmente jovem. No fim das contas, tinham sido as melhores oitenta libras que ele já gastara na vida. (A única coisa que poderia deixá-lo ainda mais feliz seria ter encontrado um jeito de recuperar esse dinheiro incluindo os gastos com a tintura nas despesas de preparação e pesquisa necessárias para a Bienal.) E amanhã ele estaria a caminho de Veneza. A vida era bela, muito mais bela do que três horas antes, quando ele saíra de casa como um subterfúgio a fim de deixar para mais tarde a redação daquele artigo idiota, que ainda tinha de ser escrito. Se não fosse isso, se ele não tivesse de voltar e escrever aquele artigo idiota, teria se sentido tentado a passar na banca de jornais outra vez, comprar outra barra de chocolate Topic e ver se a garota indiana ainda estava lá.

De volta para casa, de volta à sua mesa, a eterna pergunta ficava voltando: durante quanto tempo mais ele conseguiria continuar fazendo aquilo? Dois minutos de cada vez, descobriu, mas no fim

esses dois minutos, pontuados por e-mails entrando e saindo, aumentavam, se somavam. Meu Deus, que jeito miserável de ganhar a vida. Na época em que seu cabelo era naturalmente daquela cor (ou mais escuro), tinha sido emocionante escrever coisas como aquela — ou pelo menos vê-las publicadas. O fato é que tingir o cabelo tinha, de certa forma, feito os anos andarem para trás, evidenciando como ele tinha progredido pouco na última década e meia. Ali estava ele, fazendo a mesma merda de 15 anos atrás. Não que tivesse ficado mais fácil de fazer; só ficara mais deprimente. Como sempre ele batalhou para chegar ao menos perto da quantidade de palavras determinada e então, depois de encher linguiça e prolongar, acabou com palavras demais e teve de gastar ainda mais energia cortando texto para voltar ao tamanho exigido (o que acabava sendo sempre mais do que viria a ser publicado). Mesmo assim, às onze horas da noite tinha terminado, fechado, acabado. Comemorou com um chá de camomila (tinha pela frente dias de bebida pesada) e a parte final do *Newsnight*, surpreso de ver como ficara *grisalho* o cabelo do apresentador Paxman.

* * *

Amanhã ele estaria a caminho de Veneza... Mais imediatamente, menos conformado, ele estava agora a caminho do aeroporto *Stansted*. Com todo o potencial para cancelamentos e múltiplas falhas (sinais, pontos, motores), ele contara com um bom tempo de atrasos, mas, nessa ocasião, não houve nenhum; tudo correu tranquilamente, e ele chegou ao aeroporto com tempo de sobra. Ou seja, a predisposição a causar prejuízos do sistema de transporte do país conspirava para a perda de tempo mesmo quando nada dava errado. À frente dele, na fila de check-in, estava Philip Spender, diretor da galeria Gagosian, usando seu terno creme — o terno creme que era sua marca registrada — e óculos de sol caros em cima do corte de cabelo caro.

— Jeff, o Bicão! Não é surpresa encontrar você por aqui.

— Você também, Phil. — Ele estava olhando para o cabelo de Jeff. — Você está ótimo.

— Você também. — Spender ainda estava olhando para o cabelo dele. Jeff podia ver a pergunta “você pintou o cabelo?” borbulhando na cabeça dele, impronunciável àquela hora pré-bêbada do dia. Mas ele *iria* perguntar em algum momento, provavelmente na ocasião em que isso garantisse o máximo de constrangimento público. Como haviam se encontrado umas duas noites antes, no vernissage de Greyson Perry na Victoria Miro, aos olhos de Phil, o contraste entre o antes (grisalho) e o depois (discretamente não grisalho) devia ser muito marcante e nada discreto. Confirmaram onde iam ficar (bem perto um do outro); as festas a que compareciam (uma porção ao mesmo tempo, mas Phil ia a algumas outras também, inclusive a um concerto do Kraftwerk não programado e semiclandestino de que Jeff nem tinha ouvido falar e ao qual não tinha nenhum desejo de assistir, mas que agora o atormentava). Era isso, o começo da Bienal propriamente dito: o instalar-se da ansiedade festeira e da inveja de convites, o medo de que houvesse festas melhores, para as quais você não tivesse sido convidado, um patamar mais alto de prazer proibido a você. Assim que chegasse a Veneza, isso se tornaria ainda mais intenso. Você podia estar numa tremenda de uma festa, cheia de gente divertida, cercado de belas mulheres, bebida rolando, totalmente feliz, mas uma parte de você estaria atormentada porque havia uma outra festa para a qual você não fora convidado. Nada havia a

fazer. Jeff não era realmente importante no mundo das artes plásticas. Tinha uma certa utilidade porque conseguia divulgar galerias e artistas, mas não possuía nenhum valor real por si próprio. Era o tipo de pessoa que podia ser comprado relativamente barato (uns cálices de prosecco, um canapé de sotaque asiático), feliz de ser o Mais Um de alguém se isso o levasse a uma festa na qual não conseguiria entrar de outro jeito. Ele estava muito mal na fita, mas muita gente nem estava na fita, e nem todo mundo na fila do check-in tinha por destino a Bienal. Havia também famílias à beira de uma sublevação, mochileiros e um grupo de irlandeses de cara vermelha que parecia ter comprado passagens exclusivamente para se enfiar no free shop.

— Sabe — disse Phil, como se lesse seus pensamentos —, voar nunca mais foi a mesma coisa depois que aposentaram o Concorde.

— De fato. — De onde viera aquele “de fato”? Ele nunca tinha dito isso antes. Devia ser do romance de John le Carré que lera algumas semanas atrás. O Circo. Caçadores de escalpo. Babysitters. De fato. Talvez Phil fosse um espião, trabalhando na Gagosian, mas secretamente a serviço da White Cube. Na verdade, agora que a ideia de duplicidade aparecera na cabeça de Jeff, ocorreu-lhe que a Gagosian quase com certeza ia dar uma festa para a qual ele não tinha sido convidado. Esse Spender era um merda, parado ali conversando, sabendo o tempo todo que sua galeria ia dar uma festa para a qual Jeff havia sido solenemente ignorado. Pela segunda vez em outros tantos minutos, Phil pareceu ler seus pensamentos.

— Você vem à nossa festa, espero?

— Quando é? Acho que não recebi o convite.

— Na sexta-feira. Devia ter recebido. Eu mesmo coloquei seu nome na lista. — Típico: ali estava ele, pensando que todos eram um bando de merdas (agentes inimigos), para no fim descobrir que eram gentis, atenciosos. O único merda era o próprio Atman, por ser tão desconfiado, tão propenso a pensar o pior de todo mundo.

Phil abriu sua maleta 007, de couro preta.

— Aqui está — disse, entregando um convite. — Fique com este.

— Obrigado. — Jeff estudou o convite, notou o logo do patrocinador — Moët, bom — e o horário. Merda, batia exatamente com a hora da festa da Austrália, a qual, por sua vez, acavalava com um jantar que ele havia cancelado assim que aparecera o convite da Austrália. Isso também fazia parte da experiência da Bienal: não ser convidado para coisas era uma fonte de tormento; ser convidado aumentava as dificuldades logísticas de querer ir a muito mais coisas do que se desejava ir.

Outro sinal de que a experiência Veneza começava ali, em Stansted: ele e Spender estavam ambos olhando por cima dos ombros um do outro, vendo quem mais estava por perto. Jeff reconheceu diversas pessoas em várias filas de check-in que estavam correndo o risco de se fundir numa fila única. Falando ao telefone, revirando a bolsa, Mary Bishop, da Tate Modern, derrubou isqueiro e passaporte. O homem ao seu lado, Nigel Stein, abaixou-se e pegou tudo para ela. Jeff acenou para os dois. Na verdade, ao olhar em torno, havia muita gente que ele conhecia, todos olhando em torno e acenando para todas as outras pessoas que conheciam.

Apesar do tamanho, a fila andava depressa. Jeff viu então, com certa surpresa, que o logotipo da companhia aérea acima do balcão era: “*Air Meteor: We Couldn’t Give A Flying Fuck!*”³ Isso estava

escrito exatamente com o mesmo tipo de letra, contra o mesmo fundo amarelo do resto do letreiro da companhia aérea, mas nenhum dos outros balcões exibia esse adendo tão interessante. Ao se aproximar, percebeu que o slogan tinha sido colado em cima de outro preexistente, mas com tamanha sutileza e perícia que era difícil notar. Dada a rapidez com que aquilo devia ter sido feito (aerportos hoje em dia não eram dos lugares mais fáceis para ações subversivas ou para travessuras artísticas), era extremamente impressionante. Talvez tivesse até sido feito pelo grafiteiro Banksy. Ou talvez, no espírito de colaboração artística e recorrendo ao humor para dar visibilidade à marca, a companhia aérea tivesse colaborado, deixando para lá. De qualquer modo, decerto era um comentário correto. Companhias aéreas como a Ryanair ou a Easyjet tentavam maquiagem seu status de sem frescura; a Meteor exibia o seu. Você recebia o que via. Mais precisamente, *não* recebia. Era o voo econômico levado ao seu limite. Tinham tirado tudo o que tornava a viagem aérea ligeiramente mais agradável, e sobrara com a experiência basicamente desagradável de ir de A a B, mesmo que B acabasse não sendo em B, mas na cidade vizinha de C, ou mesmo no país D.

Spender conseguiu fazer o check-in. Ao se afastar do balcão, disse a Jeff que o esperava do outro lado, como se estivessem para atravessar o rio Estige. Jeff deu um passo à frente, entregou o passaporte, respondeu às perguntas sobre segurança, disse que não tinha malas para despachar. A moça do check-in pediu para ver sua bagagem de mão. Ele levantou a menor das duas malas que levava, e ela concluiu o procedimento. Tomando cuidado para manter escondida dela a outra mala, ele se virou e foi para o controle de passaporte e segurança. Sem nenhum objetivo maior em vista, sua vida era constituída inteiramente de pequenos triunfos e sucessos como esse. Tinha escapado de despachar as malas, economizando assim um tempo incalculável na chegada.

O embarque foi um salve-se-quem-puder, mas tal era a disputa por um lugar na frente do avião que Jeff acabou conseguindo o prêmio máximo: uma poltrona perto da saída. Guardou as malas, uma das quais quase não coube no compartimento de cima, sorriu para seu vizinho e apertou o cinto para o que prometia ser um incômodo, mas festivo par de horas. O avião estava cheio de gente que já se conhecia, todas a caminho da Bienal. Era como uma viagem da escola, organizada pelo professor de artes e financiada em parte por uma cadeia de cervejarias generosa.

Na Bienal entrava-se em um reino de mágico excesso. O champanhe rolava feito água da fonte. Corriam rumores de que na festa da Ucrânia haveria 150 mil dólares de caviar. Nada disso ali no avião, claro. O corte de custos era incrível, extravagante mesmo. Nenhuma despesa deixara de ser poupada. Acabar com as refeições e os drinques grátis foi só o começo da coisa. Tinham economizado nos uniformes dos comissários de bordo, no design e no tratamento gráfico do balcão de check-in, no número de caracteres do cartão de embarque, na quantidade de espuma e no estofamento das poltronas. Era difícil imaginar que não tivessem cortado custos na segurança também: por que se preocupar com um bote salva-vidas quando todo mundo sabe que se o avião cair no mar você está fodido de qualquer jeito? Parecia que tinham economizado até na aparência das comissárias de bordo. A que fazia a demonstração de segurança parecia estar sofrendo do equivalente aéreo da descompressão dos mergulhadores. Nenhum resultado da maquiagem — e havia muita ali, numa camada grossa como o primeiro estágio na preparação de uma máscara mortuária — conseguia disfarçar o preço cobrado por anos de jetlag e pressurização de cabine.

No que dizia respeito àquele voo em particular, porém, tudo se deu conforme o planejado. O avião acelerou, conseguiu decolar, nivelou-se na altitude do voo econômico e, a menos que alguma coisa catastrófica acontecesse, aterrissaria em Veneza (ou nos arredores) em menos de duas horas. Mesmo um passageiro regular, um empedernido reclamador sempre em busca de upgrade como Atman, tinha de admitir que, para meras duas horas, as condições a bordo eram toleráveis. Ele comprou uma Coca-cola e um tubo pequeno de Pringles — “Poderia me dar a nota, por favor?” — e começou a ler o material de divulgação entregue na véspera sobre Julia Berman, Steven Morison e a filha deles, Niki.

História banal, na verdade. Os dois haviam tido um caso, ela ficara grávida e criara a menina sozinha. Morison tinha contribuído com algum dinheiro, mas continuara sua vida como artista plástico de sucesso mundial, pintando seus quadros e trepando com toda modelo ou assistente de estúdio que lhe agradasse, a mais recente das quais era apenas dois anos mais velha que sua filha, que tinha 22 anos e cujo primeiro CD acabara de ser lançado (com capa do papai famoso). Niki já havia sido entrevistada pela *Vogue*, mas uma “rara” entrevista com a mamãe “reclusa” e um desenho nunca visto antes constituíam uma espécie de furo. Tudo isso precisava ser arranjado pessoalmente por Jeff, porque, por mais estranho que fosse, Julia Berman não usava e-mail. (Como dissera Max Grayson, seu editor na *Kulchur*: “Você vai estar lá mesmo, e é um trabalho tão simples que nem *you* vai conseguir estragar.”) Ela estava agora com seus 50 e tantos anos; havia rumores — e isso há anos — de um futuro livro de memórias escrito por ela mesma. Jeff devia descobrir isso também, se possível.

Em sua época, Julia havia sido famosa por sua beleza, um símbolo sexual, como costumavam dizer. Um nostálgico glamour ainda persistia nela, embora não houvesse nada mais trágico do que aquelas peruas velhas terem de tirar partido de uma beleza que desaparecera anos antes. Jeff tinha entrevistado outra dessas beldades em decadência, no palco, durante o Festival de Brighton. Que horror! Fumando cigarros, requentou seu repertório clássico de aventuras em voz rouca — a noite em que ela tomou um ácido e Hendrix vomitou na sua lareira!; o dia em que perguntou a George Best com o que ele trabalhava! —, enquanto a plateia escutava educadamente, unida por um único pensamento velado: argh! Ela não tinha sequer um livro de memórias para promover. Tudo o que anunciava era o assombroso fato de que continuava existindo. Patética. E como é que isso deixava Atman? Infinitamente mais patético, é evidente, uma vez que seu trabalho era dar as deixas para reconstituir as maiores aventuras dela, um trabalho pelo qual ele recebeu despesas de viagem e quatro vales complementares para bebida. Por mais que ele desprezasse outras pessoas, quando fazia as contas e calculava, Atman se achava ainda mais desprezível. Principalmente desde que perguntara se poderia entrevistar outra convidada do festival, Lorrie Moore, uma escritora que ele não conhecia, mas cuja obra adorava, e lhe disseram que, infelizmente, esse trabalho já estava com outra pessoa. Moral da história: ele era bom com fofocas, mas inadequado para qualquer coisa séria; mais *For Him Magazine* do que *Times Literary Supplement*. Como sempre acontecia, o ato de ler produzia uma sensação de desconforto. Ele folheou os recortes de jornal e parou nas fotos de Julia tiradas por — teve de conferir a legenda — ninguém menos que David Bailey. Não havia dúvida, ela tinha sido sensacionalmente linda. Furtiva como uma pantera, com imensas pulseiras roxas nos pulsos e o que se costumava chamar de olhos lascivos. Ninguém mais tinha olhos lascivos (a expressão estava quase tão obsoleta quanto “perna bem torneada”); essas expressões haviam se tornado obsoletas com o advento das

bundas lascivas e fios dentais lascivos da revista *Loaded* e da era da internet. Jeff não fazia ideia da aparência dela agora. Julia não era fotografada havia anos, razão pela qual a última e mais desprezível parte de sua tarefa era exatamente esta: achar algum jeito de conseguir uma foto dela em sua intimidade. Portanto, além de todo o resto, ele ainda precisava ser paparazzo sem as vantagens de uma teleobjetiva, dispondo apenas de uma camerazinha digital com zoom ótico de 4x. A maior piada de todas, a coisa que o deixava mais deprimido, era que em certo nível ele era considerado bem-sucedido. As pessoas invejavam trabalhos como esse. Uma das pessoas que invejava a conquista desses trabalhos era o próprio Jeff. Ele praguejou e protestou, mas teria praguejado e protestado ainda mais se soubesse que algum outro picareta havia conseguido aquela viagem com tudo pago em seu lugar. O texto, o que se chamava de “matéria de variedades”, era um saco, ir visitar essa velha “já era” em seu *palazzo* alugado era uma chatice, mas Veneza durante a Bienal, isso era uma delícia, isso era imperdível.

Enfiou os recortes de volta na pasta, leu mais um pouco de *Venice Observed*, cochilou e foi despertado pelo comandante anunciando que estavam prestes a iniciar o pouso no Veneza Treviso. Nada muito digno de nota nisso tudo; mas quando ele anunciou a temperatura em Veneza (36°C), um suspiro de perplexidade perpassou o avião. Trinta e seis graus Celsius eram (quanto?) 96° Fahrenheit? Isso é que era *quente!*

Todo mundo achou que devia haver algum erro, mas assim que desceram pela escada que vibrava e chegaram ao asfalto, se deram conta de quanto estavam enganados. Era como chegar à Jamaica no meio de uma onda de calor. O calor gerou imediatamente uma espécie de histeria — uma mistura de alegria e horror — entre os passageiros britânicos. Não era o que estavam esperando. Algumas pessoas no avião podiam ter recebido mensagens ou telefonemas de amigos que haviam chegado antes, dizendo que estava calor, mas aquilo era... Nossa, aquilo era *quente!* O calor reverberava no asfalto. O ar ondulava, queimando. Era difícil imaginar qualquer lugar mais quente no planeta. Cairo não podia ser tão quente assim.

Conforme o esperado, o Veneza Treviso não ficava nada perto de Veneza, o que deixou Jeff ainda mais satisfeito de ter sido um dos primeiros a passar pela imigração. Estava à frente do jogo, tinha saltado um estágio, estava pronto para ir. Só que levar as malas na cabine com ele revelou-se um estratagema absolutamente sem sentido. Havia um ônibus esperando do lado de fora, alugado especialmente para o voo deles, que não partiria enquanto todo mundo não tivesse pegado suas malas, passado pela alfândega e subido a bordo. Ele acabou passando uma hora banhado em suor andando para lá e para cá em uma área de desembarque do tamanho de um abrigo de jardim adaptado e com a temperatura de uma sauna, até que o ônibus, lotado de gente com destino à Bienal, estivesse pronto para se arrastar até a cidade na qual o avião, pelo menos nominalmente, havia aterrissado. Jeff sentou-se ao lado de uma mulher de cabelo vermelho que reconheceu, mas cujo nome não conseguia lembrar, uma curadora do Barbican, que foi teclando seu Blackberry durante toda a viagem. Por razões que não eram claras nem para o próprio Jeff, ele não tinha um telefone celular, muito menos um Blackberry, o que significava que passava trechos cada vez maiores de sua vida em um estado de existência temporariamente interrompido, enquanto os outros recebiam chamadas, conferiam e-mails e enviavam mensagens. Era impossível ler no ônibus e não havia nada para ver pela janela. Ele havia estado louco para o voo terminar; agora estava louco para a viagem de ônibus terminar. Quando

terminaria o desejo de que as coisas terminassem para poder se instalar direito no presente?

Não quando a viagem de ônibus terminou, ele descobriu, porque teve de batalhar para atravessar o terminal lotado, com suas malas, naquele calor escaldante. Era como estar numa versão italiana de uma instalação artística pegajosa e extremamente desmoralizadora chamada *Este veículo está em marcha a ré*. Porém, no momento em que embarcou num vaporetto no Piazzale Roma, estava propriamente em Veneza. Que divertido ir para todos os lugares de barco, mesmo com o barco tão lotado quanto o metrô na hora do rush em Londres. A diferença era que aquele metrô estava navegando pelo Grand Canal, através do milagre do entardecer veneziano! Veneza nas garras de uma onda de calor insano! Veneza, a cidade que nunca decepcionava e nunca surpreendia, o lugar que era exatamente o que tinha de ser (só mais quente), sinônimo exato da primeira impressão que cada turista tinha dela. Não existia a Veneza real: a Veneza real era (e sempre havia sido) a Veneza dos cartões-postais, das fotografias e dos filmes. Nada nova essa observação. Era o que todo mundo sempre dizia, inclusive Mary McCarthy. Mas ela havia levado essa observação um passo adiante e dissera que o problema com Veneza era ser impossível dizer sobre a cidade qualquer coisa que não tivesse sido dita antes, “*inclusive esta frase*”. Mesmo assim, era sempre um choque aquele lugar existir de fato, não apenas em livros e quadros, mas na vida real, com todos os acessórios que a “venezice” reunia: canais, palazzos, gondoleiros, vaporetti e tudo o mais. Uma cidade construída na água. Era uma ideia pouco prática, mas maravilhosa. Jeff tinha lido várias narrativas sobre como a cidade fora construída, mas ainda não faziam sentido. Melhor pensar que ela simplesmente surgiu assim, totalmente formada e com centenas de anos no instante em que foi fundada.

Estava quase escuro na hora em que ele se espremeu para fora do vaporetto na Salute, parada de seu hotel (cinco minutos a pé, haviam lhe dito), que acabou não sendo nada perto do hotel; ou, pelo menos, se o hotel ficava perto, era completamente impossível encontrá-lo a partir daquela parada. Se não fosse o calor, o peso das malas e a pressão na bexiga que aumentava constantemente, teria sido um belo passeio, mas o calor e as malas impediram que fosse um bom passeio e transformaram aquilo numa exaustiva marcha forçada num calor de 38°C. Tendo perdido o rumo no labirinto de alamedas, canais estreitos, pontes e pequenas praças que pareciam muito umas com as outras, a caminhada de cinco minutos levou vinte. O hotel, quando finalmente topou com ele, não ficava nem um pouco perto de onde deveria ficar e, ao mesmo tempo, estava exatamente onde devia estar. Jeff apresentou o passaporte enquanto o recepcionista falava sobre o incrível *eat*⁴ — *eat* que o mensageiro procurou combater trazendo, numa cintilante bandeja de prata, um copo de água tão gelada que fez os dentes dele doerem.

Que alívio ver-se finalmente em um daqueles quartos agradáveis e caríssimos (reservado e pago pela revista *Kulchur*). Ficava no último andar e tinha uma vista sofrível, não da laguna ou do Grand Canal, mas dos telhados de edifícios iguais àquele de onde estava olhando. Que alívio, também, que fosse decorado à maneira minimalista da onda de boutique (lençóis brancos, madeira clara), não sobrecarregado no estilo rococó da maioria dos quartos venezianos. *Que alívio!* Essa era uma daquelas frases que ficavam buzinando constantemente na cabeça dele, frases que em música teriam consistido nos temas ou motivos que se entrelaçam numa sinfonia, somem, desaparecem por longos intervalos, mas acabam sempre por voltar.

Na linha dos hotéis boutique (e havia algum hotel decente no mundo que não se intitulasse boutique?), vários livros tinham sido arrumados em pontos esteticamente agradáveis do quarto. Naturalmente, eram todos sobre Veneza. O quarto tinha um bom ar-condicionado, não uma coisa de que ele normalmente precisasse ou usasse, mas naquelas circunstâncias um certo alívio para combater o calor (o *eat*, como ele pensava agora na palavra *heat*) era essencial. Infelizmente, já estava tarde para ir ao jantar ao qual ele devia comparecer. Havia sido organizado pela revista *Modern Painters* e, embora no geral fosse boa ideia evitar esses grandes jantares sentados que avançavam pela noite adentro, aquele parecia um jeito perfeito para penetrar na Bienal. Bom, nada a fazer a respeito. Se fosse agora, chegaria a tempo apenas da sobremesa e não poderia sair depressa como estava pretendendo, a fim de ir à festa da Islândia (um convite muito disputado: Björk estaria lá, talvez até como DJ) perto do Campo Manin. Ligou para o celular de sua editora, deixou uma mensagem se desculpando, pôs a culpa no avião, no ônibus, no fuso horário. Tirou a roupa, tomou uma ducha, pôs camisa, cueca e meias limpas, saiu do hotel e comeu depressa sozinho (uma salada horrível, pão que um dia devia ter sido fresco, ravióli caseiro) na trattoria duas portas adiante.

O porteiro garantiu que se ele tomasse o vaporetto, o Campo Manin estaria a poucos passos da próxima parada, do outro lado do Canal em Santa Maria di Giglio. E, surpreendentemente, ele estava certo. Jeff encontrou o palazzo com facilidade, chegou na hora perfeita, quando a festa estava começando a encher. Havia uma batida de música decente vindo de dentro, mas com a temperatura ainda na casa dos 30°C, todo mundo estava no pátio externo. Pegou um bellini com o garçom, seu primeiro da Bienal, o primeiro, muito provavelmente, de muitos e muitos, e virou em dois goles. Sempre esquisito, chegar a essas grandes festas, até você ver as pessoas que conhece; portanto, ele trocou o copo vazio por um cheio, último de seu tipo na bandeja. Tinha quase engolido aquele também quando viu Jessica Marchant, usando um blusa tipo *op art* de Bridget Riley. Tocaram os copos. Jeff elogiou sua blusa e parabenizou-a pelo romance que ela publicara uns meses antes. Metade das pessoas que Jeff conhecia tinha publicado livros, a maior parte dos quais ele nem tentara ler. A maioria dos que *tinha* começado, não tivera paciência de terminar, mas havia folheado o de Jessica em um estado de admiração sempre crescente. Parecia um bom sinal que a primeira pessoa a encontrar em Veneza fosse alguém que podia elogiar copiosamente. O problema foi que quando ele fez isso, Jessica pareceu tão nitidamente incomodada (será que estava elogiando demais?) que na mesma hora virou o jogo e perguntou pelo muito esperado livro dele.

— Achei que todo mundo tinha se esquecido disso. Inclusive os editores. Simplesmente nunca escrevi. — Aquilo era tão honesto quanto sua admiração por Jessica. Trabalhe em jornalismo por tempo suficiente, e um editor vai acabar desconfiando que algum artigo que você escreveu contém a semente de um possível livro. Uma carta enviada pela *Esquire* tinha levado a um telefonema, que tinha levado a um almoço, que tinha levado a um contrato para escrever um livro sobre... Ele tirou aquilo da cabeça. Mesmo naquela época, ele não sentira nenhuma vontade de escrever tal livro, mas havia torcido para que o contrato e o adiantamento, embora minúsculo, fossem animá-lo. E animaram mesmo. Por cerca de um mês. Depois, seguiram-se seis meses de aflição, durante os quais ele mais ou menos abandonou o livro e voltou a escrever bobagens para revistas. Quando ouviu falar que seu editor ia sair, Jeff parabenizou a si mesmo por ter, efetivamente, ganhado um dinheirinho

sem fazer nada. A não ser por um breve telefonema do novo editor, ninguém na editora parecia esperar nada dele. E ele sequer precisava devolver o adiantamento. Perfeito. O único erro que cometera havia sido, naquele primeiro impulso de entusiasmo, contar às pessoas que estava escrevendo o livro. Daí essa conversa. Ele explicou que tinha desistido, abandonado o projeto.

— Fez muito bem — disse Jessica. — É um inferno escrever um livro. — Tanta gente terminava, inadvertida ou deliberadamente, fazendo você se sentir mal consigo mesmo (muita gente achava que Jeff era uma dessas pessoas), mas Jessica sempre fazia você se sentir bem, normal. Era como se ela o tivesse abraçado e dito que estavam no mesmo barco.

— É mesmo, não é? — disse ele. — Não sei por que parece que está todo mundo escrevendo. Mas e você e isto aqui? Vai escrever sobre a Bienal para alguém?

— Para a *Vogue* — disse ela. Bom, essa era uma das razões para se escrever livros. Ofereciam-lhe trabalhos assim. A admiração de Jeff, porém, adquiriu imediatamente um tom de inveja, mesmo que, à parte alguns detalhes (acomodação, cachê e natureza do artigo), os dois estivessem ali com o mesmo propósito, vivendo a mesma experiência. Isso é que era a Bienal: uma experiência definitiva, absolutamente fixa, sujeita apenas a insignificantes variações individuais. Você vinha a Veneza, via uma tonelada de arte, ia a festas, tomava rios de bebida, falava bobagem horas a fio e voltava para Londres com uma ressaca cumulativa, problemas no fígado, um caderno quase sem nenhuma anotação e as primeiras coceiras de um herpes oral.

Juntou-se a eles David Kaiser, um cineasta (isto é, alguém que fazia programas de televisão), e Mike Adams, editor da *Frieze*. Jessica também conhecia os dois. Kaiser tinha acabado de voltar da Arábia Saudita, “um país vil, que valia a pena visitar mesmo que só pela experiência de uma insuperável vileza”. A experiência de passar uma semana sem álcool tivera um efeito profundo sobre ele.

— Era como estar no deserto e ver uma miragem — disse. — A cada poucos segundos, independentemente do que eu estivesse fazendo, com quem estivesse conversando, eu saía do ar. Só enxergava uma cerveja. O clima é muito convidativo à bebida, claro, mas não se pode beber. — Mike e Jeff concordaram com a cabeça, repugnados, compungidos. Evidentemente, era uma história com um forte apelo humano, mesmo que essa não fosse a questão central da história. A questão central da história foi como Kaiser descobriu que era muçulmano. — Eu fui abordado por um membro da polícia ou de algum comitê que promove a virtude. Ele não disse nada, nem “*Salaam ali Kuhn*”, nada do gênero, só perguntou: “Você leu o Alcorão?” Respondi: “Li, sim.” Ele perguntou: “Leu direito?” Eu disse que achava que sim. Ele disse: “Então você é um muçulmano. Ótimo.” Fim da conversa. Lógica implacável.

— E durante todo o tempo que ele falava — disse Mike — você só pensava e só enxergava uma grande e refrescante Heineken num copo gelado, certo?

— Não necessariamente uma Heineken. Às vezes, uma Budvar.

— Mas sempre uma cerveja leve? Nunca uma cerveja mais forte?

— Fazia calor demais para cerveja forte. Mas não vamos nos perder nos detalhes — disse ele. — Temos uma questão mais forte aqui.

— Achei que a cerveja já era o ponto final — brincou Jeff. — Onde é que essa história vai dar?

— A história vai até o ponto em que precisei fazer essa viagem à Arábia Saudita para perceber que,

no final das contas, durante os últimos trinta anos eu amei a cerveja, se não mais intensamente, com certeza mais constantemente do que qualquer outra coisa na minha vida.

Como Kaiser tinha 46 anos, aquilo parecia verdade. Mas eles não tiveram a oportunidade de se deter nessa expressão de fé. Seguindo a lei da física social, o grupo de quatro começou a atrair outros para a sua órbita conversacional: Melanie Richardson, da ICA; Nathalie Porter, que trabalhava na *Art Review*, e Scott Thomson, que Jeff conhecia e via de quando em quando há mais de dez anos. Durante esse período, enquanto outras pessoas mudavam de emprego e progrediam na carreira, Scott continuava a trabalhar no mesmo emprego que exigia pouco (interrompido por longos períodos viajando) como assistente no *Observer*. Era assim que ele ganhava a vida, mas sua verdadeira vocação era ser um eterno convertido, abraçando a cada poucos anos uma nova causa com tal empenho que anulava completamente o que quer que antes tivesse merecido tanto empenho seu. Sua última mania, porém, foi a mesma que pregou oito meses antes: o Burning Man, um lugar de consumo de drogas no deserto de Nevada. Ele tinha estado lá pela primeira vez uns dois anos antes e ia de novo em agosto. Era, disse ele, uma “experiência transformadora”. Scott tinha dito exatamente a mesma coisa na última vez em que Jeff o vira, numa festa na Feira de Arte Frieze, e se satisfez em aceitar a palavra dele. Mike, porém, não.

— A meu ver — disse ele —, o problema com essas experiências transformadoras é que elas se esgotam depressa, de forma que depois de umas semanas você continua nada transformado. Nove em cada dez vezes, na verdade, é precisamente a experiência transformadora que permite que você aceite quanto a sua própria vida é *intransformável*. É por isso que esses romances são tão populares, você sabe, esses que culminam com um dia ou um acontecimento que vai “transformar a vida deles para todo o sempre”. É uma ficção.

— Meu Deus, você não muda, hein, cara? Cínico como sempre. — É preciso reconhecer: Scott (que estava sempre chamando as pessoas de “cara”) não havia se ofendido; na verdade, estava dando risada ao dizer isso, enquanto Mike, embora não tivesse sido exatamente agressivo, tinha falado bem sério.

A ligeira tensão gerada por essa conversa foi quebrada por um sujeito de paletó de brim azul, que bateu de costas em Jeff, derrubando seu drinque. Ele quase se virou, e Jeff instintivamente se desculpou. Não foi preciso nenhum autocontrole; era assim que o impulso agressivo se manifestava. À sua maneira, era um triunfo da evolução, do refinamento. A frustração de Jeff fervia sempre em fogo lento; diante de um aparelho recalcitrante (um computador travado, uma impressora atolada) entrava em ebulição, mas em situações sociais sempre se transmutava, sem esforço, em seu oposto sorridente.

Alguém bateu em seu ombro: Jeff reconheceu-o instantaneamente; na verdade, ele o conhecia bastante bem, mas o nome, de momento, escapou-lhe. Como uma testemunha que examina um retrato falado de um suspeito, Jeff registrou os detalhes de sua aparência: nariz largo, cabelo castanho curto, camisa branca enfatizando a pele bronzeada, mas isso tudo se recusava a chegar num nome, numa identidade. Jessica e Melanie estavam conversando com um sujeito que vestia uma camiseta azul com a imagem de Bob Marley e jeans desbotados. Mike e Kaiser tinham se afastado. O pequeno grupo original, tendo adquirido massa gravitacional, estava se dispersando, fragmentando-se em novos grupos. Ah, isso era Veneza, era uma festa... Uma festa em que havia uma porção de mulheres

bonitas, todas engalanadas com seus vestidos Missoni e Prada.

— Muita mulher bonita aqui — disse... Como era a porra do nome *dele*? Antes que Jeff começasse a espremer o cérebro tentando desenterrar o nome, ele estivera pensando exatamente a mesma coisa, mas, dita em voz alta, essa observação inteiramente acurada assumia uma qualidade surpreendentemente grosseira. Sugeriu que você passara sua vida num pub sem mulheres, vazio a não ser por poucos homens olhando, desanimados, para seus copos de cerveja adequadamente amarga. Para apagar essa imagem, Jeff tomou um gole de seu feminino bellini.

— Muitas mesmo — disse o outro, os dois parados ali, bellinis na mão, olhando. Claro que era bom estar numa festa cheia de mulheres bonitas, mas o valor real dessa situação (uma festa cheia de mulheres bonitas) era que deveria haver uma mulher assombrosamente linda, radiante de um jeito que só um homem da festa (Jeff, talvez) seria capaz de apreciar devidamente. E foi o que aconteceu.

Foi o cabelo dela que ele notou primeiro: escuro como sombra, até pouco abaixo dos ombros. Ela estava de costas para ele. Era alta. Usava um vestido amarelo-claro, sem mangas. Os braços finos, bronzeados. Estava falando com um homem de cabeça raspada e camisa de listra. O sujeito cujo nome Jeff ainda não conseguia lembrar estava conversando com um artista de quem ele nunca tinha ouvido falar, que fazia desenhos de árvores que levavam muito tempo para ser feitos e pareciam exatamente com fotografias (essa era a *intenção*), embora fossem desenhos. Jeff balançava a cabeça, mas toda a sua atenção estava focalizada na mulher de cabelo escuro com vestido amarelo. Ela ainda estava de costas, ainda conversando com o careca de camisa listrada, mas ele sabia que quando ela se virasse, seria maravilhosa. Tinha tão pouca dúvida disso que não estava nem impaciente para confirmar sua previsão. Tudo o que precisava fazer era ficar parado e esperar. Então ficou ali, copo na mão. O careca estava rindo de alguma coisa que outro careca tinha falado. Uma mulher foi até ela e tocou seu ombro. Ela se virou, sorrindo quando reconheceu a amiga, que beijou no rosto. Sem conseguir ver os detalhes do rosto dela, Jeff sabia que havia acertado. Parada ali conversando com a amiga, ele viu seus olhos escuros e as maçãs do rosto pronunciadas. O cabelo, repartido ao meio, era quase liso. Para um observador imparcial, seu rosto poderia parecer ossudo demais, ligeiramente equino; era isso, a falha que o atraía, a falha que não era uma falha. Ele não estava mais ouvindo o que diziam, estava só parado ali, de boca aberta. Desviou os olhos dela e focalizou outra vez seu companheiro, que não estava mais falando sobre fotografias que pareciam desenhos de árvores ou fosse o que fosse. Ocorreu a Jeff que ele havia entrado na fase *vaga* de sua vida. Tinha uma vaga ideia das coisas, uma vaga sensação do que estava acontecendo no mundo, uma vaga sensação de ter encontrado alguém antes. Era como estar vagamente bêbado o tempo todo. A única coisa sobre a qual não era vago era a mulher de vestido amarelo que, quando ele olhou de novo, ainda estava conversando com a amiga. O sujeito de nome enlouquecedoramente evasivo ainda falava. Jeff ouvia, tentava ouvir, mas também estava calculando como poderia se apresentar à mulher de vestido amarelo, a qual, quando ele olhou de volta para o lugar onde ela estava, havia desaparecido. A razão para essa calamidade — que não era uma calamidade — era que ela e sua amiga tinham vindo até eles, estavam cumprimentando Frank. Frank! Era esse o nome dele, Frank Delaney. Claro que era. A mulher que ele *queria conhecer* tinha vindo e revelara a identidade da pessoa cujo nome ele *queria lembrar*. O que estava acontecendo? Será que estava num daqueles dias em que não podia fazer um

movimento em falso, quando bastava pensar em alguma coisa para fazer acontecer? Esse era o tipo de sorte que enlouquecia as pessoas, que as convencia de que Deus estava ordenando que fizessem coisas terríveis, assassinar presidentes ou celebridades.

Agora era só uma questão de tempo. Jeff só precisava ficar parado ali, sorrindo, segurando o copo vazio de bellini e, dentro de um segundo, supondo que Frank conseguisse lembrar *seu* nome, ele seria apresentado à pessoa que ele mais queria conhecer na sala. De perto ele viu que o vestido amarelo tinha uma tênue estampa. Ela não estava maquiada, ou pelo menos aplicara a maquiagem com tamanha habilidade que não era visível, e usava um fino colar de prata. Ele imaginou que teria pouco mais de 30 anos. Os olhos, sorrindo de algo que Frank estava dizendo, eram castanhos. Frank fez as apresentações. O nome dela era Laura, Laura Freeman. Ele apertou sua mão, sua delicada mão. No dedo médio, ela usava um grande anel amarelo, feito de acrílico. A amiga chamava-se algo que, em seu estado de excitação, Jeff esqueceu no momento em que foi dito. Ansioso para causar boa impressão, concentrou a atenção na amiga enquanto Laura conversava com Frank. Estava gostando de Veneza? De onde era ela? Ele fazia as perguntas, mas era incapaz de ouvir as respostas ou de impedir que seu olhar fosse de volta para Laura, que olhou em sua direção, uma vez, quando ele estava olhando para ela. Quando Frank disse alguma coisa à amiga, Jeff aproveitou a oportunidade para dirigir sua primeira frase a Laura. Não importava qual frase. Podia ser mais sem graça que água parada. O importante era dizer alguma coisa, qualquer coisa, para manter a bola em jogo. Olhou para ela, mas só havia uma coisa a dizer. Se dissesse qualquer outra coisa, seria mentira, e como ele não podia dizer o que queria dizer (você é linda e, a menos que tenha a voz de David Beckham, vou me apaixonar por você em menos de um minuto), não disse nada. Ela esperou que ele falasse, e ele ficou só olhando para ela. Era alta, 1,75m talvez. Poucos centímetros mais baixa que Jeff. Por baixo da alça fina do vestido amarelo, ele viu a alça branca do sutiã. Tinha seios pequenos. Uma voz dentro da cabeça dele dizia: *aja normalmente, aja normalmente, diga alguma coisa normal. Não aja como um maluco.* Ela veio em seu socorro.

— Então, quando chegou a Veneza? — Ele observou enquanto ela formava as palavras. Era a pergunta mais normal do mundo e, embora não rompesse o encanto, permitia a ele ao menos funcionar normalmente outra vez.

— Agora há pouco, faz umas duas horas. E você?

— Ontem. — Ela era americana.

— De onde você é? — Ele estava falando. Eles estavam *conversando*. Era desse jeito que acontecia: ela falava alguma coisa e ele respondia. Era fácil.

— Los Angeles — disse ela. Ele queria dizer *vou me mudar para lá amanhã*, mas conseguiu perguntar se era a primeira vez que ela vinha à Bienal.

— Segunda. Vim no ano passado. Dois anos atrás. — Ele concordou com a cabeça, entusiasmado. Dois anos atrás. Incrível como a simples menção de um fato podia ser tão mágica, tão *interessante*. — E você?

— Estive aqui uma vez, quatro anos atrás. — Para Jeff, essa era praticamente a conversa mais fascinante que tinha tido, mas não podia continuar assim. Em algum ponto ele teria de romper o círculo de gentilezas. Ela olhou para ele como se estivesse esperando, talvez, que ele dissesse alguma

coisa interessante, e se isso não acontecesse, então ela esperaria até achar um jeito de escapar da não conversa dele. Sem pensar, ele disse: — Adorei seu vestido.

Simultaneamente, o efeito foi aliviar a pressão em sua cabeça — uma vez que a observação continha uma sugestão de aprovação sexual, chegava muito perto de uma declaração de amor pela pessoa dentro do vestido — para aumentá-la de modo eficaz.

— Obrigada — disse Laura. Jeff se deu conta de que ela estava totalmente consciente da impressão que exercia sobre ele. Em vez de deixá-lo mais inibido, isso lhe permitia relaxar.

— Magnífico vestido — disse ele. — Mas, francamente, não seria nada sem os ombros. E o mais importante... — Ela levantou as sobrancelhas, interrogativa, incerta. Dizer “seios” teria sido tão grosseiro que destruiria qualquer atração que pudesse estar germinando entre eles, mas, embora sua cabeça estivesse sempre cheia de grosserias, ele não tencionava dizer nada além do que disse: — As clavículas.

Ela ficou visivelmente aliviada, ele não era um completo idiota! E lisonjeada.

— Bem, obrigada de novo. — Ele falara com sinceridade. Os ombros dela não eram largos; eram ossudos, mas de aparência forte. — Creio que eu deveria retribuir o elogio.

— Por favor. Não se sinta obrigada.

— Não. Eu quero. Quero mesmo.

— OK. Talvez a camisa. — Ele estendeu os braços, um gesto que era em parte exibição, em parte um encolher de ombros.

— A camisa é bonita.

— Obrigado. Olhe, eu sei que tive de arrancar isso de você, mas, bem, é a minha camisa favorita. É tão...

— Azul?

— Não.

— Amassada?

— Não. Embora eu admita que podia ter dobrado e posto na mala com mais cuidado. Não, a palavra que eu estava procurando era “masculina”. Desculpe, eu não devia ter dito isso. Você estava quase dizendo mesmo.

— Estava? Pensei que eu ia dizer “parece barata”.

— O que é um sinônimo de masculino. Enquanto seu vestido parece caro.

— O que é um sinônimo de...?

— Exatamente. — Nossa, ele estava realmente no embalo das coisas agora. Não restava nenhum traço da paralisia anterior. Talvez estivesse se sentindo um pouco cheio de si.

— Cinquenta dólares num brechó.

— É mesmo? Parece que custou, não sei, o dobro disso. — Um garçom apareceu. — Aceita um bellini? — perguntou Jeff, galantemente. Cada um pegou seu drinque, deixando as taças vazias na bandeja. Superadas essas frases de abertura, eles conversaram sobre a logística da Bienal, onde estavam hospedados e por quanto tempo (ela ia embora domingo). O que deu a Jeff a chance de olhar para ela mais de perto, notar apinhado no alto de sua face, os brincos (pequenos, de ouro), os lábios carnudos. Frank e a amiga de Laura viraram-se de novo para eles.

— Nós vamos ver se Bruce Nauman nos concede uma entrevista. Vocês vêm também? — Frank dirigiu-se a ambos. Em circunstâncias normais, Jeff teria pulado em cima da chance de puxar o saco de um artista tão famoso, mas agora, mesmo fazendo um esforço para não dizer nada, cada molécula de seu ser gritava: *Nós vamos ficar aqui, Frank, obrigado.*

— Nós vamos ficar aqui — disse Laura.

— Volto daqui a pouco — disse a amiga dela.

— Como era o nome de sua amiga? — perguntou Jeff, olhando-a acompanhar Frank.

— Yvonne.

— Yvonne, isso mesmo. Claro. — Ficou tão aliviado por ter conquistado aquele momento sozinho com Laura que estava inseguro do que dizer, ansioso para levar a conversa de novo na direção do vestido dela e da camisa dele, metonímias (se era essa a palavra) de masculinidade e feminilidade. Em vez disso, muito simplesmente, ele perguntou o que ela fazia.

— Trabalho numa galeria. — O impulso que ele sentira antes, de mudar-se para Los Angeles, reafirmou-se. O que isso dizia sobre a vida dele, sobre a situação dele, que ele podia estar pronto, num piscar de olhos, para largar tudo? Provavelmente que o “tudo” era na verdade nada.

— E você? O que você faz?

— Jornalista. Freelance. Se fosse um emprego fixo, eu largaria e faria alguma outra coisa, mas freelance *é* alguma outra coisa que você faz quando largou o emprego, então minhas opções são meio limitadas. É isso ou a aposentadoria, coisas às vezes bem impossíveis de distinguir.

— Na verdade, eu *estou* deixando meu emprego. Embora a galeria ainda não saiba.

— O que acontece depois?

— Vou viajar. Vou fazer o que os jovens fazem quando têm 20 anos. Só que vou fazer isso mais de dez anos depois. — Então ele tinha razão, ela tinha 31 ou 32 anos talvez. Nada estava lhe escapando esta noite. Ele não se sentia tão afiado, tão *não* distraído, havia anos.

— Para onde você vai?

— Ah, sabe como é. Os lugares para onde todo mundo vai. Sudeste da Ásia. Índia.

Qual era o problema dele? Minutos depois de considerar uma mudança para Los Angeles, ele agora estava pronto para viajar de mochila pelo Vietnã, Camboja e Tailândia. Sem nenhuma ambição ou propósito maior que se agarrar a qualquer tábua de salvação que lhe aparecesse na frente. Se ela dissesse que estava pensando em se mudar para a Romênia, ele teria se candidatado a isso também. Ou até para Marte.

— Já estive na Índia? — perguntou ele.

— Uma vez. Em Goa e Kerala. Dessa vez, quero ir ao Rajastão e Varanasi, Benares.

— São o mesmo lugar, certo?

— Exatamente.

— Do sânscrito, não *é*? *Vara*, vários. *Nasi*, lugar. Lugar de vários nomes.

Ela riu. Tinha dentes perfeitos, bastante grandes: dentes americanos.

— Não faço a menor ideia se isso é extremamente interessante ou uma completa *Ben* como em *bes*, *Ares* como em *teira*. O que quer dizer que provavelmente *é* as duas coisas.

Brindaram encostando as taças. Ele observou os lábios dela tocarem a borda do vidro, observou-a

beber. Nenhuma mancha rosada ficou no copo; ela não estava usando batom. Tomou um gole da própria taça. O ato de beber serviu como um lembrete do calor que o drinque deveria aliviar.

— Meu Deus — disse ela. — Está cada vez mais quente! — Encostou a taça à cabeça. Ele viu sua axila, raspada. A taça deixou umas gotas de umidade em sua testa.

— Amanhã vai fazer ainda mais calor, parece. — Ele não tinha nada especial em mente com essa observação meteorológica, mas havia nela uma vaga sugestão de menos roupas, de despir camadas, de suor. Roupas de baixo, nudez. Calor. — Na verdade, falei errado. O pessoal no meu hotel não chama de *heat*. É *eat*. E amanhã vai estar *otter*, mais quente.⁵

— O *eat* amanhã vai estar *otter*?

— Exatamente.

— É mesmo? Eu tenho a impressão de que este lugar todo poderia de repente evaporar da noite para o dia. — Uma coisa assim parecia possível. Era fácil imaginar acordar e descobrir a cidade um dia cheia de água encalhada sobre estacas na lama fétida, a laguna transformada numa vastidão vazia, um deserto marrom úmido em que os últimos peixes se debatiam, sufocando. Pelo lado positivo, seria uma oportunidade de dar uma lavada nos canais e fazer os reparos necessários nos alicerces. De certa forma, era surpreendente que isso não tivesse sido proposto como um projeto de arte, algo como um embrulho de Christo. Supondo-se que fosse temporário e reversível, provavelmente acabaria sendo uma atração turística.

Laura estava dizendo:

— Mas é bom para escrever...

— Ah, não é escrever de verdade. É só... — Ele encolheu os ombros, fez uma pausa, perguntando a si mesmo se, com todas as palavras da língua inglesa à disposição, haveria um jeito de completar a frase sem recorrer àquela que lhe vinha de imediato à cabeça. Mas não havia. — Um saco — disse ele afinal. Um longo intervalo de expectativa pela palavra que era ao mesmo tempo a descrição de seu trabalho e uma exclamação de conformismo diante do fato de que ele não conseguira desencavar uma alternativa.

— Ah, um saco — riu ela. — A própria essência da linguagem literária.

— Tem razão. Você tem liberdade e a busca da felicidade. Nós temos... o saco da coisa.

— Está escrevendo sobre a Bienal?

— Estou. E mais, sabe aquela cantora, Niki Morison?

— Filha de Steven Morison, o pintor?

— E de Julia Berman, a mãe, que está aqui no momento. Tenho de fazer uma entrevista com ela e conseguir que me entregue um retrato dela feito por Morison. Um desenho. O editor da revista para a qual eu escrevo está obcecado por essa obra, embora nunca a tenha visto.

— O que tem de tão especial?

— Não faço ideia. — Jeff não conseguia pensar em nada mais para dizer. O absurdo daquele trabalho, das coisas que escrevia, contaminavam qualquer palavra que pudesse usar agora. Uma vez mais, ela veio em seu socorro.

— Mas você escreve principalmente sobre artes visuais?

— Não realmente. Não sou uma pessoa muito visual. — Isso mesmo, era a sua melhor tirada.

Tinha inventado essa frase antes de vir para Veneza; decidira que ia ser sua grande piada para a Bienal, a ser repetida em todas as oportunidades. Ele não contava era que poderia experimentá-la pela primeira vez em circunstância tão perfeita, com efeitos tão devastadores.

— Nem eu — disse ela. Ah, não. Ela estava perfeitamente séria, era *isso mesmo* que ela queria dizer, nem tinha percebido que era uma piada. Ela era uma californiana séria. A decepção dele deve ter ficado evidente, talvez ele tivesse até balbuciado as palavras para si mesmo, porque ela lhe deu um soco no braço. — Brincadeira — disse ela. Merda! Ela havia superado sua cara de pau. Pegara sua melhor tirada e devolvera-a para ele.

— Desculpe. Como eu disse, acabei de chegar. Ainda estou um pouco fora do ritmo.

— Tudo bem. Vamos voltar atrás. Você escreve sobre arte?

— Às vezes. Celebidades. Entrevistas. Perfis. Editoriais. O de sempre...

— Um saco?

— Você entendeu tudo. Já estive na Inglaterra?

— Londres. Stratford. *A tempestade*. Oxford. Cotswolds. Portobello Road. Hoxton. Tudo em um dia e meio.

— Bom, acho que você viu praticamente tudo. O país é pequeno.

— Mas é difícil se locomover nele.

— Bobagem até tentar. Principalmente aos domingos. Você topou com placas de “em manutenção” e “ônibus a serviço”?

— Cheguei a Stansted de Pisa num domingo. Disseram que devíamos pegar o trem expresso de Stansted. Venderam bilhetes no avião; só que não existia esse trem. O trem era na verdade um ônibus. Custou uma fortuna...

— E demorou uma eternidade. Bem-vinda à Inglaterra.

Em termos do que havia sido dito, não acontecera muita coisa entre os dois, mas essas poucas palavras continham um enorme peso de expectativa. Era um mero acaso, apenas sorte, mas o ar entre eles estava carregado. Ela era linda, qualquer um podia perceber isso, mas talvez ele fosse a única pessoa ali capaz de perceber aquela beleza como *uma força*. Ele a desejava; não sexualmente, não ainda: isso era específico demais, teria diminuído a escala de seu desejo. E ele não faria isso se o sentimento não fosse recíproco, no mesmo nível. Ele não merecia os louros por aquilo ter acontecido. Simplesmente acontecera. Poderiam ter se encontrado em qualquer lugar, qualquer lugar em Veneza no decorrer do fim de semana, ou qualquer outro lugar no mundo em anos vindouros, e o resultado teria sido o mesmo. Poderiam ter dito qualquer coisa — e nada teria mudado. Tudo acabaria igual.

Frank e Yvonne voltaram, acompanhados por um sujeito chamado Louis alguma coisa. Estavam todos excitados pelo encontro com Bruce Nauman, mas a festa estava acabando. Falava-se do que fazer em seguida. Todo mundo entusiasmado para ir a algum outro lugar. Menos Laura. Jeff ficou surpreso ao ouvi-la dizer que estava cansada, que ia voltar para o hotel. Ele se perguntou se isso seria uma estratégia para se livrar do grupo e voltar para o hotel dela — com ele —, mas, evidentemente, ela não tinha nada disso em mente. Queria voltar para o hotel. Quando estavam se preparando para sair, ele conseguiu dizer, sem que ninguém mais ouvisse:

— Gostaria de ver você outra vez.

— Eu também.

— Posso telefonar? Para o seu hotel? — Ela fez que não com a cabeça. Por causa da pausa no meio da pergunta, ele não teve certeza se esse sacudir de cabeça queria dizer *não, não para o hotel, ligue para o meu celular* ou *não, não telefone para o hotel* (com a possível insinuação de *venha me visitar lá, isso sim*); ou mesmo, embora parecesse uma possibilidade remota, *não me procure de jeito nenhum, nunca*.

— Gostaria de encontrar comigo em algum lugar? — perguntou ele. — Ou talvez eu possa ir até o seu hotel? Onde está hospedada? — Ele deixou escapar essas três perguntas uma atrás da outra, mas, na verdade, eram todas a mesma pergunta. Ele esperava não ter parecido muito desesperado, mas essa possibilidade não estava descartada; na verdade, provavelmente estava implícita na pergunta.

— Nenhuma das anteriores.

— É mesmo? — Então ele havia entendido tudo errado. Não tinha havido nenhuma energia entre eles. Tudo partira dele e, em tal abundância, que, num efeito bumerangue, agora estava escorrendo por seu rosto, como ovo, ou ego.⁶

— Mas eu espero que a gente se veja de novo.

— OK, eu admito. Não estou entendendo.

— Espero que a gente se veja de novo esta semana. Em Veneza. É bom, você não acha, deixar um elemento de acaso nas coisas?

— Depende de saber se vou cruzar com você de novo ou não.

— Bem, acho que vai, sim. São muitas festas.

— Tantas que nós podemos ir a festas diferentes. Você está pensando em ir a quais? Só para saber.

— Ela não disse nada, mas o olhar que lhe lançou queria dizer que era a vez de Jeff falar de novo. — Espero ver você de novo.

— Eu também — disse ela. Sem saber direito o que mais fazer, ele simplesmente ficou parado. — Sabe — continuou ela —, se não acontecer, então não... Bom, vamos dizer assim, se a gente se encontrar de novo, vai ser bom, romântico até. O que você acha?

— É. Mas, sabe, eu sou inglês, então vejo isso tudo de um jeito diferente. Eu presumo que nós não vamos nos encontrar... saco!... e vou passar o resto da vida me perguntando o que teria acontecido se tivéssemos nos encontrado.

— Isso é ainda mais romântico.

— Mas bem menos divertido. E em determinado ponto o romance se transforma em tragédia.

— Como é sua memória?

— Não é grande coisa, para falar a verdade. Por quê?

— Porque eu falei antes onde estou hospedada.

— Falou?

— Falei.

— Eu disse “tragédia”? Queria dizer farsa. — Ele vasculhou a cabeça. — Sabe que não tenho absolutamente nenhuma lembrança disso? — Ela havia mesmo mencionado isso? — Por que você não sussurra o hotel para mim de novo agora, *en passant*? Tenho quase certeza que vou esquecer.

— Se eu disser onde estou hospedada, você vai ficar por lá o tempo todo.

— Não, não vou.

— Vai. Vou entrar na recepção, e você vai estar lá: “Que coincidência, eu estava passando e...” E estaria passando por duas horas.

— Acha mesmo que estou tão interessado?

— Acho mesmo que você é esse tipo de pessoa.

— Tem razão. Sou exatamente desse tipo.

— Esperto?

— Desesperado. — Resposta especialmente inteligente essa; ao dizer a palavra, ele se livrava da acusação.

Ela se inclinou e beijou-o na boca. Ele não se lembrava da última vez em que um simples beijo, em público, completamente vestido, tinha sido tão saturado de desejo. Mas de quem? E por quê? Impossível dizer. Por um momento, pensou que ela podia mudar de ideia e convidá-lo afinal para o seu quarto, mas o propósito do beijo era confirmar que ela estava indo embora.

— E você realmente não vai me dizer onde está hospedada?

Ela deu de ombros. Não havia nada a fazer a não ser vê-la indo embora. Cabelo escuro sobre os ombros. Braços nus. As costas, a bunda, as pernas, os tornozelos, as lindas sandálias brancas.

O vácuo deixado pela imensa e não realizada promessa daquele encontro significava que seu crescente entusiasmo imedia-tamente se transformou em ansiedade. Ele repassou trechos do encontro, palavras soltas, momentos, olhares, mas faltava-lhe concentração para transformá-los em qualquer coisa que não uma fonte de tormento. Uma única palavra começou a bater como uma tatuagem em sua cabeça: merda, merda, merda. Mas — merda! — ele não devia pensar assim. Estava feliz, tinha aquela animadora — isto é, geradora de ansiedade — sensação de que ocasiões como aquelas é que faziam a vida valer a pena. A solução imediata era ir até o bar e pegar outro bellini. Um dos últimos à disposição, por sinal. Momentos depois, os garçons pararam de servir. Ele viu Dave Glanding, foi até ele e pôs a mão em seu ombro. Conhecia Dave havia quase vinte anos. Isso o tornava praticamente um dos amigos mais antigos de Jeff. E ele o era, pelo menos no sentido que Cyril Connolly tinha em mente quando disse que velhos amigos são tudo, menos indistinguíveis dos inimigos. Dave fazia parte de um disperso grupo de pessoas que ia ao Haig’s Bar. Phil Spender, ainda no terno creme, sua marca registrada, que usara em Stansted, também ia. E Kaiser. Melanie também, com outras pessoas da ICA. Enquanto todo mundo esperava por todo mundo, houve um momento em que as pessoas andaram de um lado para outro; depois a tropa saiu da festa, bêbada, cheia de excitação por sua primeira noite na Bienal.

Por causa do calor e da quantidade de gente, todo mundo no Haig’s Bar tinha se espalhado pela piazza, desde o Gritti e o Grand Canal de um lado até a fachada branca e cintilante de Santa Maria del Giglio do outro. Kaiser entrou e trouxe uma rodada de bebida, principalmente cerveja. Jeff agora estava inteiramente cercado por pessoas de Londres, muitas das quais ele vira em vernissages e lançamentos de livros: tudo em casa, o Soho num cenário renascentista com uma onda de calor por cima. Muitas mulheres de vestidos bonitos também, mas sem aquela mulher de vestido amarelo a noite ficou repentinamente destituída de promessas. Como o mundo depressa se resumia a uma única pessoa, uma única mulher. Até mesmo o mais inveterado mulherengo devia sucumbir a ataques

periódicos de monogamia. Ele estava feliz ali, feliz de se divertir, mas, tendo conhecido Laura, curti também uma sensação de falta, tinha de ficar lembrando a si mesmo de se sintonizar de novo com as conversas que borbulhavam em torno.

Jane Felling aproximou-se e juntou-se ao grupo. Ela e Jeff tinham ido para a cama algumas vezes, anos atrás. Nunca saíram um com o outro oficialmente, o que significava que também nunca haviam rompido. Como ela estava ali com um novo namorado, Jeff teve de reprimir sua tendência de, quando bêbado, flertar um tanto descaradamente com ela. Ou talvez não, uma vez que ela começou a flertar com ele.

— Você está extremamente bonito esta noite, Jeff — disse ela, dando-lhe um beijo nos lábios.

— Você também, Jane. Bonita, eu quero dizer.

— Seu cabelo está diferente.

— Para falar a verdade, tingi.

— Ficou muito bem e é muito sutil. Eu sabia que alguma coisa tinha acontecido, mas não conseguia descobrir o que era.

Era surpreendente o pouco impacto que ter feito sexo com alguém podia exercer sobre seu relacionamento com essa pessoa. Ou, pelo menos, era surpreendente como algo que geralmente define um relacionamento às vezes pode ter tão pouco impacto, não deixar quase vestígio algum, tornar-se apenas mais uma parte da agitação da vida metropolitana. Jane estava lembrando, junto com Phil e Kaiser, das circunstâncias de seu primeiro “encontro” com Jeff.

— Se é que se pode dignificar aquilo com essa palavra — disse ela, passando um braço no braço dele. — Nós fomos... Onde foi mesmo que nós fomos? Não consigo me lembrar.

— À French House.

— Isso. Então, jantamos muito bem. Ele foi encantador, inteligente e achei que definitivamente valia fazer sexo. E quando veio a conta, o que ele disse? O que você disse?

— “Dá para você cobrar isso como despesa?” — Isso poderia comprometer a imagem de Jeff, mas era uma daquelas ocasiões em que ele se sentia bem orgulhoso de si mesmo.

— Clássico Atman — disse Kaiser, dando-lhe um tapa nas costas.

— E o melhor da coisa foi que — disse Jeff — a) ela podia cobrar, sim e b)...

— Fizemos sexo de qualquer forma! — Eles brindaram em meio a muitas risadas de todos. Para falar a verdade, não era a primeira vez que eles narravam juntos esse episódio. Depois de uma certa quantidade de bebida, era sempre bem-recebido. Mesmo assim, ele ficou contente de Laura não estar ali para escutar. Havia algo londrino demais naquilo, talvez na expressão usada para transar.

— Bom, eu posso retribuir o favor agora — disse ele. — Quem gostaria de mais um drinque? Por *minha* conta. — Pergunta boba. *Todo mundo* queria um drinque.

No bar, enquanto esperava ser servido, Jeff decidiu que, seguindo o exemplo da tenda *Everyone she'd ever slept with* [Todo mundo com quem ela já foi para a cama], a instalação de Tracey Emin, se ele fosse um artista, construiria um modelo em escala um por um de toda bebida que já havia despejado goela abaixo. Cerveja, vinho, champanhe, cidra, tudo. Nossa, iria precisar de uma galeria do tamanho de um hangar só para a cerveja: as canecas, as latas, as garrafas. Seria um retrato não apenas de sua vida, mas de sua era. Algumas das marcas com que ele começara haviam desaparecido:

Tartan, Double Diamond, Trophy, a inadequadamente chamada Long Life. E seria internacional também; não apenas as cervejas de fabricação nacional, mas ainda aquelas que se bebe no estrangeiro: Peroni, por exemplo, cinco das quais ele pediu ao atarefado barman. As garrafas, quando lhe foram entregues, estavam frescas, não geladas. Jeff perguntou se não dava para arranjar mais geladas.

— Até as magníficas geladeiras de Veneza estão lutando para suportar o calor e a insaciável demanda por bebidas geladas que ele provoca — respondeu o barman, num inglês épico. Jeff levou a bebida fresquinha para fora do bar, para os londrinos que esperavam, sedentos.

O novo namorado de Jane, Mark, juntou-se a eles. Uma das pessoas que pediram uma cerveja havia desaparecido, então ele deu a garrafa que sobrou para Mark. Era um daqueles sujeitos não particularmente bonitos, não particularmente nada, mas assim que você o via, gostava dele. Jeff deu um gole na cerveja fresquinha. Quando Mark começou a conversar com outro grupo de pessoas, Jane disse:

— Sabe o que eu gosto nele?

— O quê?

— É tão fácil lidar com ele.

— Entendo o que você quer dizer. Adoro gente sem frescura. Mesmo sabendo que eu não sou assim. Talvez por isso eu goste tanto delas.

— Tem uma coisa tão masculina nisso.

— Usei essa mesma palavra não faz muito tempo em outro contexto, mas entendo o que você quer dizer. De onde se conclui que tem uma coisa muito *não* masculina em ser ansioso.

— Mas você é encantador. — Ela deu-lhe um beijo no rosto.

— Obrigado, Jane. Você também. — E pronto. Ela foi para o lado de Mark, mas que conversinha gostosa tinha sido! A tal ponto que ele resolveu ir para casa. Ainda havia quatro dias pela frente; seria sensato voltar para o hotel naquela altura, na primeira noite, ainda inteiro. E amanhã tinha muita coisa a fazer, sem no entanto perder Laura de vista. Despediu-se de várias pessoas, acenou para outras e começou a caminhar.

Minutos depois estava perdido. Diante de súbitos becos sem saída e canais sem pontes, ele cruzou com outras pessoas perdidas, examinando mapas debaixo de luzes fracas. Num determinado ponto, uma placa indicava que, se ele virasse à esquerda, iria para San Marco... e que se virasse à direita, iria para... San Marco. Nós contamos com as placas para fazerem escolhas por nós — ou pelo menos para que nos possibilitem escolher. Aquela placa era um contrassenso. Podia nem estar ali. Em vez de esclarecer, conseguia apenas confundir. Mas será mesmo? Talvez apresentasse alguma verdade maior sobre Veneza: que para qualquer lado que você fosse, mesmo que tentasse evitar, você terminaria na San Marco. Fizesse o que fizesse, virasse para onde virasse, o resultado seria o mesmo.

Em certos estados (se você está exausto, desesperado para ir para a cama, mal se aguentando em pé), a geografia impossível da cidade pode ser enlouquecedora, mas esta noite estava tudo bem, era divertido, fazia parte de estar em Veneza, ter uma experiência veneziana, a mesma experiência que todo mundo estava tendo. Mesmo assim, Jeff ficou aliviado quando, sem aviso, a quilômetros de onde tinha partido no começo da noite, seu hotel gentilmente apareceu. O porteiro da noite estava dormindo — sempre difícil dizer quando esse trabalho era mais adequado para pessoas que sofriam de

insônia ou com tendência à narcolepsia —, mas voltou à consciência a tempo de entregar a chave de Jeff.

O ar-condicionado tinha deixado o quarto mais frio que uma geladeira. Ele desligou o aparelho, e o silêncio ficou diversos graus mais denso.

Sonhou que estava dormindo não em seu quarto, mas ao lado de um canal, um largo canal veneziano, de correnteza rápida. A cidade parecia ainda mais velha do que realmente era, mais decadente e suja, cheia de lixo. Acordou com alguém puxando seu braço e o sacudindo. Então a sacudida ficou dolorosa, forte. Abriu os olhos e viu um cachorro, com olhos antigos, mastigando seu braço. Tentou afastá-lo com o outro braço, mas não havia outro braço, apenas aquele que estava entre os dentes sangrentos do cachorro. No sonho, ele estava acordado, mas não conseguia acordar do sonho em que o cachorro mordia seu braço, ameaçando arrancá-lo. Ou talvez estivesse sendo injusto. Estava encharcado. Será que o cachorro o havia puxado para fora do canal, salvando sua vida? Impossível dizer. Acordou do sonho banhado em suor. Estava em seu quarto e não havia cachorro nenhum, apenas os lençóis molhados como um canal.

O sol estava torrando o telhado do hotel (que era o telhado de seu quarto). Uma luminosidade cortante atravessava as venezianas. A sensação era de tarde, mas olhando para o relógio ele viu que eram apenas quinze para as oito. Estava de ressaca, tonto do sonho, longe de descansado e excitado demais com as várias coisas que tinha pela frente naquele dia para ter qualquer chance de voltar a dormir.

Ligou o ar-condicionado outra vez, abriu as cortinas e as venezianas. Instantaneamente, o quarto se encheu de sol suficiente para iluminar uma pequena cidade. Dirigiu o fluxo de urina amarela para a privada e, ao fazê-lo, viu de relance seu novo eu, de cabelo escuro, no espelho. Merda, com o cabelo daquele jeito, ele parecia cinco anos mais novo do que uma semana atrás. A ressaca e a falta de sono o faziam sentir-se cinco anos mais velho; portanto, calculando tudo, ele ficava quite. Tomou uma ducha, fez a barba, escovou os dentes, vestiu uma bermuda e uma de suas camisetas favoritas — infinitamente desbotada, azul, com um discreto logo da Element *skateboard* — e saiu para o café da manhã.

Do lado de fora, fazia um calor infernal, mas que importância tinha isso? Estava em Veneza, feliz por estar vivo, feliz por estar à procura de Laura, contente de estar em Veneza, que já funcionava em plena atividade, provavelmente há horas. Barcaças, ou fosse lá como fossem chamadas, vendiam frutas e hortaliças, uns poucos gondoleiros a postos esperavam clientes nos canais. As pessoas olhavam pelas janelas, gritavam e acenavam. Carrinhos de mão com mercadorias rodavam pelas ruas estreitas. Era como estar no *Show de Truman*. Todo dia, por centenas de anos, Veneza acordara e assumira a aparência de um lugar de verdade, muito embora todo mundo soubesse que ela existia apenas para turistas. A diferença, a novidade de Veneza, era que os gondoleiros, os vendedores de frutas, os padeiros eram todos turistas também, aproveitando um feriado extremamente prolongado. Os gondoleiros gostavam dos vendedores de frutas, os vendedores de frutas gostavam dos gondoleiros, e todos eles gostavam dos moradores reais: as hordas de japoneses com câmeras, os americanos em lua de mel, os mochileiros que roubavam euros e o pessoal da Bienal de ressaca.

Um dos quais caminhava sem rumo, mas com grande determinação, procurando um café onde

pudesse encontrar exatamente o café da manhã que queria e ao qual pudesse voltar todos os dias. Precisava ter suco de laranja fresco, café bom (o que era fácil na Itália), croissants ou cornetti ao menos decentes (quase impossível), e ele precisava consumir tudo isso sentado à sombra com uma vista para alguma piazza (mas nenhuma das grandes, onde o preço de um café podia deixar você amassando a conta na mão e repetindo uma palavra — *Quanto?* — para si mesmo sem parar, em estado de perplexa incompreensão.)

Jeff encontrou o lugar bem depressa, em uma praça minúscula, com uma vista, ao fim de uma rua comprida, ornamentada com árvores, que saía do canal Giudecca. O café era sensacional e, tirando o mel, que ele detestava, conseguiu transformar o cornetto em um croissant tolerável. Alguém deixara um exemplar de *La Repubblica* no qual deu uma olhada. A grande notícia, compreensivelmente, era o calor. *Che caldissimo!* Nove e meia da manhã ainda, e já estava quente como meio-dia.

Foi um erro pedir café e suco de laranja. Enquanto voltava para o hotel para pegar tudo de que precisava para o dia, teve de trotar pelos últimos metros e subir depressa as escadas para fazer um uso exagerado do banheiro de seu quarto. Embora considerável, o alívio de ter conseguido isso — bem a tempo! — durou pouco. O telefone começou a tocar enquanto ele ainda estava sentado na privada.

— Pronto.

— Que merda de “pronto” é essa?

— Ah, oi, Max. Eu estava tentando imitar os nativos.

— Bom, faz horas que estou tentando ligar para você.

— Eu saí. Fui tomar café. Que horas são aí? Achei que você não ia para o escritório tão cedo.

— Estou no celular. Por que você não compra um celular? É a única pessoa do mundo que não tem celular. E ainda diz que é jornalista.

— Não sei. Acho a ideia de escolher um celular assustadora. A expressão “plano de assinante” me deixa ansioso.

— Vou lhe dizer o que está me deixando ansioso. Essa entrevista. Já falou com ela?

— Cheguei aqui só ontem à noite.

— Então ainda *não* falou com ela?

— Deixei um recado — mentiu Jeff.

— E como ela vai responder ao seu recado se você não tem telefone?

— Eu tenho telefone. Na verdade, a menos que esteja muito enganado, estou falando num telefone agora. Vamos ver. Tem um bocal para falar e...

— Muito engraçado.

— Sei, sei. Estou até ouvindo sua voz no meu ouvido, a voz de alguém de outro país com quem eu preferiria não estar falando. Isso é uma prova. Definitivamente, é um telefone.

— Nós precisamos dessa entrevista. Entendido?

— Mensagem recebida.

— E do desenho.

— Afirmativo.

— Você é um babaca mesmo — disse Max. E desligou. Que agradável lidar com alguém com quem se tem relações de trabalho há quase quinze anos. Um alívio tão grande poder dispensar

amenidades e bate-papo irrelevante. Como resposta atrasada, mas simbólica, Jeff deu a descarga.

Era cedo demais para ir aos Giardini, mas a hora perfeita para ir à *Accademia* e ver *A tempestade*, de Giorgione, antes das multidões. Como tudo mais em Veneza, o museu estava passando por reforma, mas continuava aberto. E não havia fila. A placa no guichê dizia DESCULPEM NÃO TEMOS AR-CONDICIONADO. Outra placa menor, em italiano, dizia alguma coisa sobre *La tempesta*, de Giorgione... Saco... Havia uma regra simples de visita a museu: se você só tinha um dia livre numa cidade, esse seria o dia em que o museu ficava fechado. E se *estivesse* aberto, então a obra que você queria ver estaria emprestada ou teria sido removida para restauração. Mas não, a placa simplesmente explicava que, por causa da reforma, *La tempesta* havia sido transferida, temporariamente, para a Sala XIII. Jeff foi direto para lá.

Não havia mais ninguém em torno. Tinha a sala e a pintura só para si.

Em um canto do quadro, uma jovem mãe amamenta um bebê, olhando para fora da pintura para encontrar o olhar de quem estiver olhando para ela. É de se presumir que tenha acabado de tomar banho no rio que a separa do jovem elegantemente vestido no canto inferior esquerdo, apoiado num cajado, olhando para ela. Ele olha para ela; ela olha para nós, que olhamos para eles. Seja o que for que esteja acontecendo, nós estamos envolvidos. Atrás deles, no fundo, embora não seja realmente um fundo, uma ponte atravessa um rio azul ultramarino. Além da ponte, uma paisagem urbana se espalha debaixo de nuvens carregadas. Um pássaro branco, talvez uma cegonha, está empoleirado no telhado de uma das casas. O céu é uma onda tormentosa, azul-escuro. A linha única de um raio branco estala na tormenta.

“A suspensão do tempo em Giorgione tem um caráter em parte idílico. Mas o idílio está carregado de pressentimento”, escrevera McCarthy. “Algo assustador está para acontecer.” Isso, Atman via agora, era ligeiramente enganoso. Não só era impossível dizer o que era esse “algo” (muito menos se esse algo seria “assustador”), como era impossível dizer se havia acontecido no passado, se iria acontecer no futuro ou se simplesmente não iria acontecer. Não havia nem antes nem depois — ou pelo menos não eram discerníveis um do outro, intercambiáveis. Fora isso, o que ele via agora confirmava a precisão com que ela havia fixado a pintura em palavras. Era, insistia ela, a calma que produzia a sensação de inquietação.

O museu podia não ter “ar-condicionado”, mas era fresco em comparação com o que estava à espera lá fora. Jeff comprou uma garrafinha de água no quiosque e um passe para três dias no ponto do vaporetto na *Accademia*. O vaporetto, quando chegou minutos depois, estava lotado. De artistas. O belo e polido Wolfgang Tillmans estava conversando com o velho temperamental Marc Quinn, cuja última obra, uma gigantesca orquídea de metal, pôde ser vista quando o barco passou diante da Peggy Guggenheim Collection. Quando Jeff foi para a frente do barco, passou por Richard Wentworth, que, usando chapéu-panamá e uma camisa listrada azul, parecia estar estrelando uma adaptação para a tevê de um romance sobre um artista que também era um dos espões de Cambridge.

— Pensamento da semana — disse ele quando Jeff passou, esgueirando-se entre os passageiros. — *Mundo artístico, negócio da música*. O que isso nos revela?

A distinção escapava a Atman: um lugar na frente tinha ficado vago e ele estava decidido a ocupá-lo. Outra pessoa estava ainda mais decidida, e Atman ficou em pé, mas pelo menos ali na frente o

movimento do barco produzia uma brisa seca. Quando passaram diante de San Marco, cruzaram com diversos vaporetti indo na direção oposta. Em um deles ele viu Laura, apoiada no parapeito, usando um vestido branco. Sim, era ela com certeza. Segurando o que ele adivinhou ser uma sombrinha amarela enrolada, tão apertada que parecia uma bengala. Ele não conseguiu identificar o número do vaporetto, não sabia para onde ela estava indo, só que era na direção oposta à dele. Olhou no mapa, tentou calcular depressa onde ela poderia estar indo, mas era impossível. Ela poderia estar indo para qualquer lugar. Ficou olhando a esteira em V que se abria atrás do vaporetto. Como encarar aquela visão que desaparecia? Como um bom sinal, pois sugeria que aquilo poderia vir a ser uma ocorrência frequente. Ou talvez — como naquelas ocasiões em Londres em que você sai de uma festa tarde da noite, vê um táxi imediatamente, não consegue chamar a atenção do motorista e se vê perdido durante horas — aquela tivesse sido sua primeira e única chance. Uma chance que também era uma não chance.

As pessoas dizem que não é o que acontece em sua vida o que interessa, mas o que você *acha* que aconteceu. Mas essa ressalva, evidentemente, estava longe de ser satisfatória. Era bem possível que o evento central de sua vida pudesse ser alguma coisa que não aconteceu, ou alguma coisa que você *achou* que não aconteceu. Não fosse assim, não haveria necessidade da ficção, haveria apenas lembranças e histórias, históricos de casos; o que aconteceu — o que efetivamente aconteceu e o que você achou que aconteceu — bastaria.

Tudo o que restou da esteira do outro barco foi uma ligeira ondulação que passou debaixo da esteira do vaporetto dele. Era como uma dupla anulação. Os dois passaram um pelo outro como navios no dia.

Jeff desembarcou em San Zaccaria, onde devia pegar sua credencial para a Bienal na assessoria de imprensa. Tinha sido alertado para contar com longas filas e esperar várias horas no sol de rachar, mas havia apenas umas poucas pessoas à sua frente. Uma delas era Dan Fairbank, que estava se virando da mesa com a credencial de imprensa na mão. Isso era um tanto inesperado, uma vez que a última coisa que Jeff ouvira dizer sobre ele (duas semanas antes) era que Dan estava trabalhando como diretor de comerciais. Ao ver Jeff, ansioso por evitar qualquer exclamação pública de surpresa, ele veio e explicou, *sotto voce*, que tinha inventado um jeito de conseguir uma credencial como jornalista, “para ter acesso a coisas que eu poderia não ter paciência de esperar para ver”. Momentos depois, Jeff foi chamado para o balcão de credenciamento e Dan retirou-se.

Sorrindo, vestida de vermelho, com óculos pretensiosos, a jovem responsável pela inscrição de Jeff estava cheia de entusiasmo por seu trabalho, ansiosa por certificar-se de que aquele jornalista importante recebesse toda a informação de que pudesse precisar, mesmo que ele só estivesse interessado naquilo que pudesse levá-lo, que garantisse seu ingresso, ao máximo de coisas o mais facilmente possível. A sociedade da Bienal era absolutamente hierárquica. Na base, fica o público em geral, que, nesse estágio, não tinha acesso a nada e, durante aqueles poucos dias pelo menos, era notória sua ausência. No topo estavam os artistas e curadores das grandes instituições e das galerias comerciais famosas, depois os colecionadores, depois os jornalistas e críticos, depois um exército de bicões. Para controlar e ajudar a manter esse sistema de castas confessadamente flexível (um jornalista como Jeff era, na verdade, apenas um bicão bem-sucedido, um bicão credenciado; pensando bem,

muitos artistas eram bicões com pincéis ou câmeras e os curadores eram bicões com poder), uma ampla variedade de passes estava disponível, e apenas os mais altos permitiam acesso a tudo, a qualquer hora, para qualquer coisa. Além disso, no próprio pico da celebriarquia, estava o nível super-VIP, no qual estar de posse de qualquer tipo de passe exceto o que lhe era atribuído por sua fama ou fortuna — por um autoevidente direito de ir onde bem entendesse — era em si uma prova de exclusão.

Quando Jeff recebeu seu crachá básico de jornalista, sem frescuras, teve uma súbita e brilhante ideia.

— Talvez você possa me dizer — perguntou — se minha colega Laura Freeman já se credenciou. — Ela não era jornalista, mas, assim como Dan, devia estar registrada como tal para gozar os benefícios de um crachá de imprensa. Se ela *estivesse* registrada, então talvez fosse possível descobrir seu hotel e, quem sabe, o número de seu celular. Enquanto a atendente procurava alegremente o nome dela no computador, Jeff esperou ansioso, a excitação de aumentar significativamente suas informações sobre Laura complementada pela emoção de sua própria esperteza, os recursos detetivescos da coisa toda. A animação, porém, durou pouco. Ninguém chamado Laura Freeman tinha se registrado.

— Ah. Bem, obrigado de qualquer forma — disse ele. A atendente tinha sido mais que solícita. Ela acrescentara aquele extra de charme ao qual um homem da idade de Atman era especialmente suscetível: a sugestão de que ela estava fazendo aquilo não porque estivesse em sua natureza ou fosse parte do trabalho, nem mesmo por sua boa vontade em relação a ele, mas porque ela o achava atraente. Se ela achava mesmo era tão irrelevante quanto improvável; o que importava era que o jeito dela — flertando apenas porque isso era extremamente agradável — possibilitava alimentar tal ideia. Se ele não estivesse tão preocupado pensando em Laura, podia ter feito um ligeiro teste — um drinque mais tarde, talvez? —, um teste que quase certamente teria resultado negativo. Preferiu porém agradecer a ajuda dela, desejar-lhe um bom-dia, e a conversa toda se encerrou com grandes sorrisos de ambos os lados. Foi como uma versão da cena da banca de revistas em Londres, reescrita e deslocada para Veneza.

Com o importante crachá de jornalista na mão, Jeff saiu para o calor de ficção científica. Talvez o novo crachá de jornalista lhe tenha provocado um acesso de profissionalismo: foi direto à *tabaccheria* próxima e comprou um cartão de telefone para poder ligar para Julia Berman e marcar a entrevista. A temperatura parecia ter subido mais alguns graus enquanto ele estivera dentro da assessoria de imprensa. Debaixo da cobertura de acrílico do telefone público estava ainda mais quente. O telefone tocou durante um longo tempo. Ele esperou que um humano ou uma máquina atendesse, depois desligou e tentou de novo. Mesma coisa. Sentiu-se enormemente aliviado. Tinha feito o melhor possível para garantir o furo indispensável. Tinha ligado e ligado (duas vezes!), mas ninguém atendera. Tentara de tudo para localizá-la, sem sorte, de forma que agora estava livre para continuar com as dezenas de outras coisas que devia fazer, a mais importante das quais era ir à Bienal, mantendo o tempo todo os olhos atentos em Laura.

Perto da entrada arborizada dos Giardini, estudantes e jovens artistas entregavam folhetos para exposições de suas próprias versões alternativas, semiunderground da Bienal, com música, DJs. Os Giardini já estavam lotados quando Jeff entrou, menos de uma hora depois da abertura oficial.

Patrioticamente, sua primeira parada foi no pavilhão britânico, entregue a Gilbert & George. Nos anos 1980, o crítico Peter Fuller tinha liderado uma cruzada vituperativa contra Gilbert & George, vendo neles uma ameaça a tudo o que lhe era caro. Quando Fuller morreu em um acidente de automóvel, ele deve ter se dado conta de que tinha sido tudo em vão, uma vez que Gilbert & George estavam destinados a se tornar padrinhos de diversas gerações de febris YBA⁷ — e agora haviam sido homenageados com o pavilhão britânico inteiro para eles. A obra, nem é preciso dizer, era tão cansativa como qualquer pecado inofensivo, a mesma bobagem em cores brilhantes, com jeito de vitral, que eles estavam fazendo havia anos, mas o jeito como Jeff via aquilo (único jeito que se podia ver aquilo), quem estava se lixando? Eles nunca faziam nada novo, mas e daí? Não havia razão para ficar protestando contra aquela afável dupla de babacas.

A partir dali ele deveria ir vendo as coisas de um jeito sistemático, marcando cada um dos pavilhões nacionais em uma sequência ordenada, mas já havia filas de imigrantes artísticos esperando para entrar nos pavilhões do Canadá e da França, que ficavam vizinhos ao pavilhão britânico, de modo que ele pulou os dois e começou a entrar nos lugares inteiramente ao acaso. De G & G ele foi para o pavilhão norueguês, que tinha uma parede de círculos amarelos e pretos de *op art*. Só que não eram círculos, eram alvos de dardos, uma parede inteira deles. A alguma distância, havia grandes caixas de papelão com dardos verdes e vermelhos, que você podia atirar na parede, alterando gradualmente o padrão geral e a distribuição de cores. Jeff tinha acabado de mirar o último de um punhado de dardos vermelhos quando alguém chamou seu nome e atirou um dardo no alvo. Merda! Era Ben Jennings, fazendo aquele velho truque de desenroscar o dardo de forma que o projétil roçou o rosto de Jeff, inofensivo e assustador.

— Babaca!

— Excelente, não é? — disse Ben, remontando o dardo. — Jackson Pollock encontra Jocky Wilson. — Ele estava com uma camisa azul-clara, já azul-marinho de suor debaixo dos braços. Anos atrás, tinha sido alguém no Soho, um gênio, um Kenneth Tynan em processo de formação. Agora, 15 anos depois, era visto, mesmo por um picareta como Jeff, como um picareta que nunca tivera a disciplina, a dedicação ou o talento para corresponder a qualquer expectativa que tivesse criado. Não que ele parecesse se importar. Contentava-se em comparecer a várias feiras de arte no mundo: a Art Basel em Miami, a própria Basel, a do Armory em Nova York, da Frieze em Londres, de Berlim, e contar fofocas a respeito delas. Jeff tendia a pensar que não gostava dele, mas em sua companhia sempre se via se interessando por ele, em parte porque desconfiava que, por trás do charme e da bonomia, Ben podia estar desesperadamente infeliz com aquilo que demonstrava deixá-lo feliz. Ele sempre conseguia se divertir mesmo assim. Na noite anterior, por exemplo, tinha ficado “dançando numa discoteca até as quatro horas da manhã”. Era patético, inacreditavelmente imaturo, mas mesmo agora, aos 45 anos, Jeff sentiu o coração pulsar ao ouvir que alguém tinha ficado acordado até mais tarde que ele, se divertindo mais do que ele, mesmo quando ele havia se divertido e decidira de livre e espontânea vontade encerrar a noite. A ideia de diversão dos outros passava por bem conhecidas

mudanças quando se envelhecia. As pessoas terminavam criando filhos, comprando chalés ou jogando golfe. Jeff vinha se mostrando incrivelmente constante em suas preferências. Ele gostava de beber, de tomar drogas, de frequentar festas e ir atrás de mulheres que — outro sinal de constância —, em termos ideais, não fossem agora muito mais velhas do que ele quando começara a fazer isso. Nos últimos anos, passava um pouco mais de tempo em casa, dormindo na frente da TV, mas isso não era algo que ele *quisesse* fazer, era apenas um tempo de recuperação. Havia momentos em que ficava absolutamente entediado com sua ideia de divertimento, mas nada chegara perto de deslocar ou substituir o lugar daquilo, e ele nunca chegara ao estágio ou à fase de se apaixonar por seu trabalho, a não ser na medida em que sempre fora apaixonadamente avesso a ele. Não era de admirar que tivesse sentimentos tão ambíguos por Ben: ele era como uma versão mais rosada, mais majestosa do próprio Atman. Era muito possível, pensou, gostar de alguém que você despreza e vice-versa.

— Achei que ia ver você na festa da Islândia ontem à noite — disse Jeff. Os dois pegaram mais dardos e ficaram lado a lado, arremessando-os, sem mirar, na parede de alvos imperdíveis.

— Eu fui a um jantar para Ed Ruscha.

— Foi ontem à noite? Achei que era amanhã.

— Tem outro amanhã.

— Então tem jantar para Ed Ruscha toda noite?

— E... cento e oitenta!... provavelmente café da manhã toda manhã.

Jogaram os últimos dardos. Ben disse que tinha ficado sabendo de fonte limpa que mais para o fim da tarde, no pavilhão da Venezuela, iam servir baratas cobertas com chocolate. Com isso eles seguiram rumos separados — Ben para o pavilhão suíço e Jeff para uma instalação de uma artista finlandesa cujo nome, Maaria Wirkkala, não significava nada para ele.

Um barco simples de madeira à deriva num mar congelado de vidro de Murano multicolorido, provavelmente restos e fragmentos das fábricas perto de Veneza. Pintado de um vermelho sem graça, o interior do barco enchia-se aos poucos com água que pingava do teto. De vez em quando, tão irregularmente que Jeff se perguntou se não seria imaginação sua, o barco dava uma ligeira oscilada. Ficou fascinado com isso, feliz por tê-lo visto no começo de seu roteiro, antes de ficar saturado da novidade, saciado e indiferente.

Como a Austrália e a Alemanha estavam lotadas, foi um alívio ir ao Uruguai, onde não havia filas, nem multidão — e nem arte. Tinham pendurado uns trapos em varais de roupa, mas, mesmo levando em consideração o baixo nível de alguns outros pavilhões, aquilo era bem ridículo. E não estavam dando nada grátis também. Muitos pavilhões estavam dando bolsas de lona grátis, algumas bastante elegantes, todas muito úteis (para guardar as bolsas grátis dos outros pavilhões). Bastava apresentar o crachá de jornalista, e alguns lugares também ofereciam um luxuoso catálogo, mas os uruguaios não estavam mesmo nesse jogo.

Na geografia comprimida dos Giardini, o Uruguai fazia fronteira com os Estados Unidos, que mostravam os longos quadros horizontais de Ed Ruscha, pinturas de prédios, algumas coloridas, outras em preto e branco. Bonito, bom ter visto aquilo. Jeff passou depressa de pavilhão em pavilhão, usando sua pequena câmera digital como um *aide-mémoire* a ser consultado, ao lado dos catálogos, quando escrevesse seu artigo. Extraordinário: havia toda aquela arte e, no entanto, tão pouco para ver — ou

tão pouco que valesse a pena ver. Algumas coisas eram um desperdício para os olhos. Bom. Porque mesmo não havendo nada para ver, havia muita coisa para se conferir, e Jeff tinha de pelo menos meter o nariz em tudo. Uma boa parte dos trabalhos expostos podia ser designada como conceitual, na medida em que as pessoas que olhavam eram concebidas como possuidoras da mentalidade de alunos da escola primária. Muito justo, exceto pelo fato de que a maioria parecia ter sido *feita* por alguém que cursasse a escola primária, embora um aluno da escola primária com a ambição de um russo de 17 anos cuja mãe viúva economizara cada rublo para mandá-lo para uma academia de tênis na Flórida. A obra podia ser pueril, mas a fome de sucesso de que ela era produto e símbolo era feroz. Em circunstâncias históricas diferentes, muitos daqueles artistas podiam ter dominado o Reichstag ou governado o Camboja com uma crueldade sem precedentes.

Depois de muito pouco tempo, todos os pavilhões começaram a se fundir: era impossível lembrar, com algum grau de certeza, qual obra se encontrava em qual pavilhão. As pinturas grandes, brilhantes, psicodélicas, drogadas estavam no pavilhão suíço. A mostra de vídeos, um painel de monitores montado de forma que você fosse cercado por três lados por uma torrente de imagens (tênis, pornô, notícias, Fórmula 1, guepardos, futebol, mais pornô, últimas notícias, vida sexual dos animais, desertos, queimadas, boxe), era russa. Mas o castelo de plástico vermelho (entrava-se e era como estar num mundo vermelho), de que nação era aquilo? Não a mesma nação, evidentemente, que apresentara uma sala completamente azul. Nada senão azul ali. Nenhum canto, nenhum ângulo, nenhuma sombra, apenas o nada azul. Era um ambiente altamente abstrato, um espaço de luz, embora não houvesse nenhuma fonte de luz evidente a não ser o azul, que estava em toda parte, ao redor de tudo. Atman entrara nessa instalação num momento em que se encontrava completamente vazia. A única coisa corpórea na sala era ele, mas isso bastava, ele bastava, não para *destruir* a experiência, mas para ao menos fazer uma crítica dura à obra. O fato de ele estar ali, no meio daquilo, significava que não era a experiência não corpórea que chegava provocadoramente perto de ser. Sentou-se no chão para ter menos consciência do corpo que arrastava no espaço, mais perto de se dissolver no azul absoluto, sem origem, sem direção. Mesmo assim, era bem legal e chegava o mais perto que ele já tinha visto do que as pessoas (ou Atman, pelo menos) queriam da arte, um espaço onde você pudesse viajar para fora, onde pudesse se perder: as instalações atingiam o nível de imersão completa. Em termos ideais, a instalação artística perfeita seria um clube noturno, cheio de gente, música bombando, luzes, máquina de fumaça e talvez umas drogas jogadas. Poderia ser intitulada *Nightclub* e se fosse mantida funcionando 24 horas por dia, seria o grande hit da Bienal.

Indo de pavilhão em pavilhão, Jeff foi encontrando gente que conhecia, algumas da noite anterior, algumas que estava encontrando ali pela primeira vez. A maioria estava de ressaca. Quando o Haig's parara de servir, às duas horas da manhã, os mais fissurados foram para o Bauer, que estava tão cheio que o terraço corria o risco de despencar dentro do Grand Canal. Todo mundo tinha suas obras favoritas, suas recomendações e aversões, e todo mundo tinha um sortimento de sacolas gratuitas. Ninguém mais vira o barco finlandês chuvoso em seu mar de cacos de vidro. Era como se fosse uma alucinação de Jeff. Quanto mais falava do barco, mais significativo ficava para ele. Scott Thomson insistia em que a arte ali ficava milhões de quilômetros atrás da Burning Man. Estavam distribuindo garrafas de água e leques. Algumas pessoas sofriam com o calor mais do que outras, mas todas

concordavam que o calor era inacreditável. Ficavam paradas numa sombra morna de árvores, se abanando, bebendo água, agarradas às sacolas e aos catálogos gratuitos, comparando planos para a noite, sentindo-se aliviadas e recompensadas quando descobriam que iam às mesmas festas. Despediam-se e então se encontravam meia hora depois, a caminho do pavilhão espanhol, entusiasmadas com a Sérvia, atrasadas por causa dos cuidados com a segurança, comparáveis com os de um aeroporto de Israel. Jeff encontrou ainda mais gente que conhecia e reconheceu uma porção que não conhecia — Nick Serota conversava com Sam Taylor-Wood, Peter Blake falava sozinho (nada de estranho nisso, metade das pessoas estava grudada em seus celulares), e alguém que podia ou não ser a atriz Natascha McElhone —, mas não viu a pessoa que mais queria ver, nem um vislumbre de Laura.

* * *

Num telefone público, ele tentou Julia de novo. Dessa vez, alguém atendeu.

— *Buongiorno*. Alô. Julia Berman?

— Eu mesma.

— Ah, ótimo. Meu nome é Jeffrey Atman. Da revista *Kulchur*. — Nesse ponto, o ideal seria que ela dissesse: “Ah, é mesmo? Como vai?” Na falta disso, algum tipo de ruído encorajador, “uhm-hum”, teria sido útil. Mas não houve nada, apenas um leve som de respiração, respiração que soava irritada.

— Desculpe telefonar assim inesperadamente. Mas não tão inesperadamente, espero. Creio que meu editor, Max Grayson, talvez tenha feito uma pequena entrevista com a senhora a respeito, bem, a respeito de sua vida e do disco de sua filha, certo? Essas coisas.

— Como é mesmo o seu nome?

— Jeffrey Atman.

— E a revista?

Tentado a dizer *Razzle* ou *Cheeks*, ele respondeu, polida e exatamente:

— *Kulchur*. Com “k” e “ch”.

— Acho que me lembro de alguma coisa a respeito. — O sotaque dela era inglês, displicentemente elegante. Jeff esperou que ela continuasse, mas evidentemente era sua vez de falar de novo.

— Então, hã, se não for muito inconveniente, quem sabe poderíamos fazer uma entrevista amanhã ou depois?

— Quando você gostaria de fazer?

— Onde e quando for conveniente para a senhora. — Jogada arriscada. Havia muitos momentos que seriam extremamente inconvenientes para ele, mas fazia parte da etiqueta do entrevistador deixar que o entrevistado desse as ordens. Isso fazia com que se sentissem importantes, e ser importante podia deixá-los mais afáveis; embora, na prática, no mais das vezes, simplesmente os fizesse se sentir mais importantes, o que se manifestava tornando-os extremamente difíceis.

— Quanto tempo vai levar?

— Nada demorado, se a senhora estiver ocupada. — Ele fazia esse tipo de coisa havia tempo suficiente para se dar conta de que não era necessário passar horas conduzindo uma entrevista. Podia

reduzir a vinte minutos e ainda ter citações suficientes para produzir um texto quase decente — e quase decente ainda era duas vezes melhor do que o necessário. De qualquer forma, tinha coisas melhores a fazer em Veneza do que perder tempo ouvindo aquela velha “já era” (geralmente um eufemismo para alguém que nunca foi).

— Amanhã é impossível, então talvez hoje. Bem cedo. Por volta das quatro horas?

— Perfeito — disse Jeff, com sinceridade.

— Você pode vir aqui?

— Com certeza. Hum, onde a senhora está? — Ela deu um endereço, inteiramente sem sentido, e orientações sobre como chegar lá.

* * *

As orientações dela eram claras e fáceis de seguir. Tendo tomado um vaporetto dos Giardini para o Campo d’Oro, Atman chegou ao prédio exatamente no horário. Apertou uma campainha de metal, sem conseguir ouvir se, em algum lugar lá dentro, essa ação se manifestara num toque. Não houve som de movimento, nem passos, nem portas se abrindo. Ele esperou. Estava a ponto de tentar de novo quando ouviu a chave girando. A porta se abriu. A luz estava tão forte no exterior que ele teve dificuldade para divisar a figura envolta em escuro do lado de dentro. Quando seus olhos se acostumaram, ele viu cabelos compridos e escuros, riscados de grisalho, um rosto magro cujo envelhecimento era marcado não por um abrandamento das feições, mas pela pele mais esticada sobre os ossos. Ela estendeu sua mão magra, convidou-o para o interior fresco. A porta fechou-se atrás deles. Ela estava usando um vestido até os joelhos, azul. Ele subiu atrás dela uma escada escura — ela estava descalça — até um apartamento no terceiro andar. Era amplo e arejado, mobiliado com simplicidade, mas ele não teve chance de olhar em torno porque ela o levou diretamente para um terraço. Havia uma mesinha de metal pintada de branco e duas cadeiras, à sombra de um grande guarda-sol de lona. Ela perguntou o que ele gostaria de beber. Água com gás estaria ótimo, disse ele, e ela voltou para dentro. A vista era de um pequeno canal e alguns outros apartamentos, todos com seus próprios terraços.

Ela voltou com uma garrafa e copos cheios de gelo, cada um com uma fatia de limão em cima. O gelo estalou e gemeu quando ela encheu os copos. A coisa toda era como num comercial para a palavra “refrescante”. Ele tomou um gole.

— Muito refrescante — disse, idiotamente, antes de caçar seu ditafone na coleção de sacolas que havia reunido nos Giardini. — Já estive na Bienal?

— Ainda não — respondeu ela. — Amanhã. — Ele falou das coisas que tinha visto até agora, os alvos de dardos, o barco finlandês se enchendo de água em sua viagem pelo mar de vidro colorido. Encontrou o ditafone.

— Importa-se se eu gravar nossa conversa?

— Tudo bem. — Ele colocou o aparelho na mesa entre eles e apertou o *Record*.

— É, hã, ativado pela voz — disse ele. — Não é ótimo? — Era mais uma observação idiota e, como tal, ele ficou contente por tê-la feito. Anos atrás, ele tentara impressionar seus entrevistados mostrando

como era astuto, bem-informado, ágil e esperto no geral. Aprendera que isso era um erro. Entrevistas funcionavam muito melhor se o entrevistado achava que você era um completo imbecil. Eles baixavam a guarda, ficavam mais expansivos; na verdade, tentavam compensar suas óbvias deficiências. Mas Jeff começou a desconfiar que isso não ia fazer muita diferença neste caso. Ela não era hostil, mas inteiramente objetiva. Entrevistados geralmente tentam seduzir você; ela não se dava ao trabalho. Mas serviu mais água no copo dele. Ela não estava interessada nele, entrevistados nunca estavam, eles só se interessavam em como iam aparecer na imprensa, mas ela parecia igualmente desinteressada em si mesma.

— Talvez eu pudesse começar perguntando sobre o disco de Niki. — Ele se viu contorcendo-se ao falar. — O que achou dele?

— Gostei — respondeu ela. Ele esperou que ela continuasse. Ela não continuou.

— Gostaria de falar mais alguma coisa?

— Gostei bastante. Tem músicas bonitas. Gosto das letras também, de algumas.

— Alguma em particular?

— Não me lembro de todas, mas acho que ela tem um fraseado bonito.

— E a gravação? Soube que a senhora faz *backing vocals* em uma das faixas.

— Foi bonito ela me convidar. Claro que eu não canto nenhuma maravilha, mas não importa, porque tem tanta coisa acontecendo que não dá para me ouvir de verdade. — Há anos ele não ouvia a expressão que ela usara: *nenhuma maravilha*.

— Bom, eu gostei — disse ele, mesmo não tendo se dado o trabalho de ouvir a provável merda de CD que o RP tinha mandado para seu apartamento com uma urgência adequada a uma necessidade desesperada de sangue. — Hum, é o tipo de música que a senhora escuta normalmente? Ou melhor, que tipo de música a senhora gosta de ouvir?

— Gosto de música mais antiga. Eu não escondo a idade, gosto de Bob Dylan. Gosto de The Doors.

— Conheceu Bob Dylan?

— Não. Vi Bob Dylan cantar em Blackbushe em mil novecentos e setenta e não sei quanto.

— Oito. Eu também. Ótimo, não foi? — Estava feito o contato... o momento em que descobriram que tinham alguma coisa em comum, embora fosse uma coisa que qualquer pessoa entre 20 e 70 anos teria em comum: um interesse por Bob Dylan. Com um pouco de habilidade da parte de Jeff, a entrevista agora podia genuinamente se transformar no que sempre tentava se mascarar: um bate-papo. — Também fui a Earl's Court.

— Nesse eu não fui.

— De quem mais a senhora gosta? — perguntou ele, resistindo à tentação de ficar completamente Dylanológico.

— Tangerine Dream — disse ela. — Van der Graaf Generator. — Ele não conseguiu perceber se ela estava brincando.

— Já viu o Van der Graaf? — perguntou ele, respondendo à altura.

— Conheci ligeiramente Pete Hammill.

— É *mesmo*? Como ele era?

— Era interessante. Um rapaz inglês interessante, culto, de boas maneiras.

— *H to He, Who am the Only One* — disse Jeff.

— *Pawn Hearts* — respondeu ela. Ele achou que ela ia rir, mas não riu exatamente.

— Tem uma outra, mas não me lembro bem.

— *The Least We Can Do is Wave to Each Other* — disse ela.

— Claro.

— *Aerosol Grey Machine*.

— Puxa — disse Jeff —, a senhora conhece mesmo o Van der Graaf. — Ele tinha tido versões dessa conversa (grupos diferentes, mesmo formato) dezenas de vezes, mas sempre com homens. Com uma mulher era diferente, uma experiência absolutamente mais emocionante.

Como se lesse seus pensamentos, ela perguntou:

— Esta entrevista está bem estranha. A *Kulchur* com “k” e “ch” é uma revista de rock progressivo?

— Infelizmente não. Seria ótimo se fosse, porém — disse ele, percebendo, de repente, que estava se divertindo. E a entrevista ia sair bem. Ou sairia, se ela não tivesse se inclinado e desligado o ditafone.

— Gosta de fumar maconha, Jeff?

— Claro.

— Ótimo. Para falar a verdade, eu sou um tanto maconheira, mas não gostaria que contasse isso na sua matéria.

— Absolutamente.

Ela entrou de novo no apartamento, dando a Jeff a ocasião de começar a lamentar ligeiramente aquele confiante “claro”. No século XX, ele tinha gostado de fumar maconha, mas com o novo milênio dominado inteiramente por *skunk* superforte, ele havia praticamente parado com maconha. Nos anos 1980, o barato com maconha tinha sido divertido, mas chapar com *skunk* (e com *skunk* não há outra possibilidade senão chapar) era outra coisa. Era uma linha direta para o terror, para a paranoia mais delirante.

Ela voltou com um saco de maconha. Jeff procurou não parecer nervoso.

— Ah, uma coisa — disse ele. — Eu não fumo.

— Nem eu. Esta é uma ótima maconha jamaicana. Não aquele horror de *skunk*.

— Ah, ótimo — ele quase gritou de alívio. — Detesto aquilo. — Como estava se divertindo em Veneza. Tudo estava funcionando tão bem.

— É terrível, não é? Deus sabe o que está fazendo com a cabeça dessa molecada que fuma aquilo o tempo todo.

— De fato — disse ele, pela segunda vez em dois dias.

Ela enrolou um baseado fininho, deu uma tapa e passou para Jeff. Ele fez a mesma coisa e devolveu para ela. Ele entrou num barato muito agradável. Os dois estavam num barato muito agradável juntos. A luz ficou mais brilhante, mais forte. O canal lançava padrões de sombra na parede amarela do outro lado. Na verdade, ele estava muito louco, mas de um jeito agradável. Isso é que era ficar doidão.

— Então, sobre Harkwind — disse ele.

— Agora lembre, nada de falar de ficar doidão em seu artigo. Nenhuma insinuação nem de longe.

— Prometo. — Ele sentiu a garganta queimando. Tomou um grande gole de água cujo gás fez a

garganta ficar ainda mais seca por um momento. — Deixando para trás, com relutância, o rock progressivo dos anos setenta, talvez a senhora pudesse me falar um pouco sobre Steve Morison.

— Homem encantador. Grande artista plástico. Um babaca total. — Isto é dinamite, pensou consigo mesmo Jeff, incerto, momentos depois, se tinha em mente a entrevista ou o fumo. — Mas nem preciso dizer que não gostaria que você mencionasse que eu disse isso também.

— Ah, OK. Quer dizer a resposta toda ou só a última parte?

— Não, só as duas primeiras partes. — Os dois deram risadas. Aquilo estava ficando mesmo *divertido*.

— O que acha do trabalho dele agora? Nos anos sessenta, ele era muito respeitado. Gostaria de saber como a senhora acha que ele resistiu à passagem do tempo.

— Acho que foi extremamente irregular. O melhor dele fica ao lado de alguma coisa de Hodgkin. — Jeff olhou atento para ela, esperando penetrar seus óculos escuros, ver seus olhos, ver qual era a intenção dessa resposta. Hodgkin, em anos recentes, tinha se transformado numa piada total. Jeff queria que ela falasse mais de Hodgkin, mas ela voltou a Morison. — E a coisa figurativa anterior é boa. Ele tinha uma capacidade de captar o jeito da pessoa parar, sua relação com o ambiente. E se *não havia* ambiente, então o jeito da pessoa parar em relação a si mesma. Havia nisso uma espécie de intensidade psicológica que era muito difícil de articular, mas que definitivamente estava lá. Todo mundo via ou sentia, mesmo que não houvesse nada, absolutamente nada, subjetivo na cena. Era tão objetivo como uma fotografia.

— Sei — disse Jeff. Embora impressionado com a análise, ele estava com problemas para lembrar como ela havia começado. Essa, porém, era a beleza das entrevistas gravadas. Era como uma memória externa. Só que, ele se deu conta agora, tinha esquecido de ligar de novo o ditafone.

— Porra! — Inclinou-se e apertou o *Record*.

— Naturalmente você não espera que eu diga tudo isso de novo, não é? — disse ela.

— Não, não.

Uma lancha passou, o canal agitou-se com ruído à passagem, fazendo as ondulações de sombras na parede tremularem de novo.

— Foi...? Criar Niki sozinha. A senhora morou parte do tempo na França e parte em Londres. Como foi isso?

— Ótimo. Tínhamos um lindo apartamento em Paris. Um apartamento razoável em Londres. Não tivemos problemas de dinheiro. Niki era uma menina tranquila.

— E a senhora? O que fazia? Além de criar sua filha, quero dizer.

— Não tive nenhum impulso de fazer muita coisa. Escrevi alguns artigos. Tinha uma vaga ideia de escrever um livro, mas nunca cheguei a escrever.

— Falou-se de um livro de memórias.

— Ah, sim, fiz umas coisinhas, mas não tive a dedicação necessária e não queria chegar até o fundo de nada. Então não havia nada para me sustentar e nada para me impulsionar. E embora eu tivesse alguns amigos famosos, na realidade sentia muita lealdade por eles, ou muito afeto, para dizer qualquer coisa interessante sobre eles. Sabe, esse tipo de livro sempre funciona melhor quando contém algum tipo de traição. Eu não tinha interesse em trair nem em acertar contas de nada. E a

ideia de escrever não chegou a me interessar. Então eu simplesmente flanei por aí. Diga-me, você fica entediado?

— Eu? Fico, o tempo todo.

— Isso deve ser uma vantagem. Sabe, eu nunca tive nenhuma aptidão para o tédio. Sou como uma daquelas pessoas que se vê na Índia ou na África, sentada na beira da estrada, olhando o espaço. Sou capaz de não fazer nada o dia inteiro e ficar satisfeita. E nunca tive nenhuma ambição. Nem em sua forma negativa mais básica de sentir inveja do sucesso dos outros. Acho que foi por isso que tive tantos amigos; eu realmente ficava contente quando faziam sucesso, enquanto tanta gente à minha volta ficava se comparando com o que os outros faziam. Desculpe, estou falando demais?

— Não, absolutamente. Está ótimo, na verdade. — Jeff espiou o ditafone para ver se estava gravando, para ter certeza de que ao ligar não teria acidentalmente desligado o aparelho. Essas coisas, lembrou, costumavam acontecer quando você estava doidão.

— É de se supor que tudo isso se aplica particularmente a Niki? — Ele estava afiado! Como Paxman!

— É. Era óbvio que ela iria fazer alguma coisa. Se não fosse a música, teria sido artes plásticas ou literatura. Alguma coisa assim. Niki tinha a dose certa de inquietação. Diferente de mim. Sempre vivi muito bem comigo mesma.

Era verdade. Ela estava apenas sentada ali, confortavelmente, falando sobre si mesma, mas não de um jeito egoísta, fornecendo informações sobre essa pessoa que por acaso era ela própria. E era fácil ver por que tinha tantos amigos. Era fácil estar ao seu lado. Ela fazia você ficar à vontade — uma ideia que imediatamente fez Jeff se sentir pouco à vontade, ansioso com o modo de abordar o assunto do desenho que Max tinha pedido e que, à sua maneira, era mais importante do que tudo o que acontecera antes. A sombra do prédio de Julia estava se projetando na parede oposta como uma linha de flutuação a sugerir, enquanto subia lentamente, que estavam desembarcando uma carga na casa vizinha que a fazia afundar ligeiramente na água. Ele desligou o ditafone.

— Ótimo. Muito obrigado. Vai funcionar muito bem.

— Foi indolor.

— Ótimo. Só uma coisa mais: e outra vez é algo que acho que Max Grayson, meu editor da *Kulchur*, deve ter mencionado. O seu retrato pintado por Steven. Eles esperam que a senhora permita que publiquem o retrato com o artigo.

— Você quer levar o desenho com você?

— Não necessariamente. Do jeito que for melhor para a senhora. Se preferir, eles podem mandar um portador ou poderia ser escaneado e mandado por e-mail. Mas, bem, seria ótimo se eu pudesse ao menos dar uma olhada.

— E você se importaria se eu perguntasse que retorno eu teria com isso?

— Não. Na verdade, uma das coisas que me pediram ou autorizaram a fazer foi acertar uma soma com a senhora.

— E então?

— Mil libras.

— Estranho, esta é uma daquelas situações em que eu poderia ser difícil.

— E teria todo o direito, sem dúvida.

— E se eu simplesmente pedisse mais dinheiro? Dinheiro que, a propósito, eu não quero particularmente, mas que, bem, é isso que se tem de fazer, não é?

— Absolutamente, sim. Que tal mil e quinhentas? Para falar a verdade, esse é o limite. *Top dollar*, como dizem.

— Vou lá dentro e trago o desenho.

Ela entrou de novo. Ele se levantou e deu alguns passos. Ainda estava muito louco e ainda fazia um calor incrível. A combinação das duas coisas o fez sentar-se de novo, debaixo da luz difusa do guarda-sol.

Julia voltou com uma pasta, que abriu, revelando um pedaço de papel grosso e amarelecido. Ela dobrou a pasta, abriu-a de novo e ali estava o desenho. Ela estava nua, as pernas separadas. Entre suas pernas havia um rabisco e um borrão de linhas. Tinha lindos seios e evidentemente era ela. O rosto mostrava as mesmas maçãs salientes, a mesma expressão estranhamente vazia. Até o cabelo era muito igual. Era fácil imaginar que, se ela tirasse a roupa agora, ele veria basicamente o mesmo corpo que estava no desenho.

— Puxa — disse ele. Olhou para o rosto dela no desenho, mas não foi capaz de olhar para o rosto da pessoa que o estendia para ele. Havia o fato surpreendente de o desenho mostrá-la nua, mas havia também uma qualidade psicológica inquietante na figura, a qualidade que ela havia comentado antes. Ela havia deixado aquele homem, seu amante, olhar para ela e desenhá-la. Olhar sua amante, nua: isso era o que os homens sempre quiseram fazer. Se o homem era um artista (ou apenas um adolescente com uma câmera), então o que ele desenhava ou filmava não era simplesmente o que ele via, mas a força imutável daquele desejo, daquela fome de ver... Mas no rosto dela havia uma indiferença absoluta. Qualquer amor no olhar dele não era retribuído. Em vez disso, havia apenas um vazio. Olhe quanto quiser, dizia a expressão dela. Pode ver tudo e não vai ver nada, a não ser o que eu tenho em comum com todas as outras mulheres do planeta. Bastava olhar o desenho alguns momentos para entender que o relacionamento não ia durar. E era de se supor que Morison soubesse disso, fosse enquanto estava fazendo o desenho ou, se não isso, assim que o terminou. Talvez isso não importasse para nenhum dos dois. Talvez o momento contido e registrado naquele pedaço de papel bastasse. Mas se isso fosse verdade, então por que havia uma tal sensação de solidão no desenho: não dela, ela estava calma e perfeitamente imóvel, mas da pessoa olhando para ela, do próprio artista?

“Uma relação hipnótica entre o assunto e o espectador se estabelece em todos os quadros de Giorgione. Isso vem em parte da cena imobilizada, aprisionada, e em parte do olhar firme dos olhos do retratado... A imobilidade produz inquietação.”

— É... — Ele pigarreou. — É um desenho notável.

— É, sim. — Devolveu o desenho a ela. Ela colocou o desenho cuidadosamente de novo dentro da pasta, que amarrou com cuidado. — Então acho que entende que eu não queira dá-lo para a sua revista, para qualquer revista, seja por mil, mil e quinhentas libras ou... Por qualquer valor.

— Concordo — disse Jeff. — É um desenho muito particular.

Ela olhou para ele.

— Você não é um jornalista muito dedicado — disse. — Mas é compreensivo. Isso deve ser uma

desvantagem no seu ramo de trabalho.

Ele deu de ombros.

— Seu editor vai ser tão compreensivo?

— Não acho que seja uma falta passível de demissão. Principalmente eu sendo freelance e, portanto, estritamente falando, não tendo um emprego do qual *possa* ser demitido.

— Isso é tranquilizador. — Ela riu.

O encontro estava encerrado. Ele desceu a escada fria. Ela abriu a porta. Jeff agradeceu, estava a ponto de apertar sua mão quando ela se inclinou e beijou-o no rosto. Não havia nada de sexual naquilo, mas também não era o beijo vazio europeu tão convencional quanto um aperto de mão. Havia naquele beijo uma intimidade impossível de identificar, fosse por terem ficado loucos juntos, fosse por causa da entrevista, fosse por causa do desenho que ele tinha apenas visto. Ele disse até logo, desceu para o calor infernal e ouviu a porta se fechar às suas costas.

* * *

Jeff caminhou até a parada do vaporetto no Campo d’Oro pensando, pela décima vez aquele dia, que estava ainda mais quente (*otter*) do que antes. O vaporetto veio depressa e estava excepcionalmente vazio. Pelo menos ele estava aproveitando ao máximo o seu passe de três dias. Subiu a bordo, encontrou um lugar atrás e procurou o ditafone no sortimento de sacolas, querendo ouvir o que tinha, conferir a qualidade da gravação. Em vez do ditafone, pegou uma câmera digital. Porra! Tinha se esquecido de tirar uma foto dela. Não havia conseguido sair de lá com o desenho e se esquecera de tirar uma foto dela. Das três coisas que tinha de fazer, falhara ou se esquecera de duas. E a única coisa que não se esquecera de fazer, a entrevista, tinha sido sabotada por esquecer de ligar a porra do ditafone na melhor parte. Olhou nas sacolas de novo: pelo menos ainda estava com o ditafone. Entrou em pânico, dividido entre descer na próxima parada, voltar, tocar a campainha outra vez e perguntar se ela não se importaria, se não seria muito problema, se poderia... Assim como o e-mail que não mandara na véspera de vir para Veneza (“Simplesmente não consigo mais fazer esta merda”), ele sabia, mesmo enquanto pensava nisso, que não desceria do barco, não voltaria, que chegaria a Londres de mãos vazias e ouviria na *Kulchur* que não queriam mais que ele fizesse aquela merda porque ele não merecia confiança — podia até ouvir a voz de Max subindo — *fazer a coisa mais simples que se pede, não, que se pede, não, porra, que ele foi contratado, pago, para fazer!* Ele também sabia que assim que lhe dissessem que não queriam mais que ele fizesse aquela merda ele ia se dar conta de quão desesperadamente ele queria continuar fazendo aquela merda que não queria mais fazer. Queria não estar louco, queria estar pensando com clareza. Isso era mais uma coisa de que se lembrava sobre a maconha, uma das razões para ele ter aos poucos parado de fumar: sempre chegava um momento, quando você estava louco, em que você queria não estar louco, precisava pensar com clareza. Veneza deslizava, cintilante e verde-dourada, líquida. Muitos dos grandes palazzos estavam enfeitados com grandes faixas anunciando eventos artísticos e exposições relativos à Bienal. Olhando em torno, viu que o vaporetto tinha se enchido ao parar nas estações desde que ele embarcara; na verdade, estava bem lotado. Bom, o que ele podia fazer agora sobre a foto que não tinha tirado? Nada. A melhor coisa

era não pensar a respeito, não se preocupar.

Uma porção de gente desceu na *Accademia*, mas ainda mais gente embarcou. O barco partiu e passou debaixo de uma ponte. Quando saiu do outro lado, ele viu Laura no arco baixo da ponte, debruçada no parapeito. Pássaros deslizavam, mergulhavam por cima e por baixo da ponte. Ela estava de vestido branco, protegendo-se com um para-sol. Ah, então era isso, não uma sombrinha, claro que não era uma sombrinha. Se estivesse olhando para o canal ali embaixo, ou mesmo ao longo do canal, certamente o teria visto; mas ela estava olhando, sorrindo, para a pessoa com quem estava falando, um homem, um sujeito da idade de Jeff ou um pouco mais jovem. Era óbvio, mesmo assim de relance, pelo jeito que ela olhava para ele, pelo jeito que ele se colocava em relação a ela, uma das mãos no parapeito da ponte, que não estavam no meio de um passeio juntos pela cidade; não, eles tinham acabado de se encontrar. Tudo isso passou pela cabeça de Jeff em menos de um segundo. Podia ter chamado o nome dela. Ainda estava decidindo se isso era ou não a melhor coisa a fazer quando ficou, aos poucos e repentinamente, tarde demais para isso. Tarde demais! Chamar o nome dela deixara de ser uma opção e tornara-se uma fonte de arrependimento.

* * *

Desceu do vaporetto na Salute, voltou ao seu hotel e pegou o elevador para o quarto. Passou cinco minutos debaixo de um chuveiro quase frio e deitou-se na cama vestindo um robe grosso, desses que dão vontade de roubar. Sentindo apenas um leve resquício da maconha (que alívio!), folheou um dos livros fornecidos pelo hotel: uma edição de luxo das pinturas que Turner fez da cidade. Eram cheias de luz se dissolvendo nela própria, água e luz, fundindo-se uma na outra, cor se transformando em luz, a flamejante luz do sol mergulhando na água. Algumas eram diluídas a ponto de serem apenas pinceladas quase transparentes. Embora a cidade fosse imediatamente reconhecível, a ideia de Veneza ser insubstancial, uma tremulante dissolução de luz e água com tudo se transformando em ar, contrastava com a experiência de Jeff em estar ali. O que o marcava sobre Veneza era quanto ela era *substancial*. E não apenas o lugar, mas as pessoas. Não era uma cidade onde, ao longo do tempo, gerações haviam nascido, vivido e morrido. Não, havia o mesmo conjunto de personagens que sempre houvera, uma população constante e imutável que simplesmente trocava de roupa de acordo com a época que vivia. Cada indivíduo ficava preso a uma ocupação e idade específicas até o fim dos tempos. O velho que cuidava do armazém vizinho — Jeff havia parado lá para comprar garrafas de água três vezes maiores e por uma fração do preço das garrafas do minibar do hotel — era o velho que cuidava do armazém havia milhares de anos. A camareira tinha sido sempre camareira. Só estavam lá. E assim também, evidentemente, a cidade que eles habitavam. Era o lugar mais *lá* da Terra — e assim era desde que o tempo começara, desde muito antes de se dizer que ela passara a existir. Talvez a cidade de Atlântida não tivesse desaparecido sob as ondas, mas sim reaparecido acima delas, metamorfoseando-se em Veneza ao fazê-lo. Tudo bem, havia a água, que era líquida e aquática, evidentemente, um agente de diluição e dissolução, mas o efeito geral da água era fazer os edifícios parecerem, por contraste, extremamente tangíveis. Não só Veneza parecia ter existido desde sempre, como, apesar de todas as histórias de que a cidade estava afundando não sei quantos centímetros por

ano, ela dava a impressão de que estaria ali para sempre, que poderia ser o único lugar a resistir quando um ataque nuclear Turnereasse o resto do mundo em uma ardente mistura de água fervendo e ar chamuscado.

* * *

Foi uma noite fora do comum em que não havia jantar nenhum para Ed Ruscha. A razão de não haver um jantar para Ed Ruscha é que havia uma *festa* para Ed Ruscha. Jeff só se deu conta disso — de que a festa na Peggy Guggenheim Collection era, na verdade, em homenagem a Ed Ruscha — quando, já a caminho, conferiu o convite grosso e gravado com letras pesadas. Ao chegar, devia haver umas mil pessoas amontoadas no jardim e algumas centenas — os muitos não convidados — tentando entrar. Era como se o governo de Veneza tivesse sido derrubado e os últimos helicópteros estivessem para partir da Guggenheim antes que os exércitos vitoriosos de Florença ou Roma ocupassem a cidade. Convite na mão, ele foi conduzido através dos portões pela segurança escrupulosamente educada. Lá dentro, todo mundo estava entornando bellinis como sempre. Os garçons batalhavam para dar conta da insaciável demanda por bellinis. Mal havia espaço para se mexer, e em torno das mesas de bebidas era uma confusão. Jeff tinha na cabeça que haviam prometido um risoto. Achava que o convite tinha lhe passado essa ideia, mas não havia nenhuma menção a isso no convite e, no momento, nem sinal de risoto. Em vista do número de pessoas, servir um risoto seria uma tarefa absurdamente ambiciosa e trabalhosa, mas parecia que Jeff não era o único à espera do risoto. O risoto e sua possível aparição eram, realmente, o assunto principal da conversa no jardim. As pessoas estavam contando com o risoto para forrar o estômago; a ausência do risoto teria um significativo impacto em sua capacidade de entornar bellinis. Do balcão da galeria propriamente dita, o barbudo embaixador ou adido cultural americano pedia calma, ou pelo menos tentava fazer todo mundo silenciar por alguns minutos para poder fazer um discurso. Quando o tumulto diminuiu, o barbudo ilustre deu as boas-vindas a Ed Ruscha, colocando-o no céu, explicando a honra que era recebê-lo ali e como ele era um artista importante. Por fim, pediu a todos para fazer um brinde a Ed Ruscha, o que, embora fosse adequado, era bastante supérfluo, já que a única vez durante seu discurso em que as pessoas haviam parado de erguer suas taças fora para que o bastante sobrecarregado pessoal do bar as enchesse de novo. E então as portas da galeria se abriram. Era isso! O risoto, evidentemente, seria servido agora. Houve um incrível estouro quando as pessoas assimilaram a ideia de que o momento do risoto era iminente. Jeff estava perfeitamente colocado. Ele subiu a escada e se viu nas galerias, diante não de tonéis de risoto cremoso, mas de arte, pinturas e esculturas do glorioso auge do modernismo: Duchamp, Max Ernst, Picasso, Brancusi, época em que era impossível acreditar que viria um tempo em que as pessoas iriam dar mais importância a um risoto grátis para absorver todos os bellinis grátis que tinham entornado no jardim. Como uma enchente, a multidão seguiu encontrando outros níveis dentro do edifício. De repente, Jeff saiu para o terraço que dava para a parte de trás de uma estátua de Marino Marini de um sujeito a cavalo — ou sobre algum tipo de criatura — com uma espécie de rabo-troço espetada no traseiro de bronze. Os braços do cavaleiro estavam estendidos na horizontal, crucificados pelo ar ou, talvez, pelo esplendor do Grand Canal. Quando Jeff

se espremeu e passou no meio da multidão, viu que, assim como a montaria tinha o rabinho duro atrás, também o cavaleiro tinha um pauzinho duro espetado na frente. Não teve oportunidade de ponderar sobre o significado desses detalhes. Era tal a intensidade da busca pelo risoto que, em questão de minutos, o terraço estava lotado. Serviam drinques ali fora também, além de uns horrendos pedacinhos de massa velha e ressecada, como samosas, mas não tão condimentadas. Jeff foi se esgueirando até chegar à mesa de bebidas, onde viu Ben.

— Algum sinal do risoto? — perguntou.

— Sabe, eu acho que não vai ter risoto nenhum — disse Ben, que parecia realmente desanimado. Jeff compadeceu-se dele. Ele próprio estava bastante desolado, muito embora tivesse tomado a precaução de comer várias fatias de pizza a caminho.

— Atraem você para cá com a promessa do risoto — disse ele —, e não tem porra de risoto nenhum.

— Não é nem o caso de quantidade limitada, disponível na base de quem chega primeiro é servido primeiro.

— Não tem absolutamente nada.

— Tudo o que tem são uns bellinis miseráveis.

— Bellinis a rodo, para sermos justos. Na verdade, você está com dois nas mãos.

— Descem que é uma beleza, não é?

— Escorregam — disse Jeff, terminando o seu. Como estavam apertados junto à mesa de bebidas, pegaram mais dois.

Com um copo em cada mão, Ben e Jeff abriram caminho até a beirada do terraço, para uma vista imponente do Grand Canal. O sol estava mergulhando Turnermente, quase desaparecendo atrás dos edifícios do outro lado do canal. As trilhas de fumaça dos aviões convergiam para lá também. Quase diretamente à frente deles estava o Gritti. Parecia um tanto sem graça estar lá, comparado com estar ali. As pessoas nos vaporetti olhavam para cima, querendo estar ou lá em cima, entornando bellinis grátis garganta abaixo, ou sentadas no terraço do Gritti, pagando caro por eles.

— O negócio do bellini — disse Jeff a Ben — é que ele é mesmo um drink muito refrescante.

— Nestas condições não se poderia desejar bebida melhor. — Foi Kaiser quem disse isso, de forma que eles agora eram três, com seis drinques nas mãos. O problema era que eles desciam tão fácil que em pouco tempo os três precisariam começar a abrir caminho de novo até a mesa de bebidas para reabastecer.

— Queria era que viessem em taças maiores — disse Ben.

— Boa ideia — disse Jeff. — É tão miserável servir nestas porrinhas aqui. — Dissera isso como uma piada, ou pelo menos fora assim que começara a dizer, mas no momento em que havia completado a observação, a verdade dela ficou tão gritante que ele se sentiu genuinamente irritado. Principalmente porque as malditas tacinhas estavam vazias. Ele estava tomando coragem, se preparando para voltar à mesa de bebidas, quando, num desses momentos mágicos de Veneza, um garçom apareceu com uma jarra de bellinis. Os três estenderam as mãos e ficaram olhando o garçom encher seus sôfregos pares de taças.

— Buda não disse que se deve aceitar qualquer coisa que ponham em sua tigela de esmolos? —

perguntou Ben.

— Sábias palavras! — Movidos pela serendipidade do momento, brindaram com suas tigelas de esmolos e tomaram seus drinques; tomaram no sentido de virar. Embora o bellini fosse, como Jeff dissera, um drink refrescante, o calor era sufocante, impossível de manter à distância. Havia uma espécie de entusiasmo excessivo no ar. Atman fechou os olhos e entregou-se ao ruído em torno, o tumulto de vozes, o pandemônio de conversas e risos, observações e perguntas em várias línguas, o espocar de garrafas de prosecco e o tilintar de flûtes, as piadas e risos salpicados sobre tudo. Era uma amostra representativa de como soavam as pessoas que estavam se divertindo. Podiam gravar aquilo e mandar para alguma parte distante do sistema solar como uma ilustração sonora de como era a vida social na Terra — ou, pelo menos, do parasitismo de alto nível. Jeff abriu os olhos e ali estava ele, contemplando o Grand Canal. Era como acordar e ver-se em um sonho mais maravilhoso que qualquer sonho que se pudesse ter tido dormindo. Que cidade, que lugar absolutamente sensacional! Alguém tocou seu ombro. Ele se virou.

Era ela. Laura. A mesma pessoa. Mas com um vestido diferente.

Claro que ela estava com um vestido diferente. Havia tanto para ver. O cabelo, o rosto, o vestido e o pequeno crachá amarelo, com letras pequenas demais para se ler, preso ao vestido. A arrebatadora felicidade do momento o tornou de repente seguro, liberando-o para dizer:

— Você me encontrou! Está vendo? Eu disse que você me encontraria.

— Não era você que tinha de me procurar?

— Eu percebi que o único jeito de fazer isso era deixar *you me* encontrar, parar de procurar. Mas em algum nível eu nunca parei de procurar. Estava procurando você agora mesmo, na verdade. Só que na direção errada.

Agora era o momento de inclinar-se e beijá-la. Nos lábios. Ele não se sentiu nada nervoso por isso.

— Estou contente de ter encontrado você.

— Eu também. — De perto assim, dava para ler as palavras no crachá: MINHA SENHA É AI.

— Está se divertindo?

— Estou. E você?

— Tenho de admitir que está tudo saindo perfeitamente.

— Foi aos Giardini?

— Fui. Mas a que horas *you* esteve lá? Isso é uma coisa interessante.

— Acho que cheguei por volta de uma e meia.

— E à ponte da *Accademia*, por volta das seis?

— É, acho que eu estava lá a essa hora. Por que não falou comigo?

— Você estava conversando com alguém. E não dava tempo de eu descer do vaporetto. Além disso, sabe que fiz a entrevista com Julia Berman? Acabei fumando maconha com ela, então foi tudo um pouco estranho. Eu fiquei um pouco alterado.

— Ficou doidão?

— E em consequência disso esqueci de pedir o desenho. Ah, é uma longa história. Conte para você sobre o desenho ontem à noite?

— Mencionou. Mas a entrevista era mais importante, não?

— Não sei. Talvez. Vi o desenho que Morison fez dela, mas ela não quis me dar.

— Como era?

Ele havia inconscientemente preparado a conversa para poder contar que era de uma mulher nua com as pernas abertas? Ou não havia nada de *inconsciente* naquilo?

— Era dela. Nua, deitada, olhando para Morison enquanto ele a desenhava.

Ela levantou as sobrancelhas.

— E?

— Simplesmente não pareceu adequado levar o desenho.

— Era um bom desenho?

— Era, acho que sim. Tinha uma intensidade nele. Era realmente bem poderoso.

— Você não vai falar nada maçante sobre “o olhar masculino”, vai?

— Na verdade, eu ia — disse ele, olhando para ela. — Você só disse isso para me fazer olhar para você? — Que era tudo o que ele queria fazer no momento, um momento que, de sua parte, poderia durar para sempre. Olhar para ela com aquele vestido vermelho e dourado. Olhar para ela e imaginar sua roupa íntima, imaginá-la nua... Voltando ao presente, ele disse: — Mas e você? O que fez depois disso? Depois que esteve na ponte da *Accademia*?

— Isso está parecendo mais um interrogatório que uma conversa.

— Posso entender assim de certa forma. Uma urgência semelhante no desejo de respostas. Há tanta coisa que eu quero saber. Como o que você fez depois da *Accademia*.

— Fui comprar óculos. Eu precisava de óculos escuros.

Ela remexeu na bolsa, uma bolsa Freitag, quase toda vermelha.

— Adorei sua bolsa — disse ele.

— Eu também. Sabe o que eu mais gosto nela?

— Deixe eu ver. — Ele olhou enquanto ela remexia, deu até uma ligeira espiada dentro. — O fato de ela ter um zíper — disse ele. — Sem o zíper, a beleza dela ficaria diminuída por deixar de ser prática.

— Muito bem.

— Achou que eu ia dizer apenas “vermelha” ou algo assim?

— Ah, não. Eu não tinha dúvida de que você ia falar do zíper. Por isso perguntei. Para fazer você se sentir esperto. A outra coisa maravilhosa desta bolsa é que ela tem um compartimento separado. — Ela mostrou para ele. — Com outro zíper.

— Mundos dentro de mundos. O que também diminui a procura.

— Diminui — disse ela, remexendo na bolsa —, mas não elimina completamente. — E com isso tirou seus óculos escuros novos. Colocou-os no rosto. Era daqueles iguais a olhos de inseto que fazem qualquer mulher ficar parecendo Kate Moss ou a namorada de algum jogador de futebol inglês. Não havia dúvida: era uma grande época para óculos escuros femininos. Eram fantásticos os óculos. Ele conseguia ver os olhos dela através das lentes, podia ver a si mesmo refletido neles e, por trás dele, os prédios de Veneza.

— Experimente.

Ele pegou os óculos dela, olhou através deles. Na luz mortiça, o céu fulgurou como acontece

quando o sol bate diretamente numa nuvem e ela se transforma numa placa negra fulgurante. Era como se viesse uma tempestade, uma tempestade de luz ouro e verde.

— Fantástico — disse ele, devolvendo os óculos. — Por falar em fantástico, que vestido é esse? O que você estava usando ontem à noite era ótimo. Mas esse... é o vestido mais lindo do mundo. Você podia usar na noite do Oscar.

— Curto demais. Mas obrigada.

— Onde comprou?

— Ah, retoma-se o interrogatório. Em Vientiane.

— Para falar a verdade, não sei em que país fica isso.

— Laos — disse ela.

— Sabe o que eu mais gosto nele?

— O quê?

— As mangas.

— Não tem manga.

— Bingo! — Eles brindaram.

— E o artigo que você está escrevendo? — perguntou ela. — Encontrou alguma coisa para dizer?

— É impossível dizer alguma coisa sobre Veneza que já não tenha sido dita antes — disse ele, esperto.

— Inclusive esta frase — disse ela, ainda mais esperta. Essa observação o deixou sem ação. A frase seguinte dela o derrubou de vez. — Então — perguntou ela —, conseguiu o risoto?

— Não! Nem um grão.

— Está brincando.

— Não, *você* está brincando. Não tem risoto nenhum.

— Tem razão. Não tem *agora* . Mas eu comi uma tonelada.

— Onde estavam servindo? Não posso acreditar que isso aconteceu. Eu encontrei você e descobri que perdi o risoto. Ao confirmar a existência dele, você confirmou que eu perdi o risoto.

— Desculpe por ser a portadora de más notícias.

— Como estava?

— Muito bom. Ervilha. Risoto de ervilha.

— Porra! Eu adoro essa merda! Não deve ter sobrado nada, não é?

— Estavam acabando de retirar quando cheguei aqui. — Ele ficou parado, aturdido. — Sinto muito pela sua perda — disse ela.

— Estou feliz com minha descoberta — disse ele.

Havia algo tão obviamente sincero nisso que a conversa estancou até Laura dizer:

— Então, como era Julia Berman? Alguma típica fantasia da mulher mais velha transformada em realidade?

— Ótima, mas, para falar a verdade, cheguei a uma idade em que até as fantasias com mulheres mais velhas são com mulheres mais novas que eu.

— Muito bem. Na verdade, já que estamos no assunto, quantos anos você tem? Mais ou menos.

— Hã, quarenta. Mais ou menos.

Ela levantou os dedos, contou-os. Pareceu perplexa, olhou para ele. Contou de novo, desesperada, olhou para ele com horror.

— Não, não. Não pode ser.

— Muito engraçado.

— Você está bem. Mais ou menos. Para a sua idade.

— Tenho de lhe dizer uma coisa.

— O quê?

Ele se inclinou e sussurrou.

— Pela primeira vez na vida. Dois dias atrás... — fez uma pausa. — Tingi meu cabelo.

A risada fez com que ela devolvesse um gole de bellini à taça.

— Bem que eu desconfie — disse ela.

— É mesmo?

— Não. Brincadeira. Está ótimo. Parece natural. Então, você andou tomando drogas no trabalho.

— Eu sei. Desculpe, sinto que decepcionei todo mundo. Inclusive a mim mesmo. E você?

— Quer saber se você me decepcionou ou se eu sinto que eu mesma me decepcionei?

— Quero saber se você gosta de maconha. A Califórnia deve induzir muito a fumar maconha.

— A Califórnia induz muito a tudo.

E então, naquele momento, era Veneza. Barcos velozes e táxis de curto percurso estavam estacionando, do outro lado do canal no Gritti e aqui, na Guggenheim, mas agora levavam mais gente embora do que traziam. A festa havia ultrapassado o seu auge. Havia muita bebida e muita gente ainda bebendo. Em circunstâncias normais, a festa teria continuado a noite toda, durante horas, mas ali era a Bienal, havia uma porção de festas para ir, de modo que assim que uma festa começava a desanimar ela rapidamente se esvaziava. Se o tema tácito em todas as conversas tinha sido como era divertido estar ali, o assunto insinuado agora era para onde ir em seguida. Havia um movimento geral para a saída. Juntaram-se a um grupo que ia para uma festa oferecida por um colecionador russo no palazzo alguma coisa. Jeff não tinha sido convidado, mas Laura tinha um convite para dois. Em algum nível, esse era seu destino na vida: ser o Mais Um. Talvez valesse a pena trocar seu nome oficialmente para Mais Um.

Saíram da Guggenheim e vagaram pelas alamedas e vielas de Veneza. Dois integrantes de seu grupo desapareceram quase imediatamente. Quando estavam passando diante do ponto da *Accademia*, um vaporetto parou; então subiram a bordo, para descer logo na parada seguinte, San Tome. Jeff não queria saber para onde iam. Chegaram ao palazzo onde era a festa e entraram, os oito, sem nenhum impedimento. Era, essencialmente, a mesma festa de onde tinham saído. A mesma cena, num cenário diferente: um pátio quente, muita gente bebendo.

Só que, escandalosamente, a bebida não era grátis. Inacreditável, mas verdade! Queriam que se *pagasse* a bebida. Jeff já estava no bar improvisado quando descobriu essa ultrajante falha de etiqueta numa festa. Ansioso por causar boa impressão, estava a ponto de comprar uma garrafa de prosecco quando algum convidado chamou a atenção do barman reclamando que o troco estava errado. Nesse momento de distração, um braço nu passou por Jeff, agarrou uma garrafa do balde de gelo e instantaneamente desapareceu. Ele olhou para trás, viu as costas de Laura discretamente se afastando, um braço levantado acima da cabeça, chamando-o com um dedo.

Quando Jeff conseguiu encontrar taças limpas, a garrafa estava soltando vapores, pronta para ser servida.

— Você não é mole — disse Jeff.

— Ela é terrível, não é? — disse um homem que ele não conhecia direito. — Um dia ela ainda vai se meter numa tremenda enroscada. Por enquanto, à saúde de Laura.

Jeff uniu-se ao brinde, temendo secretamente que ela pudesse causar problemas a *ele*, estraçalhar seu coração com a mesma facilidade com que tinha roubado o prosecco. Partilhada por muitos, a

cobiçada garrafa gelada durou apenas alguns minutos. Quando alguém saiu para comprar mais uma, Laura virou-se para Jeff e perguntou:

- Não acha que está na hora?
- Acho, sim. Com certeza. Mas, hã, hora de quê?
- De nós termos uma conversa sobre arte.
- Qual arte?
- Muito engraçado. O que você viu?

Jeff falou do barco finlandês sobre o vidro estilhaçado (ela não tinha visto), dos dardos divertidos, da sala azul, da mostra de vídeos...

- Mas no geral?
- No geral, eu ia andando e pensando comigo: “é de uma banalidade que não dá para acreditar”.
- Ele não tinha pensado assim, mas pensava agora, ao dizer isso.
- Mas está completamente errado, não é? Porque, na verdade, não nos surpreendemos com a banalidade. Passamos a esperar por ela. É tranquilizadora, um selo de qualidade. De certa forma, investimos nela. É como se estivéssemos vivendo uma virada conceitual. É emocionante mesmo. As pessoas se perguntando até onde isso pode ir, quando a bolha vai explodir. O negócio é que a bolha *já* explodiu, mas continua crescendo apesar disso, mesmo depois de ter explodido. É como a descoberta de uma nova lei da física.

- Bem estranho ouvir alguém de uma galeria falar desse jeito.
- Eu sei. É por isso que vou sair. Vou ser gerente de fundos de *hedge*. Em Varanasi.
- Eu queria ser um gerente de fundos de *hedge*. Ou pelo menos queria saber o que faz um gerente de fundos de *hedge*.
- Eles colecionam arte.
- Você tem uma coleção?
- Umas coisinhas. Presentes de artistas em cujas exposições eu trabalhei. E você?
- Não, nada. Quadros não. Gosto tanto de ter coisas minhas que resisto a colecionar qualquer coisa, menos livros. Livros e bootlegs de Dylan.
- E eu?
- O que tem você? Está me perguntando se você coleciona piratas de Dylan?
- Não. — Ela levou a taça aos lábios, tomou um gole. — Estou perguntando se gostaria que eu fosse uma coisa sua.

— Fui jovem na década de 1980. A época do terror feminista. Se uma mulher me dissesse isso em 1984, teria sido a coisa mais sedutora que se poderia imaginar. Mas provavelmente seria uma armadilha ideológica.

— Eu sou uma armadilha. Uma armadilha de mel, sabe? daquelas em que usam uma mulher sedutora para conseguir informações secretas de um homem.

— É mesmo? Sempre quis cair numa dessas. Nos anos 1980, elas não existiam. Ou pelo menos havia as armadilhas, mas não o mel. Eram mais como uma armadilha de Vegemite.⁸

Essa conversa agradavelmente ambígua encerrou-se com a chegada de mais prosecco, mais gente e uma discussão diferente, mais acalorada, sobre Turner e Veneza. Como havia folheado um livro

dedicado exatamente a esse assunto naquele mesmo dia, Jeff sentiu-se seguro para participar, mas foi impossível introduzir uma palavra.

Dave Glanding estava dizendo:

— Turner veio a Veneza...

Maria Fielding estava dizendo:

— O último dos Temerários Lutadores, sei lá como se chamavam...

A essa altura da noite, podia-se dizer qualquer coisa. Não precisava fazer sentido e não era preciso esperar a outra pessoa terminar de falar para você começar, porém, ao mesmo tempo, ninguém ouvia o que você estava dizendo nem esperava você terminar o que estava dizendo.

— Constable... — disse uma mulher que Jeff não reconheceu, mas foi tudo o que ela conseguiu dizer, pois Kaiser falou:

— Esta Bienal só tem um artista que me interessa.

Excepcionalmente, fez-se uma pausa enquanto todo mundo esperava o resultado dessa declaração.

— Bellini! — disse ele, erguendo a taça em agradecimento ao entusiasmado aplauso com que sua frase foi endossada. Em algum nível todo mundo concordava, e alguns concordavam em todos os níveis. Evidentemente, aquilo era uma zona de fogo cruzado, na qual uma conversa que fazia pleno sentido se dissolvia em outra conversa que emendava muito bem com a anterior, embora não tivessem nenhuma ligação e a anterior fosse de qualquer forma perfeitamente sem sentido. Jeff não teve chance de participar, mas tranquilizou-se com tudo o que ouviu, tranquilizou-se ao constatar que muita gente estava muito mais bêbada que ele. Em termos relativos, ele estava tão sóbrio quanto um juiz ligeiramente tonto.

A conversa pulou para outro assunto inesperado: onde ir em seguida. Decidiu-se por outra festa, ali perto, no Palazzo Zenobio. Laura e Jeff saíram com o resto do grupo, mas o Zenobio estava tão cheio que só se podia entrar se saísse alguém: a matemática do zero, do *um dentro, um fora*. Seguiu-se outro intervalo desanimador de caminhada a esmo. Kaiser e alguns outros disseram que iam encerrar a noite — encerrar a noite no sentido de que iam para o Haig's Bar. Do outro lado do canal, ficava o chamado Manchester Pavillion, um bar. Laura, Jeff e os outros foram para lá.

Muita gente no bar não tinha nada a ver com a Bienal — mochileiros que estavam em Veneza por acaso, que não tinham ido a festa nenhuma, para quem a ansiedade dos convites era algo tão distante quanto uma dor nas costas —, mas havia muita gente das artes também. Alguns deles eram amigos do pessoal das artes no pequeno grupo de Jeff e Laura, o qual, tendo sofrido uma ligeira perda numérica, fundiu-se com esse novo grupo e logo ganhou força total outra vez. Para Jeff estava ótimo; quanto mais gente houvesse, mais fácil seria ficar sozinho com Laura.

Pegaram suas cervejas e sentaram-se do lado de fora, nos degraus quentes da ponte corcunda sobre o canal adormecido. Com tanta conversa rolando, a sensação era de que aquele era o primeiro drinque da noite que Jeff tinha realmente a chance de apenas *beber* — e beber apenas pelo prazer de beber. Todos os anteriores tinham sido apenas combustível, jogado na fogueira da conversação.

Ficaram sentados quietos. Ele observou de novo as coisas que vinha observando a noite inteira. Ela estava com sandálias de dedo rasteiras. Abaixo de um tornozelo, uma mancha vermelha, a pele esfolada por outro par de sandálias. As pernas nuas eram bronzeadas.

Laura disse:

— Quantas vezes você já esteve em Veneza?

— Duas. Na Bienal dois anos atrás e uma vez antes, em eras passadas, quando tinha 21 anos. Estava indo encontrar um amigo em Corfu. Dormi na frente da estação. O que não foi ruim, tirando o fato de os guardas terem acordado todo mundo muito cedo, então passei o dia me arrastando, exausto, comendo uma fatia de pizza de vez em quando para aguentar. Eu ia só até Corfu, mas estava viajando com um passe InterRail, sabe essas coisas?, porque era mais barato. Então, na segunda noite, em vez de dormir na frente da estação, fui de trem para Florença e dormi na viagem, lá eu tomei outro trem de volta e dormi mais um pouco. Ainda estava exausto, mas vi um pouco da cidade, nos breves intervalos em que conseguia ficar de olhos abertos.

— Por que não foi para um hotel?

— Tudo era muito caro. Eu estava sozinho. Parecia um luxo incrível.

— Que pobreza!

— Eu sei. Mas aprendi a lição. Adivinhe onde estou desta vez?

— Onde?

— Num *hotel*.

Ela estava num degrau ligeiramente acima, sentada com os pés discretamente juntos, mas quando riu, ele vislumbrou uma calcinha branca que fez disparar seu coração. A história do sexo é uma história de vislumbres: primeiro tornozelos, depois o rego entre os seios, depois os joelhos. Mais recentemente tatuagens, piercing de umbigo, piercing de língua, roupa de baixo, a roupa de baixo de Laura... Sempre que ela mudava ligeiramente de posição, ele esperava espiar por baixo do vestido.

Laura disse:

— Está tentando espiar debaixo do meu vestido?

— Não! Agora não. Agora estou fazendo um sério esforço para olhar nos seus olhos. Mas uns minutos atrás estava tentando, sim.

— Quantos anos você disse que tinha?

— Quarenta e poucos. Mas algumas coisas não têm idade. Você tem 14, quer espiar debaixo dos vestidos das mulheres. Tem 70, está com um pé na cova, mas espera, quando seus olhos se voltam para o céu, ter uma última chance de espiar debaixo da saia de uma mulher. A barra da saia sobe e desce, mas nada muda realmente.

Jeff parou depois de dizer isso, como se tivesse feito um discurso, uma declaração de princípios. Talvez tivesse. Ficaram sentados quietos de novo. Então Laura disse:

— Vamos embora daqui a pouco?

— Estou pronto para ir agora.

— Então vamos.

Levantaram-se, deixaram as garrafas nos degraus e começaram a andar. Ele passou o braço pelos ombros dela. O braço dela enrolou-se na cintura dele. Seguiram pelas alamedas e vielas desertas, a não ser pelos gatos, ao longo de canais, e atravessaram piazzas calmas.

— Você acha que nós temos alguma chance de encontrar o seu hotel? — perguntou Laura.

— Não tenho certeza. Mas o incentivo para encontrar é considerável. — Consultaram o mapa

várias vezes, rasgado pelas várias dobradas descuidadas. Pediram ajuda a um homem paciente que passeava com seu cachorro.

— *Sempre dritto!* — respondeu ele sem vacilar. “Sempre em frente!”

Uns cem metros adiante era impossível continuar sempre em frente. Era forçoso virar, e essa virada deve ter sido errada. Foram cometidos outros erros. Becos sem saída espreitavam sem aviso. Pontes que deviam servir como atalhos não apareciam, mas depois de vinte minutos ziguezagueando e refazendo o mesmo percurso, chegaram ao hotel. O porteiro da noite entregou a chave. Nenhuma sobancelha levantada.

O quarto, quando entraram, estava fresco. Laura foi direto ao banheiro. A porta branca fechou-se atrás dela. Jeff ouviu água correndo, o som da descarga da privada. Tirou as sandálias Birk, olhou para a porta branca fechada, viu que se abria de novo.

— Posso usar isto aqui? — Ela estava segurando um pequena escova de dentes fornecida pelo hotel.

— Claro. — A porta fechou-se outra vez, e ele ficou olhando outra vez. Quando voltou a se abrir e ela saiu do banheiro, ele entrou e escovou os dentes com sua própria escova. Saiu. Ela não estava nem sentada, nem deitada na cama. Estava em pé ao lado da mesa, inclinada, olhando o livro de aquarelas venezianas de Turner. Ela fechou o livro, deixou-o na mesa. Ele foi até ela e começaram a se beijar. Foi como um beijo de cem anos atrás, quando as pessoas não tinham a esperança de viver uma coisa assim até a noite de núpcias. Tudo o que veio depois estava embutido nesses primeiros momentos do beijo. Ele tocou o rosto dela, o cabelo cobriu-lhe a mão, o rosto. Enquanto se beijavam, ele subiu o vestido em torno das coxas dela. Ela estava com as mãos nas costas dele, por baixo da camisa. Ela inclinou-se para a frente, de modo que ele pudesse puxar o vestido acima dos quadris; depois, encostou-se à mesa. Ele olhou e viu, completamente agora, a calcinha branca que tinha vislumbrado antes. Suas mãos subiram pela incrível suavidade das pernas dela, pela parte interna das coxas. Ele tocou o tecido de algodão entre as pernas, apertou. Ela havia desabotoado sua camisa. Os dedos, ao deslizar pelas costelas dele, emitiam choques pela coluna. Ele desceu a mão pelas costas de Laura, baixou o zíper, escorregou o vestido pelos ombros dela. Abriu o sutiã e curvou-se para beijar seus seios. Um de seus mamilos tinha um piercing com um aro de prata. A visão daquilo fez o sangue dele ferver. Pôs as mãos nos mamilos, ambos ficando duros, balançando muito ligeiramente o aro de prata. Curvou a cabeça, pegou o aro com a boca, a prata retinindo alto contra seus dentes. Beijaram-se de novo. Ele puxou a calcinha para o lado e deslizou os dedos para dentro dela. Deu um passo atrás, ajoelhou-se diante dela, beijando sua barriga. Ela estava com mãos sobre a mesa, uma de cada lado do corpo. Ele lambeu sua barriga, depois mais embaixo, para poder sentir seu cheiro e ver. Ela baixou a mão para segurar a calcinha de lado. Ele ficou imóvel, inalou profundamente pelo nariz, exalou pela boca aberta. Só o seu hálito a tocava. Nenhum dos dois se mexia. Ele inclinou a cabeça e ela saiu da beira da mesa, dobrou ligeiramente a perna até quase tocar a língua dele e então, tocou. Beijou o rosto dele com a boceta, deslizou para a boca dele, movendo-se em sincronia com ele. Ele mexia o polegar dentro dela, para dentro e para fora, depois os dedos. Ela apertava com mais força o rosto dele, então pegou atrás e puxou o vestido por cima da cabeça, jogando-o na cama. Ele ficou de pé e beijou-a de novo, o cheiro dela no rosto dos dois. Ela estava nua, exceto pela calcinha branca. Ela começou a baixar o zíper da calça dele, pôs a mão dentro da cueca. Foram indo para a cama. Ele tirou a calça e a

cueca, e ela se curvou para tirar a calcinha. Quando ela o fez, ele viu, logo abaixo do osso do quadril, uma pequena tatuagem, que pensou, à primeira vista, ser um tubarão. Mas era um golfinho, claro, saltando azul por cima da linha serrilhada de uma onda do mar.

Estavam os dois nus agora, sentados na cama. Os pelos pubianos dela eram densos, muito escuros, aparados numa faixa estreita. Ela beijava a barriga dele e ele lambia a barriga dela, até o rosto dele estar entre as pernas dela e ela fechar a boca em torno do seu membro. Ele passou o braço esquerdo entre as pernas de Laura, usando-o para abri-las mais e enterrar o rosto nela. Viu, pela primeira vez, o cu dela. Ela o tomara mais fundo na boca, molhada como a boceta no rosto dele. Ficaram assim, movendo-se ritmadamente, até ela gozar, gozar no rosto dele, e sentir a boca cheia da porra dele.

Desembaraçaram pernas e braços, sentindo-se, ele desconfiava, um pouco constrangidos a respeito de como seus rostos tinham ido parar nos genitais um do outro. A intimidade não é coerente nem uniforme; tem suas próprias pausas e paradas. Ele também estava ligeiramente inquieto sobre a etiqueta do que tinha acabado de acontecer. Deveriam ter trepado? Laura, evidentemente, estava pensando a mesma coisa.

— Então, vai trepar comigo agora?

— Talvez não *já* — disse ele. Ela sorriu e os dois se beijaram.

— Seu rosto está com cheiro de xoxota.

— Seu rosto está com cheiro de porra.

— Não deveria ser: “Seu rosto está com cheiro de porra, *gostosona?*”

— Tem razão. Mas eu estou com aquela coisa toda da ternura pós-coito neste momento.

— Eu também. Adorei o jeito que você me chupou.

— Adorei o jeito que você me chupou. E adoro isto aqui — disse ele, tocando o aro do mamilo. Era sincero, claro, mas o que ele queria dizer era que havia tanta coisa para adorar.

Ficaram deitados lado a lado, alternando-se para beber, desajeitados, no gargalo de uma das garrafas grandes de água que ele tinha comprado antes.

— Sabe, não é incrível? — disse Jeff. — Você conhece uma mulher, conversa com ela, e ela deixa você fazer *essas coisas* com ela, coisas em que você está basicamente interessado desde os 13 anos. E ela não só *deixa* você fazer as coisas. Ela *quer* que você faça as coisas. E *ela* quer fazer coisas com você. É incrível.

— Por que está me dizendo isso? Justo para mim.

— Eu tinha de falar com *alguém*. E só tem você aqui.

Ela entregou a garrafa para Jeff e ficou de bruços. Ele viu de novo a tatuagem do golfinho que tinha visto antes. Acompanhou com as mãos os nódulos de sua coluna, descendo pelas costas bronzeadas.

— Quando você fez esse tubarão?

— É um golfinho, idiota!

— Eu falei, não sou uma pessoa visual.

— Faz cinco anos. Em São Francisco. Você gosta de golfinhos?

— De certa forma, tenho inveja deles. — Jeff pôs a água em cima do criado-mudo, tocou o golfinho, depois acariciou as pernas e a bunda dela. Deslizou os dedos entre suas pernas. Estava excitado de novo.

— Ainda estamos conversando sobre as coisas? — perguntou ela.

— Talvez.

— Então de que coisas nós vamos falar agora?

— Vamos falar da delícia que é ficar com meus dedos na sua xoxota.

— É gostoso mesmo — disse ela. — É, faça isso. — Suas pernas se abriram um pouco mais. Ele olhou o que sua mão fazia.

— Assim?

— Humm. Tem camisinha?

— Tenho. — Ela se virou e deitou-se de costas. Beijaram-se.

* * *

De manhã, tomaram café: suco de laranja (ótimo), café (perfeito), cornetti (toleráveis), no mesmo lugar onde ele tinha ido na véspera. Estavam sentados à sombra, em reluzentes cadeiras prateadas, de óculos escuros, olhando a rua arborizada que permitia entrever o canal Giudecca. Era isso: felicidade. A mesma felicidade experimentada muitas vezes antes e não só em Veneza: por pessoas em outras cidades, em outras manhãs assim. Olhar para as pernas dela, longas, bronzeadas, era sentir a sua maciez nas mãos, nos lábios.

— O que você estaria tomando de café da manhã se estivesse em casa? — perguntou Jeff.

— Um café da manhã inglês completo. Ovos. Bacon. Feijão. Chouriço black pudding.

— Sabe o que é isso?

— Não é merda frita em sangue de carneiro ou algo assim?

— O contrário.

— Na verdade, eu estaria tomando suco de laranja e café e comendo croissants.

— Dá para encontrar isso tudo em Los Angeles? Deve ser uma cidade e tanto.

— O suco seria descafeinado.

Jeff estava dando uma olhada no jornal, que confirmava aquilo de que eles — todo mundo — desconfiavam: hoje ia ser ainda mais quente que ontem.

— Tem um artigo aqui — disse ele, levantando os olhos. — Diz que os homens são biologicamente programados para ler o jornal no café da manhã. O que você acha? Será verdade?

Laura estava molhando o último pedaço de cornetto no café, enquanto arrumava o cabelo atrás da orelha com a outra mão. Ele dobrou o jornal: um gesto masculino, típico de café da manhã.

— Você está de bom humor — disse ela.

— Você tem uma chance para adivinhar por quê.

— Porque não está dormindo na frente da estação?

Passarinhos pousavam na mesa para bicar as migalhas. Laura afastou-os com as mãos. Eram um incômodo e talvez uma ameaça à saúde também. Ela revirou a bolsa, a mesma bolsa que tinha revirado na noite anterior, antes de irem para a cama juntos. Por fim, tirou um horário impresso muito rabiscado.

— Que dia é hoje?

— Sexta-feira.

— Droga.

— O quê?

— Tenho de almoçar com meu chefe. O que quer dizer que tenho de ir embora. Preciso passar no hotel e trocar de roupa.

— Trocar? Outro vestido ainda mais bonito?

— Talvez não. Infelizmente, este está manchado.

— Desculpe. Que grosseria a minha.

— Eu perdoo você. Além disso, preciso de calcinha. Olhe. — Ela indicou com a cabeça, baixou os olhos e abriu ligeiramente as pernas. Estava nua debaixo do vestido. — Mas não é terrível? Como uma pessoa culturalmente atenta, esse gesto foi meio estragado pela Sharon Stone.

— Só que eu ainda gosto do gesto — disse ele. — Mas que diferença fazem dez horas na vida. Noite passada você estava me acusando de espiar por baixo de seu vestido e agora me pede para fazer isso.

— É um privilégio, não um direito.

— Noite passada você me disse que era minha.

— Perguntei se você *gostaria* que eu fosse sua.

Acontece que enquanto estava tendo essa conversa, Jeff estava raspando o mel de seu cornetto.

— A maldita armadilha de mel — disse ele, levantando a colher.

— O que vai fazer com isso?

— Correndo o risco de parecer grosseiro, acho que eu deveria lambar. Mas detesto mel. Por isso raspei. — Pousou a colher lambuzada de mel no prato.

— E você? — perguntou Laura. — O que você tem de fazer?

— Não preciso trocar de roupa. Estou contente com o que estou vestindo, obrigado. — Mais um exemplo de timidez, de recato: no hotel, quando estavam se vestindo, ele optara, apesar do calor, por calça em vez de bermuda. — Tenho de ir ao Arsenale. Pode me encontrar lá mais tarde?

— Não sei bem a que horas vou conseguir chegar lá. Talvez às duas da tarde? Se não conseguir chegar a essa hora, eu telefono.

— Não tenho celular.

— Não tem celular?

— Não, mas posso ligar para você.

— Eu também não tenho.

— Ora, mas isso é que é coincidência.

— Você não precisa de celular no seu trabalho?

— Provavelmente. Você não precisa de celular no seu trabalho?

— Definitivamente.

— Nós devemos ser as duas últimas pessoas no mundo que não têm celular. Párias.

— Mas não tem problema. Se eu não estiver no Arsenale, no balcão de ingressos, às duas horas, é porque não vou. Nesse caso encontro você na Accademia, na ponte. Às quatro.

— Perfeito. Quer mais café?

Pediram mais dois cappuccinos, mais dois sucos, mais dois cornetti. Além dos pássaros, havia uma

vespa zunindo em torno da mesa, atraída como uma abelha pelo mel. Fiona Banner, a pintora, passou depressa. Com seu cabelo preto de azeviche e grandes óculos escuros, ela parecia disfarçada: dela mesma. Jeff acenou, mas ela não o viu.

Ele ficaria feliz de continuar sentado ali o resto do dia, o resto da vida. Laura disse que precisava ir. Ele pagou a conta e despediram-se com um beijo.

— Estou cansada — disse ela.

— Eu também.

— Queria que a gente pudesse tirar uma soneca.

— Bom, fique à vontade. — Ela passou os braços em torno do pescoço dele.

— Nos vemos mais tarde. Arsenale às duas...

— Ou Accademia às quatro.

Ele ficou olhando-a ir embora, o cabelo escuro como sombra ao sol, os pés pisando leve.

* * *

Aliviado por não ter de repetir a corrida da manhã anterior depois do café, Jeff resolveu ir andando até o Arsenale, através do Campo Santo Stefano e da Piazza San Marco. Dizer que ele tinha uma ginga no andar seria dizer pouco. Empinado, ele andou por Veneza como se fosse dono do lugar, como se a cidade tivesse sido criada unicamente para seu proveito. A vida! Tão cheia de inconveniência, de irritação, de incômodo e, mesmo assim, ao mesmo tempo, tão completamente fantástica. Que planeta absoluta e sensacionalmente brilhante este! Sacolejando a gordura, uma mulher de camiseta branca olhou para ele, estranhando. Ele devia estar fazendo aquilo de novo, balbuciando seus pensamentos. Mas que importava se eram pensamentos assim, pensamentos que efetivamente contribuía, à sua modesta maneira, para tornar o mundo o lugar excelente e feliz que era?

Ele levou um tempo para chegar à Piazza San Marco, tão adorável em fotografias ou ao amanhecer, tão congestionada de pombos no decorrer do dia. Estava especialmente cheia de gente no canto sudoeste. Principalmente em torno de *Jeff*. Alguém se chocou com ele, atingindo-o pela esquerda. Um rapaz — bonito, final da adolescência, possivelmente da Europa Oriental — estava falando com um sotaque tão forte que Jeff não conseguia entender o italiano dele. Usava óculos escuros. Chocou-se com Jeff outra vez, ainda falando. Mas o que ele estava falando? Não fazia sentido. Talvez nem fosse italiano. Jeff sentiu alguma coisa tocar seu quadril direito, no lado oposto ao do rapaz à esquerda, que ainda falava naquela língua confusa que podia ou não ser italiano. O quê...? Merda, ele estava sendo assaltado. Era isso que estava acontecendo. Ele gritou “*Ladro!*” Empurrou a multidão, abrindo algum espaço. Todos os olhos se voltaram para ele e depois para o sujeito que lhe falava e seu cúmplice, os dois se afastando depressa. Jeff examinou os bolsos. Dinheiro, passe do vaporetto, credencial de jornalista... Estava tudo onde devia estar. Os dois quase ladrões ainda estavam visíveis, conscientes dos olhares acusadores da multidão. Jeff sentiu-se exultante de repente. Tinham tentado roubá-lo e fracassado. Sentindo-se invencível, gritou, em inglês, na direção dos dois albaneses, ou sérvios, ou fossem o que fossem.

— E isso lá é ladrão? Não roubam nem o mijo da boceta da sua mãe. — Assim que essas palavras

sáiram de sua boca, ele de repente se sentiu vulnerável, temendo que um insulto tão grave tivesse de ser vingado imediatamente, que a honra deles exigiria que voltassem e esfaqueassem a pessoa que pronunciara aquilo. Felizmente, parece que o inglês deles não era suficiente para entenderem o que havia sido dito. Não foi o que ocorreu com o italiano mais velho ao lado de Jeff, evidentemente um conhecedor de invectivas, que lhe bateu no ombro e disse:

— *Bravissimo! Bravissimo!*

Parecendo confusos e temerosos, o medo de ser linchados maior que o de Jeff de ser esfaqueado, os dois bandidos se esgueiraram para ir embora, parecendo inofensivos, pobres, estrangeiros e desesperançosamente em minoria. Alguns africanos altos estavam por perto, vendendo bolsas Prada falsificadas. Pela indiferença do comportamento deles era impossível dizer de que lado estavam. Sentiam solidariedade por seus pobres irmãos escravos, sobre os quais a fúria da multidão podia facilmente se abater? Ou estavam gostando da oportunidade de afirmar, mesmo passivamente, sua relativa legalidade, para mostrar que, embora não fosse estritamente legal tentar vender bolsas de couro que ninguém queria, eles eram, em termos gerais, comerciantes honestos, que estavam começando na rua o que poderia se transformar numa legítima carreira de venda no varejo?

Jeff saiu na Riva degli Schiavoni — ou calçadão, como ele litoraneamente pensava naquilo. Ainda estava cheio — de turistas e de barracas lhes servindo —, mas depois de cem metros ficou agradavelmente sossegado. A vista do mar ou do canal, ele não tinha bem certeza em que ponto um virava o outro, estava obstruída por imensos iates: o *Ecstasea*, o *Neptune*, o *Sea Breeze*, um nome que alertava todo mundo para o fato de que não havia nenhuma brisa, que a cidade escaldante estava paralisada no calor sem vento.

* * *

Ao lado das bandeiras nacionais dos Giardini, o Arsenale era o outro componente-chave da Bienal: uma seleção da obra de artistas de todo o mundo, escolhida ou comissionada pelo diretor da Bienal e ligada — em princípio — por algum tipo de tema. O fato de esse tema não ser possível de discernir na junção aparentemente fortuita das obras em exposição não diminuía a experiência. Ou pelo menos a experiência de Jeff. Havia milhões de coisas para ver: pinturas, instalações, fotografias, vídeos, esculturas (mais ou menos), até mesmo, estranhamente, um ou outro desenho. Ele percorreu tudo, absorvendo tudo, mesmo que, boa parte do tempo, não absorvesse nada. Ficou cinco minutos assistindo a um vídeo-loop de um menino fazendo embaixadas com uma bola nas ruínas de uma cidade bombardeada (que descobriu ser Belgrado), antes de se dar conta de que não era uma bola que ele estava jogando: era uma cabeça humana.

Poucos minutos depois, pelo rabo dos olhos, percebeu algumas fotografias coloridas de carne nua bronzeada. Pornô! Essa era uma grande tendência no mundo das artes plásticas hoje em dia: nunca se estava muito longe de material Para Adultos, sexo explícito, hardcore, altamente proibido. Só que, ao se aproximar, viu que eram o oposto de pornografia. Eram fotos coloridas de uma mulher dando à luz. Sangue por todo lado, o cordão umbilical com jeito de intestino e, por fim, o bebezinho sujo de fluido, amarrotado feito um alienígena. Argh! Aquilo devia ser proibido. Era profundamente ofensivo.

Podia fazer você desistir de sexo pela vida inteira. E não apenas de sexo. Podia fazer você desistir da *vida* pelo resto da vida.

Nem é preciso dizer, essas imagens, assim como todas as outras fotografias expostas, eram do tamanho de *A jangada da Medusa*. O que importa que fossem apenas instantâneos de alguém se masturbando numa poltrona de couro num apartamento em Zurique? O que importa que fosse apenas um sanduíche pré-embalado de ovo e agrião semicomido largado no banco de um ponto de ônibus em Estocolmo? O que importa que fosse um retrato da avó de cara feia do artista empurrando um carrinho de compras em um supermercado mal abastecido em Barnsley? Faça enormes ampliações e ficam parecendo... Bem, ficam parecendo uma merda, francamente, mas parecem arte também.

Nos Giardini havia um fluxo constante de pessoas para cumprimentar e com quem trocar impressões: o que tinham visto de manhã, o que haviam aprontado na noite anterior. Jamais chegado a se expor, Jeff teria adorado mais do que tudo gabar-se e proclamar do alto dos telhados sua aventura da noite anterior, mas de alguma forma conseguiu se conter. Todos que encontrou estavam com uma ressaca maior do que no dia anterior, e alguns tinham conseguido camisetas grátis, além das sacolas e dos catálogos. Os mais resolutos já estavam até grudados às suas garrafas de Asahi, que eram distribuídas gratuitamente de barris cheios de gelo, estrategicamente localizados.

Esticado em almofadas e tapetes laranja e vermelhos debaixo de uma fulgurante selva de néon, Scott Thomson acenou para ele se aproximar. Como todo mundo estava respeitosamente contornando ou passando depressa pela instalação, Jeff esperava que ele fosse jogado na rua pela segurança, mas Scott gritou:

— Venha cá, cara, é permitido.

Jeff se aproximou e juntou-se a ele numa pilha de almofadas confortáveis, olhando aquele louco emaranhado de néons variados e pimentões, bananas de plástico e Deus sabe o que mais iluminados no alto.

— Isto é melhor, não é? É um *pouquinho* como o Burning Man — disse Scott.

— Eles têm esse tipo de coisa lá?

— Montes disso aqui. Porém mais louco. Provavelmente também teria algum tipo de performance.

Ou pelo menos um bando de gente preparando ou servindo coquetéis.

— Quem é o artista?

— Jason Rhoades. E todos esses letreiros...

— É, o que é isso? Cervejas mexicanas ou algo assim?

— Não, cara. Sinônimos de xoxota.

Jeff olhou de novo, tentou decifrar e isolar as letras vermelhas, azuis e roxas: *Casa ao pé da montanha*, *A tortilha*, *Hombre* (o que era essa?), *Picadeiro picante*, *Greta*, *Passarinha*, *Imunda machadada* (nossa, que babaca doente inventaria uma coisa dessas?), *Comida boa*, *Pantera Cor-de-Rosa*... Devia haver mais umas cem, mas ele entendeu o sentido geral.

— E como se chama a obra? — Scott deu de ombros, passou o guia para ele e apontou o título: *Tijuanatanjierchandelier*.

— Enche a boca.

— Pronto: você inventou outro sinônimo.

Pois o engraçado é que ontem à noite... Jeff não disse as palavras, mas seu rosto devia estar emitindo algum tipo de mensagem de alegre bem-estar.

— Conhece a expressão “sorriso babaca”? — disse Scott.

— Conheço.

— É exatamente como eu descreveria a sua cara agora. Não vejo você feliz assim há anos.

— Há anos eu não me sinto feliz assim — disse Jeff, gostando de Scott mais do que gostava havia anos. Gostaria de continuar a conversa, mas estava quase na hora de ver se a fonte de sua felicidade tinha aparecido para o primeiro de seus possíveis encontros. Levantou-se para ir embora e sorriu se despedindo de Scott. Agora que o gelo tinha sido quebrado, uma porção de gente estava sentada e conversando no meio da instalação.

Jeff esperou por Laura no balcão de ingressos até às 14h10, pensando que podiam relaxar juntos debaixo do antro de néon do *Tijuanatanjerchandelier*. Depois esperou mais dez minutos. Ela não vinha. Estava para mergulhar de novo no Arsenale quando, a alguma distância, viu um bando de africanos vendendo suas bolsas falsificadas no calor radiante. Até mesmo ali eles não paravam, anunciando seus produtos! Eram realmente irreprimíveis. E otimistas. Quais eram as chances de eles conseguirem *vender* bolsas quando as davam de graça por toda parte? Mas as pessoas estavam comprando, ou pelo menos demonstrando interesse, negociando preço, qualidade e a possibilidade de descontos para compras maiores. E um número surpreendente de pessoas estava filmando ou tirando fotografias daqueles africanos alegres e seus possíveis clientes. Foi isso que fez cair a ficha. Os africanos eram uma obra de arte, uma instalação de vida real, simulando o mundo exterior do mesmo jeito que as bolsas simulavam os originais de Prada ou Louis Vuitton, levantando assim questões de autenticidade, valor, mercantilização, exploração e provavelmente várias outras coisas que não vinham à mente de imediato. Pornografia que era um parto; bola de futebol que era uma cabeça; comércio que era arte; nada hoje em dia era realmente o que parecia ser. E embora pudesse parecer que Jeff estava absorto nos africanos com suas bolsas, isso era, em si, uma forma de dissimulação e disfarce que camuflava — para si mesmo tanto quanto para qualquer um que o observasse — o fato de que ele estava inventando um jeito de esperar por Laura um pouco mais. Por fim, porém, teve de aceitar que ela não vinha e, com um último olhar, voltou para dentro.

Logo viu uma coisa que tinha deixado passar da primeira vez: fotografias de celebridades acadêmicas e intelectuais dando palestras, conduzindo seminários e fazendo, no geral, a vida da mente parecer, se não glamorosa, por certo lucrativa. Havia Linda Nochlin ponderando sobre “A glória e a miséria da pornografia” em um colóquio em Paris; havia Eric Hobsbawm explicando como a história significa nunca ter de pedir perdão; e havia Edward Said — tão bonito com suas abotoaduras e seu garbo que parecia que Richard Gere já havia assinado o contrato para fazer seu papel na cinebiografia — conduzindo um grupo de estudantes em adoração pelo campo minado do orientalismo, da última moda e de por que o Acordo de Oslo era uma grande babaquice.

Em circunstâncias normais ele não teria paciência de sentar para assistir aos vídeos, mas hoje, cansado, ficou contente de se jogar em salas escuras e deixar que seguissem seu curso, embora muitos deles, claro, não tivessem curso a seguir. Um mostrava uma mulher, filmada por trás, ligeiramente de

cima, silhuetada contra um rio. Ela não se mexia, mas seu casaco e seu cabelo moviam-se na brisa. Na frente dela um borrão de água cinzenta mexia-se devagar da esquerda para a direita, enchendo toda a tela. De vez em quando, algum lixo passava: garrafas, pedaços de galhos, sacos plásticos. Em determinado momento um grande bloco passou boiando. Era impossível dizer o que era, mas parecia algum tipo de animal, um cachorro ou gato, talvez. O rio continuava correndo, enevoado, juncado de lixo, sem fim. Sombras de pássaros passavam como setas sobre a água. Atman ficou olhando um longo tempo, continuou olhando mesmo depois que a fita voltou ao começo, devolvendo o rio ao ponto onde havia começado.

Outro vídeo mostrava um boxeador de cabeça raspada lutando com a sombra, abaixando-se e mergulhando, dirigindo os socos a uma mulher sentada absolutamente imóvel. Ele nunca encostava de fato nela, mas seus punhos chegavam a centímetros do rosto impassível. Ela não se movia nunca, mas, assim como a mulher da lavanderia, uns fios de cabelo se mexiam no deslocamento de ar dos golpes do homem. A certa altura, quando ele só não a acertava por milímetros, as narinas dela se abriam ligeiramente. Ele oscilava e se deslocava, protegendo-se a todos os momentos, lançando jabs, fazendo aquele som de boxe resfolegado pelo nariz, procurando aberturas e depois lançando-se numa brutal combinação de golpes, uma enxurrada de direitas e esquerdas, uppercuts e ganchos, ataques ao corpo, ao rosto, à cabeça. E o tempo todo ela ficava ali impassível, incólume e linda.

* * *

Do vaporetto ele viu Laura no meio da ponte da Accademia, conversando com um homem que ele não reconheceu. Quando desceu do barco, o sujeito que tinha visto falando com ela havia desaparecido. Ele foi até ela e ficou no lugar onde estivera seu acompanhante. Ela levantou um pouco o para-sol. Uma parte maior de seu rosto surgiu ao sol. Estava com o cabelo preso, o que fazia seu pescoço parecer mais longo, as maçãs do rosto mais pronunciadas. Ela levantou o para-sol ainda mais. Seus olhos ficaram iluminados pelo sol.

— Venha para a minha sombra — disse ela. Ele se aproximou, e ela baixou de novo o para-sol, de forma que seus rostos ficassem na sombra. Ele beijou sua boca. Ela cheirava ligeiramente, e tinha gosto, de cereja.

— Gostoso aqui — disse ele. Era como estar numa cápsula, ligeiramente isolada do mundo.

— É. O *eat* está mais *otter* que nunca. Mas é um pouquinho mais fresco aqui embaixo.

De sua bolsa Freitag ela tirou outra bolsa, plástica, de cerejas.

— Coma uma. — Ergueu a cereja pelo talo até a boca dele. Ele fechou os lábios em torno dela como Tess no filme de Polanski. Ela puxou o talo. Depois comeu uma, de forma que ficou segurando dois talos enquanto eles mastigavam. Ele estava com a mão em seu quadril, perto da tatuagem. Por baixo do vestido, dava para sentir de leve a borda de tecido da calcinha. Ela o virou para o canal. Olharam juntos para o terraço da Guggenheim, os palazzos anônimos, as gôndolas vazias, os postes de atracação como postes de barbearia.

— Você foi ao Arsenale? — perguntou ele.

— Meu almoço ficou para as duas horas da tarde, então fui direto para lá depois que troquei de

roupa. Tinha certeza de que ia encontrar você. Então, à uma e meia, tive de sair.

Compararam as coisas que tinham visto. Devia ter havido muitos momentos em que quase se encontraram: ela passou dez minutos no néon vaginal de *Tijuanatanjierchandelier*, vira os vídeos do boxeador lutando com sua sombra e do rio... Era uma pena, mas não tinha importância, porque estavam ali agora.

— E agora? — perguntou Laura. — Você precisa fazer alguma coisa?

— Nada.

— Então, vamos passear? — Sem esperar a resposta, ela começou a andar. Ele acertou o passo com o dela.

Atravessaram o Campo Santo Stefano e entraram numa rede mais fechada de ruas comerciais que estavam lotadas demais para se andar de mãos dadas. Uma pequena loja especializada em luvas as exibia de tal forma que pareciam estar rezando para ser compradas. Atravessaram uma ponte sobre um pequeno canal, no qual havia um congestionamento de gôndolas. Uma delas tinha um único ocupante, sentado em seu banco, que parecia um trono, como se fosse Gengis Khan, concluindo tardiamente como era fútil a vida dedicada à conquista. Os passageiros dos outros barcos exibiam uma versão diluída da mesma expressão, de relutante admissão de que, ao concordar em andar de gôndola, tinham sido vítimas do golpe mais antigo do mundo.

Chegaram a uma loja que vendia cálices, vasos e abajures feitos de vidro, todos decorados com manchas, espirais e riscos de cores vivas: os vidros mais belos do mundo, sem dúvida, e provavelmente os mais caros também. Um cálice pequeno, que mal comportava um suco de laranja pequeno, custava oitenta euros. Houve um momento de incredulidade horrorizada e depois, quase imediatamente, a ideia de um copo custar oitenta euros começou a ser assimilada. Dostoiévski devia ter esses cálices, esses preços, em mente quando definiu o homem como uma criatura que se acostumava às coisas.

— Parece demais por um cálice — disse Jeff —, mas acho que essa semana tem muita gente em Veneza que pode pagar por isso.

— Não é uma questão de poder pagar — disse Laura. — A questão é conseguir não ficar com medo de quebrar os copos. Além disso, o que significa poder pagar por alguma coisa? É um jeito de externar e avaliar quanto você deseja alguma coisa.

Ficaram olhando para aqueles cálices supérfluos, muito desejáveis.

— Sabe — disse ela —, vou comprar um para você.

— Não!

— Vou. E não só isso. Você vai comprar um para mim.

— Vou? Ai!

— Vai. Mas a condição é a gente não se preocupar com a possibilidade de eles quebrarem. Evidentemente vamos embrulhá-los em papel no avião e não vamos usá-los para pôr escovas de dentes, mas vamos usá-los sempre que quisermos. E sabe como isso vai fazer nós nos sentirmos?

— Fico tentado a dizer pobres, mas acho que a resposta correta é ricos. Mas o principal é que fico aliviado por você não querer roubar os cálices.

Ela o levou para dentro da loja, que era maravilhosa, mas só de estar ali dentro ele se sentia inadequado como um touro. Um gesto descuidado podia sair extremamente caro. Com medo de que

um olhar mais admirado pudesse provocar rachaduras, Jeff tentou olhar para eles com *delicadeza*.

Os cálices eram todos diferentes, mas a beleza deles era tão uniforme que escolher era uma coisa arbitrária. Para Laura ele selecionou um com uma espiral em vermelho e branco, como se uma colherada de framboesa tivesse ficado presa dentro do vidro. Para ele, ela optou por um azul-claro com pequenas bolhas alaranjadas. Pagaram. O vendedor embrulhou os cálices em papel de seda rosa, entregou-os como se tivessem sido recolhidos naquele instante da tumba de Tutancâmon e pudessem se estilhaçar em contato com o ar grosseiro do não além.

Fora da loja, Jeff notou que estavam ao lado da Prada. Durante um momento, ele se preocupou com o precedente aberto de terem comprado um para o outro um copo incrivelmente caro, o que agora poderia empurrar as coisas ainda mais adiante, para roupas ainda mais caras.

— Então — disse Laura —, vamos embora; vamos usar nossos cálices novos. — O instinto de Jeff foi guinchar: “Para onde?”, mas em vez disso ele fez um esforço para dizer “claro” e, mais uma vez, acertar o passo com o dela.

— Podemos pôr esses copos na máquina de lavar louça? — perguntou ele enquanto andavam.

— Claro. Eles não têm nenhum privilégio especial. São apenas cálices, não altares a serem adorados.

— Acho que há um outro problema — disse ele. — Será que todos os outros copos vão parecer inferiores a estes? Será que ao beber numa *flûte* de champanhe normal vai parecer que a gente está bebendo, não sei, num copo de geleia, sei lá?

— Se todo mundo pensasse assim — disse ela —, nós não teríamos evoluído nem ao ponto de beber em copos de geleia.

Continuaram caminhando por uma parte da cidade em que as lojas vendiam coisas normais, a preços normais.

— Sabe onde nós estamos? — perguntou Laura.

— Não exatamente.

— Sabe para onde estamos indo?

— Não. Mas claro que estou interessado em descobrir.

Cinco minutos depois, ele descobriu. No fim de uma alameda havia um pequeno hotel de nome grandioso, Excelsior. Laura pegou a chave com uma mulher na recepção que a cumprimentou com um grande sorriso e não se interessou nem um pouco por seu novo amigo. No minúsculo elevador, apertado até para dois, Laura apontou para um papel, coberto de plástico e bem pregado com fita adesiva debaixo do certificado de manutenção, e disse:

— Veja esta obra de arte conceitual.

“POR FAVOR, NÃO ARRANHE A COBERTURA DE PLÁSTICO.
GOSTAMOS DE PRESERVAR A NATUREZA,
MAS SE VOCÊ RASPAR O PLÁSTICO, PRECISAREMOS SUBSTITUÍ-LO.”

— Você tem razão — disse Jeff. — Isso devia estar no Arsenale.

O quarto dela era pequeno, dominado por uma cama de casal branca que era impossível ignorar, da

qual era impossível escapar. Ela lavou os cálices novos, amassou o papel de seda rosa e jogou no cesto.

— Você gostaria de começar bebendo o quê? Tem toda a seleção habitual do frigobar, além do suco de romã e da água com gás que comprei para o calor.

— Isso seria ótimo. — Era um alívio, à tarde, estar livre da obrigação de consumir álcool.

— Se quebrarmos esses cálices agora, nós podemos pensar: “Nossa, que suco de romã caro.” Assim alivia a pressão. Tim-tim.

Tocaram os copos cuidadosamente, beijaram-se. Deliciados, evidentemente, por se verem dentro de recipientes tão luxuosos, o suco de romã e a água gaseificada chiaram, entusiasticamente.

— Você está com gosto de romã.

— Você também. — Ela mordeu o lábio inferior dele. Sua boca se abriu. Estavam se beijando de novo. Ele jamais gostara tanto de beijar alguém. Então (impossível dizer quem provocara aquilo) eles fizeram uma manobra de modo que ele estava beijando as coxas dela enquanto ela lambia sua barriga. Ele ergueu os quadris de modo que ela pudesse puxar suas calças para baixo. Ela tirou o pau dele da cueca e começou a lamber ao longo. Ele puxou a calcinha dela (branca de novo) do quadril e tirou-a. Não tinha certeza do que fazer com o vestido, enrolado na cintura. Ela se sentou e tirou-o. O cheiro dela e o desejo dele por ela estavam mais fortes que na noite anterior. Ele aspirou aquele cheiro e apertou o rosto entre suas pernas. Ela se pôs em cima dele. Caíram gotas dela dentro da boca dele. Ela se sentou, torceu os mamilos dele, esfregou-se no rosto dele. O rosto de Jeff brilhava com o cheiro dela. Ele estendeu a mão de forma que pudesse puxar de leve o aro do mamilo dela. Ela se desvencilhou, deitou de costas na cama, as pernas levantadas.

— Agora me coma — disse ela. Ele procurou as camisinhas no bolso da calça. — Não precisa de caminha. Estou com um diafragma. Não estava com ele ontem à noite. — Ele se pôs em cima dela. Seu pau deslizou para dentro da boceta dela, a língua dentro de sua boca.

Começou a se movimentar dentro dela. Era diferente de tudo o que ele havia experimentado antes. Ela se abriu para ele em um nível não físico que aumentava a intensidade da sensação física dos corpos se movimentando juntos. Ele tinha consciência de estar dentro dela, mas era como uma experiência *fora do corpo*. A palavra que lhe vinha insistentemente à cabeça depois, quando estavam deitados um nos braços do outro, era tão impossível de usar como um dia haviam sido “boceta”, “pau” ou “comer”: comunhão. Ela estava lambendo os dedos, umedecendo-os com saliva de sua boca e da dele, arqueando as costas, projetando os lábios para ele.

— Vou gozar — disse ela. O dedo úmido penetrou nele, e um momento depois ele também acompanhou e gozou dentro dela.

Ficaram imóveis.

— Bom — disse ele. — Isso foi muito agradável.

— Não foi? — murmurou ela. Quando o pau dele saiu de dentro dela, os dois deitaram de lado, nos braços um do outro. Ele sentiu-se deslizar para o sono.

Acordou dez minutos depois, o braço dormente debaixo do pescoço dela. Ela estava despertando também. Quando se desvencilhou dela, o braço dele formigava, voltando à vida.

— Você é a pessoa mais magra com quem eu já fui para a cama — disse ela. — É como fazer amor com uma tábua de passar roupa.

— Deve haver alguma cultura no mundo, talvez uma ex-república soviética, um lugar muito pobre que sofre uma carência de bens de consumo, em que esse é o maior elogio que uma mulher pode fazer a um homem. Seja onde for, eu vou encontrar esse lugar, de preferência com um visto de residência permanente.

— É de lá que eu sou — disse ela. Beijaram-se. Ele continuou deitado na cama enquanto ela tomava uma ducha. Ele olhou enquanto ela entrava no banheiro: quadris estreitos, magros, costas compridas. Ouviu a descarga da privada e o barulho da ducha. Ela saiu do banheiro com uma toalha branca enrolada no corpo e ele tomou seu lugar na ducha fumegante. Quando saiu, Laura tinha colocado o mesmo vestido branco que usara aquela tarde. Ele a ajudou com o zíper e o colchete no alto.

Saíram do hotel e foram a uma trattoria quase vazia que, dentro de poucas horas, estaria lotada, caótica. Nenhum dos dois quis vinho, apenas água com gás. Jeff pediu risoto; Laura, uma costeleta de vitela.

— Escolha estranha e talvez discutível — disse ele —, embora eu entenda que depois de se empanturrar na Guggenheim, ontem à noite, você não consiga mais ver risoto.

— Na verdade — disse Laura —, tenho de lhe contar uma coisa sobre a noite passada.

Ele sentiu o estômago revirar.

— O quê?

— Eu menti sobre o risoto. Não tinha nada.

— Não!

— Ouvi você e seu amigo conversando sobre isso.

— Ora, eu devia...

— Engraçado, ninguém mais diz: “Ora, eu devia.” A gente devia começar uma campanha para trazer essa expressão de volta ao uso.

— Tem razão. Devia.

— Devia.

Enquanto Jeff atacava seu risoto de ervilha e cogumelo, ainda mais saboroso após a confissão de Laura, ela falou sobre a exposição que gostaria de organizar um dia. Depois de ver a cara de decepção de tantos frequentadores de galeria, ela queria pegar o touro pelos chifres com uma exposição chamada “É isso aí?” com obras de alguns dos artistas mais consistentemente decepcionantes da atualidade. Logo estavam trocando títulos para uma série de exposições correlatas:

— Isto, Aquilo e “O Outro”.

— Um Pouco de Nada.

— Quase Nada.

— Seleção Diet.

— Culminando com um simpósio de curadores e críticos — disse Laura. — Algo na linha de “Agora Sai Dessa”.

Era divertido conversar assim, mas Jeff tinha a sensação insistente de que ambos estavam evitando o que mais queriam falar: de como iam passar juntos o resto da vida. Pediram mais uma garrafa de água mineral. Ele ficou observando-a comer um gelato de morango de sobremesa. Ambos pediram um café

expresso.

* * *

Depois do jantar — e como era bom comer cedo, como aposentados — passearam por Veneza no quente entardecer, de mãos dadas. Ele tinha lido em algum lugar — era outra daquelas coisas que praticamente todo visitante escritor notava — que Veneza era uma cidade narcisista, sempre se olhando no espelho. O que ele via refletido em toda parte era o bem-estar dele, de ambos. A cidade irradiava felicidade refletida.

Ambos tinham sido convidados para a festa australiana, no Giudecca. Passaram rapidamente pelo hotel de Jeff para ele trocar de roupa, depois foram pegar o vaporetto em Zattere. A noite estava caindo. Na igreja atrás deles, os sinos começaram a tocar, uns sobre os outros, transformando-se numa torrente de som. A larga faixa de água que os separava do Giudecca brilhava escura com o excesso de luz absorvido durante o dia. Depois se apagou, ficou mais escura, tão escura como o céu, azul-marinho, depois azul-atlântico. O vaporetto apareceu pipocando, as primeiras estrelas surgiram.

Desceram em Palanca e caminharam para oeste por uns duzentos metros. A festa estava lotada quando chegaram. Ou pelo menos o terraço estava lotado. Como acontecera nas duas noites anteriores, o calor expulsara todo mundo para o lado de fora. A cada poucos segundos, havia o espocar de uma nova garrafa de prosecco sendo aberta; preparavam-se bellinis em vastas quantidades. Era, em outras palavras, exatamente como qualquer outra festa da Bienal, só que Jeff tinha vindo àquela com Laura, estava chegando com a mulher que encontrara na primeira festa da primeira noite e com quem fora para a cama depois da festa da segunda noite. Ele pegou dois drinques de uma bandeja, passou um para Laura, que imediatamente recebeu cumprimentos de um amigo. Jeff, por sua vez, encontrou não um amigo, mas Graham Hart, o crítico de arte do *Observer*. Ou ele estava ali havia algum tempo, ou não tinha esperado chegar ali para mergulhar no caldeirão de bellini. Não era só difícil de entender o que ele dizia; era difícil saber onde cada palavra terminava e a outra começava. O que saía de sua boca era uma torrente ondulada do que obviamente era uma língua, mas sem nenhuma capacidade de transmitir informação. E não era a única coisa que lhe saía da boca. Ele soltava perdigotos ao falar, e uma gota de saliva aterrissou no lábio inferior de Jeff. Ele a sentia ali, molhada e estranha, mas por educação controlou-se para não enxugá-la. Fazer isso teria sido admitir o que ambos preferiam ignorar: que Graham tinha cuspidado nele. Graham suava profusamente, mais do que todos os outros convidados, que também suavam profusamente. Ele enxugou a testa com um lenço antiquado.

Pouco a pouco, Jeff aclimatou-se ao que Graham estava falando, ou seja, à prodigiosa quantidade que havia bebido ao longo do dia, mas sua capacidade de entender serviu apenas para invocar a ausência de qualquer vontade de escutar. Felizmente, Graham estava tão passado que não se importou, talvez não tenha nem notado quando Jeff se afastou. Uma das razões para se afastar foi porque se afligiu com a possibilidade de Graham ser um espelho profético. Será que *ele* ficava assim quando bêbado? Será que Graham era uma premonição de como ele estaria dentro de duas horas e uma dúzia de bellinis mais? Como seria o mundo para o ex-bebedor, o abstêmio, permanentemente

sóbrio, alcoólatra em recuperação, cercado por todos os lados por bêbados e bebedores? Era uma perspectiva horrível, suficiente para levar Jeff de volta ao bar. No caminho, topou com a veemente Monika Weber, que apresentava um programa cultural na televisão alemã. Ela perguntou se ele iria à exposição sob a curadoria de Jean-Paul no dia seguinte. Jeff havia se esquecido completamente dessa exposição, mas disse que iria, sim.

— Eu vou por uma razão — disse ela. — Quero ir só para dizer a ele quanto eu o odeio. — Era um plano excelente, com o qual Jeff concordou imediatamente. Ele adoraria dizer a Jean-Paul quanto o detestava, mesmo que não o detestasse realmente e mal se lembrasse quem era ele. Não havia oportunidade de esclarecer as coisas. Tendo visto outras pessoas que conheciam, tanto ele como Monika continuaram em suas respectivas direções. De alguma forma, a Bienal era como *A dance to the music of time*⁹ condensado em quatro dias: as mesmas pessoas se reunindo, esperada ou inesperadamente, em geral parecendo um tanto acabada.

Jeff pegou um drinque e retirou-se do bar, empurrando e sendo empurrado ao fazê-lo. O terraço tinha passado de lotado a muito lotado, impossível de se mexer, difícil de beber sem derrubar bellini no vizinho. E a área externa à festa, com mais e mais gente bradando para entrar, estava quase tão cheia quanto o interior. Jeff felicitava-se por isso, por ser um dos que estava *na* festa e não dos que tentavam entrar, quando alguém tocou seu ombro: Laura, não parecendo nada acabada.

— Adivinhe o que acabaram de me dar? — perguntou ela.

— Um bellini?

Ela sacudiu a cabeça e sussurrou no ouvido dele.

— Um grama de cocaína.

— Não!

— Sim.

— Como foi isso?

— Encontrei um amigo. Ele tinha esquecido o meu aniversário e quis me presentear.

— Ótimo amigo.

— Vamos cheirar um pouco?

— Sem dúvida alguma.

— Então venha.

Abriram caminho na multidão até os banheiros. Surpreendentemente, não havia fila e ninguém os viu entrar. Ele trancou a porta e enrolou uma nota de dez euros enquanto Laura batia com um cartão Visa duas carreiras caprichadas. Ela cheirou uma e ele, a outra, logo em seguida.

— Muito boa — disse ele, dobrando a nota. — Obrigado.

— Na verdade, eu preciso fazer xixi.

Sem saber se ela estava pedindo para ele sair ou simplesmente informando, Jeff disse:

— Deixe eu ver.

Ela levantou o vestido, baixou a calcinha até os joelhos. Sem se preocupar com ele ali, começou a mijar imediatamente. Jeff estendeu a mão entre suas pernas e sentiu a urina quente escorrer em sua pele. Mais tarde, de volta ao hotel, ele esteve a ponto de pedir para ela mijar no rosto dele, mas, mesmo durante a onda do pó, achou que isso talvez estivesse fora do âmbito dos entusiasmos sexuais

dela. Pensando bem, não tinha certeza nem se estava no âmbito dos seus. Lavou a mão na torneira. Saíram juntos do toalete, fungando, acesos, sem serem notados.

Ele já estava de bom humor antes; agora, com o gosto químico da coca escorrendo pela garganta, estava *realmente* de bom humor. Infelizmente essa onda de bem-estar coincidiu com o encontro com Charles Hass, cujo braço estava na tipóia. Jeff ia apresentá-lo a Laura, mas ela já estava conversando animadamente com Yvonne, a amiga que a acompanhava na noite em que se conheceram. Então Jeff teve de ficar com ele.

— Então, Charles — disse —, o que aconteceu com você? Em resumo. — Infelizmente, tinha acontecido tanta coisa com ele que era incompatível com um resumo. O braço quebrado era a última prestação de uma onda de azar que vinha desde a última vez que eles haviam se visto (quando? um ano atrás?). Primeiro, a mulher o havia deixado. Seis meses depois, sua mãe morreu e então, um mês depois do enterro, ele estava de bicicleta quando foi atropelado por um táxi e quebrou o braço. Daí a tipóia. Como ele estava lidando com uma série tão infeliz de acontecimentos? Seguindo em frente, era de se supor. Na verdade, dava menos trabalho seguir em frente, colocar um pé na frente do outro, do que ficar na cama e parar. Ele seguia em frente. O lavrador ara o seu caminho cansativo para casa mesmo depois de um acidente horrível, mesmo depois que o arado passa em cima de seu braço e o decepa na altura do cotovelo. Com o braço bom você pega o braço decepado e vai para casa o mais depressa possível, sem se deter por causa da dor, da dificuldade e da cansativa fisioterapia pela frente. E é uma maravilha se você consegue ter a sorte de costurarem o braço de volta no lugar. Você continua arando. O que mais pode fazer? A única alternativa é não arar. Mas você tanto pode continuar arando como sentar e não arar mais. À medida que Charles contava a Jeff mais sobre essa terrível onda de azar, ele se viu tomado e cada vez mais incomodado, perturbado, pela possibilidade de alguma coisa assim acontecer com ele, nos calcanhares da incrível onda de sorte que estava vivendo naquele momento. Tinha consciência de uma onda de autopiedade vindo em sua direção, a ponto de cair sobre sua cabeça.

— Nada de ruim nunca vai acontecer comigo, vai, Charles? — perguntou.

— Não, tenho certeza que não.

— Tem certeza?

— Bom, nunca se pode...

— Prometa. Prometa que nada de ruim vai me acontecer. Eu preciso dessa tranquilidade.

— Prometo.

— Fale como se acreditasse de verdade — disse ele. — Jure pela alma de sua mãe.

Charles olhou severamente para ele. Jeff sabia que tinha ido longe demais, mas o único jeito de escapar daquela situação era ir ainda mais longe. Ele agarrou o braço bom de Charles. Implorou a ele, olhando em seus olhos. Mas agora o medo de que alguma coisa ruim acontecesse tinha se agarrado a Jeff como ele havia agarrado o braço de Charles, de tal forma que era como se ele estivesse agarrado a si mesmo. Não sabia mais se estava brincando. Tudo começara como uma piada — ou algumas coisas pelo menos —, mas nem tudo acabava como piada. Algumas coisas começavam como piadas, mas acabavam não sendo nada engraçadas. Ele podia ter dado um soco na cara de Charles, principalmente agora que não estava mais segurando seu braço bom. Em vez disso, tentou dominar a si mesmo, mas

não adiantou: a ideia de dar um soco na cara de Charles tinha assumido o nível geral de uma ameaça, de uma premonição de que em algum momento nos próximos dias alguém ia bater nele por algo que tinha feito ou deixado de fazer, algo que devia ter feito e deixara de fazer.

— O problema — disse ele — é que não tenho condições de lidar com nada ruim que aconteça. Eu já estou por um triz.

— Vamos mudar de assunto — disse Charles.

— Ótima ideia — disse Jeff. Um garçom apareceu, trazendo uma bandeja com uma única *flûte* cheia de champanhe. Jeff agarrou-a (mesmo que estivesse olhando, Charles, com o braço na tipoia, não tinha a menor chance) e tomou um gole imenso.

— Então, como vai você? — disse Jeff, repentinamente de bom humor outra vez, a tal ponto que riu alto dessa piadinha. — Viu, aprendi com seu exemplo. Cá estava eu, seriamente deprimido há poucos momentos, mas tive a tenacidade de aguentar. Estou contente de ter conseguido. Consegui ultrapassar e agora estou me divertindo outra vez aqui nesta festa, batendo papo com um amigo cujo copo, pelo que vejo, está tragicamente vazio. — Mesmo assim, Jeff bateu no copo dele com o seu pela metade. Que montanha-russa era a vida. Ele realmente estava se sentindo ótimo. Ao contrário de Charles, visivelmente mal-humorado.

— O que é isso? — disse Jeff. — Eu sei que fiquei meio para baixo agora há pouco, mas já estou bem, juro. E eu sei que, em termos práticos, eu devia ter oferecido esse champanhe a você, mas, bom, era uma bola dividida, e naquela hora achei que eu precisava da bebida mais que qualquer um nesta cidade inteira.

Charles virou-lhe as costas. Puxa, seu senso de humor tinha sofrido uma verdadeira pane. Não que importasse, porque ali estava Valerie Sacks, animada de verdade, numa conversa mole com o homem ao seu lado — Pavel Qualquercoisa. Apertaram-se as mãos, mas Jeff não pegou o resto do nome dele.

— Ele é polonês — disse ela. — Conde.

— Mas aqui entre nós — disse Graham Hart, pastoso —, de onde foi que ele surgiu? Acho que o “o” desse *count* é mudo.¹⁰

O conde Pavel Qualquercoisa parecia não ter captado essa observação maliciosa, mas Jeff queria muito se livrar desse pequeno grupo. Principalmente quando viu Laura vindo em sua direção. Meu Deus, ela estava radiante de linda, trincada de cocaína e, 15 minutos atrás, ele estava com a mão entre as pernas dela enquanto ela mijava. E agora ela veio e pôs o braço em torno da cintura dele. A vida era boa demais para ser verdade! Sua vida inteira validada pelos últimos dois dias em Veneza. Ele nunca cometera nenhum erro na vida porque tudo, até mesmo os erros, o tinha levado a estar ali agora. Isso era a vida. Você não pode escolher só os bons momentos. Tem de dizer sim para o pacote fechado, todos os *ups* e *downs*, mas os *ups*, lá no alto, eram assim, você aceitava de boa vontade os *downs* porque, em comparação, não eram nada, tão irrelevantes que nem dava para se lembrar deles.

Enquanto Jeff dava um show de insensibilidade em relação ao pobre Charles, Laura fora convidada para uma festa num iate. O iate estava atracado ali perto, a uns duzentos metros apenas, no Giudecca. Um bando de gente ia. A festa estava sendo oferecida por James Hofman, um alemão, e as festas dele, ao que parecia, eram sempre excelentes. Depois da dimensão e do barulho da festa em que estavam, a ideia de ir a uma festa menor, *uma festa num iate*, era imensamente atraente. Principalmente quando,

no curso da meia hora seguinte, a bebida mostrava sinais de estar acabando. Jeff não queria realmente mais nada para beber, mas saber que a bebida estava acabando tinha o efeito de drenar todo o entusiasmo da festa. O lugar começou a esvaziar e depois, quando ficou evidente que estava esvaziando, esvaziou ainda mais depressa. Era hora de ir.

À maneira típica de Veneza, o iate estava bem mais longe do que deveria estar. Andaram tanto, além da parada Zitelle do vaporetto, que chegaram a pensar que tinham se perdido, mas lá estava ele afinal, atracado perto do Cipriani.

Foram para a prancha de embarque, saudados por um membro da tripulação com roupa de marinheiro toda branca.

— Permissão para subir a bordo, meu senhor? — perguntou Laura, fazendo uma saudação por via das dúvidas. Ela avaliara a entrada deles com perfeição. A festa não era apenas *num* barco, mas tinha um tema náutico também. Ao subir a bordo, os convidados eram solicitados a tirar os sapatos, mas em compensação ganhavam quepes brancos de oficial.

— Fica bem em você — disse Jeff a Laura.

— Em você também, capitão — disse ela.

O anfitrião, *Herr* Hofman, em posição de sentido, deu as boas-vindas a bordo. Com sua barba e seu sotaque alemão, ele parecia o comandante de um submarino alemão. Era fácil imaginá-lo, o olho pregado ao periscópio, disparando torpedos num comboio comercial e nada escrupuloso quanto ao recolhimento de sobreviventes. Não que houvesse qualquer coisa de acanhado ou untuoso no barco. Era exatamente o que se podia desejar de um barco: Roman Abramovich abaixo do custo, mas ainda soberbamente caro. Dava para imaginar — alguma coisa naquele barco levava Jeff a pensar em termos de cenário de filme — que se estava no Caribe ou no Mediterrâneo com um bando de gângsteres gordos e prostitutas de biquíni, champanhe Cristal sendo servida e, depois de um almoço preparado com alguma espécie de peixe em perigo de extinção recém-pescado, quantidades ilimitadas de cocaína da melhor qualidade. Muito melhor essa noite, porém, em que todo mundo a bordo fazia parte da comunidade artística internacional, artistas, conhecedores e apreciadores das coisas boas da vida — o que significava, basicamente, que todo mundo queria beber champanhe e cheirar coca. Era um alívio ver-se livre do prato de peixe. Um alívio, também, estar a poucos metros da terra firme, de modo que se pudesse saltar do barco na hora que se quisesse. James era um homem muito encantador na medida em que sua conversa consistia, quase inteiramente, em dizer a Laura e Jeff do prazer que era recebê-los a bordo. Não pôde conversar muito com eles, porém: havia outros convidados a quem tinha de dar as boas-vindas a bordo, outras pessoas que tinham lhe dado a honra de vir à sua festinha.

Vestido de maneira cafona com o uniforme branco de um marujo, um garçom bronzeado ofereceu champanhe a Jeff e Laura. *Flûtes* nas mãos, eles desceram do convés, se esse era o termo, para o salão. Mesmo nesse barco relativamente espaçoso, Jeff tinha de se abaixar para passar pelas portas. Poucas pessoas estavam dançando ao ritmo calmo da música.

O efeito colateral agradável de usar drogas é que assim que usa alguma, você acessa, como por mágica, o *cenário* das drogas. Sai procurando cogumelos mágicos, passa uma hora curvado num campo, come os poucos que acaba encontrando e por fim, claro, eles estão por toda parte, pedindo para ser colhidos. Foi a mesma coisa ali. Ainda animados com a carreira que tinham cheirado na festa

anterior, Jeff e Laura estavam conversando de novo com seu anfitrião no salão quando ele perguntou, baixo, se gostariam de ir com ele ao quarto para cheirar “um pouco de cocaína”. Já havia quatro ou cinco pessoas lá dentro, estendidas na cama branca ou em cadeiras, conversando, bebendo, com seus quepes navais. James os pôs para dentro e fechou a porta cuidadosamente ao passar. Ao pé da cama, havia um espelho com uma pequena quantidade de pó esticado em três carreiras, duas das quais estavam de bom tamanho para Laura e Jeff. Educadamente, eles deixaram a maior para James, mas a quantidade era insuficiente para um homem de considerável apetite. Depressa ele suplementou aquilo com uma carreira mais larga e mais comprida. Assim que cheirou, James repetiu que era um grande prazer tê-los a bordo, mas se lhe davam licença achava que tinha de atender seus outros convidados. Levantou-se e saiu do quarto, fechando a porta cuidadosamente ao passar. Uau, Jeff estava pensando consigo mesmo, aquilo não era só cena das drogas, era o *iate* das drogas. Faço parte de uma cena do iate das drogas! E que maravilha fazer parte daquela cena. Tão maravilhoso que ele não tinha certeza se queria ficar ali no quarto, ir dançar no salão ou subir ao convés para desfrutar o calor da noite marítima. Laura foi mais decidida. Tocou a mão dele e sugeriu que voltassem à festa. Ele se despediu das outras pessoas que estavam no quarto com um sorriso e saiu, fechando a porta ao passar, como James tinha feito.

Subiram para o convés. A San Marco cintilava além da água escura. O barco oscilava ligeiramente. James aproximou-se deles sorrindo, o braço nos ombros de um homem que usava camisa de caubói branca (com detalhes pretos) e jeans escuros, figurino que parecia totalmente deslocado naquele contexto náutico. James devia estar trincado de cocaína, mas o único efeito aparente era deixá-lo ainda mais formal e correto em sua postura.

— Permitam que lhes apresente o sr. Troy Montana. — Jeff chegou a supor que James fosse bater os calcanhares ao fazer essa apresentação, mas, ao que parece, ele foi impedido por estar usando *dock sides*. Não que houvesse nada de super-rigoroso nele. Não, ele parecia absolutamente “à vontade”. Só que esse à vontade se manifestava num tipo de cortesia que raramente se encontrava hoje em dia, sobretudo entre as pessoas sob o efeito da coca. Seria esse o ápice da sofisticação europeia? Ou, talvez, e podia ser a mesma coisa, ele fosse uma daquelas pessoas (Jeff as havia encontrado ocasionalmente antes) que cheiravam cocaína para *relaxar*. O sr. Troy Montana, cuja roupa combinava com o nome, se não com o ambiente, estava com uma garrafa de champanhe na mão. Ele encheu a taça de Jeff, que tinha se esvaziado com inexplicável rapidez. Percebendo a oportunidade para uma frase de efeito atrasada, Jeff perguntou:

— Então, Troy, você foi convidado ou simplesmente entrou furtivamente com seu cavalo de madeira?

Assim que disse isso, Jeff achou que podia ter soado grosseiro e não como uma frase de efeito. Difícil dizer. Tudo estava perdendo um pouco os contornos. Tinha de tomar cuidado para o centro não ficar fora de foco também. Troy não riu, mas também não se ofendeu. Talvez nem tivesse ouvido. Fungando como estava, era evidente que havia usufruído a hospitalidade de James e não estava a fim de escutar. Ele era um curador. No fim de semana seguinte, ia para a Documenta e, no outro, para a Art Basel. Ou vice-versa. Ali onde Jeff estava, num iate, em Veneza, isso parecia uma perspectiva fantástica: mais dois fins de semana exatamente como aquele em meio ao qual se achava. Sim, por

favor. Teve de pedir a Troy que o relembresse o nome de sua galeria, que esqueceu no momento em que foi lembrado. Jeff corria o risco de esquecer tudo no momento em que era dito, até mesmo enquanto a pessoa estava dizendo. Não que isso fosse importante. Troy estava propondo que fossem ver o que estava acontecendo lá embaixo.

A música do sistema de som estava mais pesada, mais dançante, do que antes. Laura disse que queria um copo d'água. Quando estava indo para a cozinha, James chamou os dois para o quarto outra vez. Era a mesma cena de antes, com luzes mais fracas. Quando James começou a bater mais carreiras, Laura disse que eles podiam cheirar um pouco da sua, mas ele descartou a sugestão.

— Não — disse ele, assim que cheirou uma carreira. — O prazer é meu. Por favor. — Ele realmente era uma referência, James, dos efeitos de civilidade da cocaína. Laura cheirou, e Jeff em seguida, motivados por uma fome que já tinha sido inteiramente saciada. James apresentou-os a algumas outras pessoas no quarto, inclusive a um casal sentado numa cadeira que, até aquele momento, estava se beijando apaixonadamente. Eles não pareceram se importar com a interrupção. Jeff saudou os dois e apertou as mãos de uma ou duas pessoas mais na vizinhança imediata. Inconscientemente, estava imitando o estilo de extrema formalidade de James. Na verdade, isso facilitava a conversa, deixando-o livre para se concentrar no quanto estava *incrivelmente louco*. Só que, no momento em que fez isso, sentiu uma grande necessidade de começar a comentar como *estava incrivelmente louco*, saltitando como Diego Maradona em sua pompa napolitana. Seu coração batia loucamente, suas pernas estavam trêmulas, mas na presença de James sentia a compulsão de se comportar como se tivesse gozado os benefícios de mais uma sessão de cura em um spa exclusivo na costa norte-americana do Pacífico. Do outro lado da porta, a música era audível como uma pancada surda e não invasiva. Havia sons de riso por toda parte, conversas em várias línguas. Ele abriu espaço para Laura na cama. Ela havia empurrado o quepe para trás na cabeça. O casal que estava se beijando antes começou a se beijar novamente. Bateram à porta, e uma moça de nacionalidade incerta entrou e enroscou-se junto a James. O clima estava a meio caminho entre a sensação relaxada e sonolenta, que se tem com um bando de estranhos que tomaram ecstasy num espaço de *chill-out* incomumente bem estofado, e a fisicalidade mais descarada dos primeiros estágios do que podia se transformar em uma orgia. De um jeito ou de outro, Jeff estava ligado demais para descobrir o que ia acontecer em seguida. Ele e Laura saíram do quarto. Havia umas seis pessoas dançando, inclusive o caubói Troy. A música estava mais alta que antes. Os olhos de Laura estavam brilhando. Seus pés nus moviam-se leves sobre o tapete oriental colorido que demarcava a pista de dança. Chegou mais gente, e logo estava acontecendo uma gostosa festa-baile.

Dançar liberou Jeff do estado de distração em série ao qual ele tendia com a cocaína, mas, por fim, depois de mais um champanhe e várias conversas (das quais não conseguia lembrar nem uma única palavra), ele estava de novo no convés cheio de gente, bebendo e falando. Apoiou-se no parapeito e olhou para o horizonte debruado de luzes como se estivesse de vigia na ponte de um destróier. Uma mulher de vestido verde cintilante estava parada ao seu lado. Eles sorriram, mas não falaram. A água negra batia com estrelas claras refletidas. Uma lancha veloz passou, fazendo o iate subir e oscilar em sua esteira. A noite estava densa de calor. Ao contrário da maconha, a cocaína não enfatizava — nem se prestava a — o lirismo do momento. Porém, ele pensava insistentemente consigo mesmo: se isto

não é a ideia que eu faço de divertimento, então sei o que é. Estou me divertindo loucamente, disse para si mesmo. Estou me divertindo como nunca na porra da minha vida! As últimas seis horas, ou fossem lá quantas fossem, tinham sido uma versão concentrada de tudo o que ele sempre quisera na vida. O que mais podia querer? O problema dessa vida é que você simplesmente não sabe o que vai aparecer, o que vai vir para o seu lado. Nossa, tinha chegado à filosofia de vida Tom Hanks, parte *Forrest Gump*, parte *Náufrago*. Era excitante, a cocaína, mas não rendia muita coisa em termos de pensamentos profundos, pensou. O negócio com Tom Hanks era que todos os seus filmes, não todos, mas os mais essenciais, eram sobre ele querendo voltar para casa. *O resgate do soldado Ryan*, *Náufrago* e, esse era o que elevava a questão ao nível de verdade universal, *Apollo 13*. E era esse o problema desses filmes, porque a vida, na melhor das hipóteses, era sobre não querer nunca voltar para casa, mesmo que isso significasse ficar rodando no espaço sideral. Portanto, talvez fosse hora de ir embora, de voltar para o hotel. Mas ele ainda não queria ir embora. Ainda estava se divertindo, ainda estava se divertindo mais que nunca na vida — ou pelo menos achava que sim. Talvez quisesse, sim, ir embora. Talvez, mesmo se divertindo, ou pensando que estava se divertindo, estivesse pronto para outro tipo de diversão. Sentindo-se ainda ligado, tinha consciência de que não estava tão ligado quanto um pouco antes, quando sentira que estava mais ligado do que queria, uma sensação que ele lamentava um pouco que tivesse passado. Reconheceu esses sintomas pós-eufóricos da cocaína, cada impulso se transformando instantaneamente em seu oposto. O negócio era não pensar em nada, não cair naquela divagação ligada que fazia você se sentir como um cachorro mordendo o rabo. Como as pessoas se viciavam em cocaína? Ele não tinha certeza nem se *gostava* daquilo, embora não gostar não quisesse dizer necessariamente que não quisesse mais. Repassou essa frase na cabeça, desmanchando os nós. Levantou a *flûte* de champanhe e olhou San Marco através dela, borbulhando esverdeada como uma cidade submarina. Tomou um gole grande e virou-se. Apoiou-se no parapeito, empurrou o quepe para trás da cabeça como um bêbado inveterado num conto de Hemingway. James, ele viu, tinha saído do quarto, estava sendo amável com seus convidados outra vez. Laura também, conversando com um sujeito mais ou menos da idade dele, usando um paletó de linho claro. Ela o viu e foi até ele.

— Vou lhe dizer uma coisa sobre o linho — disse ela. — Depois de uma certa idade, faz um homem parecer dez anos mais moço. Até essa idade, faz com que pareça dez anos mais velho. — Era uma questão excelente, mas Jeff travou uma pequena batalha mental com a complexidade matemática do assunto. Fez um inventário mental de seu guarda-roupa, aliviado ao descobrir que, pelo que se lembrava, não tinha nenhuma peça de linho. Essa pequena avaliação deve ter levado mais tempo do que ele se deu conta. Laura estava dizendo: — Acho que é hora de ir embora.

— Que horas são? Ah, você também não tem relógio

— Três horas — disse ela. — Acabei de perguntar.

— Três! Como ficou tão tarde? Vamos embora.

— Você quer ir?

— Não sei. Você quer?

— Eu gostaria de ficar e ir.

Resolveram ir, mesmo não sabendo se queriam ir. Encontraram James, que lhes agradeceu por comparecerem à sua festa de pouca bebida. Laura devolveu o quepe, mas James disse que deviam levá-

los como lembrança. Então desceram pela prancha de desembarque e caminharam pelo cais como dois marujos amigos em licença, à cata de brigas, putas, tatuagens.

Jeff estava com o braço no ombro de Laura. Não havia lua visível. Talvez fosse a época errada do mês. Sua ausência agora o fez pensar em sua não aparição mais cedo, na Bienal.

— Sabe o que faltava no Arsenale hoje? — perguntou.

— O quê?

— Fotos da lua, do espaço. É disso que eu mais gosto. Das fotos do arquivo da NASA. O programa Apollo. Atividade extraveicular. Passeio espacial. O módulo lunar. O nascer da Terra. O azul da Terra contra o negro infinito do espaço.

Era uma opinião válida mesmo que esvaziasse a conversa.

Não tinham pensado em como voltariam para casa, para o continente — se é que se chamava assim. Na parada Zitelle consultaram o horário e, depois de muita deliberação e concentração, concluíram que o vaporetto devia passar dentro de vinte minutos. O que queria dizer que, como estava tão gostoso caminhar, podiam continuar até o Redentore, a próxima parada. Foram indo, abraçados, os quadris às vezes se chocando. A água escura lambia o cais. Um satélite passou no alto, prateado, veloz.

Havia uma multidão esperando no Redentore quando chegaram, seguidos, minutos depois, pelo vaporetto.

Sentaram-se do lado fora, na parte da frente do vaporetto. Mais uma noite clara, calma. A laguna estava lisa, tranquila, escura. O ar, quando o barco partiu, quente no rosto deles. Era como estar numa espaçonave aberta, avançando em meio a um mar de estrelas que passavam em sua trilha.

* * *

De manhã, voltaram ao lugar onde tinham tomado café no dia anterior, onde Jeff fizera o desjejum em sua primeira manhã na cidade.

— Não consigo evitar — disse ele quando se aproximaram. — Eu sou programado para voltar sempre ao mesmo lugar. Na verdade, de preferência para a mesma mesa, a qual, vejo agora, está livre!

Sentaram-se. O sol rebrilhava nas cadeiras prateadas e nos talheres. Jeff tinha passado dez minutos no banheiro, se lavando, escavando e assoando o nariz para conseguir que funcionasse de novo. E estava com dor de cabeça. Se não estivesse tão feliz, estaria irritável por causa do cansaço e da ressaca combinados. (O tipo de sono que se tinha depois da coca — se você tinha a sorte de conseguir dormir — era desprovido do componente de descanso; era como se o cérebro continuasse se remexendo, embora aparentemente estivesse adormecido.) Laura parecia bem, nem mesmo especialmente cansada — ou, pelo menos, mal parecia. Com um amável gesto conjugal, ela passou o jornal para ele dar uma olhada, mas as letras estavam muito pretas e o papel, muito branco.

— Então, que tal o capitão James? — perguntou ele. — A uns seis meses da desintoxicação?

— Talvez — disse Laura. — O que quer dizer que são os melhores seis meses para ser amigo dele.

— Pediram mais água, mais café, outros sucos de laranja. O melhor de tudo foi que Laura tirou aspirinas de sua fiel bolsa.

Depois do café da manhã, atravessaram para a Accademia e foram a pé até o hotel de Laura para ela poder mudar de roupa. Ele usou o banheiro, depois ficou deitado na cama, olhando-a tirar a roupa e se vestir, começando a se sentir melhor. Ela pôs um vestido azul-marinho de frente única, que deixava suas longas costas quase nuas.

— Pronto?

— É uma expressão um tanto forte, mas em algum nível acho que a resposta é sim. — Ele saiu da cama, calçou as sandálias e acompanhou-a porta afora.

Havia uma porção de coisas relativas à Bienal espalhadas pela cidade que nenhum dos dois tinha visto ainda. Felizmente, a que eles mais queriam ver, *Red Shift*, de James Turrell, também era a mais próxima, no Rialto. Fazia parte de uma exposição maior, mas eles passaram direto pelo restante e juntaram-se à fila para a sala escura.

De início, parecia apenas um retângulo luminoso, pintado de vermelho, contra um fundo neutro. Depois, quando se sentaram e olharam, mudou, mas com tamanha sutileza que era impossível dizer como ou quando havia mudado. O vermelho se transformou num tom ligeiramente diferente, um pouco mais escuro, ou mais brilhante, ou alguma coisa. A forma continuou a mesma, mas, com a alteração da cor, as bordas da moldura ficaram menos rígidas. Havia uma pulsação no vermelho cambiante. A superfície do quadro era completamente lisa e infinitamente profunda. Sentaram-se sem falar. O tempo dissolveu-se, registrado apenas em termos de luz e cor, mudando para roxo, para um roxo mais profundo, um roxo que era quase azul e depois *era* azul... Estavam talvez a três metros da luz, mas não havia distância. A cor, a luz os tocava. O ciclo estava começando de novo. Levantaram-se e se aproximaram da superfície lisa do vermelho, mas não havia nada ali. Era impossível sentir as costas ou o lado da fonte de luz. Suas mãos se estenderam, suspensas no vermelho cambiante que não era mais tão vermelho. Era uma ilusão, mas por ser uma ilusão não queria dizer que fosse menos real que qualquer outra coisa, que as coisas que não eram ilusórias.

Estavam desorientados quando saíram. O quadrado vermelho de luz ainda pulsava na cabeça de Atman quando ele embarcou no vaporetto no Rialto. O fato de não saber para onde estavam indo transformou o vaporetto de ônibus em navio de cruzeiro. Nenhum dos dois disse nada a respeito de Turrell.

Pela primeira vez desde que Jeff chegara a Veneza, vieram inspetores e conferiram os bilhetes de todo mundo. Estar de posse de passes devidamente válidos, por três dias, de repente pareceu um feito significativo, algo de que se orgulhar.

— Podemos passar o dia inteiro no vaporetto se a gente quiser — disse Jeff, presunçoso.

— É — disse Laura. — Só que se fizermos isso, vamos ficar: a) pirados com a porra do tédio e b) completamente enjoados.

Deslizaram por baixo da ponte da Accademia, passaram pelo Gritti, pela Guggenheim Collection e por San Marco. Por fim, percorreram a frente dos Giardini e saíram para a laguna, que podia até ser o mar propriamente dito. Céu e mar se abriram. Gaivotas giravam no alto. O barco conseguia seguir mais ou menos em frente contra a corrente. Partes de uma onda — correnteza de um outro barco indo na direção oposta — conseguiram lavar o convés durante uns momentos. Havia várias boias ou marcadores indicando canais. Alguém tinha mergulhado de um deles: seus pés podiam ser vistos

enquanto mergulhava no mar. Em outro marcador, uma brilhante mão vermelha emergia do mar: obras de arte, claro, esculturas em tamanho natural.

De quando em quando Laura consultava o mapa. Por fim ela disse que deviam descer na próxima parada.

— O que tem lá?

— San Michele — disse ela. — Um cemitério. — Ele o viu então: igual a *A ilha dos mortos*, de Böcklin, mas simétrico e arrumado, nada agourento.

Depois de tanto tempo no barco, a terra oscilava como o mar. Laura abriu seu para-sol cor de limão. Com o sol tão brilhante, ele fulgurava como se iluminado. Todas as mulheres, claro, queriam ter um para-sol, e todos os homens deviam querer estar com uma mulher que tivesse um. Passaram pelo portão, entraram pelas paredes curvas da ilha. Adiante, viram-se no espaço aberto do cemitério. Estava lotado de túmulos, abarrotado de flores.

— Diaghilev está enterrado aqui. E Stravinsky — disse Laura.

A primeira placa que viram, porém, foi para Ezra Pound. Dentro da flecha branca que indicava a direção de seu túmulo, alguém tinha escrito, com caneta preta: “J. Brodsky”. Rigorosamente falando, era um grafite, mas muito civilizado. Oficialmente você era dirigido para Pound, mas alguém tinha se encarregado de atualizar o cânon com um pouco de ação de guerrilha. Pound agora levava, inexoravelmente, a Brodsky. Jeff nunca tinha lido Brodsky, mas sabia que ele era importante, que havia um número cada vez maior de pessoas para quem ele, Brodsky, era uma atração maior que Pound. Então apareceu outra placa indicando o túmulo de Pound. Mais uma vez, a mesma pessoa tinha escrito “J. Brodsky” com caneta em cima da flecha.

Foi a sepultura de Pound que viram primeiro, um túmulo com o nome dele numa lápide em caracteres romanos: EZRA POVND. Poucas flores. É sempre bom ver o túmulo de uma celebridade, mesmo que seja alguém por quem você não tem um interesse especial, mas hoje em dia era difícil imaginar alguém, além dos acadêmicos, se animar com Pound. Ou talvez ele tivesse entendido errado, talvez ainda existissem meninos em seus quartos, entusiasmados com a promessa de modernismo, decididos a tornar tudo novo, fosse “tudo” o que fosse.

Brodsky estava perto, a um passo: uma lápide com o nome dele em russo e em inglês e as datas: 1940-1996. Não era exatamente uma confusão, mas havia um toque de Jim Morrison e Père-Lachaise na cena. Havia dois castiçais vazios, nos quais se viam vestígios de cera de vela, e alguns cartões-postais com mensagens. Laura pegou um deles. Mostrava o Grand Canal, mas não dava para ler o que estava escrito no verso, borrado demais pela chuva e desbotado pelo sol. Um post-it amarelo tinha sido quase completamente apagado pela ação do tempo. Era impossível adivinhar a língua dos vestígios de palavras, muito menos o que diziam. Junto à lápide havia uma tigelinha de plástico azul com muitas esferográficas e lápis. A maior parte das canetas estava coberta de lama; com um trato, uma ou duas ainda seriam utilizáveis — não para escrever um poema, mas o suficiente para anotar um número de telefone.

Laura revirou a bolsa e acrescentou à tigela uma caneta brilhante, nova. Agora alguém poderia escrever alguma coisa mais longa. Ela chegou a colocar ali algumas páginas de seu caderno. O futuro era uma página em branco, pronto para quem fosse procurar Brodsky e quisesse dizer alguma coisa.

— Na Índia, sempre tem uns meninos correndo atrás de você — disse Laura. — Tudo o que querem e que sabem dizer é: “Caneta escola?” Só dizem isso; como uma pergunta: “Caneta escola?” É uma gracinha. Adorável se você tem uma caneta para dar. Se não tem, você se sente mesquinho como Scrooge.

Continuaram andando. Fazia calor debaixo do para-sol, mas era mais fresco que não ficar embaixo dele. Diaghilev e Stravinsky estavam lado a lado. No túmulo de Diaghilev, uma prática semelhante a um tributo estava em curso. No túmulo do poeta, deixavam canetas; ali, deixavam sapatilhas de balé. Havia três ao todo, três metades de três pares, duas esquerdas e uma direita. Muitas mensagens também. O túmulo de Stravinsky estava nu. Ninguém deixara um violino, um piano, nada.

Esperaram o vaporetto no cais. Quando chegou, apertaram-se na parte de trás do barco, olhando a ilha dos mortos afastar-se deles. Depois de alguns minutos, não havia mais nada para ver além de uma fina linha de terra cercada pelo mar e o céu em brasa.

* * *

Desembarcaram no Giudecca, bem a tempo para o almoço, minutos antes de o restaurante parar de servir. Um garçom levou-os a uma mesa protegida por um guarda-sol, junto à linha d’água: cenário perfeito para uma comida de inacreditável mediocridade. A salada era um montinho de alface passada, metades brilhantes de tomate e cenoura ralada. O penne com molho de tomate era o tipo de coisa que se prepara em dez minutos, um pouquinho melhor que aquela coisa da Heinz que Jeff comia quando criança. Difícil imaginar refeição mais básica.

Uma barcaça passou, levando betoneiras de cimento e um grande guindaste. Seguida, quando estavam pagando a conta, de uma balsa do tamanho de um prédio de apartamentos populares recém-terminado, grande a ponto de cobrir completamente a vista de Veneza. Barco de alto-mar, era inteiramente desproporcional a tudo em torno. Simplesmente não dava para ser maior. A bordo havia carros, vans, caminhões. Gente também, uma cidade inteira flutuante. As letras na lateral, MINOAN LINES, eram tão grandes que dava para ver do espaço.

A onda provocada pela passagem dessa balsa monstruosa varreu o cais enquanto eles caminhavam de mãos dadas, passando por homens que pescavam ali perto. Nada na postura deles sugeria que tivessem a menor esperança de pescar qualquer coisa. De alguma forma vagamente oriental, Jeff se perguntou se alguém só se tornava um pescador de verdade quando a ideia de pegar um peixe se tornava inteiramente irrelevante. Ou esse era o momento em que você reencarnava como bacalhau ou, se tivesse sorte, como um golfinho, de preferência aquele na bunda de Laura? A água, quando eles passaram, era puro resplendor. Quem disse que nem tudo que reluz é ouro tinha razão, pois a água, dourada de sol, reluzia tanto que se podia pensar que não fazia nada além de reluzir, mas fazia, claro; ondulava e balouçava, ações que produziam o resplendor. Enquanto esperavam um vaporetto para atravessar para a terra, Jeff lembrou que estava com sua câmera.

— Posso tirar uma foto sua? — perguntou.

— Claro.

— Esqueci que estava com a câmera. Devia ter tirado uma foto sua no túmulo de Brodsky.

Laura estava parada junto à água, sem usar o para-sol.

— Faça... ah, não sei... algum gesto.

— Que tal assim?

— Só ficar parada aí não constitui um gesto. — Ou talvez sim.

— E assim? — Ela não mexeu um músculo.

— Perfeito. — Ele apertou o botão, tirou a foto. Ela estava ali parada, com o vestido azul, diante da água azul. Ele segurou a câmera para ela poder ver a imagem digital de si mesma. Ela olhou depressa, sem interesse.

— Não gosta de ser fotografada?

— Eu tinha um namorado que estava sempre me filmando e fotografando — disse ela. — Era muito chato.

À menção desse namorado, Jeff sentiu uma pontada de ciúme. Mesmo assim, gostaria de dar uma espiada nas fotos tiradas por esse namorado fotógrafo. Ao ver um homem passar com uma câmera cara pendurada no pescoço (lente grande e uma larga faixa amarela para pendurar com a palavra CANON escrita em letras claras), Jeff pediu que ele tirasse uma foto dos dois com sua câmera mais modesta. Eles tiraram os óculos escuros e ficaram abraçados, sorrindo, enquanto o fotógrafo compunha a foto com mais cuidado que o necessário. Pássaros deslizavam perto. O diafragma chiou. Jeff agradeceu ao fotógrafo e pegou de volta sua câmera. Era uma fotografia comum, um instantâneo de um casal em Veneza, água e céu ao fundo, segurando seus óculos escuros, sorrindo: prova, quando não de mais nada, de que eles eram assim, de que tinham estado ali juntos.

* * *

De volta ao continente, Laura disse que deviam tomar um drinque no Gritti. Quando estavam a caminho, Jeff tomou consciência de uma coisa que havia lhe escapado antes: a onipresença de Vivaldi. Estavam tocando *As quatro estações* em uma igreja. Um músico de rua estava tocando *As quatro estações*. Era impossível andar mais que algumas centenas de metros sem ouvir uma das *Quatro estações*.

— Vivaldi é *de* Veneza ou o quê? — perguntou ele.

— Se não é, estão querendo que seja.

— Faz a gente detestar Vivaldi, não é?

— Faz a gente detestar Veneza.

No Gritti, acabara de vagar uma mesa, e eles assumiram seu lugar no terraço. A vista era magnífica, principalmente dos vários barcos que passavam, cheios de gente tirando fotografias dos raros privilegiados, homens mascando charutos, mulheres engalanadas de Prada, que podiam beber no terraço do Gritti. Também havia algumas pessoas mais jovens, de aparência menos abastada, que ali estavam para um único drinque extremamente caro e todos os aperitivos que pudessem devorar. Jeff pensou em tomar um Campari com soda, depois, como sempre, mudou para cerveja. Os drinques vieram com pratinhos de azeitonas verdes, avelãs, uns salgadinhos de queijo e três canapés exóticos: sashimi com mirtilo, tomate com mussarela (não tão exótico) e pepino com caviar, todos em cima de

pequenos discos de pão tão fino como hóstias. A cada poucos minutos, um táxi parava no píer e pessoas desciam, majestosamente, no terraço, antes de desaparecerem lá dentro. Era a sofisticação dos testados e aprovados, da velha *scuola*. A conversa, nesses casos, era invariavelmente uma sequência agradável de murmúrios e assentimentos. Assim como é preciso levantar a voz para se fazer ouvir acima da música alta, aqui era preciso baixar ao nível do jazz que tocava muito suavemente no “sistema de som” do hotel, tão baixo como um inseto perto do ouvido. Mesmo assim, era agradável estar ali, olhando do terraço para a Guggenheim, onde, duas noites antes, eles estavam entornando bellinis, olhando para o terraço do Gritti. Depois de tanta festa, era quase uma novidade estar sentado em um bar onde tinham de pagar as bebidas, principalmente quando podiam pedir o reembolso das despesas de viagem.

— Não olhe agora — disse Laura, fazendo uma pausa de efeito. — Mas Jay Jopling e Damien Hirst acabam de chegar. — Jeff manteve a descrição alguns minutos, antes de se virar para ver esse par todopoderoso descer no terraço e entrar. Menos grandiloquente, um homem vinha pelo canal em um *sandolo*, de pé e remando ao mesmo tempo. Jeff sabia que era um *sandolo* porque Jan Morris, em seu livro, fornecera uma proveitosa lista dos diferentes tipos de embarcação que singravam as águas de Veneza. Laura disse que era o tipo de coisa que se esperava ver no Ganges, impressão que ficava ainda mais forte por causa da cabeça raspada, da pele bronzeada e da roupa solta, toda branca, do remador. Ele avançava devagar e sempre, indiferente às embarcações maiores que passavam por ele em ambas as direções. Mesmo assim, a falta de um lugar para se sentar parecia um descuido absurdo. Era difícil ver como a instalação de um banco pudesse fazer algo além de melhorar seu trabalho.

Esperando avistar de novo Hirst e Jopling (que não estavam em parte alguma), eles pagaram, saíram e foram andando na direção do hotel de Jeff. A caminho, compraram uma penca de bananas e comeram duas cada um, sentados num muro baixo ao lado de um canal desconhecido. As bananas estavam frescas por dentro, apesar do calor incrível.

— Você parece um macaco — disse Laura, observando-o comer.

* * *

No hotel, Laura escovou os dentes com a escova descartável que tinha usado antes, na primeira noite que haviam passado juntos. Jeff deitou-se na cama. A luz vermelha de mensagem estava piscando no telefone.

— Sabe — disse Laura, saindo do banheiro —, ainda temos a coca que o Martin me deu. Vamos cheirar um pouco?

— Claro, vamos.

Mais uma vez ela revirou a bolsa Freitag e bateu duas carreiras em cima da cômoda. Jeff podia ver o rosto dela no espelho sobre a cômoda e, não refletidos, a sua nuca, o cabelo, as costas, a bunda, as pernas. Ela girou o corpo e fez um gesto para ele se servir. Ele cheirou uma das carreiras finas e sentou-se na cama outra vez, olhando quando ela se inclinou, o bastante para o tecido do vestido esticar-se sobre a bunda.

— O que está olhando? — perguntou ela, endireitando o corpo.

— Em uma palavra, você. Em duas... — ele hesitou.

— O quê?

— Sua bunda.

Ela se inclinou e cheirou. Ele levantou os olhos e encontrou o olhar dela no espelho. A combinação de coca e conversa estava fazendo seu coração bater forte. Um espectro pairava na borda bisotada do espelho.

— E o que você estava pensando enquanto olhava? — perguntou ela. Era o espelho que permitia que tivessem essa conversa. Não eram eles conversando, eram seus dois reflexos, levando uma vida própria, autônoma.

— Eu estava pensando que gostaria de ir até você, pôr minhas mãos de cada lado da barra do seu vestido. — Ele se levantou, foi até ela, pôs as mãos de cada lado do vestido. Apertou o pau no corpo dela. Ela pressionou de volta, ligeiramente. — E então eu tiraria seu vestido, devagar. Muito devagar. — Centímetro a centímetro um pouco mais de sua carne bronzeada ia se revelando. — Até ver um pouco da sua calcinha.

Quando o vestido subiu acima dos quadris, ele viu o algodão azul da calcinha. Ficaram parados exatamente como estavam, em silêncio, sem se mexer. Ele deu uma olhada e viu que ela estava olhando para os olhos dele, que imediatamente focalizaram de novo o pequeno triângulo azul-escuro que desaparecia entre suas nádegas. Ele se curvou ligeiramente para poder acariciar a parte de trás de uma das pernas.

— Então — disse ele, acariciando o interior das coxas dela, primeiro com uma das mãos, depois com a outra, chegando perto, mas sem chegar a tocar no tecido azul entre as pernas —, então eu ajoelharia no meio das suas pernas para meu rosto ficar na altura da sua bunda. — Jeff ajoelhou-se, o rosto a centímetros dela. Tocou e sentiu a calcinha úmida. Enganchou o dedo e puxou-a de lado. Ela se inclinou mais para a frente. Ele separou ligeiramente suas nádegas com ambas as mãos. Ao ver o cu dela, nítido, quase sem pelos, ficou com o pau ainda mais duro. Lambeu seu cu diversas vezes, depois afastou as nádegas e empurrou a língua para dentro; sentiu pulsar. Ela pressionou seu corpo contra o dele. Ele segurou seus quadris, empurrando o rosto para dentro dela, a língua para dentro dela. Seu cu não tinha gosto nenhum. Ela baixou a mão e começou a tocar a boceta. Ele baixou o zíper da calça e ouviu ela dizer:

— Me coma assim.

Ela saiu de dentro do vestido. Ele ficou de pé, viu o rosto e os seios dela no espelho outra vez. Seu pau deslizou para dentro dela. Quando ela se inclinou mais, ele não conseguia mais ver o reflexo do rosto dela, apenas o cabelo caindo, as costas longas. Ela separou mais os pés, pôs a mão entre as pernas outra vez. Ele esfregou um dedo em torno do cu úmido dela. Ela voltou a pressionar seu corpo contra o dele, com mais força. Ele enfiou o dedo dentro dela, o cu pulsando forte quando ela gozou, quando ele gozou.

Os dois ficaram parados um momento. Ele abriu os olhos. O rosto tornou-se de novo visível no espelho, dizendo:

— Vamos deitar.

Caíram na cama, acalmados pelo sexo, animados pela coca. Era difícil saber o que fazer agora. Em

circunstâncias normais, podiam ter cochilado, mas isso estava fora de cogitação, então só ficaram ali. Laura se levantou, disse que ia tomar um banho, o que pareceu uma grande ideia. Enquanto a banheira enchia, ela abriu o frigobar.

— Tem uma garrafa de vinho branco pequena aqui — disse ela. — Vamos tomar? — Aquilo também pareceu uma ótima ideia. Ela abriu a garrafa e serviu dois copos. Ainda estava nua. Os olhos dele passeavam pelo corpo dela.

— Pena não estarmos com nossos copos especiais — disse ele, mas brindaram com aqueles que tinham.

— Eu sei. É como beber num copo de geleia — disse Laura, indo para o banheiro.

Jeff saiu da cama, tomado por uma urgência de adiantar seu artigo sobre a Bienal. Esse impulso evaporou assim que se sentou à mesa e abriu o laptop. Sua cabeça estava cheia de sentimentos excitados, mas o cérebro, completamente vazio, alheio aos pensamentos que passavam por ele, exceto um: a bunda de Laura. O que havia em torno do cu das mulheres? De onde vinha aquele desejo irresistível de enfiar os dedos, o pau, a língua dentro dele? Merda era uma coisa horrível, nojenta, mas cus de mulheres... Talvez devesse escrever um artigo assinado de quinhentas palavras sobre o tema: que a única coisa na vida de que o homem contemporâneo gosta mais que comer xoxota é lamber um cu. Sentiu-se como um imperador romano na era do serviço de quarto. Queria bater no peito ao estilo de Tarzan, mas naquele momento não havia nada a fazer a não ser ligar a TV. Essa era a única liberdade, a suprema indulgência do quarto de hotel: não as oportunidades de sexo na tarde, de cheirar pó e lamber um cu, mas a liberdade de ligar a televisão a qualquer momento do dia, assistir a qualquer coisa (basicamente nada) sem vergonha nem culpa. Se ele passasse mais tempo em quartos de hotel, nunca mais leria um livro. Se o mundo inteiro vivesse em hotéis, ninguém leria nada mais complexo do que aquele cardápio de jantar no quarto. Zapeou pelos canais até chegar a uma compilação de desastres esportivos: esquiadores rolando pela encosta, toureiros colhidos pelo touro, motociclistas dando cambalhotas no ar. Não era ver as pessoas *se machucarem* que tornava aquilo tão interessante. Não, a parte do machucado era horrível, mas havia algo idílico no interlúdio em pleno ar, antes de aterrissarem e se arrebentarem. Se a terra não fosse tão dura, ou se a gravidade fosse uma força menos potente, seria divertido ser atirado a seis metros de altura em consequência de um erro na pista ou na trilha... Mesmo a televisão, que era ao que se recorria quando ficava impossível se concentrar, não conseguiu prender a atenção dele. Levantou-se, olhou para os telhados crestados, a invisível gravidade do céu. Laura estava chamando do banheiro, perguntando que horas eram, que horas tinham de sair. Merda, seis horas já. Tinham de sair dentro de meia hora, respondeu. Até este momento o dia tinha sido como se estivessem em Veneza em férias, em lua de mel até. Tinham saído para olhar as coisas, não haviam encontrado ninguém que conhecessem; agora, de repente, precisavam voltar ao modo Bienal. Havia festas para ir, amigos para ver, bellinis para beber e, odiosamente, o telefone estava tocando.

— Max, saudações!

— Como sabia que era eu? Tem identificador de chamada no telefone do hotel? Por isso não atendeu o dia inteiro?

— Não. Eu estava fora. Eu só *esperava* que fosse você, como um sonho que se torna realidade...

— OK, vamos cortar para a caça à...

— Falei “sonho”? Desculpe, eu queria dizer pesadelo, claro.

— Muito engraçado. Então, o que aconteceu?

— Deu tudo muito certo. — Jeff riu. — E a entrevista também foi bem. — O riso se transformou imediatamente numa testa franzida quando ele tentou pensar qual a melhor resposta para a inevitável pergunta seguinte, sobre o desenho que ele não tinha conseguido e a foto que não tinha tirado.

— E...

— É, tudo bem — disse ele. — Mas escute, tenho de ir. Vou sair para encontrar com ela agora, tirar a foto. Telefone para você amanhã, OK?

Max devia estar com pressa também. Jeff conseguiu desligar o telefone sem tornar as coisas mais claras — no sentido de enevoá-las deliberadamente. Laura saiu do banheiro nua, um turbante de toalha na cabeça. Era um momento muito doméstico, como estar casado.

Talvez por isso, enquanto caminhavam para a festa (Jeff não sabia onde estava indo, só acompanhou Laura como um cachorrinho), ele teve a sensação de não estar inteiramente disposto a isso. Quando chegaram, esperaram na fila e entraram, aquilo tinha mudado a tal ponto que ele não sentia nenhuma vontade de estar ali. Queria perguntar a ela sobre o futuro deles, quando e onde iam se encontrar de novo, mas fazer isso seria perturbar o presente perfeito que ainda os cercava. Mas que não duraria muito. O tempo estava se esgotando e, lá no fundo de sua consciência, ele sabia os problemas que estavam à sua espera quando seu tempo ali *realmente* se acabasse, quando voltasse a Londres sem o desenho, sem a foto e sem ter prestado a devida atenção às obras de arte sobre as quais devia escrever. Não que isso fosse sua maior preocupação. Longe disso. A seu ver, a Bienal sempre tivera mais a ver com festa do que com artes plásticas. Só que hoje, em vez de ir a uma festa, o que ele mais gostaria de ter feito era ter ido para casa (isto é, voltar para o hotel) com Laura e ficar deitado na cama enquanto ela esfregava a boceta em seu rosto. Por mais desejável que isso parecesse, era, no momento, impossível. Todo o propósito de vir a Veneza era sair, ir a festas como aquela, onde, se tudo corria como um sonho, se podia terminar indo para casa com alguém... Ele remoía seus pensamentos como acontece quando se está cansado. Por que, quando tudo tinha sido tão perfeito, mais perfeito do que ele jamais sonhara, estava aflito desse jeito? Porque um resíduo da excitação provocada pela cocaína, sobreposto a um substrato mais profundo de cansaço, estava se transformando em ansiedade para todos os fins. Era como se as raízes grisalhas de seu cabelo já estivessem crescendo de novo. A resposta, evidentemente, era beber mais bellinis para se acalmar e cheirar mais coca para despertar.

E funcionou, de certa forma. Ele e Laura cheiraram uma carreira no banheiro e saíram juntos, fungando, eufóricos. A ansiedade transformou-se instantaneamente em excitação, embora excitação com um toque de ansiedade. A música para dançar trovejava no sistema de som.

— Isso soa familiar — disse ele. — Você reconhece?

— É o remix de Paul Oakenfold de Nigel Kennedy tocando *As quatro estações* — disse Laura. Ele não sabia se ela estava brincando, mas decerto parecia plausível.

Monika aproximou-se deles e disse que não tinha dito para Jean-Paul quanto o detestava porque se dera conta de que, na verdade, gostava bastante dele afinal. Jeff disse que isso revelava falta de força de vontade e que, se ele o visse, ia dizer que o detestava de qualquer forma, independentemente do que

sentisse pessoalmente por ele. Apresentou Monika a Laura, que o apresentou a alguém cujo nome ele não escutou porque, naquele momento, Phil Spender aproximou-se. Ele se desculpou com Phil por não ter ido à sua festa, a festa à que estava tão ansioso para ir e que, lembrava-se agora, tinha esquecido completamente até dois segundos antes. Ou seja, o concerto secreto do Kraftwerk. De sua parte, Phil perguntou sobre o cabelo de Jeff. Tinha pintado? Jeff admitiu que tinha, sim.

— Bem-vindo ao clube — disse Phil. Ah! Então todo mundo estava nessa! Deram-se uma peitada semi-irônica, tomando cuidado para não derramar nada no terno creme ainda imaculado de Phil (incrível mesmo que estivesse resistindo à parada). À esquerda de Phil, ele viu Jane. E, perto, Jessica e Kaiser. Ele conhecia um monte de gente ali e reconhecia mais uma porção, provavelmente das festas das noites anteriores, provavelmente desta apenas. Sem falar das pessoas que conhecia, mas não conseguia reconhecer... Estava todo mundo ali, inclusive pessoas que ele só encontrava agora, pela primeira vez, pessoas com quem conversara e que tinham conversado com ele, dizendo coisas que tinham acabado de dizer um minuto antes, exatamente como Jeff se via preso em um *loop* de incessante repetição. Fossem quem fossem, essa noite era a última em que estavam todos ali, em Veneza, juntos, entornando bellinis, mesmo que alguns deles já tivessem ido embora, à tarde. A Bienal, ou pelo menos essa parte dela, o vernissage, durava um momento incrivelmente curto. Enquanto se estava ali no meio, era tão implacável que parecia que ia continuar para sempre. Desejava-se uma noite livre, uma noite em casa. Mas não se podia ter isso porque, ao mesmo tempo que durava um longo tempo, também durava um tempo incrivelmente curto, acabava antes de ter começado. Assim que começava acabava, momentos depois de ter começado. Ali estava ele, remoendo pensamentos de novo. Notara isso ultimamente em relação à bebida e às drogas. Consumir qualquer das duas coisas era como acender uma luz ultravioleta em sua cabeça, iluminando um circuito queimado. Ao longo dos anos, grandes zonas de processamento cognitivo tinham se estragado, virado lixo. Em condições normais, a extensão total do dano ficava invisível, mas bastava um golinho de bebida para revelar a desintegração interna. Dentro de poucos anos seu cérebro seria como coral danificado, como um cérebro coral, na verdade, um coral com dano cerebral, sem vida, sem cor, morto. Cabelo se pode pentear, tingir, mas o cérebro... No mínimo, ele ia ter de começar a tomar suplementos: estimulantes de memória, indutor de serotonina, esteroides neurônicos. Nesse meio-tempo, vendo o garçom que se aproximava, estendeu o copo, sua tigela de esmola. O ato de fazer tal coisa permitiu ver seus problemas cerebrais sob uma nova luz, menos perturbadora, mais otimista. Quando era jovem, tinha sentido orgulho de *ser inteligente*. Andando pela rua, sem pensar em nada, apenas andando pela rua como qualquer outro cretino, ele tinha a nítida sensação de quanto era *inteligente*. Nunca havia feito nada com aquela inteligência a não ser escrever artigos idiotas e fazer ocasionais observações inteligentes, a maioria delas nem sequer inteligentes. Ele só se *sentia* inteligente, e era uma sensação boa sentir-se inteligente. Agora sentia, com igual convicção (e muito mais provas), que estava entrando em seus anos idiotas. Os anos idiotas complementavam os anos vagos. Seguiam juntos. Os anos vagos e os anos idiotas eram os mesmos anos e já tinham começado. Bem, que venham. Esquecer os nomes de todo mundo, como aqueles anúncios de jornal estavam sempre a nos lembrar, era embaraçoso, mas a não ser por isso, tudo bem ser idiota, era como uma premonição da iluminação.

Estava com sua pequena câmera digital no bolso. Tirou-a, com a intenção de fazer uma daquelas fotos sem sentido, universalmente decepcionantes, de uma festa de olhos vermelhos em curso. Quando a ligou, a câmera ainda estava no modo Visualizar. A tela mostrava não a cena em movimento à sua frente, mas a foto do dia anterior, dele e Laura no Giudecca. Apertou o zoom ótico, eliminando a si mesmo do quadro, focalizou o rosto dela, depois apenas os olhos... e continuou até não haver nem olhos, apenas a explosão de uma galáxia de pixels.

* * *

O voo de Laura era às duas da tarde. Agora eram onze da manhã. Ele estava na cama, com dor de cabeça, segurando um lenço na narina que sangrava, vendo-a fazer as malas. O vestido branco, o vermelho e dourado que ela tinha comprado no Laos (um lugar que ele nunca visitara, mas cujo nome agora sabia pronunciar), o vestido azul-marinho — todos estavam bem dobrados dentro da mala de rodinhas. Era como uma horrível inversão de um striptease, mas era pior que isso também, era como vê-la preparar as coisas para levar consigo para outra vida — a vida além-Veneza, a vida além dele —, deixando-o para trás. Se tivesse sido ele, teria tentado mudar o voo de volta e, se fosse possível, teria apenas perdido a passagem e comprado outra para uma data posterior. Mas ela estava indo embora, tinha quase terminado de fazer a mala.

Trocaram e-mails e números de telefone, mas não tinham planos de se encontrar de novo. Tradicionalmente eram os homens que partiam, deixando mulheres chorosas para trás, mas era ele que estava sendo deixado para trás e, se não tomasse cuidado, podia facilmente começar a chorar. A possibilidade de chorar trouxe consigo um pensamento, de seu cabelo tingido escorrer tinta por sua testa, correndo por seu rosto como o rímel de uma garota. Na tarde anterior, ele se sentira como um imperador romano capaz de qualquer coisa; agora, com o nariz sangrando, a boca um amargo deserto, a cabeça queimada, frita, sentia vontade de chorar, de soluçar. Quando tinha 17 anos, lera *A mulher do tenente francês* e ficara muito impressionado com a distinção traçada por John Fowles entre a visão vitoriana — não posso ter isto aqui para sempre, então fico arrasado — e a visão moderna, existencial: tenho isto aqui por um momento; portanto, sou feliz. Tinha guardado aquilo desde então, mas parecia absurdo, agora, ter pretensões a contentamento existencial. Em 2003, com seus 45 anos, tinha entrado em contato com seu interior vitoriano. Em Veneza, descobrira que era o último vitoriano.

Ouviu Laura fechar o zíper da mala, o mesmo som, porém mais áspero, mais forte, que seu vestido sendo aberto por ele, para ele. Era sorte, apenas sorte, o jeito como tinham se entendido sexualmente, mas assim como a sorte se revelara desse jeito, transformara-se em algo diferente, algo que tornava impossível acreditar que tinha sido apenas sorte.

— Um presente para você — disse ela, entregando-lhe o embrulho de cocaína. — Sobrou um pouco. — Ele precisava daquilo como de um buraco na cabeça, de que ele não precisava em absoluto porque sentia que já tinha um. Sua cabeça, na verdade, parecia ser apenas um buraco, mas pelo menos seu nariz tinha parado de sangrar. Jogou o lenço de papel no lixo. — E não esqueça seu cálice — disse Laura. Lá estava ele, em cima da cômoda, caro e delicado, parecendo exatamente a relíquia azul e alaranjada que ela havia dito que não era. Jeff se levantou, embrulhou o cálice numa folha de

jornal e pôs num saco plástico.

Laura foi até ele e beijou-o na boca. Abraçaram-se. O cabelo dela estava com um leve cheiro de cidade. Ela não falou do futuro, quando poderiam voltar a se encontrar, e ele também não. A razão de ele não falar foi ela não ter falado. Será que ela não havia falado porque ele não dissera nada? Não tinha como saber com certeza, mas ele sentiu, com razão ou não, que estava obedecendo à deixa dela. Uma forma estranha e moderna de intimidade, nem um pouco vitoriana, que tornava mais fácil lamber o cu de alguém do que perguntar quando ia encontrá-la de novo. “Quando vou ver você de novo?”, aquela merda de música pop, de qualquer merda de grupo, começou a rodar e rodar em sua cabeça, sua cabeça vazia, entupida de pensamentos, vazia.

— Bom, como eu disse antes — falou ele —, foi muito agradável.

— Não foi?

— Pessoalmente, achei tão agradável que gostaria de fazer tudo de novo. — Pronto, tinha dito... ou estava, de certa forma, dizendo.

— Eu também.

— Tem ideia de quando poderia ser?

— Não. Mas logo, espero.

— Sabe, dessa vez não podemos deixar somente ao acaso, não podemos apenas esperar o acaso de um encontro.

— Eu sei.

— Funcionou em Veneza, cidade pequena, mas em escala global, acho que, sabe, as chances são muito remotas.

— Tem razão.

Apertou-a contra si e sentiu o pau ficando duro, mesmo agora, quando estava tudo tão perto de se transformar em memória apenas. Ou no oposto da memória: um desejo por alguma coisa que logo ficaria impossivelmente remota.

— Eu poderia ir a LA — disse ele. — Ou poderia encontrar você onde quer que você vá, quando viajar.

— Seria ótimo.

— Então me mande um e-mail.

— Claro.

Estavam abraçados enquanto ele falava. Agora tinha chegado a hora de deixar o outro ir, de ele pegar a mala de rodinhas dela e o cálice dele, sair do quarto dela, se apertarem no elevador e olharem o aviso inútil para não arranhar a cobertura de plástico.

Laura acertou a conta, pagou. Ela ia a pé até a estação de ônibus, mas iam se despedir ali, no patiozinho diante do hotel dela, de nome grandioso, Excelsior. Beijaram-se outra vez. Ele aspirou o tênue aroma do cabelo dela, ainda novo para ele, novo e já familiar. Então ela começou a puxar a mala na direção da estação e ele foi andando.

Para onde? Não importava. Estava sozinho em Veneza, andando no calor sufocante. Ela havia ido embora, e ele passara de Mais Um para Menos Um. Não havia nada a fazer a não ser passear, então ele passeou pela multidão da cidade vazia. Era como nadar no mar, quando se passa de um trecho de

água quente para uma corrente fria. Num momento ele estava em uma área movimentada, densamente povoada, em seguida estava em ruas completamente silenciosas, desertas a não ser pelo sol. Teria sido um alívio agora encontrar os batedores de carteira sérvios para lutar com ele e depois deixar que jogassem seu corpo num canal. Mas não os viu, nem, o que era bom, ninguém mais que conhecesse.

Estava cansado desde o momento em que acordara, exatamente como ficara ao dormir na frente da estação quando viera para cá pela primeira vez, anos atrás. Depois de andar a esmo por uma hora, chegou ao auge do cansaço que só se enfrenta em sonhos, aqueles sonhos em que você anda, anda e não chega a lugar nenhum. Estava numa zona morta de turismo, onde passear fica penoso, onde cada passo exige o esforço de dez. O ar estava se enchendo daquele agradável toque de sinos. Ao se aproximar da fonte — uma igreja que não tinha visto antes — o som transformou-se numa avalanche de ruído dourado, despejando em cima dele, caindo em sua cabeça oca.

Continuou andando por ruas que pareciam cada vez mais familiares... Porque, de repente, se deu conta de que estava perto do Palazzo Zenobio e do bar que se intitulava Manchester Pavilion! Que golpe de sorte! Agora ele sabia onde podia ir: podia tomar uma cerveja. Era como estar num anúncio de cerveja ou num remake veneziano de *Sob o sol da África*. Cerveja! Atravessou a Ponte del Socorso, a ponte corcunda onde haviam se sentado depois da festa no Zenobio que estava lotada demais para entrar, exatamente os mesmos degraus.

“*Está tentando espiar por baixo do meu vestido?*”

O bar estava aberto, mas bem deserto. Mesmo levando em conta o fato de ser uma tarde de domingo, estava surpreendentemente vazio. Os funcionários empilhavam as cadeiras nas mesas. Tinha o aspecto de um lugar que havia sido saqueado.

— O que aconteceu? — perguntou Jeff.

— Acabou.

— Acabou o quê?

— A bebida.

— Quer dizer que não tem nada para beber?

— Sì, nada.

— Nada?

— *Niente*. Acabou tudo. Cerveja, vinho, uísque. *Finito*. — Ele parecia exausto, orgulhoso, surpreso e um pouco horrorizado pelo que tinha acontecido. Evidentemente nunca tinha experimentado nada semelhante. Ou esperado uma coisa dessas. Se um time de futebol inglês estivesse jogando em Veneza, então seria razoável concluir que haveria uma imensa demanda por bebida, mas ele havia subestimado seriamente a sede insaciável da turma da arte internacional. Jeff ficou decepcionado, claro, mas em algum nível era uma situação a receber com alívio. Tinha ouvido falar de coisas assim, mas era a primeira vez que via e — para atribuir-se algum crédito — dava sua pequena contribuição para acabar com o estoque de bebidas de um bar. Evidentemente, não havia por que ficar ali. Todo mundo que estivera ali havia concluído a mesma coisa. Como gafanhotos ressecados, tinham baixado sobre aquele bar, bebido tudo até secar, espremido dele a última gota de álcool e depois se mudado para outro lugar. Muita gente já havia se mudado não apenas para outro bar, mas para outras cidades,

outros países. Ainda era, na aparência, um bar, mas um lugar agora desprovido de significado. A atmosfera era acabrunhada, um equivalente arquitetônico de uma ressaca assustadora. Era como se uma atrocidade tivesse sido cometida, algo vergonhoso que ninguém se importava em lembrar mas que permeava as paredes, o chão e todas as instalações. Parecia bem possível que uma maldição houvesse se abatido sobre o lugar, que nunca mais gozaria os tontos estupores dos últimos dias, quando a bebida jorrara e jorrara e depois se acabara, deixando atrás de si um vazio que nunca poderia ser preenchido, um gosto de perdição e falta de sentido. Ele agradeceu ao barman e saiu, sentindo-se mais exausto que nunca.

Comprou uma garrafa de Ferrarela num armazém e seguiu, procurando um lugar para se sentar. Havia muitos lugares para se sentar, mas ele continuou caminhando até que, absolutamente exausto, sentou-se junto a um velho canal, nem mesmo especialmente bonito. Havia uma bola de tênis boiando na água. Ele pegou seu cálice caro, lindo, encheu com a água borbulhante e bebeu aos tragos. Repetiu isso até a garrafa e o cálice estarem vazios. Depois ficou apenas sentado ali, as pernas cruzadas, como um dono de iate transformado num mendigo que perdera tudo a não ser o especial lembrete azul e alaranjado de sua antiga vida de luxo. Tudo muito bem pensar, como ele fizera no dia anterior, ou dois dias atrás, ou fosse lá quando fosse — sentia-se como se estivesse em Veneza desde sempre —, que aqueles momentos maravilhosos e gloriosos faziam todos os outros momentos valerem a pena. Era fácil pensar assim quando se estava no meio daqueles momentos, quando era impossível se lembrar de outros momentos, momentos como este, em que estava ficando difícil — já! tão cedo! — lembrar-se daqueles momentos que tudo redimiam.

Um pombo veio espiar. Jeff ficou olhando enquanto ele bicava e passeava pelo chão. Parecia incrivelmente idiota, como se mal fosse capaz de realizar seu dever específico de espécie de ser um pombo. Ser um pombo exauria por si só tudo de que ele era capaz. Não sabia voar, apenas saltava. Sob esse aspecto, nem era mais uma ave, apenas um pombo, uma não ave.

Um barco passou, carregado de cadeiras quebradas e troncos. A água lambeu os degraus. Uma família italiana veio na direção dele, mãe, pai e uma menina de cabelo escuro de 5 ou 6 anos, saltando com alguma coisa que parecia um saltador espacial em forma de canguru. Ela sentava em suas patas traseiras, segurando as dianteiras. Evidentemente esse modo de transporte incomum encantava os pais tanto quanto a menina que o usava. Apertos de mão, risos, cumprimentaram Atman calorosamente, contentes de um estranho ter o privilégio de ver sua filha pulando com seu canguru saltador, participar de sua felicidade. Atman retribuiu os sorrisos. Aquilo era completamente adorável. Havia até uma bolsa, com um canguruzinho bebê espiando para fora. Se fosse possível, ele teria pulado ali dentro daquela bolsa e saído pulando com eles.

Depois que a família com seu canguru sumiu de vista, ele não sabia o que fazer, então pegou seu cálice e começou a andar outra vez. Passou pelo Campo Santa Margherita, fazendo um esforço para ignorar os mímicos irritantes, pintados de prateado, fazendo aquela coisa de estátuas imóveis.

Chegou por fim a uma pequena piazza, nem mesmo uma piazza, na verdade, cercada por três igrejas, lado a lado. Duas eram brancas e brilhantes, e uma delas, uma das brancas, era a Scuola Grande di San Tocco. Sentindo-se cansado e esgotado como estava, a perspectiva de pagar apenas cinco euros para sair do calor e entrar na penumbra fresca de uma igreja, com a relevante ajuda de

Tintoretto na barganha, foi uma alternativa bem-vinda para um drinque no Manchester Pavilion.

Depois do brilho do dia, entrar na igreja era como apagar. Ele deu uma rápida olhada no andar térreo e subiu a escada. Pena que a ideia de igreja tendesse a andar de mãos dadas com um impulso não negligenciável de verticalidade, que a ideia do bangalô nunca tivesse realmente deitado raízes na arquitetura eclesiástica. Ele seguiu penosamente, subindo uma escada para um paraíso *chiaroscuro*. Tudo acontecia ali em cima. Havia muita coisa para assimilar. Demais. Paredes, tetos: cada centímetro tomado por profetas, anjos e santos fortes. Para onde se olhasse, figuras espiavam do escuro envolto em músculos. Tudo à espreita na escuridão. Ah, Tintoretto realmente pintou uma tempestade neste lugar. O conhecimento que Jeff tinha das fontes era um pouco esquemático; fora o fato de que eram cenas bíblicas, ele estava completamente no escuro. Até onde conseguia perceber, Tintoretto havia comprimido as melhores partes de ambos os Testamentos em um prédio. De certa forma, porém, era um livro fácil de compactar, a Bíblia. Basicamente, as coisas eram arremessadas da luz para as trevas ou subiam das trevas para a luz, da qual não havia uma grande quantidade. Profetas barbudos, panejamento espiralado e nuvens ondulantes, tudo para subir lá. Em termos de marketing, porém, o tom parecia fundamental e horrivelmente falho: a ideia de que podíamos ser forçados a entrar no paraíso.

Olhar para o teto deixou o pescoço de Atman doendo. Então ele notou algumas pessoas andando com pequenos espelhos com moldura de madeira do tamanho de televisões portáteis. Pegou um da pilha no lado oposto da entrada, o outro lado do mundo em certo sentido. A primeira coisa que viu foi seu próprio rosto espiando das volutas bíblicas do fundo. O espelho era como um halo quadrado. Cubista. O halo, o espelho, o teto (o fundo), tudo espreitava, escuro. Tudo reverberava de luz, mas só porque em um lugar tão escuro, qualquer raio de luz, por mais escasso, era de alguma forma sagrado. Em termos de clima, uma enchente devastadora ou uma tempestade torrencial pareciam uma nítida possibilidade. Olhou atento o ambiente. Além do tranquilo casal japonês, ele era a única pessoa ali. Caiu sentado numa cadeira, pousou o cálice, e esvaziou o restante do pacote de Laura no espelho. Usando o folheto que explicava como Tintoretto havia feito toda aquela pintura arrebatadora, bateu a coca numa carreira não muito reta. Cercado pelo escuro espelhado, o pó parecia mais branco do que nunca, branco como uma nuvem. Deu mais uma olhada em torno, baixou a cabeça sobre o espelho e cheirou. Parcialmente entupida pelo sangue coagulado, sua narina fez o barulho de um porco roncando. Ah! Viu suas pupilas ficarem ainda mais dilatadas. Isso deu uma nova vida à arte do passado. Agora tudo realmente aparecia indistintamente e oscilava. Era como olhar para o alto do fundo de um poço. Não havia nada além de luz e trevas — e tudo girando. Girando, surgindo em torvelinho. Tudo aparecia e tudo girava, e o girar e o aparecer eram uma coisa só. E as pinturas, ele via agora, eram explicitamente, no sentido alegórico, sobre ficar pirado. Convidados da Páscoa pareciam estar reunidos em volta de uma mesa querendo conseguir mais do que a sua parte de qualquer coisa que estivesse sendo oferecida. Os halos de iluminação em torno da cabeça dos santos eram como marcadores de história em quadrinhos, mostrando que todos aqueles santos homens estavam mandando ver.

Com renovada energia, Atman passou à sala seguinte, na qual uma parede inteira era dedicada à crucificação. Bem épica. Tudo girava ainda, mas agora, além de aparecer e girar, tudo convergia. O

que parecia pairar agora podia ser visto convergindo, e tudo convergia para lá. Aquele era o ponto central de tudo. Um pouco perturbador, porém. Ah, mas agora ele entendia: o que ele achava que era um sujeito apontando uma lança incrivelmente longa para um braço da cruz era, na verdade, uma corda, uma de duas, na verdade, erguendo a cruz onde estava preso um dos ladrões. O clima, que era turbulento nas outras pinturas, era catastroficamente ruim nesta. A tempestade de Giorgione era apenas uma tempestade em um copo d'água comparada com o que acontecia ali. Não caía nenhuma chuva, mas estava tudo encharcado. A luz encharcada de escuro.

Ele ainda estava segurando o espelho. Olhou o próprio rosto, velho, excitado, amassado. Encostou-se numa das cadeiras e olhou aquela grande dose de arte. Era realmente uma pintura louca, excelente, se a sua ideia de uma excelente pintura era o máximo de ação e o máximo de atmosfera em uma escala máxima, o que, naquele momento, parecia uma definição bastante boa de máxima grandeza. Era um alto conceito de arte, certo, e não havia dúvida de quem era a estrela do show, o foco da atenção de todos. Todo mundo na pintura que ele olhava estava olhando para o Cristo crucificado, até mesmo os dois ladrões crucificados ao lado dele, até mesmo pessoas como o cara a cavalo, que estava olhando para alguma outra coisa. Atman não sabia quanto tempo ficou sentado ali, olhando aquela pintura, sem pensar nada a respeito dela, querendo uma epifania que não veio nunca, que não aconteceu nunca, vendo apenas, olhando. Talvez aquilo *fosse* a epifania, render-se àquilo que via.

Então, como era de se esperar, ele já havia olhado bastante e se levantou para ir embora.

Não foi apenas um choque sair para o ar livre, foi como uma ressurreição. Luz do dia ainda brilhante. O mundo não tinha acabado, o céu tinha o mesmo azul profundo. O *eat* estava mais *otter* que nunca. Com que rapidez essas piadinhas se instalavam, e com que rapidez elas ficavam tristes, que tristes elas logo ficavam. Começou a caminhar de novo, passou por uma mulher de preto, ajoelhada, mendigando. Jogou uns dois euros no tubo pequeno de Pringles que ela usava como tigela de esmolas. Quando chegou a um canal mais ou menos decente, sentou-se e não chorou. Nada se mexia. Vazamentos de óleo tinham deixado uns fiapos de arco-íris na água. O ar estava sufocante, ele estava encharcado de suor. Tirou a camisa molhada e ficou sentado ali, o peito nu, magro, as calças enroladas até acima dos joelhos. Tendo feito isso, sentiu-se tentado a ficar de cueca e ir direto para o canal, como se fosse uma longa e estagnada piscina.

Uma gaivota mergulhou fundo em cima de um táxi aquático que passava, com um pombo morto no bico: um presságio doentio e não muito higiênico. Talvez fosse o pombo que ele havia visto antes. Deitou-se desconfortavelmente e contemplou o céu inútil. Um avião passou no alto, deixando uma fina trilha de fumaça. Lentamente ela se expandiu, transformando-se numa linha branca polvilhada no céu azul.

¹ Trocadilho com a palavra *die*, “morrer”, que tem o mesmo som de *dye*, “tingir”, nos versos do poema *Lady Lazarus*, da escritora norte-americana Sylvia Plath (1931-1963): “*Dying/ Is an art, like everything else,/ I do it exceptionally well./ I do it so it feels like hell./ I do it so it feels real.*” – “Morrer é uma arte, como tudo mais/ Eu faço isso excepcionalmente bem/ Faço parecer um inferno/ Faço parecer natural.” (N. do T.)

² Verso de outro poema de Sylvia Plath, *Mushrooms*: “*Overnight, very/ Whitely, discreetly,/ Very quietly/ Our toes, our noses/ Take hold on the loam,/ Acquire the air.*” – “Durante a noite, muito/ Branquinhos, discretamente,/ Silenciosamente/ Nossos artelhos, nossos narizes/ Se fincam na terra,/ Ganham o ar.” (N. do T.)

- ³ Literalmente, “não damos nem uma foda aérea”; o equivalente a “estamos nos lixando”. (N. do T.)
- ⁴ *Eat*, “comer”. O recepcionista quer dizer *heat*, com H expirado, “calor”. (N. do T.)
- ⁵ *Heat* é “calor”; sem o H expirado torna-se *eat*, “comer”. *Hotter* é “mais quente”; sem o H expirado torna-se *otter*, “lontra”. (N. do T.)
- ⁶ Há aqui um trocadilho intraduzível com *egg*, “ovo”, e *ego*, “ego”. (N. do T.)
- ⁷ Young British Artists – a geração de artistas plásticos britânicos nascida entre meados dos anos 1960 e 1970. (N. do T.)
- ⁸ Mistura salgada à base de levedura de cerveja, usada para passar em torradas. (N. do T.)
- ⁹ Quadro do pintor francês Poussin (séc. XVII) que inspirou uma série de 12 romances do britânico Anthony Powell, publicados entre 1951 e 1975, nos quais, sob a forma de reminiscências, ele critica a vida política, cultural e militar da Inglaterra no século XX. (N. do T.)
- ¹⁰ *Count*, “conde”, sem o “o”, torna-se *cunt*, “boceta”, “babaca”. (N. do T.)

PARTE DOIS
Morte em Varanasi

*“Isto não é o rio,
é uma explicação do rio
que tomou o lugar do rio.”*

DEAN YOUNG

*“E pensar
que enquanto brinco com ideias duvidosas,
a cidade que canto persiste
em um lugar predestinado do mundo,
com sua topografia precisa,
povoada como um sonho.”*

“BENARES”, JORGE LUIS BORGES

O problema com o destino é que ele pode chegar muito perto de não acontecer e, mesmo quando acontece, raramente parece o que é.

É só um telefone tocando rotineiramente às três da tarde (não alarmantemente no meio da noite) e a pessoa do outro lado não está dizendo que o resultado do seu exame de sangue deu positivo ou que o corpo semidespido de sua namorada foi encontrado boiando no Ganges. Isso seria conveniente, emprestaria continuidade narrativa e impulso — se bem que de um tipo não muito novo — à marcha sem propósito dos acontecimentos. Mas não, é apenas uma editora do *Telegraph* perguntando se você pode ir à Índia imediatamente, para escrever um artigo de turismo sobre Varanasi.

— Deve ser bem gostoso — disse ela. — Voo em classe executiva até Déli. Pequena espera por um voo de conexão para Varanasi. Cinco noites no Taj Ganges. Eu mesma iria, se pudesse viajar agora. — A viagem tinha sido marcada para um dos seus colaboradores regulares, que havia adoecido. (“Era de se esperar que ele esperasse até chegar lá, como todo mundo”, disse ela.) Por isso ela estava ligando na última hora assim. E ela precisava de apenas mil e duzentas palavras. Eu não tinha nada para fazer em Londres na semana seguinte... Então disse sim, tudo bem, eu vou.

Dois dias depois, na noite da véspera de minha partida, encontrei Anand Sethi no vernissage de Fiona Rae, na galeria Timothy Taylor. Eu o conhecia ligeiramente de quando éramos ambos estudantes, séculos atrás. Hoje em dia ele era banqueiro (e, portanto, colecionador de arte). Tinha crescido em Bombaim e estivera em Varanasi muitas vezes; na verdade, ia voltar lá na primavera.

— Onde você vai ficar? — Anand quis saber.

— No Taj — anunciei, orgulhoso, sabendo que a cadeia Taj era uma das mais luxuosas da Índia. Aparentemente não era. Anand sacudiu a cabeça. Como o Taj ficava nos arredores da cidade, eu ia ter de me deslocar até os *ghats* — as famosas escadarias que levam ao rio — todo dia. E o trânsito em Varanasi era terrível. O único lugar para ficar era o Ganges View. Ele disse que era um dos grandes hotéis do mundo. Anotei o nome mentalmente, muito embora, assim em cima da hora, nada se pudesse fazer para mudar de hotel. Tive um impulso de contradizê-lo ou me gabar de alguma forma. Antes que eu tivesse a chance de contar que ia voar, que ia pegar um voo na classe executiva, Anand contou-me que tinha comprado duas pinturas de Rae, uma delas do tamanho de uma porta de garagem.

Anand estava completamente errado quanto ao trânsito em Varanasi. Não era nada terrível. Ia muito além de qualquer ideia de terrível. Ia muito além de qualquer ideia de trânsito.

O trajeto do aeroporto até o hotel foi bem. Era aterrorizante, caótico, perigoso, mas tinha alguma relação com trajetos que eu havia feito antes, em outros lugares. O Taj ficava no meio de um verdejante parque tropical, com quadras de badminton e tênis. Não notei muita coisa além disso, apenas me registrei, tomei uma ducha e troquei de roupa. Estava com *jet-lag*, exausto, faminto, impaciente para ver a cidade. Comi *daal* com arroz (sou capaz de passar meses comendo só *daal*, um prato à base de lentilha; na verdade, já havia feito isso em Londres) no restaurante indiano do hotel e combinei com Jamal, meu guia, de ele me levar à cidade. O carro era um daqueles sólidos Ambassadors brancos, louvados em todos os artigos sobre a Índia por sua solidez, brancura e confiabilidade. Durante alguns minutos depois de deixar o hotel tudo pareceu bastante normal, cheio, movimentado, barulhento, mas nada além do esperado. Então tudo começou a convergir, se contrair e, essa era a parte interessante, acelerar. As ruas estreitavam; o volume de veículos aumentou. Pela janela, vi o que parecia ser uma casa construída em torno de uma árvore. Os galhos saíam pelas janelas. Quando comprei meu apartamento em Londres, a fiscalização alertara que havia uma árvore crescendo na calçada a menos de cinco metros da casa, que suas raízes poderiam provocar uma alteração ou afetar as fundações. E ali estava uma casa cuja sala inteira devia estar ocupada pelo tronco de uma grande e velha árvore, como alguma coisa construída por Frank Lloyd Wright, alguma coisa que tinha goteiras numa chuvarada e ficava bem encharcada nas monções. Jamal, enquanto isso, me falava sobre o protocolo automobilístico da cidade.

— São necessárias três coisas para dirigir em Benares — disse ele. — Boa buzina, bons freios e boa sorte. — Ele disse isso com um estilo espontâneo que evidentemente tinha sido afiado ao conduzir centenas de recém-chegados.

— Um cinto de segurança pode ser útil também — disse eu. Foi a última coisa que eu disse por algum tempo, pois Sanjay, o motorista, eu me dei conta então, estava só se aquecendo, à espera, preparando-se para o que vinha pela frente. Não sou estranho ao trânsito vigoroso da Ásia. Sou um veterano nos congestionamentos permanentes de Manila, no jihad de Java, no frenesi de aço de Saigon, mas aquilo era outra coisa. Carros, riquixás, tuk-tuks, carros, bicicletas, carrinhos, motocicletas, caminhões, gente, cabras, vacas, búfalos e ônibus estavam todos juntos num mesmo rebanho. A intensidade do trânsito era a única salvaguarda, a única coisa que impedia um estouro da manada. A certo ponto, chegamos a um trevo e o contornamos, no sentido horário; outros seguiam em sentido anti-horário. Considerando-se a habilidade para fazê-lo, ninguém faria nenhuma das duas coisas, simplesmente passariam rugindo por cima. O clamor das buzinas tornava seu uso ao mesmo tempo supérfluo e essencial. As ruas eram estreitas, cheias de buracos, quebra-molas, crateras. Não havia calçada, nem preferencial, e, naturalmente, não se parava. O fluxo era tão denso que raramente estávamos a mais de dois centímetros do que quer que estivesse à nossa frente, ao lado ou atrás. Mas nunca paramos. Nem por um momento. Diante da menor possibilidade — um metro! — Sanjay avançava. O que em Londres seria considerado um quase acidente era uma oportunidade de reconhecer a cortesia do companheiro de rua. Não havia essas oportunidades, claro, e a ideia de cortesia não fazia sentido pela simples razão de que nada fazia nenhum sentido a não ser a

necessidade inexorável de seguir em frente. Do aeroporto para o hotel, Sanjay tinha usado a buzina excessivamente; agora que estávamos na cidade propriamente dita, em vez de usá-la repetidamente, ele a tocava o tempo inteiro. Como todo mundo. Ao contrário de todo o restante, isso fazia sentido. Por que tirar a mão da buzina quando, uma fração de segundo depois, vai ter de botar de novo?

Ao mergulharmos mais fundo na cidade, a natureza do percurso voltou a mudar, assumindo a qualidade e as dimensões de uma procissão — principalmente depois que entramos na faixa que atravessava um mercado, na direção do rio. A ação na estrada primeiro se igualou, depois superou o que estava acontecendo do outro lado dela, pela barulheira e pelo frenesi da mostra, pela agitação de compra e venda, de carregar e descarregar. Esta fase específica do trajeto — a fase de carro — estava chegando ao fim. Tudo era acumulado. Tudo era excessivo. Tudo era brilhantemente colorido e ruidoso, de forma que tudo tinha de ser ainda mais brilhante e mais ruidoso que todo o resto. Então tudo berrava. Tudo era tão berrante, tão alto e brilhante que era impossível dizer exatamente do que era feito aquele todo, o que ele abrangia. Era só uma totalidade de brilho, ruído, berro.

Por fim a premência de gente, animais e carroças ficou excessiva, mesmo para Sanjay. Nosso sólido Embaixador poderia prosseguir para sempre, disso não havia dúvida. Só precisava era de rua, mas a rua tinha acabado. Até a rua tinha ficado sem rua. Era impossível mover-se. Quando abri a porta e me espremi para fora, o barulho aumentou notavelmente. Jamal deveria me acompanhar, mas insisti em que ficaria bem sozinho, que ele podia me esperar ali. E juntei-me ao tropel de pessoas que seguia para o rio.

Depois da claustrofobia das ruas, minha primeira visão do poderoso Ganges e do céu se estendendo acima da margem oposta era um vislumbre de outro mundo, mais espaçoso. Os degraus que desciam para o *ghat* Dashaswamedh estavam ladeados por mendigos acenando com suas tigelas prateadas, vazias a não ser por grãos de arroz e uma ou outra moeda. Esses eram os privilegiados. Alguns não tinham tigelas. Eram privilegiados também. Alguns não tinham mãos.

Além da multidão, havia, do outro lado de um oceano estreito, o que se assemelhava a uma paisagem de um continente vazio, seco como deserto. Era como chegar à primeira estância de praia do mundo. Essa estância, evidentemente, precisava de reformas radicais, mas sua popularidade continuava intacta. Independentemente do que tivesse acontecido a Varanasi, ela nunca se transformara em ruína — e nunca se transformaria. Mesmo que todos os prédios viessem abaixo, não seria uma ruína. O céu era azul como um feriado. Estandartes tremulavam na brisa. Havia sentidos incompreendidos por toda parte, eu podia ver isso. As cores faziam o arco-íris parecer apagado. Um templo rosa-choque apontava para o céu como um foguete cujo lançamento, com séculos de atraso, ainda era tido como possível, iminente mesmo, pelos brâmanes repousando à sombra de guarda-chuvas como cogumelos. Estariam transmitindo sabedoria para seus discípulos ou apenas conversando sobre críquete com amigos: a Índia estava perdendo uma final para a África do Sul? Iluminados ou completamente alienados? Ambas as coisas? Até os falsos santos (e Jamal havia me alertado que muitos eram inteiramente falsos) eram genuínos. E todo mundo era muito gentil. Eu estava ali havia apenas um minuto, e alguém já queria apertar minha mão. Era como ser uma celebridade ou um visitante da realeza. Só que ele não queria apertar minha mão, não. Queria demonstrar a massagem que fazia. Amassava minha mão e não parava. Enquanto fazia isso, uma mulher enfiava sua tigela

prateada debaixo de meu nariz a ponto de eu sentir o cheiro dos grãos de arroz. Um menino insistiu para que eu desse uma volta de barco. Outro insistiu para que eu preferisse o barco dele. Eu era a pessoa mais alta ali, pairando acima de todo mundo como uma antena de rádio, transmitindo o fato de que eu tinha acabado de chegar a Varanasi, era novo na Índia, não fazia ideia de como lidar com aquilo. Eu era uma presa fácil, uma caça permitida: o tipo de pessoa que podia ser levada para um passeio de barco, que estava pronta para uma massagem. Consegui minha mão de volta e continuei andando, tentando dar a impressão de que estava ali havia semanas, que não era estranho aos leprosos, que não tinha pressa de ver os corpos sendo queimados no *ghat* Manikarnika.

E lá estava eu correndo para ver os corpos sendo queimados. (Ao chegar a um lugar novo, não é nada mau simplesmente fazer o que todo mundo faz.) Dava para ver as fogueiras acesas. Daquela distância eram apenas fogueiras, como se uma comemoração ou uma festa, embora ainda em curso, tivesse passado do seu auge. Anotei em meu caderno: *Fim da tarde. Chamas ao sol, junto ao rio. Fumaça lenta. As pessoas se deslocando pela fumaça, andando ao sol. Por trás disso, as ponteiros dos templos, uma delas precariamente inclinada.*

A operação toda em Manikarnika era realmente laboriosa, como uma daquelas fotografias de Salgado de camponeses trabalhando na encosta da montanha, uma encosta, neste caso, que havia sido tão completamente trabalhada que não era mais uma montanha. Havia grandes pilhas de madeira, mais altas do que casas, sempre sendo aumentadas e esgotadas à medida que as achas eram pesadas para alimentar a necessidade incessante de fogueiras. Chegavam barcaças carregadas de achas, que eram levadas para a margem; elas eram tão grandes que só dava para levar uma ou duas de cada vez, amarradas como animais, duros e pesados, sobre os ombros dos carregadores. A lenha era empilhada, cortada, pesada e levada de volta para a água, provavelmente pesada outra vez. Cada cremação exigia uma tonelada de madeira. Tonelada no sentido de muita, não uma medida de peso específica. A fumaça manchava o céu, escurecia os templos e prédios apinhados em torno dos fogos. Vacas mascavam flores encharcadas, colhidas em meio à cinza na margem escura do rio. A água era fuliginosa e escura, queimada. Alguns cachorros eram assim também. Havia meia dúzia de fogueiras acesas, cuidadas pelos homens que trabalhavam ali. As pessoas ficavam paradas em volta conversando, enquanto o tempo todo a madeira era transportada de um lado para outro e as fogueiras eram cutucadas com gravetos. Era como observar o raiar da revolução industrial, como poderia ter ocorrido se não houvesse indústria, mas sim um vasto excedente de mão de obra, toda empregada a serviço da morte.

Jamal me dissera que não era permitido tirar fotos, mas além disso eu não tinha muita certeza sobre a etiqueta geral do lugar, de quanto se podia chegar perto das fogueiras. À esquerda, havia uma grande casa escura de fumaça, de cujo balcão diversos turistas observavam. Tinha acabado de levantar os olhos para o balcão quando um menino com uma camiseta esfarrapada do Planet Hollywood se ofereceu para mostrar o caminho e me levar até lá. No momento em que você demonstra a primeira fagulha de interesse em fazer, ver ou comprar alguma coisa na Índia, alguém terá lido esses sinais e agido sobre eles, tentando transformar esse desejo — porque interesse é um desejo e, como tal, constitui demanda — em uma realidade para vantagem financeira dele ou dela. Só descobri isso mais tarde. Naquele momento, quando ele disse “venha”, eu fui.

— Sem fotos. Sem câmera.

— Não tenho câmera — disse eu, deixando claro que não era um recém-chegado, que não havia acabado de desembarcar, não era japonês. Mas fui atrás das sandálias de dedo gastas no calcanhar subindo a escada escura, até uma sala vazia com um balcão onde eu tinha visto os outros turistas que não estavam mais em lugar algum.

— Olhe — disse o menino, como se desse uma ordem, do mesmo jeito como antes tinha me instruído com o “venha”. Uma vez mais obedeci. Tinha uma boa visão das fogueiras, do rio atrás delas, mas não consegui ver nenhum corpo realmente; apenas pilhas de lenha, chamas e a multidão em movimento, inclusive os turistas que minutos antes eu tinha visto ali em cima. Olhei em torno para ver se havia mais alguém ali. Só o menino com sua camiseta azul do Planet Hollywood que parou ao meu lado, olhando o local de cremação. E dois amigos dele, que apareceram do outro lado, à minha esquerda. Mais velhos que ele e de aparência mais rude. Isto é um asilo, explicou um deles. Um lugar onde as pessoas vão para morrer. Assenti com a cabeça, sorri, olhei para o rio outra vez e ele repetiu a mesma coisa.

— Bom saber, mas no momento estou contente de estar vivo — disse eu. — Obrigado. — Era a primeira piada que eu fazia desde que chegara à Índia. O comentário sobre o cinto de segurança não tinha sido uma piada e nem aquilo era, realmente, mas variava um pouco em relação a dizer apenas “olá” e “não, obrigado”. O menino que falava comigo, um adolescente envelhecido, tinha alguma coisa esquisita em um dos olhos. Era como se ele fosse estrábico, mas não do jeito normal.

— Isto é um asilo — repetiu ele. — As pessoas vêm aqui para morrer. Tem gente que cuida das pessoas que vêm aqui para morrer. — Eu fiz que sim com a cabeça, tomei outro rumo.

— Muito bem — disse eu.

— Fazem donativo — disse o amigo dele, esclarecendo a situação. Para um asilo, o clima era surpreendentemente ameaçador. Entreguei uma nota de dez rúpias e virei-me para o rio de novo. Um cadáver, envolto numa mortalha vermelha, foi levado à margem pelos acompanhantes que cantavam, cantavam alguma coisa, cantavam. Eu não conseguia entender o que diziam, cantando. Mergulharam o corpo no rio e... Mas não adiantou, o sujeito de olho torto (os dois olhos eram tortos, era isso, de forma que um anulava o outro) estava puxando minha manga. Dessa vez, havia uma velha rabugenta e feia ao lado dele, e ela precisava de um donativo também, porque era enfermeira, cuidava das pessoas doentes que tinham vindo ali para morrer. Enfiei a mão no bolso e tirei uma nota. Cem rúpias, relativamente uma fortuna. Entreguei o dinheiro e fui saindo. Cinco rúpias teriam bastado, mas as cem me transformaram num marco. Estavam puxando minha manga outra vez, os dois meninos mais velhos e o menino com a camisa do Planet Hollywood. Havia outra enfermeira, e ela também queria cem rúpias. A inflação na Índia podia ser instantânea; de repente, cem rúpias era a taxa corrente. Mas para quê? Para ter licença de sair dali vivo?

— Para a enfermeira — disse o outro menino, que não tinha nada de errado nos olhos.

— Se ela é enfermeira, eu sou a Florence Nightingale — disse eu, com um grande sorriso. Tinha tocado a minha rica veia humorística naquele lugar lúgubre, mas evidentemente aquela não era a ocasião para ir mais fundo nela. Fui saindo, sem saber bem o que ia acontecer. Nada aconteceu. Fizeram uma tentativa simbólica de impedir minha saída, mas não me impediram fisicamente.

No interior soturno, tudo parecera bem sinistro, mas assim que saí no sol cuja luz formava ângulos, ficou difícil dizer exatamente o que acontecera. Os caras tinham sido ameaçadores? As velhas seriam realmente enfermeiras? Mesmo que não fossem, as duas pareciam precisar de uma.

Junto ao rio, havia uma plataforma tipo mirante, de onde os turistas, inclusive aqueles que eu tinha visto antes, estavam assistindo às cremações. Fui para lá e parei perto deles, sentindo-me seguro outra vez. Tudo era intensamente ritualizado e completamente *ad hoc*. Cabeça raspada, usando apenas um pedaço de pano branco, um homem magro conduziu um grupo em torno de uma pira ainda não acesa, borrifando óleo num corpo envolto em uma mortalha. Concluí que eram os parentes enlutados, mas não havia sinal de luto neles. Poucos minutos depois, a madeira foi acesa. O homem de cabeça raspada e seus amigos ficaram parados em torno, olhando, fazendo piadas, conversando. Ninguém podia acusar os hindus de serem desmancha-prazeres. As únicas pessoas com caras fúnebres eram os turistas, nós. Um par de pés crestados saía da pira que despencava. Um dos cavalheiros jogou mais achas em cima do corpo dessa ex-pessoa e empurrou os pés de volta às chamas. Eu ainda não tinha certeza de quanto se podia chegar perto das piras, mas ninguém se importava realmente. Uma japonesa chegou quase tão perto quanto os parentes, como se fosse a viúva que, em uma pungente demonstração de dor, pudesse juntar-se ao marido morto atirando-se às chamas. O interesse dela, porém, era bem desinteressado. Ela queria apenas ver, como nós também, só que mais audaciosamente. Por cima do ombro dela, vi uma cabeça pingando gordura nas chamas. O crânio foi aparecendo aos poucos. Houve mais cantos. Um outro corpo era levado até o rio. Vacas mascavam restos murchos de flores. As cinzas de funerais anteriores estavam sendo rasteladas. Depois, eram jogadas no rio. O corpo que ia ser queimado, que tinham acabado de trazer, estava sendo mergulhado no rio: um batismo pós-fato, de fogo.

O sol tinha desaparecido. E também a luz, quase. As fogueiras queimavam mais brilhantes. A escuridão estava baixando. O rio enegreceu. Lamparinas flutuavam corrente abaixo, uma frota de estrelas amarelas.

Dando prosseguimento à minha política de fazer o que todo mundo fazia, deixei Manikarnika e me juntei à batelada de turistas para a cerimônia diária no *ghat* Dashaswamedh. Os meninos não demoraram a aparecer, tentando nos vender as pequenas lamparinas que ficavam tão bonitas passando na correnteza. Todos vendiam a mesma coisa e diziam a mesma coisa:

— Cinco rúpias. Pai, mãe, irmã, irmão. Bom carma.

Comprei duas, acendi-as e fiquei olhando enquanto elas oscilavam e flutuavam, afastando-se. Eram lindas, e no começo foi lindo estar à beira da água lotada, enquanto escurecia, à espera de as coisas começarem. No entanto, tão logo começou, a cerimônia mostrou-se decepcionante. Não precisava ser um viajante perspicaz para ver que aquilo era um cortejo vazio, tocado para turista, um *son et lumière* com um elenco de centenas de extras. Qualquer significado que pudesse ter tido havia se esgotado, possivelmente muito tempo atrás ou talvez ontem, ou agora mesmo, diante de nossos olhos. O evento tinha sangrado até se tornar pálido, mas toda noite precisava sangrar de novo, o que apenas o deixava mais sem graça e exangue. Era como tentar vislumbrar, numa apresentação de *A ratoeira*, a majestade devastada de *Macbeth*. O ar agitado por insetos, denso com o canto asperamente amplificado, o som das cornetas e o clangor dos sinos. Fui embora antes de terminar, antes mesmo de começar.

Na manhã seguinte, eu estava de volta ao rio antes do amanhecer, quando o céu começava a ficar cinzento. Fazia muito mais frio do que eu esperava. Gelado. Mas não o suficiente para impedir que centenas de pessoas fossem se banhar no Ganges. Na hora prevista, o sol vermelho fervilhou em meio à névoa do rio. O mundo, que havia desaparecido durante a noite, retornava à existência. A margem oposta continuava vaga, um cinza sem substância, sem forma, sem qualidade.

Ao lado de outros turistas do Taj, eu estava num barco, descendo o rio em que as pessoas se banhavam, faziam orações, ofereciam *pujas*. Eu disse “descendo”, mas, na verdade, estávamos subindo o rio, impelidos por um remador que tinha de trabalhar duro para nos manter em movimento. O esforço o aquecia. Ele havia tirado o suéter e usava uma camisa vermelha de mangas curtas. Nós todos de anoraques ou embrulhados em cobertores. Protegidos por nossas cobertas, olhávamos de boca aberta os indianos magros, trêmulos, quase nus, alguns bem gordos, homens e mulheres, jovens e velhos, banhando-se no rio gelado. Concluímos que estava gelado pois vinha do Himalaia, embora nenhum de nós tenha tocado a água para saber. A única coisa que queríamos em nossas mãos era o sabonete antibacteriano que todos tínhamos. Nós quatro estávamos no Taj, éramos os hóspedes mais aventureiros, uma vez que tínhamos vindo aos *ghats* sem um guia. Trazíamos conosco apenas nossas roupas quentes, câmeras e um motorista à espera. Jean e Paul eram um casal canadense, de seus 50 anos, tão abertos como um campo nevado. Mary era holandesa, quase 40 anos, bem bonita, mas exsudando uma solidão condenada a se exacerbar e estender-se indefinidamente. A expressão “ela não é meu tipo” tinha uma espécie de aplicação universal: ela não era o tipo de ninguém. Tinham lhe dito que havia golfinhos vivendo no Ganges que podiam ser vistos de vez em quando.

— Parece difícil de acreditar — falei. Era uma coisa negativa para dizer, mas não tinha essa intenção, e eu não era mesmo a última palavra sobre o assunto, pois Jean tinha ouvido a mesma coisa de alguém que realmente os vira.

As paredes e janelas dos palácios à margem do rio espreitavam, brilhando, veneravelmente, na luz horizontal. O fato de a luz ser horizontal não significa que as construções sejam antigas. A luz é horizontal, mas os edifícios não são antigos. A luz é antiga; as construções, não. Nenhuma delas é anterior ao século XVIII. A história de Varanasi é a história de como ela foi arrasada e reconstruída, arrasada e reconstruída. Assim que termina de ser reconstruída, ela parece não se aguentar nas pernas. Cada átomo do ar é saturado de história que não é nem história nem mito, então um templo construído hoje parece, da noite para o dia, ter estado ali desde o raiar do tempo. *Toda manhã é a alvorada do tempo*, escrevi em meu caderno. *Cada dia é a totalidade do tempo*.

A maioria dos *ghats* tinha o nome pintado em letras brilhantes, já desbotadas: *ghat* Chousatti. *Ghat* Ranamahar. *Ghat* Munshi, onde algum tipo de filme ou vídeo pop estava sendo gravado. A luz do sol não era suficientemente clara. Tinham levado luzes extras para iluminar a cena corretamente. Comparado a ele, o templo amarelo pálido em frente ao *ghat* Kshameshwar, que não estava sendo filmado, não tinha a menor graça. Uma placa, também amarela, no *ghat* Chauki dizia: “O Ganga é a linha vital da cultura indiana.” O templo do *ghat* Kedar era pintado com listras verticais em rosa e branco; a escada que ia até o rio eram faixas horizontais também em rosa e branco: uma espécie de *op*

art. A borda do telhado do templo tinha uma multidão de deuses pintados com o colorido de brinquedos, acotovelando-se por um espaço, olhando para nós a observá-los, admirados. As *dhobis* no rio com a água até as coxas, batendo roupas e lençóis na rocha, batendo-os até um estado de submissa limpeza. Dez metros rio acima ficava o *ghat* Harishchandra, o outro campo de cremação. Muito menos espetacular do que o de Manikarnika. Pouca gente. Alguns cachorros, procurando nas cinzas. Com apenas uma fogueira acesa, o traço marcante de Harishchandra era uma estrutura quadrada amarela e preta. Parecia uma torre de salva-vidas atarracada, mas, como todo o resto, era um altar ou um templo — ou ambas as coisas.

— Não posso deixar de dizer — falou Paul — que, se dependesse de mim, eu faria ao contrário. Punha o lugar de cremação abaixo do lugar onde as roupas são lavadas.

— Eu também — ri. Mas então me lembrei do filósofo que perguntou, retoricamente: “De onde veio a lógica?” Do ilógico, claro. Nesse sentido, o ilógico era rio acima da lógica. Estávamos indo rio acima.

Um barco emparelhou com o nosso barco. Um homem vendia aquelas lamparinas que eu tinha visto descendo o rio na noite anterior.

— Bom carma — garantiu-nos ele, mas ninguém em nosso barco queria carma nenhum, nem bom, nem mau. Um homem de idade indefinível estava dentro do rio com água até os ombros, rezando, indiferente ao frio. Ao lado dele, um homem de cabelo branco se lavava aplicadamente, usando um saco plástico como bucha. Passamos por um Barco de Controle de Poluição, que já não fazia parte da solução; estava enferrujando dentro do rio, tornando-se parte do problema. Atrás dele, nos degraus do *ghat* Jain, havia um templo cor de mostarda onde não estava acontecendo nada; atrás dele, um prédio azul-claro que parecia o exterior de um Lido municipal.

* * *

Os outros membros de nossa expedição iam pegar o barco de volta para Dasheswamedh. Eu desembarquei em Assi, último *ghat* da cidade, na curva do rio. A maioria dos outros *ghats* tinha degraus de concreto, mas Assi era apenas uma margem de lama descendo para o rio. Ao me ver subindo essa encosta, um homem veio correndo me perguntar se eu queria um barco.

— Acabei de descer de um barco — disse eu. Mas mesmo ao dizer isso, me dei conta da irrelevância de minha resposta. O que interessava era que eu não estava num barco no momento exato em que a pergunta foi feita. Portanto, estava disponível, um possível passageiro de barco. Não havia sido feito nenhum cálculo quanto à possibilidade de a oferta do barco ser aceita; o importante era colocar a oferta antes que outro o fizesse. Em termos sonoros, o clamor de sinos de um templo competia com a música pop indiana que tocava num sistema de som com volume muito acima dos limites que ainda precisavam ser absolutamente estabelecidos.

O sol agora estava mais quente. Uma cabra apareceu, branca, a não ser pelas patas, o que dava a impressão de que usava elegantes meias pretas. Havia uma pequena fileira de lojas e uma hospedaria com famílias de mendigos sentadas à frente, ainda com o frio da noite. O ar cheirava a fumaça de madeira.

Eram apenas onze horas da manhã, mas tendo levantado ao amanhecer, eu precisava almoçar. Pedi *daal* e arroz em um lugar com cadeiras vermelhas emboloradas num terraço sobre o rio. A margem oposta já não era tão insubstancial quanto havia parecido mais cedo. Chegaram mais algumas pessoas, uma das quais se sentou na mesa vizinha. Ele tinha seus 30 e poucos anos, cabelo com corte militar. Os braços eram bronzeados, marcados por músculos. Usava uma camiseta azul-marinho da rádio WKCR, jeans desbotados e óculos escuros de aviador. Abaixo dos óculos, na face direita, uma cicatriz em forma de U. Tudo isso, ao lado do sorriso brilhante, dava-lhe a aparência de um ator que fazia o papel de alguém que começara a fazer um trabalho secreto para a CIA. Nos cumprimentamos e perguntamos as coisas de sempre: de onde éramos, em que outros lugares da Índia tínhamos estado. Ele pediu a mesma coisa que eu. O *daal* e o arroz chegaram à mesa antes de ele se sentar. Lavei a mão cuidadosamente com o antibacteriano, disse que não tinha estado em nenhum outro lugar, tinha vindo de Londres direto para Varanasi.

— Direto para o fundão, hã? — Um americano talvez conseguisse identificar o sotaque, mas para mim ele soava simplesmente americano. Era de uma cidade pequena de Illinois, mas agora vivia em Oakland. Tinha estado em Channei para a última temporada musical, período em que houve setenta concertos de música clássica do sul da Índia por dia. Foi incrível, disse ele. Depois de 15 dias, ele sentia que não ia querer ouvir mais nem uma nota de música pelo resto da vida. Perguntei que músicos tinha visto. Ele falou uma porção de nomes que eu nunca ouvira e um ou dois que eu conhecia. Eu tinha ouvido muitos músicos influenciados pela música indiana, mas para mim “indiano” era uma parte vagamente definida de uma classificação mais ampla e muito ridicularizada de “world music”. Querendo impressionar, desfiei alguns nomes que eu conhecia: Shanlar, Talvin Singh, Trilok Gurtu... Contei que tinha visto Nusrat Fateh Ali Khan tocar no Hackney Empire em 1990. Mencionei Ry Cooder e o disco que tinha feito com um sujeito indiano cujo nome eu não conseguia lembrar.

— V. M. Bhatt — disse ele sem se exhibir, só ajudando. — Por falar nisso, meu nome é Darrell. — Depois do aperto de mãos, um garçom trouxe o almoço dele, e ficamos os dois sentados ali, comendo nosso *daal* num silêncio cúmplice. Gostei dele. Pareceu-me uma pessoa firme.

Quando terminei de comer, Darrell tirou da bolsa uma grossa história da Índia, perguntou se eu tinha lido. Dei uma olhada nas páginas surradas, enquanto ele continuava comendo.

— Não li, não — respondi. — Como é?

— Estou achando uma tortura. A única coisa que me faz continuar é a expressão “planície indo-gangética”. Adoro essa expressão.

— Eu também — respondi. — É tão... É um nome de lugar excelente.

— Dá vontade de ir lá, não dá? Até a planície indo-gangética.

— Você acha que a gente está nela, agora, conversando aqui?

— Você quer dizer que estamos falando da planície indo-gangética na própria planície indo-gangética? Que tal?

— O negócio é que eu não sei exatamente onde fica. É muito grande, difícil dizer onde termina.

— Ou começa.

— É tudo.

— E lugar nenhum.

— É...

— A planície indo-gangética.

Percebi naquele momento que íamos ser amigos.

Depois do almoço, entramos numa livraria onde, além de livros, havia uma porção de CDs de música clássica — cítara, sarangui e vocal — em promoção. Darrell folheou um exemplar do *Indian Journals* de Allen Ginsberg. Havia várias páginas de fotografias, inclusive uma do poeta barbudo, de óculos, em um balcão mofado de Varanasi, apertando a mão de um ágil macaco sem trair nenhum sinal de “especiesismo” (Ginsberg, eu quero dizer; o macaco aproximava-se de humanos com visível cautela).

— Gosta de Ginsberg? — perguntou Darrell.

— Para falar a verdade, sempre achei que ele era um tanto masturbador. — Como um macaco esperto, eu talvez devesse guardar minha opinião para mim mesmo, mas Darrell comprou o livro mesmo assim.

Ao lado da livraria havia uma agência de viagens, onde Darrell tinha de reservar suas passagens de trem. Estava planejando passar algumas semanas longe de Varanasi e depois voltaria para uma estada mais longa, no Ganges View.

— Um amigo em Londres me recomendou esse hotel — disse eu.

— É superlegal — disse ele. — Bem perto daqui.

Nos despedimos na porta da livraria. Em vista do pouco tempo que passamos um na companhia do outro, fiquei surpreso de me sentir tão decepcionado de ele estar indo embora. Disse que esperava vê-lo de novo, antes de partir.

— Com certeza — disse ele. — A cidade é pequena. Ou pelo menos a parte turística é pequena. O Ganges View fica algumas portas adiante. Vá dar uma olhada.

Nos despedimos de novo e subi a escada para o Ganges View. Pelo que Anand tinha dito, eu esperava um palácio de marajá adaptado — ou uma versão boutique do Taj Mahal —, mas parecia um lugar bem familiar. O homem no balcão era tão gentil que parecia relutante em falar, como se pronunciar palavras fosse expressão de uma intenção violenta ou, mais basicamente, arriscar uma explosão vermelha do *paan* que estava mascando. Consultou um pedaço de papel do tamanho de uma mesa, que devia fazer sentido só para ele e mais ninguém. Pela maneira como examinava aquilo, eu não tinha certeza se fazia sentido sequer para ele. Era um arranjo bem sensato, com os números dos quartos no alto e as datas nas laterais, mas dentro dessa grade simples tudo havia sido apagado ou riscado e escrito por cima. Havia duas maneiras de ver o homem olhando aquilo: como alguém que lê a sorte tentando discernir o futuro nos padrões fortuitos das folhas de chá numa xícara ou como um arqueólogo confrontado com algum palimpsesto em que os mistérios de uma civilização antiga podem ser decifrados.

— Temos vaga para terça-feira — disse ele.

— Terça-feira — repeti. Perdi minha localização no tempo por um momento e tive de perguntar que dia era hoje.

— Hoje é sábado.

Isso mesmo. Hoje é sábado e terça era o dia que eu devia tomar o avião para Déli e de lá para Londres. Perguntei se podia ver o quarto. Ele disse que, embora fosse ter um quarto livre, ainda não sabia qual seria. Então fez um gesto para que eu entrasse para dar uma olhada. No primeiro andar, havia um terraço agradável, cercado de vasos de flores, grande, com vista para o rio. A margem oposta tinha adquirido mais definição, algum tipo de forma. Um casal de meia-idade estava almoçando. Ao lado ficavam as estupas marrons de dois templos. Dois papagaios, verdes como limões, estavam pousados no fio do telefone. Tudo era parte de um par, e isso era bom.

Dei uma espiada num quarto, desci de novo a escada e disse que ficaria com a vaga. Não era exatamente verdade. Eu tencionava viajar de volta para Londres conforme o planejado, mas meu bilhete podia ser trocado, e sempre dá uma boa sensação ter opções. Ele escreveu meu nome na coluna, se entendi direito as coisas, do quarto 9, embora isso não quisesse dizer que eu fosse ficar definitivamente no quarto 9. Eu disse que voltaria na terça-feira, e ele assentiu, ao estilo indiano, balançando a cabeça.

Caminhei pelos *ghats* por onde tinha passado antes de barco. Era como passear à beira-mar em Hove, mas havia muito mais coisas para ver. Um cachorro mastigava o que eu pensei que fosse um pedaço de madeira, mas que na verdade era a cabeça de outro cachorro — ou talvez de uma raposa. As lavadeiras tinham terminado de bater suas roupas. Em vários *ghats* os degraus estavam cobertos de sáris secando, do tamanho de tapetes coloridos na escada. Era difícil dizer se estavam mais limpos agora do que antes de lavados. Molhados, a poeira grudava neles. As pessoas ficavam me perguntando se eu queria um barco, e eu respondia sempre que não. O homem que eu tinha visto do barco ainda estava lá, rezando, em transe no Ganges. Podia estar lá fazia semanas, anos, até.

Eu estava tentando, em parte por gosto pessoal, em parte como pesquisa para o artigo que devia escrever, formar uma vaga ideia da sequência dos *ghats*, da aparência que tinham, do que acontecia em cada um deles. Mahanirvani era fácil: projetava-se num grande pátio de concreto e era o lugar onde os búfalos andavam. Eles perambulavam mais que andavam, e um menino tinha por trabalho às vezes dar-lhes uma cutucada com uma vara. Sendo búfalos aquáticos, a proximidade com a água era uma grande vantagem. Eles se alternavam ajoelhando-se ou sentando-se na água, e também havia algumas vacas. Provavelmente eles nem sabiam que existia algo como relva. Para eles, aquilo era uma pradaria, só que não comestível. Não era uma pradaria, porém, era um campo de críquete, e um menino magro estava parado na borda, no meio do gado, para pegar uma bola que voava para o Ganges num *six*. Era uma bola de tênis, marrom de lama e encharcada, e o rapaz que lançava o fazia a sério, mas o rapaz que batia o fazia ainda mais a sério, e houve uma longa espera enquanto a bola era pescada do rio pelo rapaz que devia ter impedido que isso acontecesse. Toda a cena era um ensaio convincente sobre o declínio do críquete na Inglaterra.

Alguns edifícios davam para fora, aproveitando a vista. O do *ghat* Dandi ficava de fundos para o rio, como a parte externa de um estádio de futebol cujo time, recentemente rebaixado, jogava com um uniforme laranja e azul-claro. O palácio atrás do *ghat* estatal Karnataka tinha a grandiosidade trágica de um salão de bingo abandonado. A sensação dessa sequência de *ghats*, de tempos duros, de entretenimento de massa e glória apagada, estendia-se ao Harishchandra, o campo crematório com a torre de salva-vidas amarela e preta. Duas fogueiras fumegavam e o lixo dourado de mortalha e flores

à beira da água pareciam estar lá havia uma eternidade. A água dava a impressão de estar abandonada, sem vida.

Passei pelo *ghat* Kedar, o templo com as listras em rosa e branco. As listras brancas na verdade eram azul-claras. As ofertas de barco não pararam durante todo o tempo que caminhei.

Estava acontecendo alguma coisa adiante. Uma comoção, uma multidão: a filmagem que eu tinha visto do barco. Grandes painéis e luzes estavam sendo ajustados. A câmera sobre trilhos. No meio de toda essa atividade, era difícil dizer quem era parte da produção, quem era figurante e quem estava só olhando. Ao lado do movimentado trabalho do set de filmagem, aparentemente indiferente a ele, um religioso sentado na frente de um pequeno altar cor de laranja. Tinha cabelo grisalho e uma barba que parecia ser feita com a pele de um animal de pelos longos, de origem mítica, perto da extinção e completamente incontinente. Uma dúzia de ouvintes estavam sentados, as pernas cruzadas, numa lona azul. O professor tinha diante de si o que devia ser um livro sagrado do tamanho de um bem completo, mesmo que ligeiramente ultrapassado, atlas rodoviário. Quando digo ligeiramente ultrapassado, quero dizer antes da época em que existiam carros, quando não havia estradas, nem atlas. O diretor estava passando instruções para sua equipe, atores e figurantes. Mais painéis e luzes foram levantados. Um dos atores fazia o papel de um religioso. Era uma versão de aparência mais saudável, com roupas mais caras, do religioso barbudo sentado a poucos passos. Seu cabelo e barba eram evidentemente falsos; parecia cabelo humano, mas não o cabelo daquele humano em particular. Macacos de traseiros vermelhos gritavam em bando em cima do prédio atrás do altar e desceram para o telhado cor de laranja. Um deles saltou para o chão e tentou pegar o atlas rodoviário sagrado. O macaco era rápido, mas não tinha força suficiente. O livro caiu de sua pata e o guru continuou sua instrução. Ao fazê-lo, tirou de um saco plástico o que parecia um troço velho, mas, na verdade, era uma banana passada de madura, que atirou na direção do macaco. O animal agarrou-a e voltou correndo para o telhado do altar. O diretor gritou “ação”, e o macaco descascou e comeu sua banana diretamente acima da cabeça do guru. A cena do filme era um dos atores parado enquanto, atrás dele, uma moça de sári verde passava depressa, timidamente. O ator que fazia o religioso não tinha nada para fazer nessa cena; só estava por ali. O diretor disse “corta”. Enjoado da banana, o macaco dependurou-se e — não havendo como satisfazê-lo — agarrou uma das guirlandas de flores atrás da cabeça do guru. Começava a parecer que estavam fazendo uma cena dupla, que, em vez de instruções de navegação, alguma aula sobre evolução era encenada. Começamos como ladrões, balançando das árvores e roubando o que conseguíamos pegar: livros, bananas, flores. Depois, com o tempo, aprendemos a sentar de pernas cruzadas, falar e ouvir, e o impulso de surrupiar e roubar aos poucos diminuiu. No panorama mais geral das coisas, o fato de alguns de nós fazermos filmes ou escrevermos poemas chamados “Uivo” era irrelevante. O macaco estava sentado no altar alaranjado, a cabeça inclinada de lado, como se pudesse começar a entender o erro de seus hábitos. Parecia que estava escutando, mas podia estar mijando ou pensando de onde viria sua próxima banana. O diretor disse “ação” outra vez, e a mesma cena foi filmada de novo. A garota de sári verde passou depressa. O ator principal olhou para a câmera com uma expressão absolutamente vazia no rosto. O macaco entediou-se e foi ricocheteando pelas paredes do edifício. O religioso continuou resmungando suas instruções.

Peguei um riquixá motorizado de volta ao hotel. Tínhamos rodado apenas algumas centenas de metros quando o motorista parou para pegar com um amigo uma pilha roxa de pequenas berinjelas. Imediatamente alguma coisa bateu atrás de nós. Não achei que fosse nada, apenas uma colisão, um carro ou outro tuk-tuk que tivesse batido no nosso, mas, na verdade, era um policial, um guarda de trânsito, batendo na parte de trás do nosso tuk-tuk com o cassetete: a robusta implementação de uma via expressa em Varanasi. Seguimos rugindo outra vez. Era uma experiência diferente de estar protegido num carro. Rodar no Ambassador era como estar no desconforto blindado de uma Humvee. Aquilo era uma experiência totalmente nova. Na verdade, era mais parecido com um videogame. Eu era alto demais, claro. Uma vez dobrado no banco, não conseguia ver nada senão quando estivesse a poucos metros ou centímetros de acabar conosco. Além de todo o resto, o trânsito concorrente, o trânsito em sentido oposto, a confusão, a fumaça, o barulho, a viagem era também uma corrida de obstáculos. Estávamos sempre sacudindo por cima de algum tipo de quebra-molas ou dentro de uma valeta. Devia ser um inferno para a suspensão, mas como a suspensão tinha se acabado anos antes, não fazia a menor diferença. Nada fazia nenhuma diferença, então íamos passando por cima de tudo. Tudo exceto um bueiro, completamente destampado. Contornamos o bueiro na última hora, embora o perigo estivesse claramente indicado: por um meio tijolo colocado a centímetros da boca. Carros, ônibus e tuk-tuks surgiam e passavam guinchando. Nunca fui de ter ideias empreendedoras, mas me ocorreu que havia possibilidades numa versão simulada daquela experiência, um jogo de computador chamado *Viagem mortal a Varanasi* ou simplesmente, em homenagem a Scorsese e De Niro: *Tuk-tuk Driver*. A ideia seria viajar do Taj Ganges ao Manikarnika sem ser esmagado, nem perder um membro, nem ficar com os nervos abalados.

Jantei na segurança reconquistada do Taj e depois tomei uma cerveja no bar: uma Kingfisher com um sabor ligeiramente oleaginoso, em garrafa transparente. Havia apenas um punhado de pessoas ali, nenhuma sentada no balcão, nenhuma com quem conversar. Talvez tendo em mente o bêbado solitário, o hotel deixava à disposição uma seleção de livros sobre Varanasi. Um deles chamava-se *End Time City*,¹¹ um livro de fotos de Michael Ackerman. Levou algum tempo para eu me ajustar a ele: os prédios pareciam conhecidos, mas as fotos eram em preto e branco, e a coisa mais óbvia no lugar em que eu passara o dia andando era a cor. Provavelmente aquela era a cidade mais colorida do planeta. Livrar-se da cor era criar um lugar que, sob certos aspectos, não era absolutamente um lugar, mas uma reação atordoada a ele. Eram como fotos do interior da cabeça do fotógrafo enquanto estava ali, ou depois, ao se lembrar daquilo, ou enquanto estava dormindo, empapado de suor e sonhando com a cidade. Havia macacos, tristes e pensativos, cientes, mesmo sem saber ainda, de que se outras coisas morressem, eles também morreriam. Evidentemente, algumas páginas adiante, havia um deles morto como um cachorro amado, moedas espalhadas por cima. Pessoas agachadas, lendo, atrás das barras de

uma cela ou de um templo. A vida normal em um lugar onde a ideia de normal era tão exótica quanto um macaco dormindo no seu ombro. Ruas no sentido de vazios entre prédios onde se podia andar, ou atirar lixo, ou viver, ou não. Um rosto evaporando numa fogueira. Cabeças raspadas, o borrão de um animal. Coisas não mais vivas, abutres do tamanho de perus. Trapos que deviam ter sido roupas. Pano gravado com o divino, manchado. As imagens eram manchas. O tempo era uma mancha. Tomei um gole de cerveja. Não estavam ali para serem vistas apenas como fotos, aquelas imagens. Elas acoassavam você, eram uma fachada, eram estonteantes. Algumas eram como luz do dia quando se sai de um beco escuro, outras eram tão impenetráveis como um beco depois de horas passeando no sol forte; as melhores eram ambas as coisas. Depois de olhar para elas um tempo, as cores da cidade verdadeira — o rosa e laranja, o vermelho, o azul do céu — eram drenadas, esquecidas, reduziam-se ao brilho cego de uma lâmpada, ao fulgor branco do algodão, ao cintilar do sol na água ou num olho, cintilando, e o negro de todo o resto, a noite que nunca ia embora, que pairava, à espreita.

* * *

Fui andando por aquelas vielas no dia seguinte, coloridas de novo. Estava com minha boa camerazinha digital, mas acabei não tirando nenhuma foto, mesmo com tudo gritando para ser fotografado. A largura de muitas vielas permitia a passagem de apenas duas pessoas lado a lado, mas bicicletas, motocicletas e vacas conseguiam se esgueirar também. A Índia tinha uma coisa que eu estava começando a entender: sempre havia lugar. Mesmo quando não havia mais lugar, havia lugar. Uma espécie de oposto também era verdadeiro: por mais estreita que fosse a viela em que você se achava, sempre havia uma viela mais estreita que levava a uma viela ainda mais estreita. Por fim, quando isso deixava de ser verdadeiro, havia um beco sem saída ou uma alameda que levava de volta a uma alameda que parecia, em comparação, do tamanho de uma via importante. Era difícil acreditar que aquela rede de vielas e becos um dia tivesse sido mapeada. Não havia necessidade. Todo mundo sabia para onde ia e como chegar lá. A maioria já estava lá. Mulheres com sáris vermelhos e amarelos passaram como chamas carregando coisas. Lojas, bancas e gente dormindo se apertavam em todo canto e sombra. Todo mundo ocupado com seus interesses, mesmo que tal interesse fosse apenas ficar sentado. Ficar sentado ou perder tempo: um jogo de espera, essencialmente. As pessoas que pareciam estar com preguiça, sem fazer nada, entravam em ação no momento em que qualquer tipo de venda parecia possível. Isso era verdade até quando estavam dormindo, usando os braços como travesseiro. Se tinham tapetes para vender, então fazia sentido sentar em cima da pilha que eles formavam. A maior parte das transações era feita dentro da comunidade de barraqueiros. Estavam sempre comprando coisas uns dos outros: comida, chá, doces. Uma das coisas que estavam sempre comprando era dinheiro. Ninguém nunca tinha troco. Então, se um turista queria comprar um souvenir ou um brinquedo divertido para os filhos lá em Washington ou Londres, um menino era mandado a outra barraca para comprar notas de menor valor. Dessa forma, uma transação pequena criava enormes ondas de atividade econômica que se espalhavam por todo o arredor, animando-o, gerando lucro. Eu ainda não tinha nada de haxixe para fumar, nem tinha certeza se queria, mas comprei, por precaução, um pequeno cachimbo. O sujeito tinha dúzias deles, alguns completamente entupidos. Paguei com

uma nota de cinquenta rúpias e, depois que um menino foi despachado, recebi como troco uma nota de vinte que parecia ter sido desenterrada do fundo de um monte de adubo. Adorei isso na Índia, o jeito como, apesar de tudo, as coisas retinham seu valor. Em outra vida, eu seria bem feliz de trabalhar ali. Havia algo de sedutor em gastar seu dinheiro cuidando de uma barraca que era ao mesmo tempo local de trabalho e bar, lugar para ficar com seus amigos, sem a esposa, sem cerveja — e muitas vezes sem clientes. Se você não tinha esposa, era menos atraente, claro. Então você tinha de contar com o consolo do jornal. Os óculos de alguns homens, lentes grossas, armações de plástico preto, imprimiam ao ato de ler esses jornais um ar absolutamente acadêmico. Sempre que alguém lia um jornal, por maior que fosse a comoção em torno, havia o ar contemplativo de uma biblioteca. Páginas viravam. O sol diretamente acima. Lanças de luz tornavam as sombras mais escuras. Soldados de suéteres cáqui sentados, aninhando rifles com coronhas de madeira, o tipo de arma associado à Segunda Guerra Mundial. Ali perto ficava um grande pátio ensolarado, onde um jogo de badminton em duplas estava em curso. Era cercado, de três lados, por íngremes paredes verdes, onde macacos não prestavam a menor atenção ao jogo. Estavam interessados apenas em bananas e não havia bananas à mão.

Logo depois disso, eu me vi diante de um templo, não sabia qual, só que não era grande, Vishwanath, com toda a segurança de um aeroporto: detector de metais e revistas. Por isso havia tantos soldados por ali: porque Vishwanath, o Templo Dourado, e uma mesquita ficavam praticamente um em cima do outro, provocando os fiéis, incitando-os a viver em paz. Era o velho roteiro dos “vizinhos do inferno” elevado a um nível de intenso princípio e proximidade teológicos. Não existe Deus além de Deus, diz um lugar. Existem milhares deles, diz outro. O fato de as pessoas conseguirem viver em harmonia havia anos não queria dizer que, da noite para o dia, não fossem pular no pescoço umas das outras. Daí os soldados.

Tirei as sandálias e entrei no templo. O piso de ladrilhos era úmido. O lugar todo era escuro, bastante úmido, de aspecto não inteiramente limpo. Havia uma variedade de deuses guardados em pequenos nichos e uma variedade ainda maior de meninos loucos para explicar quem eram todos eles. Ganesha estava lá, vestido de flores, com o rosto negro e os olhos de contas, olhos feitos de contas. Ganesha, explicou um dos meninos, era o deus da boa fortuna — e era fácil entender por quê. Ele parecia nem acreditar na própria sorte: metade elefante e ainda conseguia ser um deus! Esse é o negócio do hinduísmo, porém: todo mundo tem chance e sempre tem lugar para mais um deus. Garuda (parte águia) estava lá, assim como Hanuman, o macaco. O hinduísmo é a Disney das religiões do mundo. Os deuses todos têm suas consortes, e os deuses e suas consortes todos têm sua forma particular de transporte: Vishnu viaja de águia (Garuda); Shiva, de touro (Nandi); Kartikeya, de pavão... A lista e as variações da lista são infinitas, impossíveis de se apreender, mas parece seguro supor que até mesmo os “veículos” (que seria de se supor capazes de cuidar das próprias providências de viagem) têm seus veículos, que Garuda às vezes viaja de coruja ou de tartaruga. E Ganesha, o elefante, como viaja? De rato, claro.

Se há uma coisa que as grandes religiões monoteístas têm em comum é a falta de senso de humor. Existe uma única piada na Bíblia ou no Alcorão? O hinduísmo, eu via então, era uma piada, mas não era apenas uma piada; era completamente ridículo. E não parava aí. Eliminava a ideia de ridículo

transformando tudo em uma cosmologia completa! Eu não sabia bem se isso era verdadeiro a respeito do hinduísmo, mas ali, naquele templo hindu, a ideia de ridículo de repente se tornava sublime.

Era apenas um pequeno templo. Minha excursão logo estaria concluída. Dei algumas rúpias velhas aos meninos que tinham me mostrado as coisas e saí para o tão saudado sol. Minhas sandálias estavam onde eu as havia deixado. Fiquei contente de calçá-las de novo, de não andar descalço pelas vielas empoeiradas e cagadas de Varanasi. A invenção e o desenvolvimento do calçado era uma coisa tão evidentemente boa que minha felicidade, o ritmo do passo que advinha da consciência de estar confortavelmente calçado, era acompanhada de um correspondente esgotamento de entusiasmo. O que, poucos minutos antes, parecera uma ideia tão persuasiva (que o ridículo podia ser o princípio que anima a vida) soava, diante dessa ideia mais prosaica de progresso, repentinamente... ridículo. Assim que pensei nisso, de repente não queria mais andar. Queria voltar ao hotel, para jogar *Viagem mortal a Varanasi* outra vez.

Comprei uma lata de Coca-cola (para mais troco) e fiz um trato com um motorista de tuk-tuk (que não tinha troco nenhum). Esperava não ter de dizer o nome do hotel, estímulo imediato à hiperinflação, mas não sabia o nome de nenhum outro ponto de referência nos arredores. Então seria o Taj, ou deveria ser, mas cinco minutos depois saímos da rua principal.

— O que está fazendo? — gritei. Não estava zangado, mas tinha de gritar para me fazer ouvir acima do ruído do tuk-tuk e do trânsito. — Por que está indo por aqui?

— Rua principal fechada — disse ele. A rua principal podia estar fechada, mas era difícil de acreditar que estivesse em piores condições do que aquelas ruas secundárias. Não eram ruas, mas apenas vielas empoeiradas, sem calçamento, cheias de entulho, juncadas de lixo. Viramos mais uma vez, para uma rua ainda menor e menos transitável, atravessando o que era, evidentemente, uma das partes mais pobres da cidade. Provavelmente isso não é verdade: é infinita a gradação da pobreza. Comparada a certas áreas, aquela podia ser relativamente opulenta, até mesmo desejável. Dois porcos de aspecto alegre estavam escavando uma massa de lixo. Parte desse lixo havia se compactado em um piche escuro, um sedimento de sujeira concentrada, sujeira pura, sujeira sem impurezas, desprovida de qualquer coisa que não fosse sujeira. A camada de cima compreendia uma papa de vegetais apodrecidos da qual uma criatura devidamente adaptada poderia recolher um vestígio de nutrição. Em cima disso havia um sortimento de flores amarronzadas, pedaços de papelão encharcado (não desprezíveis como possível fonte calórica) e excrementos de aspecto mais fresco (idem). A coisa toda contrastava com uma vistosa guarnição de sacos plásticos azuis. À sua maneira, era uma possível atração turística, uma manifestação contemporânea da ideia clássica de esqualidez. Fiquei bastante excitado com isso, tentando a pedir para o motorista parar a fim de olhar melhor, talvez até tirar uma foto. Antes que eu tivesse chance de fazer isso, ele parou. Porque o tuk-tuk foi cercado por um enxame de meninos. São muitos os meninos sujos a correr por Varanasi, descalços, com camisetas esfarrapadas, infernizando turistas por uma rúpia. Mas esses meninos, logo ficou claro, eram piores. Mesmo para o padrão dos miseráveis, eles eram pobres. Para o padrão dos sujos, eram imundos, tão imundos quanto os porcos que fuçavam o lixo. Era possível até que o que eu havia tomado por um depósito de lixo fosse, na verdade, seu playground, talvez até sua cozinha. Não havia nada de sedutor neles, mas eram meninos, meninos com dentes, olhos e braços finos, e, enquanto tais, havia — ou

poderia ter havido — alguma coisa sedutora neles. Eram crianças-hienas, cães da pradaria, criaturas selvagens, ferozes. Mais precisamente, eram como as partes individuais, altamente animadas, de uma única entidade-enxame com dezenas de olhos, múltiplos braços e mãos, todas estendidas para dentro do tuk-tuk, agarrando minha bolsa, minha câmera, meus braços, meus bolsos. O motorista do tuk-tuk parecia assustado. Felizmente, eu tinha tido uma pequena experiência desse tipo antes, em Nápoles, quando uma gangue de meninos de 10 anos me roubara. Naquela época, eu não tinha ideia do que fazer; quando me dei conta do que estava acontecendo, eles já tinham tomado posse da minha carteira. Agora, com a bolsa firme entre as pernas, comecei a bater com toda a força possível, usando cotovelos, punhos e antebraços, em qualquer coisa que chegasse perto de mim, tomando o cuidado de não bater no rosto de ninguém. Era improvável que eles tivessem pais, mas eu não queria que o pai de nenhum deles entrasse em cena, para saber por que aquele turista rico tinha tirado sangue do focinho de seu filho. Batendo, socando, agarrado aos meus pertences e cuidando dos bolsos, mandei o motorista do tuk-tuk seguir em frente.

— Vá em frente! — gritei com toda a autoridade imperativa que consegui. — Vá em frente! — O motor pipocou, vivo. Mãos ainda agarravam e puxavam. Incapaz de conseguir qualquer coisa mais substancial, eles estavam beliscando minha carne. O tuk-tuk começou a avançar. — Mais depressa! — vociferei, sem parar de bater e me defender. — Passe por cima deles se for preciso!

Aceleramos ruidosamente. Um projétil, uma pedra, um tijolo, talvez um pedaço de merda seca, bateu no teto do tuk-tuk, mas estávamos livres. O motorista não disse nada. Eu não disse nada. Não estava claro se ele havia deliberadamente, como dizem os policiais, “aprontado” para mim, se era cúmplice na emboscada ou uma vítima tanto quanto eu. Ele decerto parecia alarmado. De qualquer forma, eu agora estava em segurança. Ocorreu-me que uma versão desse incidente podia ser útil para introduzir no software *Viagem mortal a Varanasi*. Girei o corpo e olhei para trás. Ainda dava para ver aquelas crianças-hienas junto ao seu trecho de lixo. Estavam saltando, excitadas, segurando alguma coisa no alto, alguma coisa que brilhava ao sol, como um troféu, como o espólio de um ataque feito de surpresa. Conferi meus pertences: ainda estava com a câmera, o iPod; o cinto de dinheiro ainda estava na cintura. E então me dei conta: eles tinham, sim, conseguido me tirar alguma coisa. O objeto que os vi sacudindo excitadamente no ar era a minha lata de Coca-cola.

* * *

No dia seguinte, fiz um novo amigo — ou, pelo menos, tive outra conversa. Um longo lance de escada de degraus azuis e brancos perto do *ghat* Shivala levava à Livraria e Café Mãe Rytasha. No alto, sentado em uma das duas cadeiras brancas, estava Andre Agassi. Não Agassi como ele é agora (ou era alguns anos atrás, na época de sua aposentadoria): cabeça raspada, adorável; um Buda com andar de pato e um *backhand* com as duas mãos. Era Agassi em seus 20 anos rebeldes e vendáveis: cabelo comprido, brinco, boné de beisebol, barba por fazer. Sentei na outra cadeira, sem saber se ele trabalhava ali ou era simplesmente um cliente. Um pouco de cada, afinal. Seu amigo Chandra cuidava do local, e ele vinha, ficava por ali, ajudava. Ele parecia americano, seu nome era Ashwin e a semelhança com Agassi — não pude deixar de mencionar isso — não era inteiramente gratuita.

Como Agassi, ele era de ascendência persa.

— Mas você é americano?

— Nesta encarnação.

— E nas outras? Sabe de onde você era nas outras?

— De Deus.

— Limitando-se por um momento a esta encarnação, de onde você é na América?

Ashwin era da Califórnia, estava em Varanasi havia quatro semanas. Naquele momento, tinha acabado de voltar de um trabalho voluntário em um dos acampamentos de tratamento de olhos de Mãe Rytasha em Bangladesh, onde realizavam operações de catarata a baixo custo e tratavam outros problemas fáceis de curar. Como eu nunca tinha ouvido falar de Mãe Rytasha, ele pegou um livro ilustrado sobre ela para mim. A mulher tinha a pele clara e seu nariz parecia ter sido feito pelo mesmo cirurgião que operou o de Michael Jackson. Era impossível dizer quantos anos tinha. Evidentemente, ela era uma força do bem. Todo o dinheiro que ela conseguia era empregado no trabalho para os pobres. Ashwin a conhecera em Santa Fé, onde ela estava fazendo um trabalho de conscientização dos ricos, levantando fundos. Ele se aproximara com todo o costumeiro ceticismo, mas quando a viu, sentira nela uma emanção de puro amor. Mesmo assim, não se convenceu. Foi embora. Então, mais tarde nesse mesmo dia, encontrou com ela de novo. Estava sentada num parque, com amigos, debaixo de uma árvore, e mais uma vez ela olhou para ele, e ele sentiu seu amor — não amor por ele, amor por todo mundo, pelo mundo, amor apenas — enchendo o coração dele. Por meio desse amor por ela, ele encontrara Deus.

— Qual deus em particular? — perguntei. Não queria parecer cínico, mas estávamos na Índia, havia uma porção para se escolher, e parecia essencial algum tipo de esclarecimento. Ele juntou as mãos e virou os olhos para... o céu, suponho que seja assim que se diz.

— O deus do amor — disse ele. Era uma boa resposta não sectária. Eu não tinha como achar defeito nela, mas achei, claro. Ele me contou mais sobre Mãe Rytasha e as coisas que ela fazia, todas (e não havia dúvida aí também) para tornar o mundo um lugar melhor. Mesmo assim, havia algo na expressão de plenitude dos olhos de Ashwin que me fazia pensar em altas doses de Prozac ou Zoloft. O amor que o preenchia (genuíno, absoluto, incondicional, elogiável, revigorante) era tudo o que havia entre ele e o colapso nervoso que, assim como a noite nos quadros de Ackerman, estava à espreita. O amor mantinha aquilo à distância, mas acabaria por deixá-lo mais suscetível. Parte de mim chegava a ter vontade de estar ali para ver acontecer.

Mesmo assim, foi legal tomar uma Coca-cola e ouvi-lo falar. Trocamos um aperto de mãos e dissemos: “A gente se vê por aí.”

* * *

Saí do Taj e me hospedei no Ganges View. Telefonei para a companhia aérea, cancelei a reserva feita e confirmei outra em um possível voo para Londres dentro de duas semanas. Não tinha pressa para deixar Varanasi, mas fiquei contente por trocar de hotel. A excitação e o barulho do trajeto diário de ida e volta aos *ghats* tinham se transformado num peso (o transporte), e eu estava cheio do conforto

sanitizado do Taj. Fiquei tão contente de estar no Ganges View que passei o primeiro dia inteiro no terraço, pedi almoço, drinques e li. Ou tentei ler.

Tinha comprado uma pilha de livros sobre hinduísmo na livraria Harmony, a loja em que estivera com Darrell, mas achei difícil me concentrar neles. Por mais que tentasse, não conseguia acompanhar quem era quem e o que era o quê. Era impossível dizer se a pessoa numa parte da história era a mesma de outra parte, umas páginas adiante. Todo mundo era avatar de outro. Ninguém era apenas ele mesmo. Shiva, Vishnu, Krishna — eram todos um e outro. Era como um mundo em que Thor, em vez de bater seu martelo e se transformar no frágil Don Blake, se reacendesse como o Tocha Humana (que era também o Doutor Destino) ou, ainda mais surpreendente, numa estrela convidada de um sistema mitológico rival: o Lanterna Verde, digamos, ou Lois Lane. (Surpreendente descuido da Marvel, que não aproveitou todo o potencial para super-heróis do hinduísmo.) Mesmo quando não eram o outro, estavam sempre se transformando em alguma outra coisa para castigar um rival ou escapar de uma encrenca. Como seus poderes eram ilimitados, as confusões em que se metiam nunca geravam muito suspense. Os nomes eram essenciais, nada era mais importante do que os nomes, mas eles eram infinitamente flexíveis, compartilhados. Outro problema era que os absurdos épicos daqueles deuses, todo aquele desejo por ovos do tamanho de planetas, as gotas de água que formavam grandes lagos, o piscar de um olho que apagava o sol, tarefas que levavam dezenas de milhares de anos — eram exatamente o tipo de coisa que eu sempre tivera problemas para ler. Depois de uma amostra de Gabriel García Márquez, eu passara a detestar até mesmo uma insinuação de realismo mágico num romance. Assim que topava com uma passagem num romance em que as árvores começavam a conversar entre si, eu desistia na hora. Comparado ao que acontecia nos mitos hindus, árvores conversando pareciam uma reportagem, um documentário meticuloso. Aquilo era realismo mágico sem qualquer vestígio de realidade. Talvez fosse preciso absorver aquilo tudo em criança e simplesmente se perder no fabuloso do *Mahabharata* ou do *Ramayana*, e então, em consequência dessa exposição precoce, seu cérebro seria configurado e formatado de tal maneira que tudo faria uma espécie de sentido de que tudo era simultaneamente alegórico e literal, fantástico e crível. Para mim, evidentemente, essa possibilidade havia passado fazia tempo.

Talvez, porém, eu esteja sendo muito duro comigo mesmo, porque realmente aprendi alguma coisa. A maioria dos livros tinha glossários e, embora eu não entendesse todos os termos, foi bom ver de onde coisas como o Shakti (grupo formado por John McLaughlin, Shankar e Zakir Hussain nos anos 1970), o Rasa (o restaurante em Stoke Newington), o Samsara (como em “Escape from”, a boate de música trance) ou o Surya (como em Surya Samudra, a estância em Kerala) tinham tirado seus nomes.

Graças a Kerouac, Ginsberg e os *beats*, as ideias de carma e darma passaram a ser de conhecimento geral, mas palavras como *moksha*, *bhakti* e *rocana* eram novas para mim. Termos como esses não se prestavam a uma tradução direta porque eram ideias que não possuíam um equivalente em nossa limitada consciência ocidental. Um conceito que não fazia sentido era *darshan*: o ato de visão divina, a revelação. Era para isso que os hindus iam ao templo: para ver seu deus, para tê-lo revelado para si. Quanto mais se prestava atenção num deus, quanto mais se olhava para ele, maior o seu poder, mais facilmente ele podia ser visto. Você ia ver o seu deus e, ao fazê-lo, contribuía para a visibilidade dele;

a aura que emanava dele provinha em parte do poder atribuído por você.

Era uma ideia fácil de captar por causa de seu equivalente secular, o culto à celebridade. Quanto mais as celebridades são fotografadas, mais forte se torna a aura da celebridade. Uma vez eu havia visto David Beckham saltar de um ônibus em La Manga, na Espanha. Evidentemente, eu tinha visto fotos dele antes — e então o efeito cumulativo de ter visto todas aquelas fotos se fez sentir. Os flashes das câmeras o tornavam radiante, brilhante, divino. Eu o vi em toda a sua “beckhamidade” e “beckhamitude”. Alguém que não tivesse visto os milhares de fotos, que não estivesse familiarizado com as mudanças de corte de cabelo, com a proliferação viral de tatuagens (inclusive o erro ortográfico em hindi no antebraço), não o teria visto dessa forma. Mas talvez o ponto de vista desse espectador hipotético e implausível — uma pessoa que não soubesse que estava vendo David Beckham — fosse mais revelador, no mínimo mais interessante, do que o de nós todos, que sabíamos exatamente quem e o que estávamos vendo. Aqui em Varanasi, o turista mal-informado não via a mesma cidade que os milhares de peregrinos viam, os peregrinos que aqui vinham e os que aqui moravam. Mas isso não queria dizer que o visitante não fosse capaz de sua própria forma de *darshan*. Mesmo que eu não soubesse o que estava vendo, ainda podia ver. E se é que existia algum lugar projetado com a visão mental — devia existir um termo em sânscrito para dizer exatamente visão mental —, então Varanasi era esse lugar.

* * *

Na manhã seguinte, não havia nada para ver. O rio, os *ghats*, até o céu — tudo tinha desaparecido. Uma densa névoa obliterou tudo, a não ser uns poucos detalhes vagos: a forma borrada do templo vizinho, vultos escuros andando na rua lá embaixo. Vesti-me e desci para os *ghats*; ouvia as pessoas tossindo antes de vê-las, poucos metros adiante. Continuavam oferecendo barcos, mesmo não havendo nada para ver e, portanto, não havendo razão para alugar um. Então efetivamente vi algo: um barco emergindo da bruma como se voltasse do reino dos mortos ou dos mortos-vivos. Havia dois passageiros, ambos envoltos em cobertores cinzentos. Depois de algum tempo, eles desapareceram de novo e se fundiram silenciosamente no lençol maior, mais cinzento de neblina. Havia uns quadrados de cor, o amarelo de uma placa, o azul de uma parede, mas infinitamente suavizados e úmidos, sombras de seus eus usuais.

A névoa se abriu, sem que se notasse, antes do meio-dia, tornando a tarde ainda mais iluminada que o habitual. Um mergulhão apareceu no muro do terraço do Ganges View, ansioso para ser visto, para reexistir. O céu, quando saí de novo, estava tomado de pipas. No *ghat* Munshi, notei um pequeno altar azul, do tamanho de uma cabine telefônica de emergência à beira da estrada. No meio do altar, onde devia estar o telefone, havia uma bolha alaranjada, uma forma borrada e gasta. Dentro daquela forma arredondada, era possível discernir o volume de um corpo e o volume menor de uma cabeça, porém mais redonda, menos definida do que uma versão Henry Moore de um deus indiano. Quem era aquele? Ganesha? Podia ser qualquer um deles. Não havia sequer um resíduo de definição, mas isso não sugeria que seu poder tivesse diminuído ou encolhido; a sensação era de que sua essência tinha ficado mais concentrada. A sensação não era de erosão nem de diminuição, mas de

recolhimento. O deus, fosse quem fosse, tinha se retirado para dentro de si mesmo. Ao se reduzir a quase nada, ao chegar tão perto daquilo que não podia ser identificado como si mesmo, tinha ficado mais nu em si mesmo. Eu tinha certeza disso, embora não soubesse quem ou o que estava vendo.

— Quem é esse? — perguntei a um menino.

— Hanuman — respondeu ele instantaneamente. Porque ele reconheceu o deus-macaco (porque ele podia *ver* que era ele?) ou porque sabia que era isso que era aquela bolha, porque sabia que aquele altar azul era o lugar, um dos lugares, onde morava Hanuman? As perguntas eram irrelevantes. Davam no mesmo. Aquela bolha laranja borrada era Hanuman. — Deus muito poderoso — acrescentou o menino. O fato de sua identidade não estar em dúvida, de o menino não hesitar em dizer seu nome, era prova disso.

Peguei um barco de volta para casa. Pipas voavam sobre a cidade, como fagulhas flutuando acima de uma fogueira.

A névoa reapareceu na manhã seguinte e na outra também. Além da neblina, as temperaturas caíram por todo o norte da Índia. Os jornais estavam cheios de reportagens sobre temperaturas gélidas — “como o mercúrio baixava rapidamente...” — e suspensão de viagens. Voos foram cancelados e havia longos “atrasos” para todos os destinos. Os trens de Déli chegavam em Varanasi dez horas depois do previsto. A atividade de empinar pipas foi seriamente afetada.

Depois que a névoa se foi — quando a novidade inicial se esgotara — fiquei contente de ver que o volume de pipas no céu aumentava diariamente. Havia linhas de pipas por toda parte. À sua maneira delicada, flexível, tinham amarrado a cidade inteira. Os remos dos barcos ficavam embaraçados nelas. Era impossível dar dois passos sem se emaranhar nelas. Pendiam de todas as árvores e oscilavam dos postes telegráficos como fios partidos.

* * *

Eu via muito as mesmas pessoas, os mesmos meninos empinando pipas, os mesmos comerciantes, os mesmos barqueiros. Turistas mais velhos de aspecto mais abastado ficavam apenas poucos dias antes de seguir para Agra ou Kerala. Eu raramente via qualquer um deles por mais de dois dias seguidos. Os mochileiros ficavam mais tempo — e quanto mais tempo ficavam, mais se ajustavam a um padrão internacional de desleixo. Muitos deles tinham *dreadlocks*, alguns, como Ashwin, que encontrei algumas vezes, optavam por turbantes antes usados como sarongues. As mulheres usavam xales para se proteger do sol do dia e do frio da noite — e também como uma concessão aos padrões locais de recato. A maioria dos viajantes estava na casa dos 20 anos, em busca de iluminação, de ioga, de haxixe para fumar, de crescimento espiritual, de libertação. Eram aprendizes da busca, e em Varanasi havia dúzias — talvez centenas, possivelmente milhares — de gurus e guias para ajudá-los a escapar da prisão do ego, ou encontrar um atalho para a iluminação, ou fosse lá onde pretendessem ir. A maioria voltava para casa alguns quilos mais leve (em peso e em dinheiro), mas por outro lado enormemente enriquecida pela experiência; alguns saíam seriamente dos trilhos — a fama que tinha Varanasi de enlouquecer as pessoas só rivalizava com sua fama de deixá-las doentes — e uns poucos, com o tempo, se transformariam em versões dos sujeitos mais velhos que estavam ali, sujeitos da minha idade,

muitos dos quais pareciam ter passado uma década ou mais em Goa. Esses muitas vezes tinham a aparência endurecida de homens acostumados a passar as noites sozinhos, lendo *Mr. Nice* ou textos escolhidos de Gurdjieff. Como eu, eram sempre encontrados no terraço do Lotus Lounge, comendo panquecas excelentes, tomando cappuccinos (os melhores de Varanasi) ou *chai*. Nos cumprimentávamos com a cabeça, mas, como negros em um coquetel para convidados brancos, tacitamente evitávamos formar qualquer tipo de aliança porque isso teria exacerbado nosso status de sem castas devido à idade. Não que os jovens não fossem amigáveis: eram apenas jovens. Nem isso é verdade; não era tanto que sentisse que eram jovens, mas sim que eu pensava no quanto eu devia parecer velho aos olhos deles. No lugar deles, eu não prestaria nenhuma atenção a um homem da minha idade. Concentraria todas as minhas energias em convencer as garotas de camiseta e xale de que meus padrões de recato não corriam nenhum risco de se ofender por qualquer comportamento, por mais licencioso que fosse.

Esses jovens podiam não estar ali para o sexo, mas certamente estavam ali para a morte. Gostavam tanto de ver corpos sendo queimados no *ghat* Manikarnika como qualquer um — eu, por exemplo. Eu nunca tinha visto um cadáver antes, mas em Varanasi a procissão da morte não terminava nunca. Acostumei-me a ver os parentes carregando macas pelas ruas, enquanto entoavam “*Rama nama satya hai... Rama nama satya hai...*” e levavam o corpo até o rio para mergulhar no Ganges. Os detalhes aleatórios que me haviam chamado a atenção naquela primeira tarde faziam parte de uma cerimônia invariável, celebrada dezenas de vezes todos os dias. O clima nunca era sombrio, porque os mortos não apreciavam manifestações de tristeza. O homem de cabeça raspada, usando apenas um pano branco, era o principal celebrante. Raspar a cabeça e as sobrancelhas era parte de um ritual que o deixava suspenso entre os vivos e os mortos. Ele conduzia os outros enlutados ao longo de cinco voltas em torno da fogueira não acesa, em sentido anti-horário (porque na morte tudo era invertido). Era ele quem despejava o sândalo na pira, antes de acendê-la com um fogo sagrado que nunca se extinguia, que queimava desde que o mundo fora criado, ali em Varanasi, no *ghat* Manikarnika, onde terminará, só que nunca terminará, assim como a jornada da vida para a morte não terminará.

Levava horas para um corpo queimar. Perto do fim da cremação, o chefe da cerimônia rachava o crânio com uma vara de bambu, para libertar a alma do corpo. Por fim, jogava uma tigela de água do Ganges por cima do ombro (sempre o ombro esquerdo) para, simbolicamente, extinguir as brasas da pira. Sem olhar para trás, afastava-se depressa. Estava terminado. A alma começara sua jornada ao encontro dos ancestrais na outra margem. Essa jornada levaria 11 dias, dias de luto e banquetes. No décimo segundo dia, se tudo corresse bem, se todos os rituais tivessem sido corretamente observados, ela chegaria em segurança.

O fato de a outra margem ser deserta tornava mais fácil acreditar que a viagem era mais que física. A razão de a outra margem ser vazia, explicou-me um menino pequeno com cara de velho, era que, se você morresse lá, renasceria como jumento.

Deste lado, porém, a área em torno do campo crematório era sempre cheia de atividade. A viagem da vida para a morte não parava nunca, e nada parava aqui no salão de embarque para o além. Estavam sempre acontecendo funerais, mas havia sempre outras coisas acontecendo também: discussões, pipas ao vento, jogos de cartas, música, ioga, banhos. Poucos metros além do campo

crematório ficava a torre inclinada de Pisa de Varanasi — um templo que tinha tombado ou cedido na lama da margem do rio. Se um dia tivesse sido pintado de rosa-Prayag, agora era de um marrom negligenciado e neutro, como a lama da margem do rio. De alguns ângulos parecia que ele estava pouco inclinado; de outros, a impressão era de estar a ponto de desabar. Pensei que sua vulnerabilidade podia tê-lo tornado um lugar particularmente auspicioso para o culto, mas não parecia ser o caso. No entanto, era impossível concluir que tivesse sido completamente desativado, que havia perdido todo seu poder só porque enfrentara tempos difíceis. Era apenas um velho templo que estava capenga e fora deixado à própria sorte. Como um vulcão que de alguma forma não é ativo, nem extinto, nem nada entre uma coisa e outra, mas ainda fica bonito em fotografias. Como tal, ele permanecia viável, cumpria seu papel, levava comida para a mesa. Se tinha um nome, eu não sabia.

* * *

O outro lado do rio, com todas as suas mudanças, formava um pano de fundo constante para os meus dias. Com a primeira luz, era pura potencialidade. Quando a bolha de lava do sol se soltava do horizonte como num lava-lamp e subia pela neblina cinza, a outra margem se tornava insubstancial alteridade. Gradualmente era possível distinguir a diferença entre a areia do primeiro plano e o verde atrás. À noite, tudo desaparecia, o que me fazia pensar no dia em que o sol se pôs pela primeira vez, quando não havia garantia de que a Terra iria emergir de novo do escuro que baixara sobre ela. Mesmo agora, tantos anos depois, com todos os precedentes para um amanhã, parecia que o outro lado não reaparecia simplesmente, mas tinha de ser penosamente recriado outra vez durante a noite, dia após dia.

* * *

Era exemplar a imprecisão do jornal *Hindustan Times* (edição da cidade de Lucknow): “Este ano, o festival de Makar Sankranti será comemorado durante dois dias devido a certos motivos astronômicos.” As margens no Assi e em outros *ghats* estavam tomadas por gente esperando para dar um mergulho nesses primeiros dias auspiciosos do ano-novo. A rua diante do hotel estava lotada de mendigos e daqueles que distribuía m esmolas a eles. Ainda fazia friozinho de manhã, mas como era feriado, o sol brilhava mais forte.

— Está ventando mais também — disse eu para o menino que me acompanhava de perto.

— Porque é dia de empinar pipa — disse ele. Claro. Assim como cada deus tinha o seu veículo, não havia efeito sem causa. Makar Sankranti era o clímax da mania de pipas que tinha tomado conta da cidade, mas empinar pipas era apenas parte da diversão. O negócio era também caçá-las ou tomá-las, às vezes com a ajuda de uma vara, ou um bastão de críquete, ou qualquer coisa que estivesse à mão. As pipas eram perseguidas por entre os búfalos que cochilavam, resignados, indiferentes, contentes de mascar flores ou, na falta delas, em pastar em suas próprias sombras.

Em Manikarnika, uma pipa despencou em cima de uma das piras e, como não é de surpreender,

ardeu em chamas. O que era surpreendente era que tivesse caído bem ali, para começar. O ar quente costuma subir, mas evidentemente as leis normais da física haviam se invertido neste caso. Vendo a oportunidade de se libertar dos altos e baixos de sua existência, a pipa mergulhou, aproveitando essa chance única de cair e queimar.

* * *

Olhei livros sobre Varanasi, mas havia mais coisas do que eu poderia ter a esperança de absorver. Era onde Shiva resolvera morar. Era onde o mundo começara. Os cruzamentos (*tirthas*) eram sagrados, certos cruzamentos eram especialmente auspiciosos, mas toda Varanasi era um cruzamento, entre este mundo e o próximo. Basicamente, não havia lugar na Terra que valesse mais a pena visitar, muito embora, em certo sentido, Varanasi não fosse deste mundo. Eu tinha lido em algum lugar que Lourdes não é Lourdes para o povo que vive lá. A mesma coisa devia valer para Meca: para onde iam em peregrinação as pessoas que ali moravam? Mas isso não era verdade acerca de Varanasi. Varanasi fazia parecer sem sentido ir a qualquer outro lugar. A totalidade do tempo estava ali — e provavelmente do espaço também. A cidade era uma mandala, um cosmograma. Ela continha o cosmos.

E continha a mim: o hóspede que estava havia mais tempo no Ganges View. Eu era a única pessoa consciente desse status pela simples razão de que ninguém mais tinha ficado ali tanto tempo. Se você chegava numa terça-feira, digamos, você simplesmente via que um determinado número de hóspedes já havia se instalado no momento de sua chegada. Você não poderia saber que eu tinha visto todos eles chegarem, como você chegara agora, e os veria ir embora, como veria você indo embora, mundo sem fim.

Eu estava hospedado no Ganges View há tempo suficiente para ver que Anand Sethi tinha razão: aquele realmente era um dos grandes hotéis do mundo. A razão disso, como explicou Shashank, o proprietário, era “porque nós não sabemos de fato como administrar um hotel”. O conceito por trás da maioria dos hotéis, principalmente os luxuosos, é muito simples: sugar dinheiro dos hóspedes. Todo desejo e capricho pode ser atendido em um instante: e vem com um tremendo ágio. Ao longo de minha estada no Ganges View, eu havia pedido dezenas de almoços, cafés da manhã e jantares, bem como incontáveis sucos, chás e dezenas de garrafas de água. Imaginando quanto tudo isso poderia estar custando, perguntei a Kamal, um dos nepaleses sorridentes e delicados que trabalhavam lá, se eles estavam mantendo algum registro do que eu consumia. Não, eu é que tinha de registrar, mas eles tinham esquecido de me dar a folha de papel em que se marcavam essas coisas. Atenciosamente, Kamal providenciou o papel necessário, e disse que eu podia começar a marcar a partir daquele dia. Ao me entregar o papel, ouvi ruído atrás de mim. Quando olhei, vi um rato sumindo de vista, atrás de um guarda-roupas.

— Não se preocupe — disse Kamal. — Ele também é hóspede.

Na sala principal do hotel havia um retrato do pai de Shashank, com seus 30 anos, parecendo simpático, de terno. Era como uma dessas pinturas em filmes nas quais olhos de verdade olham através de olhos pintados, espionando e monitorando. O jantar era servido ali, de uma forma

semicomunal que estimulava a interação entre os hóspedes. À medida que diferentes pessoas iam e vinham, ligavam-se e se dispersavam, a vibração do hotel mudava. A qualquer momento, predominavam diferentes combinações e nacionalidades. Durante alguns dias, predominaram os franceses; havia um grupo de seis deles na mesa grande para jantar, conversando em francês, fazendo de alguma forma nós todos sentirmos que estávamos na França, desejando não estar. Depois, quando eles foram embora, os americanos eram a maioria, e o hotel se animou com sua simpatia e suas maneiras perfeitas. De vez em quando, havia um japonês solitário ou indianos, ou alemães, ou escandinavos interessados, ou italianos animados. Depois veio uma fase marcada pela falta de um caráter definido ou convincente, em que era apenas uma mistura de gente de toda parte: principalmente solteiros, um ou outro casal. Sempre, qualquer que fosse a nacionalidade, pelo menos uma pessoa estava doente e passava o dia deitada no quarto, invisível e infeliz. Todo mundo estava vindo de algum lugar e indo para algum outro lugar. Todo mundo tinha vivido experiências com trens e neblina, atrasos. Todo mundo tinha seus lugares favoritos e aqueles onde havia adoecido. Nós todos tínhamos anedotas e sabíamos de alguma coisa que todo mundo também sabia.

Jantei no hotel todas as noites. Era gostoso encontrar gente, e às vezes ficávamos sentados conversando depois da sobremesa, mas esses jantares nunca se transformaram em mais que jantares. Se você queria uma cerveja no fim da tarde no terraço, um dos meninos ia até o mercado comprar uma garrafa de Kingfisher, mas não era permitido álcool dentro da casa. Para gente acostumada a tocar sua vida social com bebida, a ausência de vinho no jantar significava que uma vez consumida a comida, a experiência estava encerrada. Ainda estava frio demais para sentar no terraço à noite, bebendo cerveja. Então nos despedíamos, íamos para a cama cedo e líamos debaixo dos cobertores em nossos quartos, à espera de outro amanhecer.

Mas não foi um tempo de solidão. Como o Ganges View era mais caro que a maioria dos outros lugares junto ao rio, os hóspedes tendiam a ser um pouco mais velhos, ou pelo menos as idades eram mais misturadas. Era fácil para mim passar de um grupo a outro, como um bastão.

Mesmo assim, fiquei contentíssimo quando Darrell voltou a Varanasi. Eu havia passado apenas algumas horas com ele, mas quando ele apareceu no terraço uma tarde — Oi, cara! —, senti como se fosse o retorno de um amigo havia muito perdido. Seu cabelo continuava curto, como se não tivesse crescido nada nas semanas que haviam se passado. Ele agora estava hospedado ali no Ganges View, embora num quarto no andar da recepção. Até que vagasse uma opção melhor, teria de se contentar com uma cela sem janelas nos fundos do hotel (“lá atrás”, como dizem na Índia). Pedimos chá preto e conversamos: por onde ele tinha andado, o que tinha acontecido em sua ausência. Era como se estivéssemos num restaurante em sua cidade natal empoeirada do Meio-Oeste, e ele tivesse se aventurado no mundo enquanto eu ficara trabalhando no posto de gasolina ou no armazém geral.

No caminho de volta para Varanasi, ele havia parado em Bodhgaya, onde Buda atingira a iluminação. Darrell tinha ido para um retiro de cinco dias, mas só aguentara uma noite. Em termos de vibração, era um dos lugares mais intensos que ele já visitara. E mal pôde esperar para ir embora. Todo mundo em Bodhgaya era monge, mendigo ou turista — e havia muitos de cada tipo. Havia balcões na cidade, disse ele, onde trocavam uma nota de cem rúpias por noventa moedas de uma rúpia para a pessoa ter alguma coisa para dar a noventa mendigos. E isso não era nem de perto

suficiente para circular.

— O que eu gostei — disse ele — foi da taxa de comissão tão fácil de calcular. Dez por cento.

— Se eu soubesse que você vinha — disse eu —, teria pedido para trazer umas moedas para mim. Trocado nunca é demais aqui na Índia. Você podia ter cobrado uma comissão para valer a pena. Mais dez por cento.

— O problema é que dez por cento de noventa é nove. Então, já de cara a matemática fica mais complicada. A gente chega a 81.

— E, de repente, começa a parecer que não é um negócio muito bom para mim. Você talvez tivesse de se contentar com cinco por cento.

— Cinco por cento de noventa? Não vai ser fácil fazer essa conta.

— É verdade. Estamos chegando a frações.

Aquilo não era nada, apenas um bate-papo. Mas era a primeira conversa desse tipo que eu tinha havia séculos, a primeira vez que conversava com alguém que tinha uma compreensão instintiva de algum outro tipo de matemática que as pessoas sempre acham difícil de compreender: que é possível ser cem por cento sincero e cem por cento irônico ao mesmo tempo. Era o tipo de conversa que fazia com que eu me sentisse em casa, uma conversa que me fez pensar que, embora eu dissesse que não sentia solidão ali, aquele tinha sido um tempo solitário.

A partir do dia em que Darrell voltou, minha estada em Varanasi sofreu uma mudança sutil. A seu tempo, *nossa* estada foi completamente transformada pela chegada, pouco depois, de Laline. Ela estava viajando sozinha, linda, simpática, indiana (nós concluímos: *tinha cara* de indiana e ouvimos quando falava hindi com Shashank), e Darrell e eu jantamos com ela na sua segunda noite ali. Tinha o cabelo escuro e comprido. Usava óculos com aro de tartaruga, camiseta branca, calça comprida e um cardigã confortável. Havia um ligeiro nervosismo em seus modos (os olhos passeavam pela sala, ela coçava, distraída, o antebraço), mas ao mesmo tempo ela parecia absolutamente calma. Nascida em Bangalore, havia se mudado para Londres com os pais quando tinha 5 anos; crescera em Hounslow. No curso dessa viagem, estivera em Bangalore, em Hampi (Darrell também estivera lá) e, mais recentemente, em Lucknow, onde havia um museu interessante.

— Pelo que sei — disse Laline —, é o único museu do mundo em que, para entrar, você tem de comprar bilhete para o zoológico.

Nossa amizade com Laline acelerou-se devido a um incidente envolvendo outra recém-chegada. Seu nome era Francesca, ela era italiana, e nosso jantar com ela foi dominado por um longo debate sobre o Islã e as mulheres que optavam por usar o véu. Francesca era radicalmente contrária ao véu. Assim como Laline, como Darrell e eu, de modo que não abordamos essa questão conflituosa de pontos de vista ferozmente polarizados ou de culturas radicalmente diferentes. Não, a razão para o debate ter se prolongado tanto deveu-se apenas à maneira como Francesca pronunciava *veil*, véu. Para ela era terrível ser forçada a usar o *veal*, vitela. O *veal* era um símbolo da absoluta subordinação das mulheres. Em vez de corrigi-la, Darrell, Laline e eu também começamos a falar *veal*, ou seja, vitela, procurando maneiras de manter vivo o debate sobre a *veal*.

— Então, vocês não acham que a vitela é só uma questão de gosto pessoal? — perguntou Darrell.

— A vitela é evidentemente uma questão ética — disse eu.

Quanto mais a coisa se prolongava, mais difícil era não dar risada. Por fim, Laline disse:

— É tão evidente que é uma coisa horrível... — A ponto de ser dominada pelo riso, ela estava com dificuldade para terminar a frase e teve de começar de novo. — É tão evidente que é uma coisa cruel... Nem sei por que vitela não é um item do cardápio.

Houve um breve minuto de calma antes da tempestade de risos em que nós três irrompemos simultaneamente. Quando nos rendemos a essa risada contida durante tanto tempo, descobrimos que era impossível parar. Francesca ficou ali sentada, intrigada e confusa, esperando uma explicação que éramos incapazes de dar sem redobrar a hilaridade da situação. Quando a explicação foi por fim fornecida por Laline, Francesca a recebeu bem, de certa forma, mas o estrago estava feito: nós havíamos conspirado contra a recém-chegada, a havíamos deixado de fora, e a risada à qual nos abandonamos, um riso monstruoso, devorador, que depressa ficou além do nosso controle, foi inteiramente à custa dela. Ela não pretendia ficar muito tempo em Varanasi e a brincadeira do véu/vitela não a estimulou a prolongar a estada.

Laline, assim como Darrell e eu, não tinha planos de ir para nenhum outro lugar. Aquilo foi uma ótima notícia para mim. Se você passou muito tempo sozinho, conhecer gente com quem simpatiza pode ser tão excitante quanto se apaixonar. Eu tinha gostado de Darrell no momento em que o conheci, mas agora as coisas estavam ainda melhores pela simples razão de que éramos três. Jamais gostei do mano a mano de encontrar amigos sozinhos. Se somos apenas dois, alguma coisa na conversa sempre provoca um cara a cara, não em termos de levantar o véu de alguma verdade oculta porém essencial, mas apenas para manter a bola rolando. Num trio, os três são a bola que nunca para de rolar. E como estávamos todos no mesmo hotel, nunca marcávamos de nos encontrar; nos cruzávamos nos *ghats*, no Lotus Lounge, ou, quando tudo falhava, no terraço do Ganges View. Então nossa relação tinha a qualidade do acaso feliz, constantemente renovado e ampliado.

É convenção entre os viajantes tender a não perguntar aos outros como ganham a vida. O resultado é que você fica extremamente curioso, tentando extrapolar de como eles estão agora para o que fazem ou faziam em sua terra. (Não me lembro como fiquei sabendo que Darrell era designer industrial, mas como eu não sabia o que era isso, não me esclareceu nada.) Laline era exceção a essa regra; já no terceiro dia revelara que trabalhava na televisão, para uma produtora, e tinha tirado férias para viajar pela Índia. Depois de passar uma manhã nos *ghats* e nas vielas, teve a ideia de uma série em seis capítulos.

— É um *reality show* — disse ela. — Uma pessoa da Saúde Pública é enviada a Varanasi para impor os padrões britânicos. No primeiro episódio, o vemos trabalhando, fazendo inspeções e tal. Depois, nos outros cinco, vemos como ele pira.

Estávamos no terraço, os três, bebendo cerveja antes do jantar. Brindamos batendo os copos. Contei a minha ideia do *Viagem mortal a Varanasi*, e brindamos de novo. A Companhia Britânica das Índias Orientais deve ter tido um começo igualmente modesto. Ir de umas garrafas de cerveja Kingfisher para o estabelecimento do Império Britânico — vasto passo de exploração e enriquecimento — parecia uma inevitabilidade histórica.

Num ato semelhante de engenhosidade empresarial, tínhamos descoberto um lugar na rua Shivala onde se podia comprar uma garrafa de cerveja por setenta rúpias. O hotel cobrava duzentas rúpias, um

acréscimo absolutamente razoável. Devido aos numerosos templos da área, em nenhum local perto de Assi era permitido vender álcool, de forma que qualquer pedido de cerveja exigia um esforço especial. Mesmo assim, três pelo preço de uma era impossível de resistir e então, quando Darrell e eu descobrimos esse lugar, tive o bom senso de comprar no atacado. Topamos com o local por acaso, atraídos por uma aglomeração que parecia estar comprando crack. Na verdade, estavam passando garrafas de bebidas destiladas por uma minúscula abertura numa grade de segurança muito bem guardada. Na porta ao lado ficava a irmã mais calma, menos fortificada, onde vendiam cerveja. Na noite seguinte, compramos dez garrafas grandes cada um, que vieram tilintando para casa num riquixá, e armazenamos a cerveja em nossas respectivas geladeiras. Desse jeito poderíamos vender aos outros hóspedes pelo dobro do que havíamos pagado e ainda cobrar sessenta rúpias mais barato que os meninos do hotel. Assim que colocamos isso em atividade, pudemos passar para outros planos.

— Jogo.

— Barcos.

— Maconha.

— Prostitutas.

— Flores? — perguntou Laline, docemente.

— Fodam-se as flores, cara. Cremações: é aí que está o dinheiro nesta cidade.

* * *

Outro vínculo entre nós era o nosso horror aos alternativos que se reuniam na escada que descia do *ghat* Assi. Eu às vezes os via indo ou voltando de onde estavam, mas era nesses degraus que passavam a maior parte do tempo. Caminhavam devagar, com delicadeza, como se a ideia de correr ou de urgência fosse indício de estarem presos em alguma versão inferior de sua atual encarnação. Com os *sadhus* tinham aprendido o truque de que a ociosidade podia ser tomada como um modo superior de consciência, de ingenuidade, de sabedoria, quase catatonia como iluminação. Drogar-se ajudava, claro, e embora eu nunca tenha visto nenhum deles fumando maconha, era razoável concluir que passavam o dia inteiro chapados.

Uma das mulheres era, na verdade, extremamente atraente — ou seria, não fosse a capa de sujeira e a aparência de cultivada esqualidez que pairava em torno dela. Tinha olhos luminosos, pele olivácea, *dreadlocks* (naturais) e tornozelos delicados. Se lavasse o cabelo e se vestisse um pouco melhor, não com roupas de grife, apenas com peças limpas, casuais, do viajante internacional, ela seria imensamente desejável. Desse jeito ainda conservaria algo daquela qualidade selvagem que, no momento, sobrepujava todas as outras. Era preciso apenas um passinho da imaginação para vê-la como estudante da NYU, uma princesinha rica que fazia ioga, era vegetariana e concordava depressa com sexo anal. Uma vez dado esse passo, dei-me conta de que errara quanto à sua qualidade selvagem, porque não havia nada de arredo nem de feroz nela. Ela parecia suja, sim, mas sua principal qualidade era a obediência, a submissão. Havia nela uma qualidade ligeiramente bovina de alguém que se converteu a um culto: alegre, realizada, tendo aceitado inteiramente a identidade com a qual se comprometera.

É revelador de nosso relacionamento que eu tenha contado tudo isso a Laline; na verdade, foi ela quem saiu com a piada do sexo anal. Éramos amigos; a ideia era um divertir o outro. Ela era extremamente atraente, mas éramos apenas amigos, do mesmo jeito que eu e Darrell éramos amigos — embora não, como acabou acontecendo, do jeito que ela e Darrell eram amigos.

Existem certos homens que, sem nunca fazer nenhum esforço para atraí-las, sempre conseguem belas namoradas. Simplesmente acontece. Não falo de homens bem-sucedidos e ambiciosos, para os quais conseguir o que querem é uma segunda natureza, que adquirem mulheres como parte de uma voracidade geral. Não, o tipo de homem que tenho em mente muitas vezes não tem motivação nem ambição. Essa falta de esforço, essa ausência de qualquer tipo de imposição — seja no âmbito mundano, seja no romântico — talvez seja em parte o que os torna fascinantes.

A não ser em uma ocasião — tão excepcional que me fizera sentir como outra pessoa —, eu nunca tinha tido essa atitude “se acontecer, aconteceu” que parece quase garantir que alguma coisa vai acontecer. Sem o desejo — ou talvez ambição seja uma palavra melhor — de me fazer atraente, sem cultivar todas as coisas que me tornavam atraente para mulheres, eu não era atraente para mulheres. E isso é verdade para a maioria dos outros homens também. Isso deixa uma minúscula minoria de homens tranquilos, geralmente bons em ioga, não particularmente engraçados, em geral despidos de qualquer vaidade, em torno dos quais as mulheres bonitas gravitam. Darrell era assim, com o considerável brinde de um grande senso de humor. Uma coisa que lhe fazia falta, uma coisa tão crucial que parecia solapar essa minha pequena ideia, era... uma namorada.

Eu achava fácil conviver com ele. Gostava de estar com ele. Gostava de sua companhia. Podia entender como, para uma mulher, isso se traduzia muito facilmente em desejá-lo. E Laline via isso também. Então pude observar minha teoria ser comprovada no processo.

Se Darrell era o tipo de homem pelo qual eu sempre fora fascinado, Laline era o tipo de mulher por quem eu sempre me deixava apaixonar. Ela era engraçada. Tinha cabelo escuro e comprido. Fazia com que as roupas baratas e nada especiais que usava parecessem ter sido feitas por um estilista cujo nome, poucos anos atrás, teria sido conhecido por gente cult de Londres e Nova York. Tinha uma leveza de espírito. Seu jeito de tratar todo mundo com quem tinha qualquer contato (motoristas de riquixá, garçons, outros hóspedes) era irrepreensivelmente atencioso, paciente. A relação dela com o mundo era completamente não hierárquica. Ela se lembrava do nome de todos os meninos que trabalhavam no hotel, conversava com eles em hindi (idioma em que não era, ela nos garantiu, tão fluente quanto imaginávamos). Era linda, mas eu não possuía o que quer que fosse que pudesse atraí-la para mim, em parte por causa da ânsia de me tornar atraente para ela. Uma das razões para isso era que ela e Darrell evidentemente sentiam atração um pelo outro.

É estranho quando duas pessoas se curtem, quando o gostar se transforma em desejo recíproco: é tangível. Dá para ver e sentir isso como uma força física, uma espécie de gravidade. Mesmo quando estavam conversando em lados opostos da mesa, sem se tocar, eles estavam de braços estendidos um para o outro. Quando conversavam, seus lábios estavam a ponto de se tocar, só por meio das palavras que usavam. Eu ficava olhando. Não me importava.

O Ganges View tinha uma boa coleção de CDs indianos clássicos, que se podia colocar para tocar no pequeno aparelho de som da sala de jantar. Aos poucos, Darrell sugou a coleção de CDs da casa para seu laptop, já bem suprido de música indiana, algumas das quais ele, por sua vez, passou para o meu iPod. Isso foi uma conquista — e não apenas em termos da quantidade de música à que me vi exposto.

Toda manhã, nos *ghats*, eu encontrava pessoas olhando para o sol nascente, tanto indianos como viajantes, meditando ou fazendo ioga. Não é de admirar que a ioga e a meditação tenham florescido ali. Era uma necessidade evolutiva, um modo de obter um pouco de paz e calma. O único lugar para se ir era para dentro — você tinha de ir para dentro de si mesmo para manter o exterior fora, para mantê-lo à distância. Desligar-se significava ser deixado em paz por vinte minutos talvez. E como esses vinte minutos eram tão prazerosos, o passo seguinte logicamente era levá-los mais adiante e tentar se isolar para sempre, enxergar o mundo externo como nada mais que dispersão e intromissão irritantes.

Como não faço meditação nem sou um devoto da ioga, comecei a usar meu iPod para um efeito semelhante: ouvir música indiana como um jeito de manter o rumor da Índia à distância. Nem sempre funcionava. Andar isolado pelos fones de ouvido, surdo às ofertas de “Barco?”, significava que minha atenção tinha de ser conquistada de outras formas: cutucões, puxões e empurrões. Para evitar que me perguntassem se eu queria um barco, aluguei um. Uma viagem de uma hora: perfeito para se perder num *raga*. Mas depois de apenas alguns minutos, tomei consciência dos lábios do barqueiro se mexendo. Ignorá-lo seria simplesmente grosseiro demais. Tirei os fones de ouvido. Todo barqueiro, por mais limitado que seja seu inglês, também quer servir como guia. E, assim, apontando para a placa que dizia *ghat Jain*, ele anunciou:

— *Ghat Jain*.

Eu sorri, pus de volta os fones de ouvido. O padrão se repetiu a cada *ghat*. A placa era apontada e seu nome, pronunciado. Eu me entreguei à música, sentado ali no barco que tinha alugado só para ouvir música, deixando que ele entoasse os muitos nomes dos *ghats*.

Quando funcionou, porém, foi uma felicidade, como estar dentro de uma campanha criada para expandir a marca Apple para algum reino ainda inexplorado do inconsciente (isto é, do mercado) global. Enquanto o barco passava pelos *ghats* ao entardecer, eu era levado na teia e no soluçar do sarangui. Sultan Khan estava tocando o *raga Yeman*. A corrente era forte o bastante para o barqueiro não fazer nada além de controlar o rumo. A tarde estava caindo. Velas flutuavam ao lado do barco. A outra margem havia desaparecido. Logo surgiriam estrelas. A cidade fazia uma curva ao longo da margem ocidental do rio. Podia ser o litoral de qualquer área turística popular — Amalfi, digamos —, durante um corte de energia, apenas com algumas luzes das casas equipadas com geradores, mas com as incessantes fogueiras de Manikarnika ao longe. Puxados pelo sarangui e depois estimulados pelo tabla, passamos por um gato morto, flutuando na água como um tronco escuro.

* * *

O estado dos cachorros de Varanasi era uma fonte de constante e horrorizado fascínio de todos os visitantes. Mas numa cidade cheia de cachorros sarnentos, havia um que era indiscutivelmente o mais

doente, o pior de todos. Ele ficava perto do Manikarnika, coberto de feridas que não lhe permitiam parar quieto. Em vez disso, o animal inventara várias maneiras de coçar diversas partes do corpo. Por “diversas partes” quero dizer “o corpo inteiro”. Até o rabo estava em carne viva. Praticando uma forma de ioga kundalini, ele agarrava o rabo na boca e passava os dentes por ele como se quisesse tirar a pele. A cabeça e as orelhas ele coçava com uma das patas de trás. As costas, esfregava contra o degrau atrás dele. Sua existência consistia na horrível samsara de coçar e arranhar, coçar e arranhar. Os pelos tinham desaparecido completamente em algumas partes, deixando grandes trechos de pele rosada, de aparência horrivelmente humana. Era como se tivesse acontecido uma reencarnação incompleta, como se o cachorro que ele estava destinado a ser em parte ainda fosse o humano que havia sido ou vice-versa. E assim sua considerável carga de tormentos passava a parecer a manifestação do que era evidentemente o pior sofrimento psicológico: estar suspenso entre duas vidas, entre duas espécies.

Os macacos, ao contrário, estavam perfeitamente à vontade, integrados à sua macaqueice. Eu caminhava com Darrell e Laline perto do *ghat* Munshi quando um bando deles passou ventando, como um batalhão de pesadelo.

— Meu ódio será sua herança — disse Darrell.

— A origem da “Norma de Comportamento Antissocial” — disse eu.

— A volta dos reprimidos — disse Laline.

Eles eram isso tudo. Eram o contrário de deuses, mas um deles era um deus. Eu tinha visto a bolha alaranjada dele, no limiar da abstração, em seu altar azul no *ghat* Minshi. Nós três demos um passo atrás, abrimos caminho, enquanto os macacos passavam num tropel, rasgavam roupas penduradas para secar, depois trepavam pelas paredes verticais de um edifício. Era como se a corrida de cavalos com obstáculos Grand National tivesse sido transferida para outra espécie e levada a um extremo vertiginoso. Vários caíram, mas todos saltaram de volta e continuaram a escalada.

— É como no filme *Perdidos no Kalahari* ou algo assim — disse Darrell, mas de certa forma não era. Todo mundo concordava que os macacos eram perigosos; ninguém sequer sugeria fazer alguma coisa a respeito, muito menos eliminá-los, exterminar os brutos. Se aquilo chegasse a uma guerra aberta, só poderia haver um vencedor; assim, numa guerra de guerrilha, eles nos atormentavam e venciam constantemente; pequenas vitórias, geralmente referentes a bananas. Embora os macacos tivessem má reputação, nunca vi ninguém ser diretamente prejudicado (atacado, arranhado ou mordido) por um deles. Além de contribuir para o clima geral de doença, eles animavam um pouco o lugar, se bem que sabe Deus que se havia uma coisa de que Varanasi não precisava era de animação.

Desde que os vira pela primeira vez tentando roubar o atlas sagrado de mapas rodoviários, na minha cabeça os macacos sempre estiveram vinculados ao guru que pregava no set de filmagem. E agora, poucos minutos depois de os macacos passarem e sumirem, encontramos com ele de novo, no *ghat* Tulsi. Ele estava com um terrível problema vocal. Mal podia falar. Laline disse que essa incapacidade provavelmente resultava do excesso que ele cometera no dia anterior, no decorrer de uma briga furiosa na qual ela o vira envolvido — a respeito dos macacos, naturalmente. Fosse qual fosse a causa, hoje ele só pigarreava e falava rouco. De vez em quando tossia, uma invocação ao tranquilizador deus das pastilhas Strepsil. As pessoas que o ouviam mal conseguiam discernir uma palavra, mas isso não importava, pois ele não estava usando palavras: tinha ido além delas até um ponto ou reino pré-verbal

de grasnidos, grunhidos e pigarros. Não parecia estar dizendo nada agradável. Qualquer iluminação que estivesse receitando ou transmitindo parecia de natureza escura, áspera. As coisas de sempre, provavelmente: faça isto, não faça aquilo. Mas talvez eu esteja sendo injusto. Talvez ele fosse um contador de histórias, e suas histórias ensinassem como ser bom com animais e esposas e a não guardar ressentimentos para não renascer como cupinzeiro. Ou talvez estivesse contando a história de sua própria vida, do que o levara até aquela áspera passagem. Uma sombra de sua figura oratória de antes, capaz de acender a multidão, de prender a atenção diante da concorrência, nem toda ela falecida.

Os alternativos, por exemplo, que em Assi brindavam quem estivesse interessado — e alguns que não estavam — com o que chamavam de performance. A mulher por quem eu tinha tesão — a mulher que, se as circunstâncias fossem inteiramente diferentes, teria me dado tesão — fazia parte da performance de algum jeito não especificado, mesmo que não fizesse efetivamente nada. O cabelo dela estava amarrado com um pedaço de fita escura. Tinha um piercing de ouro no nariz, lábios grossos, olhos castanho-escuros. Um de seus amigos estava tocando um instrumento de três cordas que não reconheci, mas que evidentemente era de âmbito técnico e expressivo tão limitado que a habilidade para tocá-lo era adquirida em dez minutos — o domínio total, em uma hora. Em determinado momento, ele pediu que ela lhe passasse sua bolsa. Usou o nome dela: Isobel. Para mim, esse foi o ponto alto da performance, que em si valeu o preço do ingresso. A bolsa tinha bordados amarelos e pretos e era decorada com espelinhos, que rebrilharam quando ela entregou a ele, com reflexos de cabelo, rosto, céu. Os dedos dela eram longos, sem anéis.

Outro sujeito soprava um *didgeridu*. Dois outros tocavam tambores de vários tipos, mas não o tabla, evidentemente; o tabla era complicado. Tinham atraído uma multidão, mas na Índia isso não era sinal nem de habilidade rudimentar. Queria simplesmente dizer que estavam na Índia, porque a Índia é uma multidão. Havia muita gente em torno e, uma vez que seus olhares se voltavam na direção deles, constituíam uma plateia.

Então, Isobel...

* * *

Havia alguns concertos de verdade também. Um deles foi em uma grande tenda atrás do *ghat* Tulsi, iluminada por tubos fluorescentes brancos e verdes. Lal, Darrell e eu nos sentamos perto de um desses tubos e imediatamente desejei não ter sentado ali. A luz atraía um horrível enxame de insetos. Como preparação para o concerto, nós todos fumamos maconha, o que intensificou o horror do ataque dos insetos. Fomos para um lugar mais distante, nos acomodamos e observamos o próximo grupo de infelizes ser atacado pelo enxame.

A plateia não podia ser mais misturada: indianos e ocidentais, sikhs, muçulmanos e hindus, homens e mulheres, jovens, velhos e incrivelmente velhos, talvez até imortais. Vi Ashwin e acenamos um para o outro como se estivéssemos no século XIX e no La Scala para assistir a uma ópera. Nem sinal de Isobel. O fato de estar chapado deve ter influenciado, mas eu tinha consciência de que aquela ocasião era de certa forma significativa para Laline e Darrell e seu relacionamento. Sob vários aspectos —

todos infinitamente discretos, a não ser o inevitável fato de ambos terem conhecimento de música clássica indiana — eles tinham muito mais afinidades entre si do que comigo. Mais cedo naquele mesmo dia, eu estava voltando de Manikarnika num barco, quando olhei para o terraço do Lotus Lounge e os vi lá, abraçados. Enquanto o barco seguia discretamente, voltei a olhar de vez em quando como um daqueles tristes fodidos de um romance de Henry James, aliviado por perceber que eles não tinham me visto.

No centro do palco havia um tapete, tão rico em termos de cores quanto o chão de uma floresta no outono. As guirlandas de flores e as pinturas de Shiva na cortina do fundo do palco forneciam ainda mais cores, tudo banhado pela luz morna de velas. Antes do concerto houve uma longa série de discursos e tributos, apresentando diversos *pandits* e gurus à plateia. Ninguém demonstrou nenhum sinal de impaciência para passar ao propósito específico da noite: ouvir música.

Quando os músicos subiram ao palco, Laline, sentada entre mim e Darrell, alertou que aquilo não devia ser interpretado como sinal de que a música fosse de forma alguma iminente. Só para eles se acomodarem levou um bom tempo. A cantora usava uma saia verde sem graça. Devia ter seus 60 anos e tinha um ar grandioso, severo, pesado. Ela supervisionou a afinação da cítara, bebeu água sem deixar que o frasco tocasse seus lábios e esperou. O sarangui foi afinado (tarefa não pequena; aprender a afinar o sarangui leva tanto tempo quanto aprender a tocar a maioria dos instrumentos), o tabla foi afinado. Ou pelo menos foi o que pareceu. Mas não eram os instrumentos que estavam sendo afinados, sussurrou Laline; eram os músicos que se afinavam ao *raga*. Então, a cantora apresentou a primeira peça.

Minutos depois de começar a cantar, ela se transformou. Era como escutar uma menina, de cabelo escuro e adorável como as *gopis* que Krishna espionava de seu esconderijo em cima da árvore. Eu não fazia ideia do que ela estava cantando, não conseguia nem dizer quando as palavras deixavam de ser palavras e se transformavam apenas em sílabas, em som flutuante. Ela erguia suas mãos acima dela como se as notas crescessem e, contanto que fossem colhidas eternamente, sem cessar, continuariam sempre ali. Os músicos falam de afinação perfeita, mas sua voz me fez pensar foi em postura perfeita: cabelo tão comprido e liso como um dorso maleável; pés descalços movendo-se tão leves que mal pareciam tocar o chão. Sua voz prometia devoção absoluta; mas então ela estendia a nota ainda mais, além daquilo, até você se perguntar o que teria de fazer para ser digno de tamanha devoção, de tamanho amor. Você teria de ser aquela nota, não o objeto de devoção, mas o devotado. A voz dela deslizava e precipitava-se. Era como aqueles momentos perfeitos da vida, momentos em que o que você mais espera se cumpre e, tendo se cumprido, se transforma. Se transforma, por exemplo, em som: quando, num lugar público, você vê a pessoa que mais queria ver e não há nada de surpreendente nisso; o padrão aleatório, quando o acaso se transforma em destino. Uma nota se prolongava o máximo possível e depois um pouco mais; e continuava, em algum lugar, muito depois de poder ser ouvida. Ainda está lá, mesmo agora.

* * *

Laline e eu estávamos andando pelo *ghat* Mahanirvani à luz que morria. As primeiras velas desciam o

rio. Havia uma partida de críquete em curso. Paramos e ficamos olhando algumas jogadas, estávamos para ir embora quando o batedor lançou uma bola alta no ar. Estava vindo em minha direção, um metro acima de minha cabeça, indo para o Ganges. Saltei e peguei a bola com uma só mão. A bola bateu em meus dedos e grudou ali, molhada. No reino do mito, eu havia agarrado um cometa flamejante do céu e detido o seu curso. Mesmo naquele momento, numa tarde de terça-feira, com pouca luz, foi uma pegada espetacular. Houve vivas e aplausos, de Laline, dos jogadores e de uns esparsos espectadores. O batedor estava batendo palmas. Levantei os braços para o céu, ainda segurando a bola suja, orgulhoso pelos elogios que recebera. Então atirei a bola de volta para o lançador e continuamos caminhando para o Ganges View.

Fiquei contente de Laline estar ali para assistir e corroborar a minha pegada. Não bastava realizar um feito divino. Ele devia ser visto, de preferência pelos deuses. Eu não tinha certeza até que ponto *darshan* era uma ideia recíproca. Claro que os deuses precisavam ser vistos, mas eles também gostavam de ver? Eram espectadores também? Olhariam para nós com todo o amor e assombro com que nós, ou alguns de nós, olhávamos para eles? Se fosse esse o caso, então a comparação anterior com Beckham e a celebridade era falsa. Porque uma das coisas que as celebridades não têm liberdade de fazer é *olhar*. Os óculos escuros por trás dos quais são obrigadas a se esconder constituem uma expressão simbólica da cegueira à qual estão condenadas por serem sempre *olhadas*. Em meu primeiro dia nos *ghats*, eu tinha me sentido como alguém da realeza em visita, e nas semanas seguintes, cada vez mais tive consciência de viver como uma celebridade, sendo objeto de constante curiosidade e observação. Posso tê-los desprezado, posso não ter feito nada para merecer tal atenção, mas isso era alguma coisa que eu tinha em comum com os alternativos. Havia muito para ver, havia mais para ver em dez minutos aqui, na divina Varanasi, do que em uma semana na profana Londres, mas havia muitas coisas e lugares que se pensava duas vezes antes de fazer e ver por causa da incrível comoção que isso gerava. Não estou sendo presunçoso nem iludido. Havia ocasiões em que a simples tarefa de tentar pegar um riquixá provocava uma disputa de ofertas. Uma visita ao templo de Durga tinha feito até mesmo um mero passeio turístico parecer mais problemático do que merecia.

O templo ficava a apenas dez minutos a pé do hotel, e se mostrava pintado de um vermelho vivo tão chamativo que era difícil acreditar que levasse tanto tempo para encontrá-lo. Dentro do templo uma placa dizia que cavalheiros não hindus não eram admitidos ao local em si. Era frustrante, mas imediatamente fui convencido de que tudo bem, eu podia entrar. Bastava tirar os sapatos. A pessoa que me disse isso afirmava ser um dos sacerdotes, um brâmane, mas parecia e agia mais como um zelador. Um zelador que tinha sido despedido ou se tornara supérfluo anos antes, mas que continuava aparecendo para trabalhar mesmo assim porque não tinha mais nada para fazer nem para onde ir. Antes de me levar para o interior do templo, ele me levou a um pequeno altar fétido. Esfregaram uma pasta na minha testa. Depois apareceu mais alguém, outro sacerdote-zelador, que, apesar dos meus protestos, insistiu em enrolar uma guirlanda de flores no meu pescoço, origem, compreendi, do cheiro ruim. Era como se tivesse sido marinada em urina e depois deixada a apodrecer durante vários dias. Pelo privilégio de ter aquela coisa fedida no pescoço eu devia pagar, naturalmente. Tinha só uma nota de cem rúpias, mas consegui insistir em receber cinquenta rúpias de troco, conquista nada insignificante numa situação em que o troco era não apenas indisponível, como praticamente

inconcebível. Os dois comerciantes sacerdotes-zeladores indicaram que eu devia depositar a guirlanda no *lingam*, coisa que fiquei feliz de fazer. Fiquei contente de me livrar da coisa fétida. Eles então começaram a me conduzir para o templo de verdade, mas louco para evitar os horrores e mazelas que lá me esperavam, calcei minhas sandálias e fugi.

Tudo na experiência havia sido nojento. O cheiro das flores podres ficou grudado em mim, o cheiro, pensei comigo mesmo enquanto marchava de volta para o *ghat* Assi, de uma religião que era primitiva, sombria, desagradável. Era ridículo aspirar ao estado de espírito que possibilitava ver esses rituais como sagrados. Não, essa era uma fase que a espécie acabaria ultrapassando. Era como entrar em alguma parte retrógrada da psique humana. E se me parecia assim agora, como deveria ter parecido aos missionários que chegaram trazendo a mensagem do cristianismo — puro e sangrento, lúgubre como um domingo no País de Gales — seja lá em que século chegaram? Os idólatras com suas besteiras e suas *pujas* não lhes devem ter parecido menos apavorantes do que os apaches com sua pintura de guerra e seus escalpos de caras-pálidas pendurados nas montarias a pelo.

No *ghat* Vats Yaraj havia uma placa que dizia “ADORO A MINHA ÍNDIA”. Eu sempre sentia vontade de responder “Eu também!”, mas depois daquela visita ao templo de Durga aquilo simplesmente me dava dor de barriga. Literalmente. Eu havia pegado algum tipo de bactéria e toda hora precisava voltar correndo ao hotel para usar o banheiro. Não era nada sério, nada comparável ao que alguns turistas estavam sofrendo. As pessoas no hotel caíam como moscas. Na verdade, essa não é a expressão correta, pois as moscas vicejavam. E como poderia ser diferente? Na minha adolescência tinha havido uma mania de camisetas e cartazes ofensivos que estimulavam você assim: “Coma merda: dez milhões de moscas não podem estar erradas.” Talvez os cartazes tenham surgido ali, pois havia merda por toda parte na Cidade da Luz (como Varanasi fora chamada um dia). Todo tipo de merda: animal (de macaco, cabra, vaca, búfalo, cachorro, passarinho, burro, gato, ganso), vegetal (as flores abandonadas formavam uma papa fétida) e (por último, mas não menos importante) humana. Em certos lugares auspiciosos era provável que houvesse até merda de deus. O *ghat* Prahbu, onde as *dhobis* batiam para domesticar a roupa a ser lavada, também servia como um *ghat* privada. Era horrível andar ali. A visão entrava pelos olhos e o fedor, pelo nariz. Eu sentia vontade de escrever uma outra placa ao lado da “ADORO A MINHA ÍNDIA”: “Se ama tanto, não a deixe toda cagada.” Com certeza seria de interesse geral criar e impor uma lei que proibisse as pessoas de cagar nos *ghats*. Com certeza, por mais pobres e ignorantes que fossem, elas podiam ser educadas a não cagar no meio do que era, de fato, um passeio público. Antes de tomar essa atitude, claro, era preciso se certificar de que havia alternativas, de que existiam toaletes onde se cagar. Com certeza nada seria mais importante, mais básico que isso. (O número de vezes, em Varanasi, num lugar em que tão pouca coisa podia ser entendida com certeza, que os pensamentos da gente, a indignação, a irritação e o ultraje começavam com essas palavras: “Com certeza!”.) De um jeito ou de outro, por mais escrupulosamente que se lavassem as mãos, se levantasse o nariz e se mantivesse a boca fechada, estava-se destinado a ingerir merda. Como não tinham feito a ligação entre doença e excremento? Como podia uma cultura com horror à impureza ser tão indiferente à forma mais ofensiva de impureza? Por mais que se tentasse permanecer saudável, inevitavelmente se adoecia. Não havia como evitar. Era impossível alguma coisa não ter uma bactéria — e como não seria assim numa cidade em que merda, animais e humanos se empilhavam uns por

cima dos outros? Revistas e jornais estavam cheios de artigos falando da modernidade da Índia — dos bares e boates de Mumbai, de quão vibrante era Chennai, do fato de Bangalore ser um Vale do Silício do Oriente —, mas, à parte os cibercafés, não havia muito sinal disso ali.

Havia dias em que me sentia como se estivesse virando defensor da ideia de Lal sobre a veracidade do que a TV transmite, quando eu achava que Varanasi deveria ser demolida e reconstruída em nome da saúde e da segurança, da higiene e do progresso. Foi num desses dias que resolvi pegar o touro pelos chifres. Andando pela margem do rio, abri o zíper e mijei no Ganges. Isso mesmo: *mijei no Ganges*. Eu estava desesperado, precisava mijar, mas também foi uma espécie de protesto, enfatizando o ridículo de adorar um rio e ao mesmo tempo poluí-lo. Mijar diretamente no rio era mais higiênico, no fim das contas, do que mijar (e cagar) nos *ghats* e deixar que escorresse para o rio. Era o começo da noite, não havia ninguém por perto, mas o tempo todo em que eu estava mijando, uma daquelas mijadas épicas que parecem não terminar nunca, eu esperava que alguém notasse e alguma coisa acontecesse, que houvesse gritos seguidos de golpes, ou golpes não anunciados por gritos. Mas nada aconteceu. Ninguém fez nada. Se as pessoas notaram (e devem ter notado; é impossível fazer alguma coisa na Índia sem ser notado) e se ofenderam (como seria de esperar), resolveram deixar passar.

Se essa mijada pareceu interminável, foi breve comparada com a incessante, incansável e constante solicitação de dinheiro. Todo contato social era um prelúdio para comércio. Alguns contatos sociais consistiam inteiramente em comércio. Em seu nível mais rudimentar, uma criança dizia: “Uma rúpia”, de forma que o pedido de dinheiro constituía uma forma de saudação. No nível seguinte, a pessoa era saudada: “*Namastê!*”, e em seguida vinha o pedido de dinheiro ou a oferta de um serviço. Outras vezes, poucas frases de conversa precediam a oferta de serviços. Em termos gerais, quanto mais longa fosse a preparação, mais insidiosa se tornava a transação toda; e era sempre uma transação. Conversávamos sobre coisas, o homem oferecia um barco e dizia: “Venha”, mesmo que o preço não tivesse sido combinado. De vez em quando parecia que, para variar, realmente se estava tendo uma conversa: sobre lugares de interesse, sobre pessoas a evitar, as pessoas ruins que trabalhavam nos arredores — até que, por fim, o motivo da transação aparecia. Os mestres nessa arte eram os músicos clássicos, que estendiam indefinidamente a *alap*, elaborando e explorando o *raga* sem identificá-lo precisamente até sua natureza se esclarecer. Só que, nesse caso, o *raga* era sempre o mesmo: *raga* Barco, *raga* Riquixá, ambos variações do *raga* Rúpia, um dos poucos *ragas*, talvez o único, não vinculado a nenhuma estação ou hora do dia em particular. Não, esse grande *raga* predominante podia ser tocado constantemente, a qualquer hora, e servia a todos os climas. Era decepcionante a maneira como, no fundo, as relações da pessoa sempre se reduziam a querer dinheiro, nunca mais abertamente do que num templo. Isso levava você a ver com desconfiança qualquer conversa, mesmo aquelas entabuladas sem nenhuma outra motivação, pois havia algumas assim. Eu tentava me livrar das conversas na primeira oportunidade, antes que os assuntos barco, visita a lojas ou fábricas viessem à baila. Tentava evitar qualquer conversa. Evitava encontrar o olhar das pessoas. Olhava para qualquer lugar a fim de evitar ser pego na rede de transação financeira.

Essas frustrações me lembravam da época, nos meus 30 anos, em que cometi o erro de me mudar para Oxford durante alguns anos. Dizia-se que havia uma vibrante vida intelectual em algum lugar da cidade, supostamente atrás dos muros das velhas e veneráveis faculdades, mas nunca penetrei nesse

ambiente e acabei relegado às ácidas e vegetarianas margens da sociedade. Em Varanasi, devia haver um mundo de poetas, intelectuais e pensadores, mas, incapaz de ter acesso a ele ou mesmo localizar esse filão da sociedade, fui relegado a desempenhar meu papel, relutante, de eterno *jugalbandi*¹² da vida turística: “Barco, *sir*?” “Não, obrigado.” “Riquixá, *sir*?” “Não, obrigado.” “Muito barato.” “Não, obrigado.” Oriente encontra Ocidente. Fusão: *Raga Rúpia*; *Raga*: Não, obrigado.

* * *

Essa fase de irritação e aborrecimento chegou ao auge quando eu estava na fila para usar o caixa eletrônico no saguão de um banco no meio da cidade, logo acima de Dashaswamedh. O barulho tornava a fila estressante. O que tornava tudo ainda mais estressante era que, rigorosamente falando, não havia fila nenhuma; ao mesmo tempo, não era uma *não* fila. Um total salve-se quem puder, uma não fila ou vale-tudo, eu podia ter aguentado, mas aquilo era o pior de dois mundos: uma espécie de fila em que o princípio da fila não era nem completamente ignorado, nem adotado. Diversas vezes o alemão à minha frente permitiu que pessoas furassem a fila. Mas assim como “fila” não era a palavra certa para o que estava acontecendo, “furar” também não era. As pessoas não furavam nada. De alguma forma, elas passavam na frente dele. Havia um guarda na porta, mas ele não fazia nada. Realmente, era apenas uma coluna de farda azul.

— Se deixar as pessoas passarem na sua frente assim, vamos ficar aqui o resto da vida — disse eu ao alemão. Ele deu de ombros.

Supus que não devia estar na Índia havia muito tempo. Ficamos ali parados mais alguns minutos quando um indiano e sua mulher vieram e pararam na frente dele. O alemão olhou para mim, eu toquei o ombro do homem.

— Tem uma fila — disse eu. — E o senhor tem de entrar na fila. — Ele me ignorou, claro. Troquei de lugar com o alemão. Na verdade, passei na frente dele também. — Tem uma fila, e o senhor tem de entrar na fila — repeti. — Atrás de mim, atrás deste homem e atrás das pessoas que estão atrás dele. — O indiano sorriu e assentiu com a cabeça.

O guarda continuou indiferente. O trabalho dele era ser um guarda e ficar ali parado com sua farda azul. Suas funções não iam além disso.

— O senhor tem de ir para o fim da fila — disse eu ao homem que tinha passado na frente e agora tirava o cartão para agilizar o processo. — Não tem por que pegar seu cartão. Não está na sua vez.

— Estou com pressa, *sir*.

— Todo mundo está com pressa.

— Estou com pressa, *sir*. Vou ser rápido.

— Todo mundo está com pressa. Todo mundo vai ser rápido. Ninguém vai ser rápido se não esperar sua vez.

Ele ainda estava na minha frente. Eu forcei com os ombros para ficar ao lado dele. Estava ficando zangado. Ele estava perfeitamente calmo, sorrindo. Tomei o cuidado de estampar em meu rosto algo que podia ser tomado por um sorriso.

— Estou com pressa, *sir*.

— Todo mundo está com pressa, *sir*. O senhor não vai fazer essa transação antes de mim.

— *Sir*, estou pedindo.

— Mas seu pedido, *sir*, não foi atendido. Então o senhor tem de ir para o fim da fila.

— *Sir*, eu estou pedindo para o senhor.

— E o seu pedido está sendo categoricamente recusado.

Em outras circunstâncias eu acharia isso tudo cansativo, mas já estava na Índia havia tempo suficiente para me dar conta de que não há limite para o número de vezes que a mesma coisa precisa ser dita. O fato de ter esclarecido uma coisa não queria dizer que o esclarecimento não tivesse de ser repetido e repetido. Havia espaço, porém, para ampliar e variar o argumento.

— Além disso, seu pedido jamais será atendido — disse eu. — Nunca. Está me entendendo?

Em algum nível, ele não entendia. A ideia de recusa absoluta sem espaço para uma dispensa ou isenção especial não fazia sentido. Ele continuava parado onde estava. Estávamos pescoço a pescoço. Fisicamente, ele não estava à minha frente na fila, e eu não estava na frente dele, mas eu tinha, então, estabelecido uma crucial vantagem psicológica. Meu rival não estava interessado na etiqueta ou no princípio da fila. Ele simplesmente queria usar o caixa eletrônico rapidamente. Só isso. Enquanto, para mim, meu lugar naquela fila (de fato a existência da própria ideia e princípio da fila) estava em jogo. Nada em minha vida era mais importante do que impedir que aquele homem passasse na minha frente. Eu tinha encontrado uma causa pela qual podia morrer. Ou matar.

— *Sir* — disse eu. — Olhe nos meus olhos. — Tirei os óculos escuros. — Olhe nos meus olhos e escute. — Eu não fazia ideia da aparência dos meus olhos. Esperava, na verdade, que o fato de serem azuis emprestassem à pessoa que olhava raivosamente com eles um ar de determinação implacável e vontade inabalável. Em certo sentido aquilo não importava, porque o fura-filas não estava olhando nos meus olhos. Continuava olhando para a porta do banco e ainda sorria. Meu próprio sorriso tinha agora se transformado num esgar de morte, um ríctus de raiva inglesa reprimida, produto de anos de verões chuvosos, piqueniques arruinados, trens cancelados e pênaltis perdidos. — O senhor não vai entrar nesse banco na minha frente. O único jeito de o senhor entrar no banco na minha frente vai ser por cima do meu cadáver. Entendeu?

Chegou o momento decisivo. A mulher rechonchuda, vestida com sári, que estivera à nossa frente, estava saindo do saguão. Antes que ela tivesse acabado de passar pela porta, meu rival tentou passar por ela, mas me enfiei entre eles e forcei minha entrada. Quando ele tentou passar também, fechei a porta na cara dele. Eu tinha conseguido. Inchado de orgulho e exultante, dei um soco no ar como um homem que marcou um ponto, alcançou seu objetivo, venceu.

Tecliei minha senha. Estava tremendo. Talvez por isso a máquina tenha rejeitado o número. Devo ter teclado a senha errado. Tentei de novo, devagar, ponderadamente, com cuidado. O banco rejeitou meu cartão uma segunda vez. E uma terceira.

Tudo o que acontece na Índia é uma parábola, mesmo que o sentido da parábola não seja claro. Nesse caso, concluí que queria dizer que não existe algo como uma vitória de Pirro, apenas derrotas de Pirro.

O fato é que eu saí de mãos vazias, sem dinheiro. O homem que tentara passar na minha frente entrou em seguida, imperturbável, impenitente, sem ressentimentos. A esposa ficou parada do lado de

fora. Assim como o alemão, mas ele não era o próximo da fila. Uma outra pessoa tinha conseguido se colocar entre ele e a porta.

— Você é um bosta de um veadinho alemão — ciciei para o alemão ao passar.

Peguei um riquixá-bicicleta de volta para o hotel. Enquanto sacudíamos e pulávamos pelas ruas congestionadas, me dei conta de que, estranhamente, o episódio do banco tinha restaurado meu bom humor. Ri alto ao lembrar a expressão chocada na cara do alemão tantas vezes ludibriado, quando o agredi. Admirei o jeito como o homem que tentara furar a fila sustentara, sorridente, sua tática de jogo, recusando-se a admitir que qualquer coisa entrasse em jogo além de seu desejo (é preciso admitir que ele nunca tentou dizer que era seu direito) de tirar o dinheiro depressa. Observando por outro ângulo, tudo o que era irritante na Índia pode se transformar numa fonte de prazer e instrução com implausível velocidade. De repente, eu entendi por que havia algo estranhamente familiar, quase tranquilizador, na irritação que vinha tomando conta de mim nas semanas anteriores: era como eu me sentia o tempo todo em Londres, o estado-padrão de uma vida em que o constante garoar de frustração, aborrecimento e viagens de metrô na hora do rush eram a norma nunca percebida.

Tudo ao redor era buzina e ruído. A confusão, a poeira e o barulho eram inacreditáveis, mas não constituía uma maravilha que existisse na Terra um lugar onde vicejava a poeira, o barulho, a confusão? Que planeta limpo e chato não seria este se todos os lugares se transformassem num subúrbio de Estocolmo, onde os cidadãos formavam filas pacientemente e o caixa eletrônico liberava notas estalando de novas, de valor alto, à prova de falsificação, onde não havia deuses com cabeça de elefante que viajavam montados em ratos, onde não havia mendigos sacudindo na sua cara os cotos enfaixados e manchados de pus, nem zeladores dizendo serem sacerdotes, nem vacas solenemente esterçando as ruas, nem macacos correndo em tumulto, nem meninos descolando rúpias? E por baixo de toda a irritação e aborrecimento, em todo caso, havia o conhecimento de que o pedido de dinheiro era uma expressão direta da desigualdade do relacionamento econômico. Nós, os turistas, éramos imensamente ricos, e eles, os mendigos e barqueiros, massagistas e vendedores, incomensuravelmente pobres. A insistência era um persistente, mas ainda voluntário, imposto sobre o luxo. Você não precisava pagar. Podia dizer não. Esse “não” seria ignorado, mas se você continuasse dizendo, se repetisse e repetisse, então... continuariasendo ignorado. Mas por fim, depois da vigésima vez, seria aceito. Ou isso ou se transformaria num “sim”. Diante do abismo entre o que a gente tem e o que falta a eles, era de fato um milagre que não se fosse roubado a cada vez que se saía do hotel, das instalações, que seus pés não fossem arrancados só para pegarem suas sandálias, que você não fosse dilacerado membro a membro e comido, nem que seu fígado fosse vendido como comida de cachorro.

Enquanto batalhávamos pela rua Shivala, vi Isobel, usando uma camiseta amarela desbotada e jeans, a ponto de atravessar a rua quando o riquixá parou em cima dela. Ela levantou os olhos, assustada. Acenei, sorri:

— Cuidado! — Ela sorriu e recuou um passo.

Era a primeira vez que a via sozinha e a primeira vez que registrávamos a existência um do outro. No hinduísmo o carma cresce e se desdobra durante diversas vidas, mas em minha acelerada mente ocidental era impossível não ver esse encontro acidental como um sinal de alguma outra coisa que não uma compensação cármica. Dois dias antes, ou meia hora antes, eu estava tão desentendido com

o mundo que um encontro desses jamais poderia acontecer. Mesmo que tivesse acontecido, eu teria apenas dado um grunhido para ela; se ela tivesse me notado, teria visto apenas um rosto familiar carrancudo olhando para ela de cima do poleiro oriental de um riquixá. Mas agora, com meu equilíbrio recuperado, eu era uma pessoa boa, sorridente, preocupada com a segurança dela.

Chegamos de volta ao *ghat* Assi. Quando desci, o condutor do riquixá bateu na minha perna e girou o pé para trás de forma que sua sandália caiu, revelando a sola de seu pé. Havia um buraco em carne viva no arco do pé, como se ele tivesse sido crucificado, só que o buraco não tinha sangue. Era esbranquiçado, algum tipo de úlcera, provavelmente. Dei-lhe cem rúpias, pelas quais ele não demonstrou nenhuma gratidão. E quem pode culpá-lo? Para alguém cujo trabalho era pedalar o dia inteiro, pressionando o pé, aquilo devia ser uma terrível aflição. Mas não muito pior — na verdade, bem melhor — do que outros sofrimentos, feridas e doenças que afligiam as pessoas ali. Era imensa a quantidade de dor, desconforto e agonia que as pessoas conseguiam suportar rotineiramente sem reclamar, sem nenhuma expectativa de melhorar (muito menos de se curar), sem esperança nem mesmo de que a quantidade de dor diminuísse. Isso significava que não era dor, que não era angústia? Talvez no Ocidente nossa capacidade de sentir dor tenha sido aumentada à medida que a dor passou a ser mais evitável. Angústia era a expectativa de que qualquer coisa que estivesse nos fazendo sofrer pudesse ser reduzida e tratada. Angústia era a indignação de que o resultado esperado não fosse obtido imediatamente. Angústia era a demora em conseguir tratamento justo, a espera para o remédio fazer efeito. Angústia era esperar.

E aqui na Índia, nós, ocidentais, raramente tínhamos de esperar por qualquer coisa. Reclamávamos da insistência constante, das constantes ofertas de “barco” e “riquixá”, mas quando queríamos um barco ou riquixá, esperávamos que alguém estivesse ali, fornecendo o barco ou o riquixá imediatamente, a preços baixíssimos. Acostumados, em nossa terra, à desanimadora espera por um ônibus, aqui ficávamos ligeiramente irritados se tínhamos de esperar mais que um minuto. Em algum nível, o mochileiro mais pobre gozava os privilégios e benefícios do período colonial britânico.

Caminhei um pouco pelos *ghats*. Um menino correu ao meu lado.

— Caneta escola — disse ele. Eu sorri, continuei andando. — Caneta escola — repetiu ele. — Caneta escola. — Por acaso eu tinha mesmo uma caneta comigo, uma esferográfica de Londres da melhor qualidade. Dei a caneta para o menino, que saiu correndo depressa. Um guru estava sentado junto ao rio, à sombra de um guarda-sol em forma de cogumelo, olhando para mim, simpático.

Cheguei à placa “ADORO A MINHA ÍNDIA”, fiquei contente de vê-la.

* * *

— O que você está lendo? — perguntou Laline.

Eu estava no terraço e não havia percebido sua chegada. Ela estava descalça, usando jeans muito desbotados e uma camiseta que parecia branca, com cheiro de limpa. Levantei o livro: *Mulheres apaixonadas*, uma velha edição da Penguin.

— Escolha estranha.

— Só comecei porque alguém deixou aqui no hotel. Mas tem muita coisa de Lawrence em

Varanasi: o rio da dissolução, o Barco da Morte... — Acabou meu gás. Lal puxou uma cadeira, sentou-se ao meu lado, esperou. Tinha as unhas pintadas de rosa e um anel de prata no dedo mínimo do pé.

— São só duas coisas.

— Eu sei, mas duas coisas pode ser muito. Em certos casos, *uma* coisa pode ser muito.

— E zero, *sir*, pode ser tudo — disse ela, à moda indiana. — Na verdade, para considerar alguma coisa “muito”, precisa ter um mínimo de três.

— Tem razão, claro.

— Então, Lawrence esteve na Índia?

— No Sri Lanka, no Ceilão. Que ele detestou. E ele de certa forma inferiu a Índia a partir do Sri Lanka. Mas é uma pena que não tenha passado algum tempo aqui. Teria sido uma fonte de irritação, claro. Em termos de casta, ele teria visto a si mesmo como um brâmane intocável. Ele teria dito que Gandhi defendia a não violência porque no fundo queria estraçalhar a cabeça das pessoas com um martelo.

— Principalmente a de Nehru?

— Exatamente. Ele ficava doente em todo lugar, mas poderia ter ficado mais doente aqui do que em todos os outros lugares juntos. E ele provavelmente teria escrito um romance indiano. Em umas oito semanas. Cheio de inexatidões e louca especulação, mas correto numa porção de coisas estranhamente proféticas. Ele teria previsto que um dia a galinha tandoori se transformaria no prato nacional inglês, que sua cidade natal, Eastwood, teria diversos restaurantes com as palavras Mahal no nome.

Laline pediu chá. Kamal trouxe um bule numa bandeja brilhante e pôs na mesa. Baixei o livro e entrei para pegar uma banana. Desde que passara mal do estômago, eu havia me habituado a comer principalmente bananas.

— Você está vivendo como um macaco — disse Laline quando me sentei de novo. — Logo vai estar roubando bananas do prato das pessoas. Criando um tumulto.

— Um dia, se eu virar só uma bolha alaranjada, você ainda vai me reconhecer? — perguntei.

— Se você virar uma bolha alaranjada? Não, claro que não. Mas não acho que isso vá acontecer. Você é um desses homens que ficam cada vez mais magros. E não é alaranjado. É mais para branco cru, rosado. Devia usar um protetor solar.

— Está negando o deus que existe em mim — disse eu. — Bingo! Essa é uma ideia típica de Lawrence: negar o deus em si mesmo ou no outro. Era a terceira coisa de que eu precisava para falar em muito.

— Parece-me um pouco genérico demais, mas vou deixar passar.

Darrell apareceu no terraço e Lal acenou para ele, chamando.

— Bem na hora — disse ela. — Eu estava ouvindo uma interminável palestra sobre os *Sete travesseiros da sabedoria*.¹³ E você não acredita no que ele acaba de dizer. Chamou o Ganges de rio da dissolução.

— Ele contou a você que mijou no rio?

— Não! — disse Lal. — Blasfemo! Pérfido!

Darrell puxou uma cadeira e sentou-se conosco. Agora éramos três: o suficiente para sermos muito.

Assim como Lal, ele estava de camiseta branca. Ele não a beijou, mas agora que ele estava ali, vi que ela possuía o brilho de uma mulher apaixonada. Darrell não brilhava assim, homens não brilham assim, sobretudo homens como ele. Mas alguma coisa nele havia se tornado mais pronunciada (de um jeito infinitamente discreto): a certeza de que ele merecia confiança, de que ela não estava cometendo um erro. Talvez essa seja uma das razões para o fato do envolvimento entre ele e Laline não ter exercido nenhum efeito na relação deles comigo.

— Como está o seu estômago? — perguntou Darrell.

— Tudo bem — respondi. — Sabe o que dizem: o que não me mata me fortalece.

* * *

Durante alguns dias, uma jovem japonesa, Sayoko, juntou-se a nós. Ela estava jantando em uma mesa sozinha e Darrell perguntou se não queria se sentar conosco. Ela falava muito pouco inglês, de forma que quando se sentou à nossa mesa, ele começou a falar com ela em japonês, o que, mesmo para o padrão dele, era bem bacana. Sayoko e eu não podíamos dizer muita coisa um para o outro, mas ela era uma boa companhia. Sua maneira de estar no mundo era diferente da de qualquer outra pessoa que eu já tivesse conhecido. Depois de trabalhar em Londres, como jornalista, muitas vezes entrevistando artistas plásticos, eu havia aceitado como definitivo que o único sentido da existência, principalmente para os artistas, mas entre os jornalistas também, era deixar uma marca, um toque, chamar a atenção para si mesmo. Sayoko era o contrário. Ela se deslocava no mundo como se a ideia fosse exercer um mínimo de impacto sobre ele. Assim como um motorista habilidoso, ela conseguia passar pelo meio das coisas sem colidir, nem por pouco. No contexto de Varanasi, a comparação não fazia sentido, mas estar na companhia dela era lembrar como seria relaxante não buzinar nem estar constantemente à espera de uma colisão, não ter sua atenção sobrecarregada ao extremo. Eu me perguntava, naturalmente, se aquela qualidade era uma marca registrada dela ou se havia alguma coisa nitidamente japonesa naquilo.

Havia muitos japoneses em Varanasi, tanto os grupos de aparência ligeiramente idiota que fotografavam tudo à sua frente e obedeciam ao líder turístico sem questionar, como se ele fosse o imperador, quanto os tipos trance mais jovens, às vezes com *dreadlocks*, sempre com camisetas interessantes. Sarnath, onde Buda fez seu primeiro sermão do fogo, era uma das atrações para eles. Ficava a apenas nove ou dez quilômetros ao norte da cidade, e eu não sei por que nunca cheguei a ir até lá. Devia ter ido com Sayoko. Ela era budista e foi até lá sozinha um dia. Não me perguntou se eu queria ir, mas não havia razão para não ir, nem para que eu fosse avesso à ideia ou estivesse desinteressado.

Sayoko ficou conosco por pouco tempo. Caminhamos juntos pelos *ghats* algumas vezes, comemos panquecas e tomamos café no Lotus Lounge. A caminho de lá, vimos dois ratos mortos, caídos lado a lado na calçada, o que sugeria que o Ganges era sujo demais até para eles. Uma vez no Lotus Lounge, não falamos nada. Falamos muito pouco antes, a caminho dali, mas enquanto caminhávamos, vendo ratos mortos e tudo, isso não importava. Não importava quando chegamos lá também, esperando nossos cafés e panquecas, mas era uma coisa nova para mim, sentar em silêncio ao lado de alguém,

incapaz de falar, comunicando-me apenas no nível da vibração.

Mal tive tempo de conhecê-la, e ela foi embora para Bodhgaya. Conte-i-lhe sobre o troco, sobre a comissão de dez por cento, mas não tenho certeza de que tenha entendido. Fiquei triste quando ela foi embora, o que era estranho, pois quando ela se foi, era como se nunca tivesse estado ali.

* * *

A galeria Kriti abriu uma exposição: fotografias de Dayanita Singh. Nós — Darrell, Laline e eu — fomos ao vernissage com Shashank e alguns outros hóspedes do Ganges View. Decorada à moda internacional de paredes brancas simples, a galeria não ficaria deslocada em Londres ou Nova York. (Era isso: a modernidade encontrada em toda parte na Índia do século XXI *existia* ali em Varanasi, afinal!) Embora o vernissage estivesse lotado, era muito diferente de eventos iguais em ambas as cidades: não havia bebida grátis, nem um bar pago; então, depois de comer algumas samosas e procurar em vão por Isobel, não havia nada a fazer a não ser me concentrar na arte.

As fotos não eram grandes, mais ou menos do tamanho da capa de um LP, estavam penduradas em uma fileira única em torno da galeria e numa altura pensada para os visitantes indianos (eu tinha de me curvar ligeiramente para olhar). Eram em preto e branco, mas não tinham nada da torção e do incômodo psicológico, do choque da Varanasi das fotos de Ackerman. Em algumas havia pessoas, outras eram de salas vazias. Reflexos. Prateleiras de coisas. O pátio frontal de um prédio ao entardecer. Pedras de pavimentação rachadas que se recusavam a apresentar qualquer sinal de serem um caminho. Luz refletida numa piscina de forma que ela parecia uma quadra de tênis debaixo da água. Luvas penduradas numa grade. Uma máscara mortuária debaixo de uma redoma. Duas jaquetas brancas, da espécie usada por Nehru, penduradas em algum tipo de vitrine.

A ausência de pessoas não era um princípio universal. As pessoas estavam e não estavam: em algumas fotos estavam; em outras, não estavam. Um folheto informava que todas as fotografias tinham sido feitas na Índia, mas não havia legendas individuais, nada que dissesse onde era cada lugar, ou o que era cada coisa, ou quando tinha sido. Eram apenas fotos de lugares, imagens de lugares que estavam naquelas fotografias. Não havia nada para ajudá-lo a se localizar, e então, depois de algum tempo, quando você aceitava a ideia, percebia que não precisava dessas coisas com que tantas vezes se conta, de que não havia por que se localizar. Uma determinada foto não tinha nenhuma ligação explícita ou narrativa com a vizinha, mas a proximidade sugeria uma ordem que enfatizava o efeito de ambas.

Uma fileira curva de poltronas de cinema, ou poltronas num auditório de concerto, brilhando ligeiramente. Do ponto de vista das poltronas, o cinema estava sempre lotado, mesmo quando vazio; não fazia nenhuma diferença o que estava passando, ou mesmo se estava passando alguma coisa. Janelas numa torre. Luz através de janelas. Sem as fotos, antes que fossem tiradas, você acharia que não havia nada para ver nesses lugares. Fotografá-los deixava-os como eram, sem mudar, alterados. Será que a ideia de *darshan* estava em ação ali? Existia uma forma de *darshan* em que não havia nada para ver?

No livro de visitantes sobre a mesa, alguém tinha escrito três linhas no que eu concluí que devia ser hindi. Mostrei para Laline, que leu a frase em voz alta. Era de um poema de Faiz, disse ela, um poeta paquistanês. Faiz tinha escrito em urdu, mas quem escreveu os versos os traduzira para hindi. Correndo o dedo pela escrita fluida, ela os retraduziu, hesitantemente, para o inglês.

— “Tudo o que restará é o nome de Alá,
Ele, que é ausente mas presente também,
Ele, que é o observador e também o observado.”

Fiquei olhando para as palavras incompreensíveis, deixando o sentido revelado se impregnar de novo nelas. Lal disse:

— Ficaria melhor sem o primeiro verso.

— Neste contexto, sim, podíamos dispensar o contexto — disse eu. — Mas gosto da rima: “restará”, “Alá”. Uma rima interna, pelo menos.

As pessoas não ficaram muito no vernissage. Assim como os comensais do Ganges View, a falta de bebida era um poderoso desestímulo a ficar mais. Quando a galeria esvaziou, foi possível ver todas as fotografias ao mesmo tempo, agora legendadas por Faiz, arrumadas numa única fileira na sala branca. Um corredor que se afasta, o chão molhado refletindo portas e janelas. Uma torre envolta pelo céu. Uma grade de luzes debaixo da água, como uma coisa que fosse o reflexo de si mesma.

* * *

Dois músicos se hospedaram no hotel: um tocador de tabla e um violonista francês. O violonista estava estudando música hindustani em Kolkata, e seu violão tinha sido modificado com o acréscimo de cordas de ressonância que lhe davam uma sonoridade indiana. O tocador de tabla era indiano, de Mumbai, mas vivia sobretudo na Europa, na Alemanha. Eles não se conheciam, mas depois do jantar

fizeram uma jam session no pequeno terraço do alto do hotel. Não foi uma apresentação pública, mas qualquer pessoa do hotel que quisesse podia sentar e assistir.

Mesmo ouvindo intensamente, era impossível não se sentir excluído do casulo que os músicos teceram em torno de si mesmos. Vê-los tocando era como observar dois amantes, atentos e sensíveis a cada movimento um do outro, mas indiferentes a todo o resto. Enquanto tocavam, eles só tinham ouvidos e olhos um para o outro — e quando não estavam tocando, não estavam interessados em nada, ou estavam interessados apenas em falar sobre música. Era difícil não invejar aquela concentração. Durante anos eu ganhara a vida como jornalista, embora detestasse escrever. Quando tinha de escrever alguma coisa, não havia nada — nada — que eu não preferisse fazer em vez de escrever: tênis, televisão, beber, lavar a louça, tomar um banho, ler o jornal, até ficar simplesmente olhando para o espaço. Qualquer coisa era preferível. Talvez fosse diferente se eu escrevesse “minhas” coisas, fosse lá o que fosse isso, mas duvido. Ainda seria escrever, coisa a ser deixada para depois e evitada. Enquanto tudo o que aqueles dois queriam era tocar. Eu ouvia os dois em seus quartos, ensaiando separados, repassando coisas que tinham descoberto juntos na noite anterior ou preparando algum tipo de estrutura sobre a qual pudessem improvisar mais tarde naquela noite. Queria que houvesse algo assim na minha vida. Convencido de que devia haver, tentei me lembrar do que era. Levou um longo tempo para que eu aceitasse que a razão de eu estar tendo tanto trabalho para me lembrar era porque realmente não havia nada para lembrar. O tênis chegava perto, só que quando eu levei a sério, descobri que havia um limite para quanto meu corpo conseguia aguentar: três vezes por semana no máximo. Se jogasse mais do que isso, me machucava. O que mais? Ir a festas, beber, usar drogas. Drogas — sim, isso era uma coisa de que eu realmente gostava, mas, assim como com o tênis, eu tinha consciência de que se usasse demais, ficaria física ou psicologicamente afetado. Além disso, usar drogas dificilmente constituía uma vocação, pelo menos para mim; era apenas uma atividade de lazer, um hobby, não algo com que eu pudesse ganhar a vida. Talvez a coisa mais próxima de um prazer sustentável, integral, fosse a vida que eu estava levando ali, em Varanasi, sem fazer nada. E era sustentável — ou poderia facilmente se tornar sustentável. Se alugasse meu apartamento em Londres, poderia continuar assim indefinidamente.

Durante minhas primeiras semanas em Varanasi, eu conferia meus e-mails constantemente, me mantinha atualizado com as questões mundiais em Londres. (Quando li meu artigo sobre Varanasi no website do *Telegraph*, comecei a tomar por normais coisas que um dia me haviam feito sentir como alguém num pacote turístico de Marte.) Desde então eu deixara as coisas correrem; não respondera a várias propostas de trabalho. Nada era tão urgente que não pudesse esperar, e se você esperasse tempo suficiente, aquilo que tinha sido urgente se tornava, em virtude de sua urgência, irrelevante. Aos poucos, o frenesi dos e-mails diminuiu, murchou, apagou-se completamente. A única coisa que eu ainda acompanhava era o futebol, provavelmente porque não havia nenhum sentido nisso. Sem acesso aos jogos — sem ver os melhores momentos na TV — eles eram irrelevantes, podiam até mesmo nunca ter sido realizados. Os resultados também podiam ser inventados. (E daí que o Chelsea perdeu de oito a zero para o Watford?) Mas eu ainda achava difícil esquecer isso, principalmente agora que o campeonato europeu devia ter recomeçado. Eu não torcia para nenhum time em particular, mas sentia falta do apoio do futebol. Não só dos jogos em si; era toda a estrutura que o futebol emprestava

à vida da pessoa, o sistema de crença comum, as histórias e controvérsias que o reforçavam.

Tinha vindo a Varanasi porque não havia nada que me prendesse a Londres — e fui ficando pela mesma razão: porque não havia nada para o que voltar em casa.

* * *

Darrell estava a caminho de uma aula de ioga. Caminhei com ele até o *ghat* Niranjani, onde vi o guru simpático que tinha encontrado depois do confronto do caixa eletrônico. Ele estava no mesmo lugar, sentado à sombra de um guarda-sol com formato de cogumelo, olhando para o rio.

— Deixe eu falar um pouco com este filósofo — disse eu a Darrell, que seguiu em frente, apressado. Eu disse “falar”, mas como ele não falava inglês, dei cinquenta rúpias só para ficar olhando em seus olhos. Ele concordou feliz. Sentamo-nos à sombra, as pernas cruzadas, um de frente para o outro. A cabeça dele estava emoldurada pelos tijolos vermelhos da parede atrás, quase exatamente o mesmo vermelho do *tilak* em sua testa, de forma que parecia haver um buraco atravessando sua cabeça. No começo eu me senti um pouco intimidado, mas logo me acostumei a olhar apenas para seus olhos castanhos e gentis. Ele ficou sentado e olhou. Não era como aquela brincadeira infantil de não piscar, embora ele aparentemente tivesse uma incrível capacidade de não piscar. Não havia nada agressivo na coisa. Tentei não me fixar em nenhum pensamento, tentei apenas olhar. Não tinha certeza do que eu estava procurando, do que esperava ver — era por isso que eu estava olhando, para descobrir o que eu estava procurando. O que não vi foi qualquer afinidade entre nós. Ele estava no mundo dele e eu, no meu. Minha visão de mundo nunca seria a dele e vice-versa. Era isso que tínhamos em comum. O que nos distinguia um do outro era que ele não tinha nenhum interesse na minha — que não significava nada para ele —, enquanto eu estava intensamente curioso sobre a dele. Como era ser ele? Eu queria que pudéssemos trocar de lugar, ao menos por algum tempo. Olhando de perto, podia ver meu próprio rosto refletido nas pupilas dilatadas dos seus olhos. Era como se eu estivesse ali, um homúnculo. E então, depois de algum tempo, concentrei-me nela, de forma que aquela pequena imagem minha veio a preencher minha visão. Dei um zoom na imagem, de modo que, em vez de ver o rosto dele, tudo o que eu via era o meu próprio rosto, olhando de volta para mim como num espelho. Esse era um jeito de ver a coisa. O outro era que eu estava efetivamente vendo o que ele estava vendo e, ao contrário do que eu tinha pensado originalmente, não havia uma diferença real entre o jeito que eu o via e o jeito que ele me via. Ele via o que eu via, um homem de uns 45 anos, grisalho, rosto magro, a boca num ricto de permanente melancolia. O rosto não era antipático, mas havia nele uma rigidez, a mesma rigidez que eu tinha notado em outros viajantes da mesma idade. Não era um rosto idiota, isso era óbvio, mas era igualmente óbvio que quando se ia além da ideia estreita de inteligência, a abundância ou falta dela não contava para nada. O rosto que eu via, o rosto que era meu rosto, estava cheio de alguma coisa, tremendo como um copo cheio d’água, tremendo como um galgo. Não por medo, mas pelo simples fato de estar vivo. Ser um galgo era tremer e ser eu era tremer como um copo cheio d’água. De que estava cheio esse rosto, esse rosto que era o meu rosto? Olhei melhor, esforçando-me para ver, para saber, e ao fazer isso o rosto que estava vendo adquiriu uma grande intensidade. Aquele rosto estava cheio, eu podia ver agora, era de ânsia, de

desejo, neste caso um desejo de conhecimento, mas podia muito facilmente ter sido desejo por chocolate ou sexo. Esta era a diferença fundamental entre mim e meu novo amigo, o guru. Seu rosto era livre de desejo. Como ele tinha chegado ali? Como conseguira isso? Ele simplesmente era assim por acaso? Improvável. O mais provável era que fosse um estado que ele havia adquirido, para o qual trabalhara por meio de meditação, de ioga, de fumar haxixe e sei lá o que mais. Parecia um belo estado para se estar, para se alcançar. Mas para a ideia da ausência de desejo criar raízes, para partir nessa direção, para tentar se livrar do desejo, decerto isso devia se manifestar como um desejo, uma ânsia, uma urgência. Como então o desejo transcende a si mesmo? Enquanto eu pensava nisso, então, sem que fosse minha intenção, meu foco se expandiu. Depois de fechar o zoom na pupila dos olhos de meu amigo, abri o zoom, e a visão de meu rosto, que tinha tomado todo o quadro, em um grande close-up, recuou e assumiu seu lugar como um simples detalhe dentro do quadro maior do rosto dele. Vi os olhos dele e seu cabelo, o *tilak* na testa, o *tilak* que era do mesmo vermelho da parede atrás dele. Vi o nariz dele, seus dentes e as falhas onde faltavam dentes. Ele estava sorrindo. Eu sorri de volta.

* * *

Nessa noite, houve um concerto no terraço do Ganges View. Era uma noite clara e quente, cheia de estrelas atentas. O terraço estava iluminado por velas, tremulando à brisa que mal chegava até ali. Formara-se uma plateia de talvez trinta pessoas para ouvir uma mulher de meia-idade ao violino, acompanhada por um homem magro de cabelo branco e óculos grossos ao tabla. Quem tocava a cítara era uma mulher cuja timidez parecia perfeitamente integrada ao instrumento. A violinista explicou que iam tocar o *raga Malkauns*. Eu tinha ouvido esse *raga* antes, em várias versões diferentes, em meu iPod, mas ainda não sabia o que fazia dele o *raga Malkauns* em vez de qualquer outro *raga* que soava semelhante. As partes que eu pensava identificar e fixar numa gravação não se encontravam, não se escutavam em outra.

A noite caíra horas antes, mas o violino era crepuscular, um anoitecer. Eu sabia que a violinista estava explorando o *raga*, trazendo-o à vida, podia me sentir aos poucos mergulhando na geometria do som, porém não conseguia identificá-la. Mas tive pelo menos um indício de por que eu não conseguia. A melodia depende do andamento. Tocada um pouco mais rápida ou mais lenta, ela permanece reconhecível, enquanto ali o coração do *raga*, a melodia em que havia se originado, tinha sido tocada completamente fora do andamento. Uma dimensão inteira de escuta havia sido removida. Comecei a me perder na infinitude de algo que não conseguia reconhecer nem entender.

Essa podia ser a música do espírito, mas não havia nenhuma tentativa de disfarçar o fato físico de como era produzida. Em meio às notas mais líricas não havia medo da estridência, da fricção do arco puxado sobre as cordas. Podia ser deixada para trás, essa estridência, num estalar de dedos, mas nunca era, não durante muito tempo. Mesmo quando voava livre, ela mergulhava mais fundo na terra. O violino era denso como a noite que pairava sobre o rio, confundindo-se com ela. Cada movimento à frente retornava e ainda assim, irresistivelmente, a música avançava e acelerava. Uma pulsação estava se fazendo sentir. Era impossível dizer quando essa pulsação começara. Só tomei consciência dela — da volta do andamento — quando já estava ali, como se estivesse ali, inaudível, imperceptível, mesmo

antes de estar ali. As estrelas estavam no rio. No começo alguma coisa tomara forma; agora estava ganhando vida. Havia uma sensação de fecunda acumulação e de uma sutil compreensão: a melodia podia se tornar mais bonita se não fosse abandonada a si mesma. Ao ser forçada a se deixar para trás, ela se tornava mais que ela mesma e, no fim, mais puramente ela mesma. A pulsação tinha se tornado mais forte que todo o resto, tão forte que estava gerando uma necessidade — de ritmo — que era incapaz de satisfazer.

Nesse momento o tabla atacou. Deu para sentir o alívio se espalhando na noite. O voo dos pássaros passando, rápidas sombras de si mesmos. No *alap* solo, havia uma imensa ânsia, uma ânsia, da parte do violino, de adquirir o incomparável soluçar do sarangui. O fato de isso ser impossível intensificava enormemente a sensação de anseio, mas essa ânsia havia sido respondida pelo tabla e o violino tornou-se familiar outra vez. Em certos trechos agora, havia na música uma propriedade caipira de bater os pés, de chutar merda, que não entrava em choque com o clima de meditação e transcendência. Era como descobrir algum molde universal de música que se estendia dos Apalaches até a planície indo-gangética. A estridência e o som agudo ficaram mais pronunciados, mas intensificaram-se também a emissão e a precipitação da melodia, a melodia abandonada que nunca tinha sido deixada para trás. O tabla amarrava a batida em entrelaçamentos, mais e mais emaranhados, mais e mais intrincados — e os desembaraçava com a mesma rapidez, mais e mais depressa, mas sempre com tempo de sobra. No coração do galope do tabla havia um gongo, tinindo. Eu não conseguia acompanhar os ciclos rítmicos, não conscientemente pelo menos, mas por mais que o violino e o tabla se afastassem, sempre havia um lugar para onde podiam voltar e, em algum nível, comecei a saber onde ficava esse lugar, a reconhecê-lo, a saber como ele soava, a esperar por ele mesmo que o fizesse apenas depois de ele ter uma vez mais ficado para trás. A escuridão fluía sobre o rio e dentro dele. O rio estava escuro. O céu acima do rio era tão escuro quanto ele, mas não se movia, ao contrário do rio, que se movia constantemente. A escuridão se escondia na escuridão.

* * *

Embora tivesse olhado para o outro lado do Ganges todos os dias, eu nunca havia atravessado o rio. Então, uma tarde, atravessei. O barco penetrou na lama macia, diretamente em frente ao *ghat* Jain, e eu descí. Estava deserto, mas não completamente; alguns outros turistas também tinham feito a viagem e passeávamos por ali. O que tinha parecido atraente de longe mostrou-se abismal de perto. Não havia nada nem remotamente sagrado ali. Em sua maior parte, era arenoso e seco. Em certos pontos era como uma lua pantanosa, com piscinas de água salobra, placas de visgo e limo. À beira da água, lindas aves pernaltas bicavam bolhas da espuma de poluição. Segundo qualquer padrão normal, era cheio de lixo; havia maços de cigarro amassados, sacos plásticos amarfanhados, um ou outro osso de animal, cacos de cerâmica marrons, uma sandália velha, duas esferográficas quebradas, enlameadas. Várias pipas jaziam numa poça de água marrom-esverdeada. Um cachorro veio chapinhando na minha direção, mais hiena que cachorro. Havia uma forte sensação de estar parado no meio do depois de alguma coisa, mas de quê? O depois de descarregar um lixo, um lixo do qual as melhores partes tinham sido escolhidas a dedo de forma a restar só os detritos, o refugo, mesmo para

os baixos padrões de lixo: coisas que, mesmo de acordo com o hábito indiano de máxima utilização, não podiam mais ser recicladas nem reutilizadas. Não havia nada para fazer ali, não tinha sentido ficar.

Queria não ter vindo. Antes, teria sido impossível acreditar que essa outra margem fosse o lugar a que as almas vinham para descansar. Se era esse o caso, então a eternidade agora parecia um lugar poluído, imundo. Melhor seria renascer, ter mais um lance da roleta do Samsara e esperar por um upgrade na próxima encarnação, porque nada, com certeza, podia ser pior do que terminar ali.

Especialmente se você morresse ali e — conforme me haviam dito insistentemente — renascesse como um burro. Se isso acontecesse, você saberia, mesmo que apenas pela fração de segundo em que ocorre a transmigração, que você tinha sido você numa vida anterior? Algum de vocês sobreviveria nessa nova encarnação ou você seria apenas um burro sem memória? Nessa última hipótese, portanto, não havia por que se preocupar com a reencarnação. Desprovido de consciência de vidas passadas ou futuras, você podia muito bem nunca ter nascido antes. Se o burro não faz ideia de nunca ter sido outra coisa senão um burro, então o burro era indiferente ao fato de ser um burro. Assim, por meio da ignorância, o burro escapava da Samsara, embora provavelmente não se sentisse assim ao transportar cargas, apanhar com varas e ser forçado a fazer coisas contra a sua vontade, quando tudo o que ele gostaria de fazer era se deitar na lama macia e olhar na direção de Varanasi, pensando: *Agora, isso me lembra alguma coisa...*

Comecei a sentir sono. Pensei em todos os lances perfeitos que eu tinha jogado no tênis e nos jogos em que tinha cometido erros em pontos importantes, e, em consequência desses erros, terminara perdendo a partida. Pensei nos jogos que jogara, nas dezenas de milhares de cervejas que tinha entornado, nas centenas de carreiras de cocaína que tinha cheirado, e me dei conta de que minha vida estava passando diante de meus olhos, como dizem que acontece no momento de nossa morte. Isso era sempre tomado como um indício de que sua vida se desdobrava diante de seus olhos, e houve um tempo em que talvez esse fosse o caso, mas agora, na era dos *soundbites* e *highlights*, é possível um certo grau de seletividade. Não é preciso reviver cada momento de sua vida, cada detalhe de desejo, tentação ou rendição, todas as horas e horas assistindo à televisão, esperando o ônibus, tirando meleca do nariz. Isso é só encher linguiça. Não, existe apenas um número limitado de momentos que contam, que compõem e definem uma vida. E um desses momentos, percebi, era aquele, aquele em que me dei conta de que minha vida era... de repente levei um tranco e acordei, temendo de súbito que estivesse a ponto de morrer, que esse fosse o meu destino, morrer ali e renascer como burro, um burro com cérebro, um burro perturbado por um teimoso mas inadequado indício (não uma lembrança, apenas uma dúvida insistente, na verdade) do que significava ser humano.

Levantei cambaleante, como um potro recém-nascido. Os outros turistas tinham ido embora. Eu estava sozinho na outra margem do Ganges.

Verifiquei se o barqueiro ainda estava ali — ele estava — e andei um pouco, olhando para Varanasi. Ao olhar, a sensação de que tinha sido um erro vir aqui aos poucos se inverteu. Eu agora estava contente por ter vindo: era um lembrete de que uma vez que esta vida, a vida lá do outro lado, em Varanasi, lá no mundo, era a única que se tinha, o único crime ou erro real era não tirar o máximo proveito dela. A ideia de um pós-vida ou eternidade era apenas o que se revelara ser ali: lixo.

Lixo que ninguém queria, que ninguém podia usar como referência de valores. O que havia ali era o depois da vida em si, o que restava quando seu tempo se acabava.

* * *

No *ghat* Harishchandra algum tipo de acontecimento estava em curso. Um grupo de cinco tocadores de tambor batia num ritmo caótico. Um bando de velhos estava enlouquecido, alternando entre dança e luta. Era uma combinação de Bum Fight¹⁴ e um festival de veteranos do trance perturbados da cabeça. A música os acalmava ou incitava? Impossível dizer. Em determinado momento, todos eles estavam saltando e se jogando no chão. Depois, sem provocação, atiraram-se uns em cima dos outros, e a coisa toda se transformou numa briga. Não havia alianças ou lados nítidos — ou, se havia alianças, elas mudavam depressa demais para um observador neutro conseguir acompanhar —, mas a certa altura alguns dos outros participantes tentaram interromper tudo. A luta se transformou em abraços. Um homem que minutos antes estava brigando girava agora como uma dançarina do ventre, acariciando um falo invisível até um estado de maciço intumescimento imaginário. Então a música começou outra vez, e tudo pirou de novo. Ou a música parou, e tudo pirou de novo. Os que tinham tentado acalmar as coisas agora se transformaram nos instigadores de mais uma rodada de hostilidades. Quanto mais eu assistia, mais difícil ficava identificar qualquer ordem, padrão ou lealdades. Era uma pequena desordem que, embora constantemente ameaçasse escapar completamente ao controle, nunca escapava de fato. Todo mundo envolvido estava se divertindo.

Tive de passar ao lado dos participantes para voltar ao Ganges View. Ao fazê-lo, um deles veio para cima de mim. No impulso, eu o empurrei de volta para a confusão. Ninguém pareceu se importar com essa retaliação. De perto, o bater dos tambores era intenso, hipnótico. Balancei a cabeça um pouco e comecei a dançar. Depois de alguns minutos, outro sujeito me deu um empurrão, e eu empurrei alguma outra pessoa. Não me abandonei inteiramente, tomei cuidado para não me desequilibrar e bater nos caras realmente loucos, mas uma vez no meio daquilo, todos os empurrões e bamboleios eram de fato menos perigosos do que pareciam de fora, a um espectador. Era realmente apenas um empurra-empurra ao ar livre, localizado, inadequadamente para sensibilidades ocidentais, a dez metros de onde havia um funeral em andamento.

* * *

Pouco depois de minha viagem ao outro lado, fiz uma outra coisa que tencionava fazer havia séculos: fui ao templo do *ghat* Kedar. Durante o período em que eu estava em Varanasi, as listras azul-claras tinham desbotado para o branco que a princípio eu achava ser. Então me lembrei como, em meu primeiro dia aqui, Varanasi havia me parecido uma estância marítima decrépita. Com seus degraus horizontais rosa e brancos e as listras verticais do templo, Kedar era o epicentro dessa impressão: parecia ter se inspirado num pirulito e numa espreguiçadeira. Tal possibilidade não era de todo irreal. Com sua capacidade de adaptação, para dizer o mínimo, o hinduísmo podia facilmente incorporar a

ideia de Shiva ter passado um longo fim de semana — uns dez mil anos, digamos — em Brighton, antes de existirem *mods* e *rockers*,¹⁵ quando até a mais humilde pensão era do tamanho do Pavilion.

O telhado tinha uma moldura de estátuas de deuses, coloridas e alegres como anões de jardim. O sol batia na escadaria rosa e branca. Era, de longe, o dia mais quente do ano até então. Em relação ao calor que faria dentro de dois meses, quando ficaria insuportavelmente quente, não era calor nenhum, mas isso não fazia ficar nada mais fresco. Subi a escada rosa e branca até as listras rosa e brancas do templo, onde horizontal se transformava em vertical. Tirei as sandálias e entrei. O escuro tremulava com velas. Só estar ali dentro, livre do sol, era agradável. Sinos tocavam. Meus olhos se acomodaram, acostumaram-se com o escuro. As paredes eram pintadas com o mesmo azul-arroxeadado dos degraus de fora, antes de desbotarem. Pelo piso de ladrilhos, havia pingos estilo Pollock do mesmo azul, algumas colunas amarelas. O verde e o branco dos ladrilhos da parede não ficariam deslocados numa velha fábrica de laticínios.

O templo era dedicado a Shiva, e lá estava ele, de chapéu dourado, azul e todo-poderoso, mas isso não queria dizer que outros deuses e suas consortes fossem excluídos. Ao contrário. Estavam todos ali; todos diferentes, todos o mesmo, todos um. Todos por um e um por todos. Caminhei em sentido horário pelo templo. Nos fundos, no que parecia ser uma cela de prisão, um guru com a juba amarrada num nó, cabelo e barba brancos, resmungava palavras e cuidava de uma pequena chama como se ela fosse um frágil passarinho a ser trazido de volta à vida. Estava intensamente concentrado na chama e nas palavras que dizia. Aquilo não soava como um encantamento de qualquer forma, tampouco como vestígios disso, como se as palavras que usara para chegar onde estava agora só pudessem ser vagamente lembradas e não tivessem o poder de trazê-lo de volta. Não que ele tivesse qualquer desejo de voltar. Falava as palavras como se estivesse adormecido, palavras que sugeriam que a vigília era uma espécie de sono e só aqueles que dormiam profundamente podiam despertar para o sonho da vida. Completamente indiferente à minha presença e, desconfio, à sua própria, ele estaria tão à vontade num hospício como estava num local de adoração. Andava arrastando os pés por sua cela, que não era uma cela em absoluto, não mais que o universo em si é uma cela. Preso numa casca de noz e rei do espaço infinito! Uma pena, de certa forma, que *Hamlet* não tivesse sido traduzido para o sânscrito, embora fosse bem possível que uma plateia de brâmanes do século XVI descartasse o monólogo do “ser ou não ser” como uma grande bobagem com base em que ser e não ser eram uma e a mesma coisa, que não ser era a forma mais alta de ser, que ser era em si uma ilusão. Um menino me disse alô e perguntou:

— De onde você é?

Sorri e respondi:

— De Marte — e segui em frente.

Queria ficar sozinho, mas essa ideia não fazia sentido também. Por que ficar sozinho quando podia dar dinheiro para alguém me contar coisas que eu já sabia? Uma lança de sol varava do exterior, iluminando um trecho escrito em sânscrito numa parede. O menino apontou para a luz, que apontava para um texto sagrado como o dedo de um leitor lento deslizando pela página de um livro difícil. Eu também continuei me movendo, e o menino me acompanhou, mantendo-se ligeiramente à minha frente, numa sutil sugestão de que estava empregado como meu guia. Disse o nome de várias

divindades acomodadas em seus pequenos nichos, muitas recém-pintadas de vermelho ou com guirlandas de flores. Um Vishnu de mármore branco e um Vishnu de pedra cinzenta moravam um ao lado do outro, em altares vizinhos juncados de pétalas de flores. Momentaneamente me vi ao ar livre, visitando um Ganesha com três olhos, cor de tangerina, iluminado pelo sol.

Havia flores por toda parte, inclusive em volta do meu pescoço. Ao contrário daquelas do templo Durga, estas tinham o cheiro que deviam ter: eram perfumadas como flores. De volta ao interior, entreguei vinte rúpias ao velho que as tinha posto ali, o velho ao qual o menino havia me levado, o velho cujo lugar o menino um dia viria a ocupar — ou ocupara cinquenta anos antes. Tudo na Índia era muito mais fácil se você tinha bastante trocado. O ar estava carregado com o cheiro de flores e o aroma ainda mais carregado do incenso. Mais pessoas tinham se reunido e mais sinos tocavam. Era incrivelmente barulhento, tão barulhento quanto uma boate: a original *Escape from Samsara*. O menino ainda estava ao meu lado. Movia os lábios, mas eu não conseguia escutar o que estava dizendo. (Era assim ficar surdo? Estar prisioneiro numa tempestade de ruídos?) Dei-lhe cinco rúpias e me afastei. Era impossível dizer onde terminava o ruído de um sino e começava o de outro. Se tivesse de escolher uma única palavra para descrever o ruído dos sinos, só poderia ser “clamor”. Os sinos produziam o mais incrível clamor. No cerne desse clamor soava um bumbo, aumentando o clamor, aprofundando-o, dando-lhe foco. Mais no interior do templo, num sacrário, um sacerdote vigoroso vestindo *dhoti* branco traçava desenhos de fogo com uma espécie de candelabro. As chamas lançavam sombras meneando e rodando pelas paredes. Os sinos estavam mais fortes que nunca, tão fortes que pareciam emanar de dentro de minha cabeça. Não que isso quisesse dizer que o volume era suficiente. Quanto mais fortes os sinos ficavam, mais as pessoas queriam tocá-los. Os fiéis formavam duas fileiras como se alguém ou alguma coisa — um touro? um deus? um deus-touro? — estivesse para ser solto e saísse da escuridão crivada de velas para atacar e passando por nós para a inimaginável luz do sol lá fora. Mas não, nada ia sair; estávamos sendo conduzidos para dentro do sacrário. Os sinos eram ensurdecedores. E as batidas, eu via agora, vinham de um tambor mecânico batendo, batendo, batendo. Bum! Bum! Bum! Os sinos estavam loucos, delirantes, perturbados. Naquele que era o altar no recesso mais profundo do templo, as pessoas estendiam a mão para tocar o *lingam*, uma saliência na rocha marrom, enfeitada com flores alaranjadas e amarelas. O menino que tinha se insinuado a me servir reapareceu, indicando que eu devia ofertar minha guirlanda. Ninguém mais prestava qualquer atenção em mim. Estavam todos absortos em estender a mão e tocar o *lingam*. Sem cerimônia, atirei a guirlanda no monte de flores. Nada mudou em consequência desse gesto, esse ato de *puja* sem fé, mas era irresistível a sensação de que eu estava no cerne de alguma coisa e, de qualquer forma, não desejava resistir. O tambor continuava batendo. Bum! Bum! Bum! Os sinos eram um clamor fundido em estrondos contínuos. Dentro do múltiplo clamor, o clamor de todos os sinos diferentes, outro som estava tomando forma: redondo, brilhante, expandindo-se, dourado. *Om*.

* * *

Se há um episódio de minha estada em Varanasi que eu gostaria de ter filmado, foi aquele com o macaco e os óculos escuros. Gostaria de estudá-lo, de analisá-lo mais detidamente. Eu estava no

terraço, a única pessoa ali, lendo o exemplar de Darrell dos *Indian Journals*, de Ginsberg (tinha desistido de *Mulheres apaixonadas*). Meus óculos escuros estavam em cima da mesa, ao lado dos restos de sopa e chá que tinha pedido para o almoço. Minha indisposição digestiva estava superada, e eu voltara a comer normalmente, não sobrevivia mais só de bananas. Houve um ruído súbito no telhado de ferro corrugado atrás de mim, e um macaco saltou em cima da mesa. Dei um pulo para trás, assustado. A xícara de chá caiu no chão e espatifou-se. Sem saber direito o que pegar, o macaco agarrou meus óculos escuros e saltou com eles para o muro, na direção do templo.

Aliviado por não ter sido tocado, arranhado nem mordido, fui até o muro por onde o macaco havia saído. Ele estava sentado uns metros adiante, segurando os óculos com ambas as mãos. Por um momento, pensei que ia experimentá-los, mas ele só ficou sentado ali, nas patas traseiras, agarrado a uns óculos escuros com lentes de grau, inúteis para ele. Olhamos um para o outro. Ele segurava os óculos com uma só mão agora, acenando-os na minha direção. Ocorreu-me que uma ideia estava se formando na cabeça dele, uma noção mais avançada que qualquer outra que houvesse concebido até então. Ele pegara os óculos num impulso, porque eram brilhantes e estavam ali. Mas não roubara aquilo, nós dois sabíamos agora; tinha sequestrado. Inúteis em si, os óculos tinham porém um considerável valor de troca. Fiz um gesto que tinha visto nas estátuas de Buda: mão levantada, expulsando o medo.

— Espere — disse eu. — Espere um pouco.

O macaco não deu atenção. Andei para trás, até a parte coberta do terraço, onde havia uma bandeja de frutas com três bananas. Enfiei duas no bolso de trás e voltei segurando a terceira. Estendi o braço com a banana na mão, pronto para atirá-la se ele pulasse em cima de mim, com a outra junto ao peito, ainda levantada no *mudra* de afastar o medo. O macaco segurava meus óculos escuros. Avancei devagar, sem tirar os olhos de cima dele, coloquei a banana sobre o muro que nos separava. Depois de fazer isso, cuidei de manter ambas as mãos visíveis, levantadas, as palmas voltadas para ele. Ele não se mexeu. Ficou sentado lá, com um ar impassível ou absorto, era impossível dizer. Tirei do bolso de trás uma segunda banana e pus ao lado da primeira. Recuei de novo, as palmas levantadas. O macaco desviou os olhos, espantou uma mosca com meus óculos. Sacudiu a cabeça num gesto que podia não ter nenhuma relação com a minha oferta melhorada.

— Você quer mesmo jogar duro, não é? — disse eu. — Tudo bem, chega de besteira. — Peguei a última banana e pus ao lado das outras duas, formando uma penca. Sem tirar os olhos dele, virei-me ligeiramente para ele ver que eu não tinha mais nenhuma banana no bolso. — É a minha última oferta — disse eu. — É pegar ou largar. — Com as mãos ainda levantadas, cruzei uma sobre a outra no que eu esperava que fosse um gesto universal, transespécies, de finalização, encerramento. Dei um passo para trás. Se a oferta não fosse aceita, se a negociação fosse interrompida, eu não tinha intenção de pegar as bananas de volta. Era uma questão de honra agora. A bola estava em jogo. Eu queria meus óculos escuros de volta. Claro que eu queria meus óculos escuros de volta, mas também tinha consciência da importância histórica desse encontro. Em termos de desenvolvimento da espécie dele, o passo que o macaco estava a ponto de dar, o passo que eu esperava que ele desse, equiparava-se ao gigantesco passo que Neil Armstrong tinha dado do Módulo Lunar para a superfície empoeirada da lua.

— Depende de você — disse eu. — A escolha é sua. Pode deixar os óculos escuros e pegar as bananas. Em outras palavras, pode começar a evoluir. Ou pode pegar as bananas e sair correndo com os óculos também. Mas se fizer isso, vai ser uma porra de um chimpanzé pelo resto dos seus dias. E mais uma coisa também. Se fizer isso, juro que caço você. Como um cachorro. Então, faça o seu jogo.

No decorrer desse discurso, minhas mãos foram baixando aos poucos. Estavam agora em meus quadris, como um pistoleiro ou um símio. O macaco oscilou ligeiramente. Depois trepou agilmente no muro e pegou as bananas, depressa, mas com cuidado. Saiu pulando de novo e deixando cair, impossível dizer se intencionalmente ou por acaso, meus óculos escuros na mesa.

* * *

Os acontecimentos em Varanasi muitas vezes assumiam uma espécie de simetria. Eu ainda estava com o episódio do macaco e dos óculos na cabeça quando subi ao terraço para o café da manhã, no dia seguinte. Darrell já estava lá, tomando mingau de aveia.

— Como vai, Darrellji?

— Meio atrapalhado. Noite passada sonhei que era atacado por um canguru.

— Que esquisito.

— Eu sei. É o único sonho que eu tive aqui, pelo menos o único de que me lembro. E só me lembro porque foi muito ridículo, muito irrelevante. Durante um dia comum aqui a gente vê mais animais do que em um ano em Nova York. É um zoológico, uma cidade-fazenda. Andar pelo *ghat* é como fazer um safári.

— Canguru é um bicho que você pode ter certeza de que não vai encontrar.

— Exatamente. Eu não ficaria surpreso de encontrar um tigre, se não estivessem praticamente extintos. Mas o que faz um canguru aparecer no meu sonho e me atacar?

Fiz que não com a cabeça. Não tinha nada a dizer sobre o canguru, mas ele estava certo a respeito da ausência de sonhos. Varanasi era surpreendentemente improdutiva quanto a este quesito. Era de se imaginar que tudo o que se encontrava durante o dia — coisas que dificilmente fariam sentido no curso normal dos acontecimentos — ficaria bem à vontade no louco torvelinho do inconsciente, poderia se fundir a ele com muito pouca ou nenhuma edição. Mas não era assim. Você fechava os olhos e dormia, sem sonhos; e como não sonhava, era como se não tivesse dormido.

— Tirei uma longa soneca aqui anteontem — disse eu. — Quando abri os olhos, não foi como acordar. Foi como passar a existir de novo. Enquanto estava com os olhos fechados, eu não estava vivo. Podia muito bem ser a cadeira em que estava sentado, ou o ladrilho debaixo da cadeira, ou o alicerce do hotel, ou mesmo a lama, a terra em que ele está construído.

— Pelo menos você não foi atacado por um canguru.

— Eu sei. Talvez esteja na hora de o hinduísmo ficar mais internacional, chegar à Austrália. Um deus canguru poderia ser muito popular. Ganuna podia morar na bolsa dele, espiando para fora.

— Quem é Ganuna?

— Ganuna é tudo aquilo que não é outra coisa. Mas é também aquilo que é outra coisa.

— Ganuna?

— É. Nietzsche anunciou a vinda do super-homem. Eu anuncio a vinda de Ganuna. Na bolsa de um canguru.

Não sei de onde me veio essa ideia de Ganuna. Teria feito sentido, numa conversa sobre um ataque de canguru, contar que na tarde da véspera eu tinha me envolvido numa negociação de resgate com um macaco, mas em vez disso inventei essa bobagem de Ganuna. Nunca tinha ouvido nem pensado no nome Ganuna antes de pronunciá-lo, antes de ele se fazer dizer. Mas agora que tinha dito, Ganuna era um fato. Era real. Era Ganuna.

* * *

No templo nepalês perto do *ghat* Mir, bem debaixo do beiral do telhado de madeira, havia um friso de madeira decorado com entalhes eróticos. As figuras eram redondas, curvas, ambíguas. Às vezes, era difícil saber exatamente o que estava acontecendo, às vezes se via com clareza: uma mulher masturbando um homem enquanto ele acariciava seus seios. Ou um homem trepando com ela por trás, ela com uma perna estendida na vertical, como se um professor alongasse a perna de uma bailarina. Ou o pau dele afundando no rosto dela. Eu sabia das famosas esculturas eróticas de Khajuharo, mas não esperava encontrar essas coisas aqui. Eram como visões de um mundo perdido que eu só consegui lembrar vagamente: o mundo de desejo, de paixão correspondida. Olhar aquilo me deixou contente e triste, com saudades de um lugar ao qual eu nunca voltaria.

Nessa tarde, fiquei deitado em minha cama e pensei em sexo. Ou tentei pensar. Eu nunca tinha fantasias, apenas lembranças, lembranças que de vez em quando eram ligeiramente melhoradas e embelezadas. Mas minhas lembranças de sexo tinham ficado estranhamente incorpóreas. Cheio de culpa, pensava em Lal, em como devia ser sua pele em minhas mãos, mas não conseguia tornar essa ideia suficientemente tangível para me excitar. Meu pau não ficava duro. Há semanas eu não ficava de pau duro. Talvez estivesse perdendo essa capacidade. Tentei me masturbar, mas achei difícil me concentrar. Imagens de Varanasi, dos *ghats*, apareciam e bloqueavam todo o resto. De certa forma, era um alívio livrar-me do tormento do desejo sexual, mas essa falta era em si uma forma de tormento. E se esse desejo fosse embora e nunca mais voltasse?

* * *

Essas preocupações logo pareceram luxos irrelevantes. Eu estava com um ligeiro resfriado e tosse havia semanas. Nada de especial nisso. Respirar uma mistura de poeira, poluição e fumaça dos mortos significava que todo mundo que ficava aqui mais que alguns dias acabava com tosse. Uma vez aceito isso, caminhar pelos *ghats* e escarrar globos verdes de catarro se transformava em um dos prazeres rotineiros da vida em Varanasi. Tive duas crises de diarreia, mas, assim como a tosse, pareciam não ser nada com que se preocupar.

Então, um dia, no fim da tarde, caminhando pela confusa rede de ruas atrás dos prédios junto ao rio, me vi envolvido num estranho acidente. As velas eram suficientemente iluminadas para as placas

telefônicas amarelas, losangulares, STD,¹⁶ brilharem hospitaleiras, como se as tavernas nessa área também fornecessem oportunidades, embora sem deixar claro, se para se tratar ou se contrair doenças sexualmente transmissíveis. Estavam fervendo e mexendo caldeirões de leite para fazer doces tão doces que os dentistas alertariam para nem olhar muito de perto para eles. Entrei em um templo sossegado: paredes verde e creme, colunas ocre, altares lilases. Estava vazio, apenas uma outra pessoa ali dentro, sentada, que nem perguntou de onde eu era. A presença dessa única pessoa deixava o templo mais vazio do que se não tivesse ninguém dentro.

Poucos metros adiante do templo, cheguei a um cruzamento. A passagem estava temporariamente impedida por uma vaca que vinha pela viela que cruzava com aquela em que eu estava. Nossos olhos — um dela, dois meus — se cruzaram. Da parte dela não houve nenhum sinal de reconhecimento, nenhuma prova de que minha existência fosse sequer registrada. Bom, ótimo. A vaca estava no seu “transe-vacum” e eu estava no meu estado de aplicada receptividade a tudo o que acontecia em volta, mas havia espaço, mesmo naquela viela estreita, para todos os filhos de Deus, fossem homem ou animal. A vaca continuou andando. Seu rabo com placas de merda estava tão encharcado de merda quanto o pincel de um artista encharcado de tinta. Mas só porque eu era eu com um traseiro limpo e ela uma vaca com a bunda suja de merda não queria dizer que eu não tivesse sido ela — ou ela eu — numa existência anterior. Podíamos trocar de lugar num instante. O valor de nossas ações na grande NASDAQ-Samsara podia tanto subir como descer. Mesmo assim, no fim das contas, uma vaca era uma coisa bem esquisita para se reverenciar. Eu não via razão para ser cruel com elas, não comia nenhuma havia anos, mas à parte o fato de ser inofensiva, burra e não morder, uma vaca não tinha muito a seu favor, ou não muito mais que uma cabra. Oh, bem, viva e deixe viver. Quando passei por trás dela, a vaca balançou o rabo, bateu no meu rosto com o rabo, com seu rabo encharcado de merda. Houve uma forte inalação — minha — quando minha boca se abriu em choque. Soltei uma espécie de guincho. A vaca deve ter me ouvido. Ela olhou para trás, a expressão imutável, e continuou. Comecei a cuspir loucamente, mas não cuspir como se cospe normalmente, usando a língua para impulsionar a saliva para fora da boca (isso teria posto minha língua em contato com a gosma). Mantendo a língua curvada para trás, eu soprava a saliva para fora da boca, usando a boca como o respiradouro de uma baleia. Havia uma porção de gente em volta, muitas delas rindo. Um velho até deu umas palmadinhas nas ancas da vaca, como se a cumprimentasse. Puxei um chumaço de lenços de papel do bolso e esfreguei no nariz e no queixo, cuspendo e tossindo ao mesmo tempo. Uma mulher gentil apontou para mim uma torneira, e eu me inclinei para lavar meu rosto direito, com o cuidado de manter a boca bem fechada para que qualquer infecção que eu pudesse ter pegado da merda da vaca não se complicasse com qualquer infecção que eu pudesse pegar da água da torneira. Continuei andando sem agradecer. Não queria ser ingrato nem rude, mas naquelas circunstâncias estava preocupado com as consequências higiênicas de articular palavras.

Se no Ocidente considera-se boa sorte pisar em cocô de cachorro, no hinduísmo ser esbofetado pelo rabo sujo de merda de uma vaca devia ser considerado superauspicioso. Era um jeito de ver a coisa; mas outra possibilidade, mais sinistra, me passou pela cabeça. Será que a vaca sabia o que estava fazendo? Aquilo foi um acidente ou foi uma tentativa de assassinato dirigida, uma retaliação bovina divinal por eu ter mijado no Ganges? Impossível dizer. Impossível também provar a ligação entre esse

acidente e o que aconteceu depois, mas o fato concreto é que, mais tarde nessa noite, eu explodi.

Fui para a cama com a barriga esticada como um tambor. Peidei horrivelmente e muitas vezes, peidos que cheiravam tão mal como os de outras pessoas. Comecei a sentir enjoo, mas como eu tinha tomado minha dose diária e semanal de comprimidos contra malária algumas horas antes, resisti à tentação de vomitar. Meia hora depois subiu tudo, subiu e saiu, saiu e subiu. Eu estava de quatro no chão, vomitando na privada, o cheiro do vômito me fazendo vomitar instantaneamente de novo. Assim que lavei a boca, caguei uma gosma amarela na privada. Mal tive tempo de dar a descarga e estava outra vez de joelhos vomitando. Meu corpo estava empenhado numa tentativa tão frenética de se livrar do que quer que tivesse entrado nele que eu corria o risco de me romper em dois. Vomitei dez vezes ao longo da noite e caguei constantemente. Havia merda até nos lençóis da cama. Não que eu tenha cagado na cama; minhas entranhas estavam tão líquidas que meu cu não era apertado o bastante para segurar aquilo. Fiquei deitado na minha cama manchada de merda. Cada fio de cabelo da minha cabeça era uma estaca fincada no meu crânio. Minha barriga tinha uma víbora se revirando dentro dela. Era horrível o gosto em minha boca, do vômito e, pior ainda, dos comprimidos para malária que eu tinha vomitado. Se alguém já experimentou MDMA, ou seja, *ecstasy*, sabe o gosto ruim que tem. Pelo gosto na minha língua, parecia que eu tinha chupado um comprimido de MDMA durante várias horas para que durasse o máximo possível. Eu tinha Coca-cola na geladeira e gargarejei com ela. Não teve nenhum impacto no gosto, e minutos depois eu estava de volta à privada, vomitando outra vez.

O médico veio de manhã e me deu comprimidos antináusea e antibióticos. Passei o dia na cama, dormindo e acordando por alguns minutos horríveis, depois adormecendo de novo. Doía para mexer os olhos um pouquinho que fosse. Minha cabeça latejava. Depois de vários dias, levantei e me arrastei como um paciente com soro. Não conseguia comer nada. Bebia água e tomava Dioralytes, cagava de vez em quando. Eu estava entre a cruz e a espada. Tinha parado de usar o repelente semanas antes porque me dera uma erupção na pele. Tinha jogado fora os comprimidos contra malária. Não podia começar a tomar os comprimidos contra malária enquanto a diarreia não cedesse.

* * *

Aos poucos me recuperei, mas de certa forma nunca mais me recuperei. Eu sempre havia sido magro; agora parecia que meus ossos estavam do lado de fora da carne — e eu me sentia quebradiço como vidro. Se eu mexia os olhos de repente, ainda sentia dor. Atacado por ondas de tontura, ficava desorientado, alterado. Quando vi a cabra que tinha visto séculos antes, aquela com pelagem branca limpa e meias pretas, achei que ela ia começar a falar comigo. Só de ver lentilhas eu sentia náusea. O cheiro de curry me deixava enjoado. Pensar em comida indiana me dava engulhos.

Era óbvio o princípio evolucionário por trás dessa aversão. Anos atrás, quando apanhávamos comida das árvores e tínhamos de saber quais frutas eram comestíveis e quais eram venenosas, fazia sentido que nosso corpo adquirisse sua própria memória instintiva infalível e que, por mais esfaimado que estivesse, o homem recuasse da frutinha vermelha e atraente que o havia feito vomitar a alma pela boca meses ou anos antes. Numa versão moderna e adolescente do mesmo mecanismo, eu tinha

ficado longe de sidra e de Cinzano Bianco durante trinta anos. Mas agora como eu ia sobreviver na Índia sem comer comida indiana? Como ia recuperar meu peso se estava vivendo de água, Dioralytes e bananas?

Na frente do hotel havia um lindo cachorrinho, cagando escuras gotas de sangue. Ali estava apenas pela graça de Deus...

* * *

Estava tão fraco depois desse ataque de doença que andava de barco mais frequentemente, sobretudo se ia até o *ghat* Manikarnika. Quando estávamos remando de volta para o hotel, vi um livro inchado de água boiando no rio, atraído por um pequeno redemoinho criado pela estação de tratamento de água. Seria o lugar mais auspicioso para um livro terminar? Isso garantia ao seu autor algum tipo de imortalidade que tornasse irrelevantes o aplauso da crítica e meses ou anos na lista de best-sellers? Ou o livro estava destinado, ao começar a correr mais depressa para o redemoinho, a nunca ser reeditado ou reimpresso em edições novas, de aspecto contemporâneo? Seria lido de novo? Tentei identificar o título do livro. Era escrito em inglês, mas foi tudo o que consegui ver.

Continuamos remando para o *ghat* Assi na luz que caía. Senti uma coceira terrível no nariz. Enfiei um dedo na narina direita e a coceira virou um formigamento. Achei que estava ouvindo um zunido no meu nariz. Quando tirei o dedo, vi, no meio de uma mancha de muco, o corpo de um mosquito ainda se retorcendo. Depois de alguns momentos minha narina começou a coçar. Quando enfiei o dedo de novo, senti uma ligeira saliência. Eu tinha sido picado dentro da narina por um mosquito.

* * *

Numa barraca nas vielas atrás do *ghat* Kedar, fiquei interessado em um pequeno Hanuman. Era pintado à mão, cor de laranja, num recipiente azul que parecia um cruzamento entre um canil e uma guarita de sentinela no desfile da Guarda Montada. Não havia nada de especial nele, nada que o distinguisse do resto da cafonice indiana oferecida nas lojas vizinhas, mas o comprei e pus em cima da cômoda do meu quarto. Não rezei para ele, não sabia como, mas em algum momento, todos os dias, de certa forma, *registrava* sua presença. Juntava as mãos e... Não sei dizer exatamente o que fazia. Tentei meditar, mas como não sabia fazer isso também, pensei em sexo. Ou tentei pensar. Tentei imaginar Isobel nua, de joelhos, com os dreadlocks lavados com xampu e lingerie lavada em lavanderia cara, mas a sequência se recusava a fazer sentido, ficava confusa e dispersa. A concentração exigia tamanha força de vontade que desisti. Não havia o menor movimento de desejo. Como eu não conseguia pensar em sexo e não sabia meditar nem rezar, tomei por mantra a única palavra que me veio à cabeça. Entoei o nome de Ganuna. Disse o nome Ganuna repetidamente e ao dizê-lo muitas vezes eu também estava pedindo alguma coisa — embora não soubesse o que era.

* * *

Perto do *ghat* Lalit, a apenas um metro acima do rio, havia um altar lilás e branco. Tomado pelo tremular da luz do sol refletida na água, era visível apenas de barco. Eu sabia que na estação chuvosa, quando o Ganges estava completamente cheio, os templos da margem às vezes ficavam inundados. Tinha visto a famosa fotografia feita por Raghbir Singh de um menino mergulhando de uma torre — ele está totalmente horizontal, como se voasse — de um desses templos durante uma enchente especialmente severa. Esse altar em particular ficava tão baixo na margem que devia ser inteiramente submerso todo ano. Não que isso impedisse as pessoas de continuar prestando homenagens a ele. Meninos ousados mergulhavam para oferecer *puja*, levando lanternas dentro de sacos plásticos. Mergulhavam e acendiam as lanternas nas paredes, lodosas por causa da água cheia de limo. Os deuses ainda estavam lá, sãos e salvos, contentes pela visita, anfíbios, capazes de respirar debaixo da água como peixes ou ao menos capazes de segurar a respiração durante meses. Quando as águas baixassem, sua morada estaria manchada, aluvial, lavável.

* * *

Fiz uma outra viagem ao outro lado, dessa vez a partir de Manikarnika. Tinha levantado ainda mais cedo que de costume. Ainda estava escuro, mas as estrelas estavam pálidas no céu e o dia já à mão. O sol saiu bem quando eu passava pelo *ghat* Kedar. Continuei andando. Depois de ficar uma hora em Manikarnika, aceitei a oferta de um barco, tencionando voltar para o café da manhã no Ganges View. O rio estava completamente calmo, liso como vidro. Num impulso, pedi para o barqueiro atravessar o rio em vez de seguir. O fundo do barco era pintado de um vermelho sem graça e vazava ligeiramente. A meio caminho apontei para dois ou três centímetros de água balançando e perguntei se não seria um problema.

— Nenhum problema. — Ele sorriu. Deu uma parada nos remos, pegou uma caneca de lata, do tamanho de um copo de chope, e brincou de fazer gestos de esvaziar a água com ela.

A margem do outro lado era bem íngreme. Subir era como escalar uma duna de areia. Enquanto eu subia, um pássaro escuro passou batendo as asas ruidosamente no ar. À minha direita, em uma pequena baía, dois cachorros comiam alguma coisa à beira do rio.

Um homem morto.

Sendo mastigado por dois cachorros. Um estava comendo o antebraço esquerdo, o outro, o pulso direito. O homem morto estava intacto. Deitado de bruços. Dava para ver seu cabelo e uma orelha. Usava uma camiseta azul-clara imunda, rasgada em vários pontos, e bermuda. Os cachorros levantaram a cabeça, olharam para mim e continuaram a refeição. Parecia uma parte estranha para começar, os braços. Talvez tenham começado por ali porque era fácil colocar as mandíbulas em torno de membros.

Não conseguia ver o homem direito, mas reconheci um dos cachorros.

Contei a Darrell sobre o corpo. Ele pegou um barco para ir lá ver no dia seguinte. (Laline não quis ir, mas não censurou a vontade dele de dar uma olhada.) Os cachorros ainda estavam comendo o morto, que continuava em grande parte intacto. O homem morto sendo comido por cachorros tinha virado uma atração turística. Darrell ficou chocado, mas disse que teria ficado ainda mais chocado se

visse um homem morto ser comido por golfinhos. Isso, disse, seria uma porra de coisa estranha, mesmo para os padrões de Varanasi.

No terceiro dia, fui dar mais uma olhada, ver como as coisas estavam progredindo, mas o homem morto não estava mais lá. Havia cachorros comendo pedaços de alguma coisa, mas nada que indicasse que essa coisa, apenas uma mistura genérica, pudesse ter sido humana.

* * *

Eu tinha sido alertado de que o lassi de *bhang*¹⁷ era forte, muito mais potente do que a mais forte maconha, mas como Darrell e Lal estavam tomando um, achei que devia me juntar a eles. As coisas começaram de um jeito estranho, já que a bebida foi preparada para nós não num café, como seria de se esperar, mas num alfaiate que queria empurrar também uns dois ternos no trato.

Durante a primeira meia hora, foi como estar chapado, os primeiros estágios de uma viagem. Nós três fomos andando com os braços nos ombros uns dos outros, rindo de tudo, do rio, por exemplo, sólido e cinza como uma estrada, movimentado com o tráfego anfíbio. Depois, era como estar completamente pirado. Não tínhamos bem certeza de onde estávamos, mas tivemos o bom senso de manter distância do Manikarnika e de não chegar perto do Harishchandra, onde, nas palavras de Darrell, “toda morte pode realmente botar a gente para baixo”. Em um dos *ghats*, vimos um homem magro com uma cobra clara enrolada no pescoço como um boá, como um boá de plumas, só que esse boá, implume e liso, era uma cobra de estimação. O ar estava tão parado que parecia a ponto de coagular. Montanhas de nuvens inchavam como se uma tempestade se curvasse sobre a cidade, mas se dispersaram sem derramar uma gota de chuva.

Depois, era como ser um fantasma. Darrell saiu vagando e ficamos só Laline e eu sozinhos, imaginando onde ele teria ido, e aí eu estava andando sozinho, me perguntando para onde Lal também tinha ido. Eu não estava alarmado à toa, mas queria que eles estivessem junto comigo quando encontrei o baba com o atlas rodoviário e a barba maluca. Pensei que havia alguma coisa errada com a minha audição, depois deduzi que era só ele que eu não conseguia ouvir, e a razão de não conseguir ouvi-lo era que havia alguma coisa seriamente errada com a voz dele, uma vez que tinha desaparecido completamente e era absolutamente inaudível. Como não tinha palavras, ele gesticulava como um louco. Expressando-se apenas por meio de gestos, seu método de comunicação era uma forma de dança silenciosa, sentada. Observando bem, consegui entender, pelos gestos, frases soltas, até mesmo um ou outro parágrafo. Enquanto observava, comecei a juntar partes do que ele estava narrando. Depois de algum tempo, sem esforço consciente, eu era capaz de entendê-lo perfeitamente. Ele tinha vindo ali, disse, para encontrar alguma coisa que perdera. O que tinha perdido? Aparentemente um guarda-chuva. E diversas esferográficas. Isso nos parece absurdo? Parece, sim, mas interpretei que isso significava que as coisas que mais nos importavam — iPods e camisetas favoritas — eram pouco mais importantes do que as coisas que perdemos rotineiramente, coisas como guarda-chuvas e esferográficas, às quais não atribuímos qualquer valor, embora sejam úteis para nos manter secos numa tempestade ou rabiscar pensamentos e números de telefone. Pensei que era isso que ele estava dizendo, mas então concluí que essa interpretação metafórica era literal demais,

porque, embora ele achasse que tinha vindo ali com o pretexto de encontrar sua propriedade perdida, ele havia compreendido que o que perdera era precisamente a razão para vir ali, que estava ali para descobrir por que tinha acabado ali. Ele fez uma pausa, ficou sentado imóvel durante um momento, deixando a complexa simplicidade de sua mensagem se impregnar, e então, em um soberbo momento de teatro, pegou e abriu seu guarda-chuva. Mas não apenas um velho guarda-chuva qualquer. Não, aquele era muito velho, completamente inútil, um fantasma de guarda-chuva. Inteiramente desprovido de pano, não era mais que um magro esqueleto metálico, incapaz de prover abrigo na chuva ou sombra ao sol.

Mais tarde, quando a luz baixou, vi a cabra outra vez, aquela com a pelagem branca limpa e lindas meias pretas. Aquela que achei que ia falar comigo. Quando passei, ela começou a andar do meu lado. Cheirava um pouco a queijo, a queijo de cabra. Senti alguma coisa tocar minha perna. Ela estava tocando delicadamente minha perna com a cabeça. Olhei na cara da cabra.

— *Sir*, barco? — disse ela.

— Não, obrigado — respondi.

— Bem barato, *sir*.

— Não, obrigado — disse eu.

— *Sir*, quer barco? — repetiu a cabra.

— Estou andando. Não quero barco.

— Bem barato — disse a cabra.

— Não, obrigado — disse eu.

Eu tinha reduzido o ritmo e a cabra, sentindo minha hesitação e tomando-a por uma vontade de ser parado, tentou outra abordagem.

— *Sir*, o senhor acha bom ser cabra aqui na cidade? A vida aqui dura para mim. Tenho filhos. Ofereço barco, mas o que mais quero é conversar, um discursinho filosófico.

Parei de andar para poder dar à cabra a atenção que ela evidentemente queria e merecia.

— Tudo bem. Do que você gostaria de falar?

A cabra fez uma pausa e disse:

— Aceita barco, *sir*?

— Achei que queria ter uma conversa filosófica.

— Brincadeira, *sir*. O que eu quero é perguntar como é ter pensamento na cabeça humana. Como consciência humana diferente de consciência de cabra?

— Bom, essa pergunta é muito difícil. Para responder, eu teria de fazer uma ideia mais clara de como é ser cabra. Para falar a verdade, eu pensava que você estava simplesmente perdida em seu mundo caprino.

— O problema é esse, *sir*. Como sou cabra, não tenho instrumento para explicar como é ser cabra.

— Bom, está vendo, essa deve ser a diferença. A capacidade de articular coisas. Linguagem. Autoanálise... — Eu não sabia o que mais dizer. Parecia que me faltavam exatamente as qualidades que eu afirmava que me distinguiam de minha interlocutora. Quanto mais eu tentava articular a diferença entre mim e a cabra, mais nós tínhamos em comum. — Sabe, eu vou ter mesmo de pensar sobre isso. Você me pegou de surpresa. E também, para falar a verdade, eu estou um pouco fora do

meu melhor momento filosófico. Podemos conversar outra hora?

— Amanhã, *sir*?

— É, talvez amanhã.

— Uma outra coisa, *sir*. Ganuna logo aparece.

— Ganuna? Como você conhece Ganuna?

— Só sei que Ganuna logo aparece. Na bolsa de um canguru. Mas só quem é Ganuna vai conseguir ver Ganuna. — E assim a cabra virou-se e trotou para longe quando ouvi gente chamando o nome de alguém. O nome soava familiar, mas levou um tempo para eu pegar: era o meu nome, e as pessoas chamando eram meus amigos, cujos nomes me escapavam naquele momento.

— Bom, não acho que a gente vá ter muita pressa para fazer isso de novo — disse um deles (Darrell, era isso!) no dia seguinte. Ele disse isso como se estivesse tudo acabado e encerrado, mas eu desconfiava que uma parte de mim continuava naquela.

* * *

De certa forma, Laline acabou tendo razão: eu não estava criando uma comoção, mas estava vivendo como um macaco. Era bom — comer bananas debaixo da abóbada do céu, olhando o rio. O rio corria para leste, da direita para a esquerda, mas não continuava até o oceano como faria qualquer rio sensato. Aqui, em Varanasi, ele mudava de ideia e voltava à fonte (outra ideia que eu tinha encontrado pela primeira vez em uma boate trance em Londres). Ele virava para o Himalaia, de onde tinha vindo, onde moravam os deuses, de onde eles tinham partido, para onde voltaram e de onde nunca saíam. Era para lá que o Ganges corria. Isso queria dizer que fazia sentido atirar nele um saco plástico cheio de flores como oferenda? Que sentido tinha isso? Todo dia eu via gente fazendo isso. Evidentemente era uma coisa idiota de se fazer. Se todo mundo não fizesse outra coisa além de jogar sacos plásticos no rio, ele não seria nada além de um rio de sacos plásticos e não seria mais tão sagrado, seria? Eu tinha terminado minha banana. Não estava com uma aparência muito boa, mas em termos de sabor tinha sido uma das melhores bananas que eu já comera na vida, de forma que imediatamente descasquei outra e comecei a comer, e essa também estava quase tão boa quanto a que eu tinha terminado.

Hmm.

* * *

Sentado logo acima do *ghat* Panchakot, de frente para o sol que nascera, um certo guru ou falso guru dirigia-se a um punhado de ouvintes. Aos pés dele, de frente para o Ganges, havia dois crânios humanos, amarelados. Apenas decoração ou algum argumento maior sendo formulado? Difícil dizer, mas era claro que não estavam prestando muita atenção ao que era dito. Pareciam bem alheios. O que ele pudesse estar dizendo, era de se supor, eles já tinham ouvido antes. Ele me chamou, e eu fui me sentar com ele e seus companheiros, seguidores ou o que quer que fossem. Um deles estava usando

uma camisa do Chelsea com o nome de John Terry nas costas. Era desalentadora, aquela camisa brilhante, da mesma forma que era deprimente quando meninos indianos tentavam exibir seu inglês dizendo coisas como “*lovely jubbly*”.¹⁸ O guru tinha os olhos incrivelmente injetados, o que não era de surpreender, dado o tamanho do cachimbo que estava fumando. Ele exalou uma forte nuvem de fumaça — com seus dreadlocks, aquilo era como uma fotografia ícone do reggae — e me passou um dos crânios humanos para eu olhar de perto. Eu nunca tinha segurado um crânio humano antes, de forma que foi bem interessante. Não me deu nenhuma ideia sobre mortalidade, sobre a alma, nem sobre a futilidade de todo o empenho humano em face da morte inevitável, mas eu realmente comecei a me preocupar, pois ao examinar o crânio eu tinha expressado um interesse tácito em adquiri-lo. Senti uma vontade momentânea de chutar o crânio, como num gol, para dentro do Ganges. Teria sido possível, acho. Em vez disso, pus o crânio de volta no chão cuidadosamente. Senti que devia dizer alguma coisa, como se faz quando alguém mostra os poemas ou fotografias, e disse:

— *Et in Arcadia ego*.

O guru assentiu com a cabeça, e eu me levantei. Quando o fiz, vi Isobel, sozinha, andando junto ao rio. Depressa me despedi de meus novos amigos e corri para interceptá-la. Ela estava usando bermuda escura três-quartos, com muitos bolsos e zíperes, e a mesma camiseta amarelo-clara que usava quando quase a atropelei na rua Shivala.

— Oi. Como vai você? — perguntei.

— Tudo bem. E você?

Ela tinha um sotaque, mas não consegui identificar de onde. A bermuda, vi então, não era preta lisa, mas tinha um discreto padrão de camuflagem: camuflagem camuflada! Tentei não olhar para a barriga dela, bronzeada, lisa. Ela era alta. Os dreads grossos desciam abaixo dos ombros. De perto parecia ainda mais nova do que eu tinha achado. O corolário disso era que eu devia parecer ainda mais velho. Nada é mais estranho, mais delicado, do que a relação entre duas pessoas que se conhecem só de vista, e nada é mais desajeitado do que a transição de olhar para conversar, quando as palavras finalmente entram em jogo. Sem saber o que dizer, eu quase perguntei de novo como ela ia. Com ligeiras variações de ênfase — “Como vai *ocê*?” “*Como* vai você?” —, poderíamos ficar presos nessa armadilha de gentilezas o resto da vida. No último momento, perguntei:

— Está indo para lá?

Apontei na direção do Manikarnika e, como se a palavra “indo” me obrigasse a verificar se estava calçada, olhei para seus pés. Ela estava de sandálias, com uma correntinha no tornozelo. As unhas dos pés pintadas de prata.

— Estou.

— Eu também. Vamos dar um passeio?

Começamos a caminhar pelos *ghats* movimentados, trocando informações básicas sobre onde estávamos hospedados, há quanto tempo estávamos em Varanasi. Ela estava num lugar de que eu não tinha ouvido falar. Quando eu disse que estava no Ganges View, ela disse que tinha ouvido dizer que era muito bom, mas caro.

— Acho que sim — respondi, contente comigo mesmo por estar em acomodações de tanta classe.

— De onde você é?

— Inglaterra. Londres. E você?

— Suíça.

— Suíça? — Eu ia dizer *pensei que você fosse israelita*, mas temi que pudesse parecer antissemita.

Quase disse *pensei que os suíços eram realmente arrumadinhos e elegantes*, mas temi que parecesse antissuíço ou antialternativo. Enquanto eu pensava em todas essas coisas e não dizia nenhuma, ela explicou que seus amigos eram de Israel. Ela disse “amigos”, plural, não namorado, singular. Ela os conhecera em Goa. Eu estava ouvindo, mas também tramando, tramando o que poderíamos fazer para fazer alguma coisa, eu não fazia ideia do quê, além de passear. O sol estava refletindo no rio à nossa direita, movimentado por barcos. Tínhamos chegado à escada que levava ao Lotus Lounge. Do nada, Isobel disse:

— Já estive em Veneza?

— Já, claro. Várias vezes.

— Varanasi não lembra Veneza para você?

A oportunidade de responder a sério resultou apenas no impulso de dizer alguma coisa boba:

— Por que as duas começam com v?

Ela me deu um soco no braço.

— Velas estreitas, palácios antigos caindo aos pedaços. A água...

— Não, tem razão. — Paramos de andar, virei-me para olhar para ela. — São incrivelmente semelhantes. Uma versão da outra, quase. Gêmeas.

O ar estava bem parado, mas o momento, seja lá o que for que faz um momento ser um momento, tinha passado. Apesar disso, falei:

— Gostaria de tomar um café aqui? Um suco, alguma coisa?

— Tenho um encontro — disse ela.

Eu podia ter dito, *tudo bem, vamos continuar andando*, mas, para o caso de a rejeição dela à ideia de um café ou suco ter de ser interpretada como uma recusa mais ampla, eu disse:

— Ah, bom, foi um prazer conhecer você afinal.

Depois, para o caso de *não* ter de ser interpretado como rejeição de nada além de café ou suco, acrescentei:

— Quem sabe a gente se encontra de novo.

— Seria ótimo — disse ela. — Mas amanhã é meu último dia em Varanasi.

— Não!

— É. Vou para Hampi depois de amanhã. — Eu não conseguia acreditar na crueldade do *timing*, do jeito como tínhamos estado ali o tempo todo e só estávamos conversando agora, quando não havia mais por quê.

Eu estava parado ali, digerindo as consequências ou não consequências de tudo isso, quando alguém chamou o nome dela:

— Isobel!

Nós dois olhamos para o rio, de onde tinha vindo a voz. Um barco estava passando. Dentro dele, alguém acenava.

Ashwin.

Ela acenou de volta. De início, fiquei com as mãos penduradas dos lados, como ficara ao confrontar o macaco que roubara meus óculos. Então, para disfarçar meu embaraço, acenei também. Ashwin acenou para mim. Todo mundo acenando. Estávamos nos afogando em um mar de acenos. Ashwin estava gritando, perguntando se ela queria uma carona.

— Tudo bem — gritou ela de volta. — Vejo você lá. Tenho de passar no meu quarto primeiro. — Houve uma onda final de acenos. Ashwin prosseguiu rio abaixo para onde fosse o “lá”.

— Então você conhece o Ashwin? — perguntei. Ela disse que sim, sorriu de um jeito que eu não tinha visto antes. — Bom sujeito — acrescentei.

Ficamos parados ali um pouco sem jeito, até que ela disse:

— Tenho de ir.

— Claro, claro. Bom, fico contente de ter tido ao menos a chance de conversarmos — disse eu, reprimindo o impulso de perguntar se Ashwin também ia para Hampi. Trocamos um aperto de mãos, e ela se virou para ir embora. Fiquei observando-a seguir pelos *ghats*. Depois subi a escada para o Lotus Lounge. Debruçado no muro do terraço, ainda consegui vê-la, os grossos *dreadlocks* e a camiseta amarela, desaparecendo na multidão.

Pedi um cappuccino e uma panqueca. Sentado ali, olhando o Ganges, senti vagamente que tinha perdido minha última chance (de quê, eu não tinha bem certeza). Perdido: a palavra passou como um relâmpago pela minha cabeça, como uma placa na porta de uma loja dizendo *Fechado para almoço*.

* * *

Não muito boa a ideia do cappuccino. Minutos depois de sair do Lotus Lounge, senti uma violenta urgência de cagar. Comecei a correr, esperando conseguir chegar a algum lugar com uma privada. Mas foi impossível. Agachei-me junto a uma parede e esguichei um líquido fétido em cima de dois toletes velhos, ressecados pelo sol.

* * *

Dois cronogramas coexistiam em Varanasi. Meus dias passavam sem direção nem propósito. O calendário da cidade, porém, era planejado e marcado por um horário rigidamente coordenado de festivais. Havia tantos festivais que eu tinha desistido de acompanhar o que estava sendo comemorado ou era esperado. Uma abundância de casamentos significava que mesmo os dias que não tinham festivais eram muito festivos. O desejo infantil “queria que fosse Natal todos os dias” (gravado em minha memória pelo Slade) podia muito bem ser realizado com uma combinação de islamismo, sikhismo e hinduísmo. Então não era de admirar que eu tivesse começado a me livrar das usuais exigências de tempo e datas. Sem saber ao certo há quanto tempo estava ali, fui conferir o visto em meu passaporte — ou teria conferido, se tivesse conseguido encontrá-lo. Revirei todas as gavetas e todas as roupas nas gavetas onde poderia ter escondido meu passaporte. Tentei me lembrar da última vez que o vira, da última vez que o tinha pegado. Ele estava comigo durante a alteração com o fura-

filas no banco, e acho que tinha uma lembrança de tê-lo guardado depois disso, mas quanto mais pensava, menos certeza tinha se era uma lembrança ou apenas uma esperança de lembrança, e mais provável parecia que eu *tinha* estado com ele desde então em outras ocasiões não lembradas. Com certeza eu devia ter tido o bom senso de não levar o passaporte no dia em que partamos com o *lassi* de *bhang*, certo? Quanto mais eu pensava nisso, menos certeza tinha de que não estava com ele. Sentei-me na cama sem saber o que fazer; então resolvi que não saber o que fazer era uma forma de saber o que fazer, que era não fazer nada, logo foi o que fiz.

Num dia que pode ou não ter sido particularmente auspicioso, Laline entregou-me um pacote embrulhado em um delicado papel cor-de-rosa, amarrado com barbante vermelho.

— Presente para você — disse ela. Desamarrei o barbante e abri o papel com cuidado. Dentro, havia um exemplar de *O véu pintado*, de Somerset Maugham. Na capa, ela havia pintado cuidadosamente o “I” de VEIL e espremido um “A” magro no lugar, VEAL.

— Obrigado — disse eu. Dei um beijo nela, estava agradecido. Era um presente adorável, mas não li o livro porque ler livros não era mais uma coisa que eu fizesse.

O clima ficou mais quente. De vez em quando, uma fina camada de nuvens aparecia no céu implacável.

Andando nas vielas atrás dos *ghats*, cruzei com um homem que empurrava um carrinho que parecia levar algum tipo de cabaça. Ao passar perto dele, percebi que aquilo que eu tinha tomado por uma abóbora era, na verdade, seus testículos. Monstruosamente inchados por doença, tinham ficado insuportáveis, e era seu destino carregá-los num carrinho de mão. Tudo em Varanasi era levado a um delirante extremo. Na Europa, tínhamos o mito de Sísifo e sua pedra. Em Varanasi havia aquele homem com seu saco.

Tomei um riquixá para o museu da Universidade Hindu. Era um lugar espaçoso e empoeirado com plácidas estátuas do Buda e bronzes do transe de Shiva na forma de Nataraja, o dançarino cósmico. Havia também uma impressionante coleção de miniaturas indianas, algumas até bastante grandes. Eu não tinha nenhuma noção dos méritos relativos de cada pintura individual, mas uma me pareceu especialmente bonita. Foi pintada por Shivalal — o nome não me dizia nada —, em 1893, mas parecia, ao meu olho não treinado, que podia ter sido feita duzentos ou trezentos anos antes. Uma procissão de cavalos e cavaleiros dispendiosamente arreados atravessava uma ponte ou galeria inundada, em fila indiana, na monção. A chuva caía como flechas no rio de aparência molhada, que tinha encoberto árvores e casas construídas, fatalmente, na planície inundável. Ao fundo, montanhas cônicas, uma delas com um castelo encarapitado no alto, brilhavam verdes. Nuvens pendiam. Um raio brilhava: uma cobra dourada enrolada num céu azul-escuro, encharcado.

No rio de verdade, real, não pintado, estava em andamento o funeral de um *sanyasin*. Ele não foi cremado. Seu corpo foi levado ao Ganges, lastreado com uma pedra e solto.

* * *

Até então, eu não havia topado com ninguém daquilo que agora via como minha vida anterior, minha encarnação prévia, em Londres. Então, no *ghat* Kedar, cruzei com Anand Sethi, que me aconselhara a

não ficar no Taj Ganges.

— Você está com uma barba de explorador — disse ele. Era verdade. Eu não tinha *cultivado* uma barba, simplesmente tinha parado de me barbear, e o resultado era que havia virado um homem barbudo. Os jovens sikhs com suas barbas escuras e os mochileiros com seus cavanhaques ralos pareciam jovens, bonitos; eu parecia uma versão mais magra de Dougal Haston ou Chris Bonnington.¹⁹ Anand estava usando uma camisa listrada Paul Smith e calça Prada. Parecia um banqueiro numa onda de calor, o que ele realmente era. Tomei consciência do ponto a que eu havia chegado, não exatamente um nativo, mas sim um mochileiro envelhecido. Estava usando uma velha camiseta Rip Curl e uma bermuda desfiada. Meu cabelo estava comprido, despenteado, grisalho, assim como minha barba.

— Quanto tempo faz que está aqui? — perguntei.

— Desde ontem. E você?

— Estou aqui há séculos. Desde a última vez que nos vimos, no vernissage da Fiona Rae. Nunca mais voltei. De certa forma deitei raízes aqui. Você vai ficar no Ganges View? Estou surpreso de não ter encontrado você.

— Não, no Taj — disse ele. — O Ganges View estava lotado.

— Que pena — disse eu, tentando não sorrir. — É lá que eu estou esse tempo todo. Provavelmente acabei tomando o seu quarto. — Sugeri que nos encontrássemos para um drinque ou um jantar, mas ele estava de partida para Agra na noite seguinte. Depois, ia a Bombaim, para comprar um quadro de Atul Dodiya.

Quando nos despedimos, ele disse:

— Sabe, não sei bem o que acho de sua barba. Você parece um náufrago. Ou Terry Waite²⁰ em greve de fome.

— Tem razão — respondi. — Vou tomar uma providência.

Fui direto para um lugar de que havia muito gostava por causa do nome — o Barbeiro Decente, na rua Shivala — para raspar a cabeça, a barba e as sobrancelhas. Pedi ao barbeiro para deixar um rabinho na nuca, como havia visto entre as pessoas que acompanhavam as cremações. Perguntei a mim mesmo se ele iria protestar, se imitar o ritual de luto dessa forma poderia ser considerado ofensivo, mas ele foi em frente e fez o que havia pedido sem questionar nem reclamar. Muita gente ficou olhando. Devia estar com uma porção de pequenos cortes; minha cabeça ficou pinicando depois. Dava a sensação de estar branca como um ovo, como um crânio. Eu podia sentir o sol queimando enquanto caminhava de volta para Assi.

No caminho, encontrei com Ashwin. Fiquei tão surpreso de encontrá-lo quanto ele ficou surpreso comigo.

— Pensei que estava em Hampi — falei.

— Não. Não... Mas, então, o que aconteceu? — perguntou ele.

— Estou de luto por mim mesmo — disse eu, reprisando a velha piada de Tchekhov. — Meu velho eu se recusa a morrer. O novo está lutando para renascer. Nesse intervalo, aparece uma grande variedade de sintomas mórbidos.

Eu tinha virado parte dos móveis e utensílios do hotel. Embora ainda gostasse de uma risada e uma piada, não estava mais à cata de amigos, de pessoas com quem pudesse jantar e trocar piadas. Todo mundo que eu encontrava estava só de passagem. Eram simplesmente hóspedes, gente que chegava e partia. Minha atitude era igual à dos funcionários, só que eu nunca me via diante do julgamento final, definitivo, feito no dia da partida, que se sobrepunha a todos os sentimentos anteriores de como os hóspedes tinham sido gentis ou agradáveis: o julgamento determinado apenas pelo tamanho da gorjeta. (Eu estava ali havia tanto tempo que minha eventual gorjeta devia estar sendo esperada como se fosse minha última vontade e testamento.) Era um alívio me ver livre da tirania de meus próprios gostos e desgostos. Como podia ter sido tão importante o que eu achava de X ou Y? Quer dizer, como podia ter sido tão importante para mim?

Não quero falar como se fosse algum tipo de pseudo-sanyasin. Pensamos que a renúncia ocorre formal, definitiva e provavelmente em consequência de frustração, raiva ou decepção (“*Renuncio a este mundo...*”), mas ela pode acontecer gradualmente, tão gradualmente que não dá a sensação de renúncia. A razão de não dar a sensação de renúncia é que não é renúncia. Eu não renunciei ao mundo; simplesmente fui ficando menos interessado em certos aspectos dele, menos envolvido com ele, e essa diminuição de interesse foi aos poucos correspondida. É assim que funciona. O mundo para de escolher você; você para de se sentir escolhido pelo mundo.

Algumas pessoas param de acreditar que a felicidade cruzará seu caminho. A ponto de me tornar uma delas, comecei a aceitar que meu destino era ser infeliz. No curso normal das coisas, eu teria me adaptado a isso de alguma forma, teria assentado acampamento como uma pessoa permanentemente infeliz. Mas o que aconteceu em Varanasi foi que alguma coisa acabou eliminada da equação, de forma que não havia nada em que a infelicidade pudesse se prender. Essa alguma coisa era eu. Eu tinha enganado o destino. Na verdade, a voz passiva era mais exata: o destino tinha sido enganado.

Lembro-me de como eu costumava tomar tudo como pessoal. Dois anos antes, ganhara entradas para a abertura de Wimbledon, quadra central. Choveu, intermitentemente, o dia inteiro. Fiquei esperando, olhando o céu, esperando. Às três horas da tarde, enrolaram a cobertura e parecia que o jogo podia começar. Houve um grande e molhado viva, mas vinte minutos depois a cobertura estava no lugar de novo e a garoa horrível voltou. Não perdemos a esperança. Ficamos olhando as nuvens carregadas. Em determinado ponto, pareceu-me que o céu estava clareando e ficando mais escuro ao mesmo tempo. No fim do dia, nem um único lance havia sido jogado. Era como se fosse uma maldição sobre mim. Mais ninguém — nem os jogadores, nem ninguém no estádio — sofria tanto quanto eu. Era no meu dia, no meu Wimbledon, na minha praia que estava chovendo. O tempo tinha se colocado entre mim e aquilo que eu queria, que era assistir ao jogo de tênis. A dor e a chuva eram intoleráveis porque se encaixavam em um padrão atmosférico mais amplo: alguma coisa estava sempre se pondo entre mim e o que eu queria. Nessa tarde em Wimbledon foi a chuva; outro dia era outra coisa. Mas havia sempre alguma coisa. Eu me dei conta então de que essa coisa era eu. Eu me punha no meu caminho. Eu passava na minha frente da fila. Eu me deixava esperando. Tudo era uma espécie de espera. Quando bebia cerveja, estava esperando que o copo esvaziasse para poder encher de

novo e começar a beber outra vez. Em vez de simplesmente curtir a onda da cocaína, eu ficava monitorando o efeito, para ver se estava acabando, para poder prolongar, cheirar mais, começar a monitorar outra vez... Eu realmente não quero dar a impressão de ser alguém que se recuperou, ou se converteu, ou despertou. Só estou dizendo que em Varanasi eu não sentia mais que estava esperando. A espera terminara. Acabara. Eu tinha me eliminado da equação.

* * *

Quando cheguei a Varanasi, como todos os outros turistas, tratei o Ganges com extrema aversão. Podia ser um rio sagrado, mas era imundo também, contaminado por esgotos, sacos plásticos e cinzas de cadáveres: uma sagrada ameaça à saúde a fluir. Agora, sentia uma compulsão de mergulhar nele. Digo compulsão, mas não é a palavra certa. Não tinha desejo de me banhar do jeito que desejava uma cerveja gelada, e eu continuava desejando cervejas geladas, assim como continuava gostando de uma risada e uma piada, principalmente agora que não estava tão quente. Era mais como se eu soubesse que um dia eu ia me banhar no rio, e portanto, não havia por que não fazê-lo. Perder tempo era apenas protelar o inevitável. Já que viria o tempo em que mais cedo ou mais tarde eu me banharia no Ganges, não fazer isso não fazia sentido: era como tentar evitar alguma coisa que eu já tivesse feito.

Logo depois do nascer do sol, no *ghat* Kedar, tirei a bermuda e a camiseta, fiquei só de cueca. Sempre tive vergonha da minha magreza, mas cercado por uma infinita variedade de formas indianas, gordos como Ganesha, magros como galgos, senti-me bem à vontade. Desci a escada e entrei na água. Em relação ao ar, ela estava surpreendentemente fria. O sol cobria a superfície da água com padrões serpenteantes e brilhantes de luz. Eu estava com água até os joelhos e tinha me acostumado com o frio. Agora a água parecia mais quente, mas além disso não dava nenhuma outra sensação. Não me senti sujo e não me senti sagrado; senti a água apenas. Avancei um pouco mais, na ponta dos pés, para evitar o momento em que a água tocasse meu saco e minha barriga. Então estava com água pelo peito. Podia sentir a força da correnteza, mas não havia nada de traiçoeiro nem perigoso naquela ligeira pressão de sua vontade. Agora que eu estava na água, não sabia o que fazer. O sol já estava brilhando, sem causar nenhum problema. Era bem gostoso estar na água, como sempre é em dias ensolarados. De ambos os lados, as pessoas estavam se lavando, rezando ou apenas paradas. Uns meninos brincavam, jogando água uns nos outros, mas não jogaram em mim. Ninguém prestou atenção em mim. Ninguém disse: “Muito bem.” Ou: “Viu? Não é tão suja como esses turistas frescos sempre dizem.” Eu era o único não indiano, o único ocidental na água, mas sabia que havia vários nos degraus atrás de mim, observando. Olhei para a margem oposta, aquele mundo vazio. Era fácil acreditar que se nadasse até lá você deixaria sua vida atual para trás.

Senti alguma coisa tocar minha perna e olhei para a água, temendo que fosse alguma coisa horrível, uma forma de esgoto, mas era apenas um barco de palha encharcado com algumas flores mortas no fundo. A água podia não ser limpa, mas não parecia nem dava a sensação de suja. Eu ouvia vozes, as vozes das pessoas atrás de mim e ao meu lado. O sol nascente batia em meu rosto. Depois de ficar parado no rio um pouco, voltei aos degraus e me sequei ao sol. Não tinha molhado o rosto, nem uma gota. Vesti a camiseta e a bermuda de novo. Estavam quentes e limpas, e era gostoso sentir as

sandálias nos pés também. Eu não sabia bem se tinha me lavado ou se precisava me lavar agora, mas tinha certeza de que os indianos me viam de um jeito diferente agora, que eu tinha dado um passo significativo para me tornar um deles. Quanto aos meus colegas turistas, eles provavelmente acharam que eu estava me exibindo, que era imprudente, um idiota, mas isso, eu entendia agora, era uma forma de medo e de inveja. Quando me viam, eles viam uma censura à sua própria timidez.

* * *

Minha tosse não tinha melhorado, mas eu havia me acostumado a tal ponto que dificilmente pensava nela. Tossir era apenas uma forma de respirar, uma função ligeiramente mais ruidosa de estar vivo. Eu me habituara a cagar líquido depois de cada refeição. Sentia o cu vermelho como o de um macaco. Sobrevivendo de novo principalmente com bananas, perdi peso. Pensar tinha uma curiosa semelhança com uma dor de cabeça. Era impossível dizer se eram sintomas variados de uma mesma doença ou um conjunto de doenças separadas que tinham formado uma aliança para me fazer mal. De um jeito ou de outro, todo o meu organismo estava sob sítio: de dentro para fora. Porém, acabei me adaptando a essas novas condições, me acostumei a elas. No começo, eu pensava em melhorar. Então, depois de algum tempo, minha ideia do que era se sentir melhor começou a ficar nebulosa. Esqueci que sequer havia esse estado chamado de bem-estar. Sentir-se bem era indistinguível de sentir-se não bem. Se eu me sentia apenas ligeiramente doente, então me sentia perfeitamente bem.

Dia a dia foi ficando mais quente. Talvez já tenha dito isso, mas foi ficando mais quente. E calor queria dizer que todo tipo de germe e bactéria estava bem colocado e perfeitamente adaptado a vicejar e se multiplicar. Ainda por cima de tudo isso, uma insolação parecia bastante possível. Para enfrentar o calor, comprei um *dhoti*. No começo, usava-o só em meu quarto, praticando o jeito de amarrá-lo de forma que minhas coxas ficassem nuas. Depois, numa ocasião, sentei-me no terraço da cobertura com ele, aliviado de ninguém mais subir lá. Quando subiram, um casal francês que tinha chegado naquela manhã, fiquei surpreso de me sentir confortável, à vontade. Eu disse “*bonjour*” e dei um sorriso para eles, um daqueles sorrisos lentos, semiguru, que as pessoas que estavam ali havia algum tempo se sentiam no direito de dar aos recém-chegados. Eles ficaram apenas alguns minutos no terraço, mas tempo suficiente para demonstrar que não tinham ficado constrangidos com aquele guru magro; depois voltaram para seu quarto e fizeram sexo audível. Cheguei a ouvi-lo dizer “*je viens*”.

“Ponha dentro e mexa bem”, pensei comigo mesmo. E então, como pensar nessa frase era tão divertido, falei as palavras em voz alta diversas vezes: “Ponha dentro e mexa bem!” Se soubesse traduzir a frase, teria dito em francês.

Alguns dias depois, me aventurei a ir aos *ghats* usando apenas o *dhoti*. Quando adolescente, eu tinha tanta vergonha das minhas pernas finas que jogava squash de jeans; agora, mais magro que nunca, eu circulava naquele pedaço de pano, magro como Gandhi. Minhas pernas estavam completamente brancas acima dos joelhos e profundamente bronzeadas abaixo. Pensei comigo mesmo que eu parecia absolutamente ridículo, mas não mais do que algumas outras pessoas em torno. Que sentido havia em se sentir absurdo numa cidade em que alguém circulava carregando os testículos num carrinho de mão? Não existia isso de ser ridículo em Varanasi. A simples ideia era

ridícula. Eu tinha ido muito mais longe que qualquer mochileiro. Eles usavam *dreadlocks* e turbantes feitos de sarongues, mas ninguém era tão ridículo como eu. Eu não evitava os olhos deles, eu olhava nos olhos deles. O dono de um desses pares de olhos, Micky, com quem eu tinha falado algumas vezes no Lotus Lounge, estava tão evidentemente dividido entre sua vontade de perguntar o que estava acontecendo e seu medo de ofender que para acabar com seu tormento, eu perguntei:

— Então, o que acha?

— Do quê?

— Disto — disse eu, levantando os braços e girando ligeiramente, como se exibisse uma roupa nova da Topshop.

— Parece legal — disse ele. — Mas o que, tipo, quer dizer?

— Já ouviu falar dos *sadhus*, certo?

— Claro.

— Bom, isto é a minha versão do *sadhu*. Um *sadd-o*²¹ — disse eu, sorrindo ao fazer essa piadinha boba. Segui em frente. Concentrei-me em manter a expressão serena do meu rosto. Normalmente melancólico, mantive um sorriso, esperando que meu rosto passasse a repousar nessa expressão mais otimista.

Essa aparência (esdrúxula, francamente) servia a um outro propósito útil, pois, embora atraísse olhares, eu era incomodado com menos frequência por vendedores e mascates. Com toda a certeza eu não parecia estar no mercado para comprar nada. No *ghat* Harishchandre, um turista com sotaque que soava alemão me perguntou se podia tirar uma foto minha. Eu disse que sim, claro, e parei, sorrindo, junto à torre de salva-vidas preta e amarela que não era uma torre de salva-vidas. Depois conversamos. Ele queria saber minha história. Eu disse que não tinha uma história, e ele perguntou de onde eu era.

— De onde você é? — perguntei eu.

— Da Suíça — disse ele.

— Suíça? — exclamei. — Então deve conhecer minha amiga Isobel.

Ele fez que não com a cabeça.

— Cara, eu gostaria de botar minha colher no pudim daquela mina — disse eu. — De botar dentro e mexer bem! Então, Suíça! A neutra Suíça. Uma vez parei na frente da fonte de Genebra. Tiraram minha foto lá, sorrindo com amigos, a fonte atrás de nós. Uma foto fundamental. Eu era um Campeão. Entende?

Ele fez que sim, mas era evidente que não entendia. Via-me parado na frente dele, mas não conseguia entender. A ideia de *darshan* não queria dizer nada para ele.

— Minha história é a sua história — disse eu. — Se você fosse de Swindon, então era de lá que eu seria. Não importa. Não tem nada a escolher entre Swindon e Genebra. Para mim, podia ser também Bourton on the Water. Já estive lá?

— Em Bourton on Water? Acho que não.

— Se tivesse estado se lembraria. Uma linda aldeia de Cotswold. Fui lá com meus pais quando era menino. Havia uma casa de chá onde comemos bolinhos. Eu me lembro do queixo do meu pai brilhando de manteiga. A casa de chá deve ser um café de cappuccinos agora. Na essência, é

exatamente igual a Genebra.

O suíço fez que sim com a cabeça.

— Uma outra vez, nós fomos a Longleat, ver os leões de Longleat. O dia estava muito quente e ignorando as instruções das muitas placas, nós abrimos só um pouquinho as janelas do nosso carro, um Vauxhall Victor azul-celeste. Só uns cinco centímetros, mas eu comecei a chorar porque estava com medo dos leões. Já ouviu falar de Mike Summerbee, o jogador de futebol? Ele jogava no Manchester City e frequentou a mesma escola primária que eu. Já naquela época, meu pai dizia que jogadores de futebol ganhavam muito dinheiro. Mais que qualquer outra coisa, meu pai detestava gastar dinheiro, então férias eram uma espécie de tortura para ele, que preferia ficar em casa e cimentar nossa entrada ou algo assim. Quando a gente acabava saindo de férias, íamos para Weston-super-Mare ou Bournemouth, mas quando chegávamos era sempre a estação das chuvas, e então a gente tinha de ir ao cinema. A gente só ia ao cinema quando estava de férias e chovia. Sempre chovia, e nós sempre víamos a versão para cinema do nosso programa de televisão preferido: *Steptoe and Son*, Morecombe e Wise em *That Riviera Touch*. Nunca fomos ver as grandes obras do cinema: Antonioni, Satyajit Ray, Godard. Não vimos nem *007 contra a chantagem atômica*, mas, para ser justo, vimos *Desafio das águias* e *Um golpe à italiana*, filmes que tiveram um efeito profundo na minha mente jovem de então. Não quero que você fique com uma impressão errada. Eu sei que parece difícil de acreditar olhando para mim agora, mas na minha época eu era um tanto mulherengo. Pôr dentro. Mexer. Por falar em fluxo de consciência, você viu *A cidade branca*, do seu conterrâneo Alain Tanner? Foi um dos primeiros filmes a usar material em Super-8, explorando a maneira curiosa como o Super-8 parece saturado pela própria memória. É com o Bruno Ganz. No nível mais simples, ele faz um marinheiro de licença em Lisboa, que salta do navio e fica lá, vagabundeando, mas para mim é uma alegoria das atrações de Bourton on the Water, a cidade eterna, na sagrada Cotswolds. Tem uma ponte lá também, um lugar de atravessar, uma *tirtha*. Dizem que se você atravessa essa ponte, chega a um carro de sorvete auspicioso, Mr. Whippee, que vende sorvete de chocolate e Mivvis de framboesa. *Let be be finale of seem*.²²

Compreensivelmente, o suíço estava apresentando sinais de querer ir embora.

— Espere — disse eu. — Quero fazer uma pergunta, uma pergunta sobre seu conterrâneo Roger Federer. Grande tenista. Um deus, à sua maneira. Mas por que ele insiste em usar aquele absurdo blazer creme em Wimbledon? Nunca use um blazer creme com short ou com um *dhoti*. É uma das regras mais elementares do guarda-roupas. Então, por que ele usa? Responda-me. Essa pergunta responde a todas as outras perguntas.

O suíço disse que não sabia. Eu não fiquei surpreso. Aquilo desafiava a compreensão. Por isso era uma pergunta que responderia a todas as outras perguntas.

* * *

Desde então eu sempre ia caminhar com meu *dhoti*. Minhas coxas brancas logo estavam tão bronzeadas como as canelas. Parei de ter vergonha de estar vestido assim. Era gostoso, era natural e me refrescava quanto era possível em um ambiente onde só era possível sentir calor. Ao passar por

dois hippies chapados de *bhang*, ouvi um deles dizer:

— Nossa, é Shuman, the Human!

Um pouco mais à frente, vi meu amigo, meu amigo em cujos olhos eu tinha olhado. Acenei para ele, mas ele pareceu não me reconhecer, provavelmente porque eu tinha ficado irreconhecível, mesmo que, na minha cabeça, eu ainda fosse reconhecível como eu mesmo. O mais plausível era que ele não se lembrasse de nada, nem tivesse memória. Mesmo ter lembranças era uma forma de apego e uma forma de desejo. Pessoalmente, eu não precisava delas.

Por falar em lembranças, esqueci de mencionar que Laline e Darrell foram embora de Varanasi. Foram para o Rajastão, para Jaipur e Jaisalmer, uma cidade no deserto. Iam de avião, de avião ou de trem, para Jaipur ou Jodhpur. Laline perguntou se eu queria ir com eles, mas eu não tinha vontade de sair de Varanasi.

— Estar em Varanasi é estar em toda parte — disse eu. — A cidade é cosmograma e mandala. Quando tudo já foi dito e feito, provavelmente é o lugar menos entediante da Terra. E o mais importante: as panquecas do Lotus Lounge não mostram nenhum sinal de deterioração.

— Estamos preocupados com você — disse Laline.

— Comigo? Que gentileza, mas não vejo por quê. Estou começando a tomar pé aqui.

— É que... Você parece...

— O quê? Não vai me acusar de viver como macaco de novo, vai? Esse momento já passou, prometo. Estou até pensando em aprender sânscrito. Nenhum macaco faria isso, faria?

— Você ainda tem senso de humor — disse ela.

— Na verdade, sou eu que estou preocupado com você.

— Por quê?

— Darrell.

— O que tem ele?

— Ele é da CIA.

— Da CIA?

— Desconfiei disso desde o primeiro momento. Agora tenho certeza.

— Bom, ele é a melhor propaganda disso — falou ela, aparentemente imperturbável.

— Eu sei. Estou tentado a me alistar também.

— Não aceitariam você. Você é um risco para a segurança.

— E se Darrell me recomendar?

Lal sorriu, passou a mão pelo meu cabelo.

— Seu cabelo está crescendo. Está fofo. Como um gansinho. — Achei que isso era uma coisa deliciosa de ouvir.

— Fofo como um gansinho e liso como uma lontra — disse eu. — Vai ser o meu lema de agora em diante. — Nos demos um abraço de despedida.

— Ai! — Eu tinha pisado no pé dela calçado com sandália.

— Desculpe — disse eu. — Sou um desastrado.

— Tudo bem.

Darrell e eu nos abraçamos também. Não pisei no pé dele nem ele passou a mão no meu cabelo,

nem disse que era macio feito um gansinho. Mas ele disse, sim, que agora que os dois eram um casal, Laline ia começar a usar o *veal*. Como eles estavam indo embora, tirei uma foto dos dois, no terraço do Ganges View. Eles tiraram os óculos e ficaram abraçados, sorrindo. Pássaros deslizavam atrás. Era uma boa foto e bem comum. No fundo, o grande rio corria, imutável, vasto. Eles eram meus amigos, eu estava triste por eles irem embora, mas estava indiferente também. Como todo mundo, eles estavam só passando, eram só hóspedes. A mesma coisa era verdade sobre mim. Muito embora eu ainda estivesse ali, não tivesse planos de ir para lugar nenhum, eu era um hóspede, passando apenas, fofo como um gansinho, liso como uma lontra.

Toda manhã eu tomava banho no Ganges, que continuava passando e ficando, passando e ficando imóvel. Alguns dias eu até nadava nele, só algumas braçadas. Tomava cuidado para não engolir a água do rio, mas inevitavelmente umas gotas respingavam em minha boca. Uma manhã, vi os golfinhos que diziam viver no rio. Dois, pretos e lisos em seus trajes de mergulho, subindo e mergulhando, com seus grandes sorrisos. Parecia difícil de acreditar que eles realmente existissem, mas o fato de existirem dizia alguma coisa sobre os golfinhos, sobre o Ganges, sobre a existência em geral. Dizia que existem golfinhos no Ganges, e se existem golfinhos aqui, então pode haver outras criaturas também, lontras, por exemplo, e não só aqui, mas em outros rios também, e não só em rios também.

— Passando, ficando — entoei para mim mesmo. — Passicando e ficassando.

Por ocasião do meu primeiro banho, eu tinha ido hesitante para a água; agora, eu mergulhava dos *ghats*. Mergulhar faz parecer muito mais espetacular do que era de fato. Era mais como uma inclinação para a frente, me inclinar sobre o nada e me deixar cair, algo conhecido também como barrigada. O sol era tão poderoso que eu estava seco momentos depois de sair da água. Depois eu ia comer minha panqueca de limão com açúcar no Lotus Lounge ou voltava para o hotel e geralmente me dedicava à minha ausência de negócios. Podia andar devagar, mas absorvia tudo o que estava em meu caminho. Qualquer coisa parecia possível. Não seria surpresa para mim saber que tinha saído de Varanasi e era agora um criminoso de guerra morando em Buenos Aires nos anos 1950. Se eu me descobrisse em casa no sofá, assistindo a um documentário sobre Varanasi ou jogando um game chamado *Viagem mortal a Varanasi*, isso não teria alterado minha avaliação da situação porque minha situação não teria mudado significativamente. Quando alguém disse que eu tinha estudado em Charterhouse com eles, nos anos 1970, não pisquei o olho, muito embora a única coisa que eu soubesse sobre Charterhouse era que se tratava de uma escola e que Pete Hammill ou Peter Gabriel tinha estudado lá. Se alguém me tivesse dito que não fazia ideia de quem eu era ou do que estava falando, eu teria concordado e dito: “Nem eu.” Na verdade, um dia isso realmente aconteceu, alguém realmente disse isso, ou algo parecido, mas a pessoa que disse isso foi Ashwin. De volta de Hampi, provavelmente chutado por Isobel, e, embora tivesse demorado muito mais que o esperado, estava finalmente tendo o colapso nervoso para o qual todo o transbordamento amoroso o havia predisposto, pobre rapaz. Tudo o que eu podia fazer era lhe dar a minha bênção e umas rúpias.

O tempo passou, ou talvez não. O tempo todo está aqui, em Varanasi, então talvez o tempo não possa passar. As pessoas vêm e vão, mas o tempo fica. O tempo não é um hóspede. Os dias, porém, eles passam, e por fim veio o dia, o dia dos dias, o dia mais auspicioso. No *ghat* Kedar, um canguru veio pulando. Provocou uma comoção e tanto, como você pode imaginar, mas à maneira hospitaleira

hindu, foi logo bem recebido e absorvido ao panteão de eventos interessantes. Em vez de perplexidade, a atitude era mais algo como: “Bem, por que *não* um canguru?” As pessoas jogavam flores coloridas como saudação, tocavam seus pés grandes, enrolavam guirlandas de calêndula em seus ombros caídos no estilo vitoriano. Um *tilak* de pasta de sândalo foi aplicado à sua testa. O canguru juntou as patas e fez uma ligeira curvatura numa aproximação da saudação *anjali*. Todo mundo disse que era um bom canguru tranquilo, contente pela atenção e companhia. Não era agressivo, nada como aquele que havia atacado Darrell em seu sonho. Falei “todo mundo disse” porque eu não conseguia vê-lo. Eu estava em sua bolsa, sabe, espiando para fora, fofo como um gansinho, liso como uma lontra, passando e ficando. Via o que ele via, não o que as pessoas que olhavam para ele viam. O que eu via era as pessoas a vê-lo. Quando o canguru foi para a beira do rio, vi a água pesada do Ganges passando devagar. As pessoas pensaram que o canguru podia pular dentro do Ganges, mas ele parecia relutante. Talvez tivesse lido no *Rough Guide* quanto a água era suja. Só ficou parado ali, bem na beira da água, usando o rabo para se equilibrar. Entoavam o nome “Ganuna”. Entoavam os muitos nomes de Ganuna, mas havia apenas um nome, e esse nome era Ganuna. Eu podia ouvi-lo a toda volta, vindo das pessoas, vindo do rio, vindo de mim. Não havia diferença entre ouvir o nome de Ganuna e dizer o nome de Ganuna. Ouvir o nome era dizer o nome e dizer o nome era responder ao nome e esse nome era Ganuna. Ganuna pode ter parecido um canguru, mas em algum nível Ganuna era mais lontra que canguru. Ao contrário do canguru, Ganuna não tinha receio do Ganges. Era a lontra nele. Trepar pela borda cálida da bolsa foi fácil, foi como trepar em cima de um muro baixo, ouvindo o cântico de Ganuna, inclinar-me para a frente e soltar, sem me apoiar em nada.

¹¹ Cidade do Fim dos Tempos. (N. do T.)

¹² Performance de dueto vocal ou instrumental da música clássica indiana. (N. do E.)

¹³ *Seven Pillows of Wisdom*. Trocadilho intraduzível com *Seven Pillars of Wisdom* (Os sete pilares da sabedoria), uma das obras mais conhecidas de T. E. Lawrence. (N. do T.)

¹⁴ Série de filmes norte-americanos mostrando os sem-teto das ruas de San Diego e Las Vegas lutando por dinheiro ou bebida alcoólica. (N. do T.)

¹⁵ *Mods* e *rockers* eram duas gangues juvenis britânicas de meados dos anos 1960. Os *rockers* andavam de moto e usavam blusão de couro preto; os *mods* andavam de motoneta e usavam terno. Ambas eram agressivas e muitas vezes entraram em choque, causando tumultos sobretudo nas grandes cidades. (N. do T.)

¹⁶ STD é *Subscriber Trunk Dialing*, sistema telefônico que permite que o usuário faça ligações interurbanas automaticamente. STD também são as iniciais de *Sexually Transmitted Diseases* — doenças sexualmente transmissíveis. (N. do T.)

¹⁷ *Lassi* é uma bebida indiana à base de iogurte e *bhang* é uma espécie de extrato líquido obtido com a decocção da maconha. (N. do T.)

¹⁸ Algo como “Beleza! Ótimo!”, expressão popularizada na série de TV britânica *Only fools and horses*. (N. do T.)

¹⁹ Dougal Haston foi um alpinista escocês, morto em 1977; *sir* Christian John Storey Bonnington é um alpinista britânico que escalou diversas vezes o Everest. (N. do T.)

²⁰ Benemérito e escritor britânico ligado à igreja anglicana, negociou a libertação de reféns britânicos no Líbano e foi ele próprio mantido em cativeiro entre 1987 e 1991. (N. do T.)

²¹ *Sad* é triste. O é um expletivo, “oh”. (N. do T.)

²² “Que parecer termine em ser somente.” – Verso do poema do modernista norte-americano Wallace Stevens: *THE EMPEROR OF ICE CREAM*: “*Call the roller of big cigars,/ The muscular one, and bid him whip/ In kitchen cups concupiscent curds./ Let the wenches dawdle in such dress/ As they are used to wear, and let the boys/ Bring flowers in last month’s newspapers./ Let be be finale of seem./ The only emperor is the emperor of ice-cream.*” O IMPERADOR DO SORVETE (tradução de Paulo Henriques Brito): “Chama o enrolador de charutos,/ O musculoso, e pede que ele bata/ Em xícaras caseiras cremes lubrificos./ Que as raparigas vistam as roupas/ Que é seu costume usar, e os rapazes/ Tragam flores no jornal do mês passado./ Que parecer termine em ser somente./ O único imperador é o imperador do sorvete.”

“O que está aqui também está ali, e o que está ali também está aqui.”

UPANISHAD KATHA

NOTAS E AGRADECIMENTOS

Fique registrado que minha mulher, Rebecca, e eu fomos a três Bienais, em 2003, 2005 e 2007. Em termos de clima, a de 2003 foi a mais quente. A geografia tanto de Veneza como de Varanasi nestas páginas é bastante fiel, espero, mas tomei liberdades com a arte, das quais um exemplo apenas foi na Bienal de 2003: os africanos vendendo bolsas falsificadas perto da bilheteria do Arsenale eram, na verdade, parte da instalação de Fred Wilson no pavilhão americano, em 2003. Outras coisas mencionadas na parte de Veneza do livro — Gilbert & George, Ed Ruscha, o castelo vermelho e o espaço azul de luz — são de 2005; o restante é de 2007.

Nos Giardini, a parede de alvos (*I, the World, Things, Life*) era de Jacob Dahkgren, a mostra de vídeo no pavilhão da Rússia era de Aleksandr Ponomarev e Arseni Mescheruyakov, e as pinturas piradas suíças eram de Christina Streuli (todas de 2007).

No Arsenale, o vídeo das embaixadas com o crânio era de Paolo Canevari, as fotografias de acadêmicos eram de Rainer Ganahl e o vídeo do boxeador lutando com a própria sombra era de Sophie Whettnall (todos de 2007). Assim como o *Red Shift* de Turrell, o vídeo da mulher parada diante do rio (*Laundry Woman — Yamuna River, India*, de Kimsooja) era parte da maravilhosa exposição “Artempo: Where Time Becomes Art” [Artempo: onde o tempo se transforma em arte] no Palazzo Fortuny, que, embora ocorrendo ao mesmo tempo que a Bienal de 2007, era independente dela.

Não é preciso dizer que as opiniões de Jeff sobre arte não são as de Geoff, ou não inteiramente, de qualquer modo. Sobre a excelência do Ganges View, porém, não há discussão. Sou grato a Shashank e a todos os funcionários por sua inesgotável hospitalidade e gentileza quando Rebecca e eu ficamos hospedados lá em 2006-7. (Isso me faz lembrar que os hotéis de Jeff e Laura em Veneza são ambos inventados.)

A miniatura de Shivalal em Varanasi é uma licença poética do City Palace Museum, Udaipur, no Rajastão. As fotografias de Dayanite Sing na galeria Kriti são da série *Go Away Closer*. Os versos de Faiz foram traduzidos do hindi para mim (tendo já sido traduzidos, anonimamente, do urdu) pela fotógrafa.

Há algumas citações não identificadas no texto, a maior parte delas evidente demais para ser identificada aqui. Porém a ideia de Jeff de que não precisamos ser “forçados” a entrar no paraíso originou-se do “Paradise Poem” de Dean Young — a palavra exata que ele usa é *threatened*, “ameaçados” — em sua coletânea *Embryoyo* (Believer Books). “As pessoas dizem que não é isso que acontece etc...”; mais precisamente, John Lanchester diz isso em *A Family Romance* (Faber). O

filósofo que perguntou de onde vem a lógica foi Nietzsche, em *A gaia ciência*. A frase “Ainda estava escuro, mas havia estrelas pálidas no céu e o dia já à mão” na página 282 é de *O fio da navalha*, de W. Somerset Maugham. “Ecuridão se escondia na escuridão” (p. 263) é do *Rig Veda*. Depois da versão da piada de Tchekhov na página 297 vêm algumas linhas de *Cadernos do cárcere* de Gramsci. “Céu inchado de nuvens”, “tendo perdido o rumo no labirinto de alamedas, canais estreitos, pontes e pequenas praças que pareciam muito umas com as outras”, “voltou ao seu hotel e pegou o elevador para o quarto”, “desintegração interna”, “confusa rede de ruas”, “atacado por ondas de tontura”, “nada é mais estranho, mais delicado, do que a relação entre duas pessoas que se conhecem só de vista” são todas de *Morte em Veneza*, de Thomas Mann.

Dois livros sobre Varanasi foram particularmente úteis: *Banaras: City of Light*, de Diana L. Eck (Penguin, Índia), e *Benares from Within*, de Richard Lannoy (Callisto).

Esta é uma obra de ficção. O fato de certas figuras do mundo das artes (Fiona Banner, Richard Wentworth, Bruce Nauman etc.) serem mencionadas ou vistas em festas não quer dizer que estivessem de fato em Veneza em 2003 nem em qualquer outra época. Com exceção do simpático Shashank de Varanasi, qualquer semelhança entre personagens do livro e pessoas reais é inteiramente acidental.

Gostaria de agradecer a Ethan Nosowsky, Eric Simonoff, Dan Frank, Bill Hamilton, Victoria Hobbs, Lorraine McCann, Stephanie Gorton, Francis Bicmore e Jamie Bing por seus conselhos e ajuda.

SOBRE O AUTOR

© Jason Oddy



Geoff Dyer é autor de outros três romances, um estudo sobre John Berger e mais seis livros de não ficção, entre os quais *But Beautiful*, que ganhou o prêmio Somerset Maugham, *Out of Sheer Rage*, finalista do National Book Critics Circle Award, nos Estados Unidos, *Ioga para quem não está nem aí* e, mais recentemente, *O instante contínuo*, vencedor do International Center of Photography Infinity Award de 2006. Ganhador do Lannan Literary Academy e do American Academy of Arts and Letters E. M. Forster Award, Dyer mora em Londres.